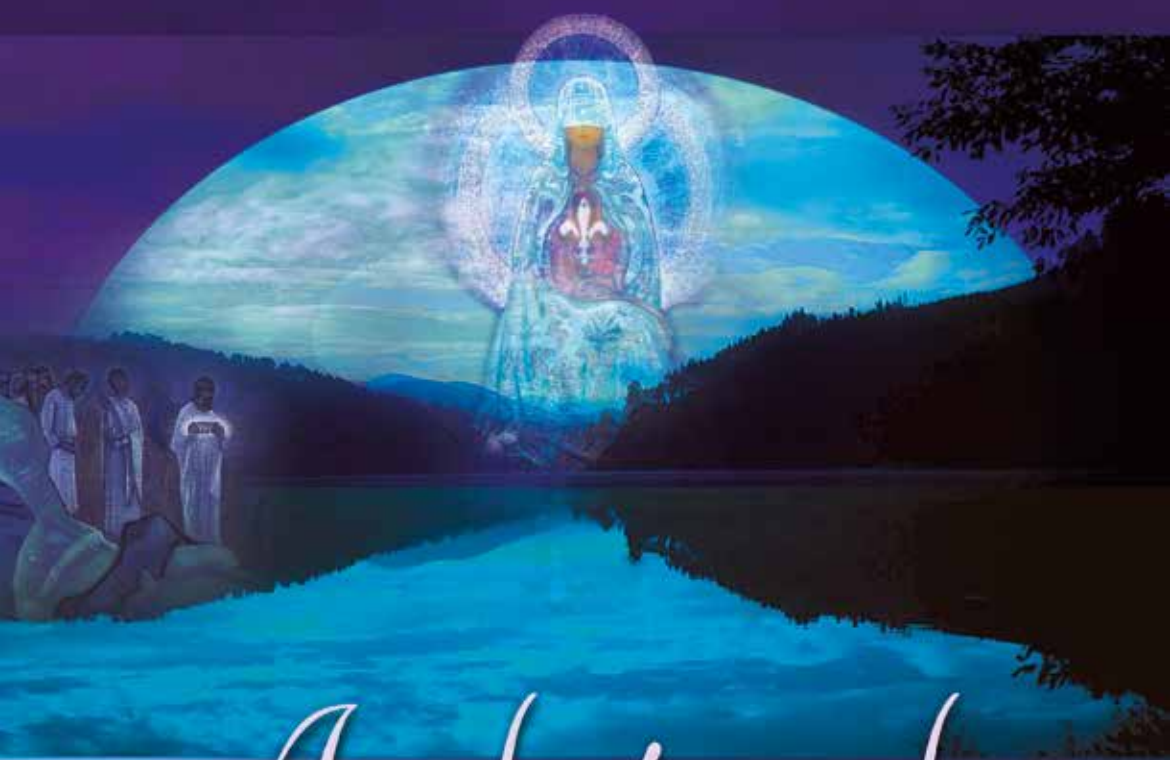


A chave de



Andrômeda

Pedro Elias

A chave de



Andrômeda

Pedro Elias

Caminhos *in* *pax*

Texto © Pedro Elias, 2011

Website do autor: www.pedroelias.org

Capa:

Design e execução técnica por Pedro Elias

Fotografia e ajustes finais por Ixhumni - www.ixhumni.com

Pinturas de Nicholas Roerich - Mother of the World e Burning of Darkness

As pinturas de Nicholas Roerich que compõem a capa estão a ser usadas com a permissão do Nicholas Roerich Museum, New York - www.roerich.org

Paginação electrónica: Pedro Elias

Revisão do texto: Isabel Sousa e Paula Elias

Direitos reservados por:

Caminhos de Pax, Unipessoal Lda.

Rua da Fonte

6110-101 Água Formosa

Telf.: 917078777

E-mail: editora@caminhosdepax.pt

Esta publicação está a ser disponibilizada gratuitamente e poderá ser reproduzida livremente, desde que as referências ao autor e editora não sejam omitidas. Não é permitido a venda ou qualquer tipo de comércio em torno da presente obra.

Execução técnica:

ROLO & FILHOS II, S.A

Av. Dr. Francisco Sá Carneiro

Núcleo Empresarial de Mafra, Pavilhão 14

2640-486 MAFRA (Portugal)

Telf.: 261 816 500

Edição publicada em Dezembro de 2011

ISBN: 978-989-96780-2-6

Depósito Legal n° 336659/11

ÍNDICE

CAPÍTULO I	11
CAPÍTULO II	71
CAPÍTULO III	105
CAPÍTULO IV	135
CAPÍTULO V	149
CAPÍTULO VI	167
CAPÍTULO VII	179
CAPÍTULO VIII	207
CAPÍTULO IX	221

NOTA

Esta obra é a continuação do romance Janelas entre dois Mundos, editado em 2010.

Embora este romance, A Chave de Andrómeda, tenha sido escrito de forma a não ser necessária a leitura do anterior, o autor recomenda, pelo menos, a leitura do Capítulo XIX, para uma melhor contextualização da presente obra.

Para conhecer a obra completa do autor visite o seu site pessoal:
WWW.PEDROELIAS.ORG

o Editor

PREFÁCIO

DEPOIS DA EDIÇÃO DO ROMANCE ‘JANELAS ENTRE DOIS MUNDOS’, comecei a preparar-me para a escrita daquele que julgava ser o último livro e que tinha anunciado com o título ‘Memórias de um Despertar’. No entanto, para minha surpresa, um outro se impôs e pediu para nascer primeiro com o título: a Chave de Andrómeda.

Esta Chave tem como base um conjunto de informação que recebi no ano dois mil, quando morava num espaço de retiro, do qual era o responsável, nas margens do rio Zêzere. Todos os dias nos reuníamos ao fim da tarde, junto da lareira, para ficarmos em silêncio. Era, na verdade, o único ritual que tínhamos. E todos os dias, nessa mesma hora, um Ser feminino se fazia presente e ficava junto de nós. Esse Ser, que sabíamos pertencer àquele Lago pelo aroma da sua presença e leveza com que se manifestava, nunca se apresentou formalmente nem se fez canalizar. A sua forma de comunicar era através do silêncio e nesse silêncio fazia plasmar na minha mente, como se pensasse através desta, as imagens que eram depois descodificadas em palavras. Foi num desses momentos que a informação referente à ‘Chave de Andrómeda’ foi plasmada tendo esta sido guardada durante todos estes anos. Agora, onze anos depois, e após este livro se ter imposto e pedido para nascer, compreendi que tinha chegado o momento de tornar todo esse conhecimento público.

Aproveitei, também, para ir buscar textos mais antigos que tinham ficado esquecidos no baú, em particular o primeiro Capítulo,

que tem mais de vinte anos, escrito logo depois do meu contacto com o livro que mudou a minha vida e que foi o responsável pelo meu despertar. O livro chama-se Shambhala e foi escrito por Andrew Thomas. O impacto da sua leitura em mim, foi de tal forma, que teve o dom de romper com a mente céptica e analítica de um jovem de dezessete anos que só acreditava na ciência, transformando-o em alguém que passou a procurar, a partir de então, outros conhecimentos e experiências. Resolvi manter o Capítulo tal como foi escrito há vinte anos, como uma homenagem a esse livro que me marcou, sendo o Lama que Andrew Thomas encontra no Tibete e com quem conversa, a fonte de inspiração para a criação do personagem deste mesmo Capítulo.

Paz Profunda,
Pedro Elias

CAPÍTULO I

1

PEDESTAIS DE PEQUENOS CARNEIROS ESTENDIAM-SE NA ENTRADA do templo de Karnak, todos eles com a imagem do faraó Amenophis III incrustada na pedra lapidada. Por detrás dos imponentes carneiros ficava a sala hipostila do templo com as suas 134 colunas em forma de plantas, simbolizando a vegetação que rodeava a mítica Ilha da Criação. As paredes encontravam-se decoradas com inscrições hieroglíficas e cenas representando Ramsés II oferendando Amon, o deus protector da cidade de Tebas.

Isabel entrou na sala principal com outros turistas, contemplando a grandiosidade das ruínas com mais de três mil e quinhentos anos de idade. As portas limitavam a sala cujo tecto há muito tinha desabado, embora alguns blocos de pedra ainda se equilibrassem sobre as colunas que se abriam em forma de taça. Algumas estátuas do faraó encontravam-se entre as grossas colunas, recortadas nas sombras angulares daquele labirinto de pedra maciça.

Uma semana antes, tinha feito uma viagem pela Tanzânia, Quênia e Uganda. Uma viagem que Isabel usara para esquecer os momentos difíceis por que passara durante o processo de divórcio que terminara um mês antes. Deixara o seu marido, Bernard, por uma total incompatibilidade entre ambos. Ali, na natureza rude e selvagem das paisagens do Serengeti, na aridez escarpada do Kilimanjaro, Isabel permitiu-se

respirar um pouco de si mesma, resgatando algo que se foi perdendo ao longo dos anos. Pelas margens do Lago Vitória, muita bagagem antiga foi sendo solta, aliviando os seus passos para um novo caminho que se desenhava adiante de si. Nos dias que passou numa das ilhas do lago, um lugar paradisíaco repleto de praias de areia branca, povoações de pescadores e um céu estrelado como nenhum outro, Isabel foi sendo tocada pelos aromas da sua Alma, pela frescura doce de uma presença que se instalava aos poucos depois de uma longa ausência. Dali seguiu para Jinja, já no Uganda, onde foi visitar as míticas nascentes do Rio Nilo. Quando passou os seus pés por aquela água fresca, Isabel sentiu-se renascer. Começava ali uma nova história ainda por escrever, embora desde sempre delimitada pelas margens que aquele mesmo rio cumpria no fluir suave até ao Mar. No fim da viagem, foi até ao parque Nacional Murchison Falls onde, de barco, visitou as imponentes e poderosas cascatas que se apresentaram para ela como um sopro, uma nova vontade que se fazia presente, mostrando-lhe que não havia como regressar ao tempo antigo e que todas as respostas ela encontrá-las-ia na entrega plena ao novo ciclo que se anunciava.

Estava agora no Egito. O laranja do céu anunciava a noite que prometia gelar o deserto, enterrando o sol que morria lentamente num suave mergulho. O Nilo, esse, corria pelas encostas áridas num caminhar nostálgico, adormecendo ao sabor das fragrâncias secas que vinham do deserto. E, com o despertar da noite, Isabel deixou as ruínas montada num camelo que tinha alugado junto do cais, descendo por um carreiro de areia, ladeado por palmeiras e arbustos rasteiros que a conduziu até ao rio onde estava o barco. Este fazia lembrar os do Mississipi, com duas enormes rodas laterais alimentadas pelo combustível dos tempos modernos.

Encontrava-se agora no restaurante do barco onde os músicos tocavam melodias folclóricas de um expressar artesanal. Os empregados vestiam-se de branco com casacos que lhes chegavam aos joelhos e cintos de tecido vermelho que cobriam parte da barriga. Os chapéus, esses, eram igualmente vermelhos tendo a forma de um cone sem bico de onde pendiam fios de cor preta. Ao pescoço, traziam enormes medalhões que baloiçavam no andar de cada um. O restaurante estava

quase vazio. Apenas um casal se encontrava presente, no outro lado da sala. Do lado de fora das janelas do restaurante, a escuridão estrelada numa lua em crescendo, fazia-se reflectir nas águas calmas do Nilo, deslizando num longo rasto de espuma que desaparecia na serenidade das margens pouco salientes. Por ali jaziam as memórias de um tempo que as ruínas tentavam ressuscitar, embora estas apenas espelhassem os fantasmas de uma existência que não aquela, pois nelas, por maior que fosse o esforço, apenas se viam pedras e não pessoas...

...O R.E.R trilhava serenamente os carris, fazendo deslizar pelo meu olhar nostálgico a paisagem citadina dos arredores de Paris. Esta desfalecia na poluição de uma arquitectura anárquica, ferindo a vista com as suas formas modernas e pouco harmoniosas. Vinha da casa de meus pais que moravam num pequeno chalé na propriedade dos Rothschild, em Ferrières, indo para Paris onde estudava. Estava no último ano do curso de arqueologia da Sorbonne, preparando, com alguns colegas, o trabalho de fim de curso. Desde pequena que a arqueologia me fascinava, não só pela curiosidade sobre o passado, como também por todo o misticismo que esse passado encerrava. Era como se tudo fosse um jogo entre a realidade de uma existência verdadeira e a existência de uma realidade inventada, sendo a arqueologia o árbitro desse desafio tão fascinante.

Deixei o R.E.R na estação Nation, apanhando o metro da linha 2 até Jaurès onde mudei para a linha 7 bis. Morava num pequeno apartamento de renda barata que tinha alugado na rua Des Marchais no 19ème, a duzentos metros da estação Danube, onde saí. Desde que entrara para a universidade que morava sozinha, pois era importante solidificar a minha independência. Trabalhava regularmente em alguns museus, servindo de guia, ou então para companhias de turismo que faziam o périplo pelos monumentos de Paris.

Quando cheguei a casa larguei as malas no quarto. Fui depois até à sala onde coloquei um CD de Beethoven, ouvindo, momentos depois, logo após ter-me deitado sobre o sofá, a sonata ao luar. As notas deslizaram na nostalgia de frases delicadas, reflectindo o ar fúnebre de um saudosismo repleto de lágrimas. E assim deixei-me ficar, encoberta pelas memórias de um futuro ainda por revelar... lembranças sem palavras, palavras sem

conteúdo... despertar moribundo e tão profundo... chorar convulsivo em lágrimas sem sal, sem vida, sem brilho... Mas que lágrimas eram aquelas que dos meus olhos escorriam? E que dor era aquela que no meu coração apertava?... A música tocava, falando sem dizer palavra; murmurando frases esquecidas de uma existência por concluir... que significado teriam aquelas lágrimas? E aquele aperto?... Via um horizonte nublado de um futuro feito passado, de um sorriso que desfalecia de forma baça, de um despertar ensonado e entorpecido... Que lágrimas eram aquelas? Que aperto seria aquele?

Minutos depois saí de casa, atordoada com aquela dor. Segui pela avenida Porte Brunet, entrando na estação Danube onde apanhei o metro. Pouco tempo depois fiz o transbordo na estação Louis Blanc, aguardando, no lado oposto do apeadeiro, pelo metro da linha 7. E apenas eu e um rabino de longas barbas se encontravam no apeadeiro, esperando pelo metro que demorava em chegar.

O metro chegou, entretanto. Fiquei toda a viagem de olhos no vidro. Quase que adormeci com o som hipnótico dos carris e com os saltos da carruagem que deslizava pelas estações sem que eu me apercebesse da sua existência. Resolvi sair no Châtelet, não apenas por faltar algum tempo para a aula de escrita hieroglífica, mas também porque adorava aquela parte de Paris. Já fora do metro, passei pela câmara municipal situada na praça do Hotel de Ville. Parei depois em frente de uma bancada de livros no outro lado do Quai de Gesvres onde se podia encontrar exemplares raros de autores como Jules Vallès, Kipling, George Sand, Vigny, Péguy e tantos outros. No centro da ponte D'arcole, que ligava a ilha De La Cité à margem direita do Sena, contemplei a torre da Saint-Chapelle que tinha sido construída para guardar a coroa de espinhos de Cristo e um pedaço da cruz. O Sena deslizava na suavidade das suas águas, atravessando lentamente os arcos de várias pontes. A graciosidade dos edifícios que se erguiam paralelamente ao rio, reforçava a imagem poética daquele lugar milenar: o centro germinador de toda a cidade. A beleza da arquitetura, o cheiro quase imperceptível do ar e do rio e a brisa suave, transportavam-me em memórias de uma realidade maior que a minha, fundindo em mim a existência una de cada pedaço de história que por ali se tinha desenrolado em peripécias várias, desde a Conciergerie situada entre a torre de Bonbec e a torre D'Argent,

que fora no passado revolucionário uma prisão política onde esteve Maria Antonieta, até à catedral de Notre-Dame que se erguia majestosa na ilha De La Cité, simbolizando, na arquitectura dos seus adornos, a essência de toda a capital.

Depois de ter percorrido a rua D'Arcole, cheguei à praça Du Parvis Notre-Dame onde vários artistas representavam para a multidão que os cercava de olhos esbugalhados. As crianças seguravam balões coloridos que baloiçavam ao sabor da brisa matinal, espelhando, nos seus rostos nublados, o ar aborrecido de quem não compreendia o interesse de ver estátuas e edifícios de pedra. E através do som dos sinos de Notre-Dame, fui transportada novamente pelas memórias de uma existência que não a minha, interiorizando cada pormenor daquele lugar. A fachada da catedral reflectia a beleza da sua origem, deliciando o meu olhar com a brancura da pedra polida. Era como se Paris tivesse convergido na idade da sua criação, regressando ao ventre de um parto feito de história.

Minutos depois, após ter sintonizado a realidade de um mundo tão diferente e distante, do qual nada compreendia ou recordava, caminhei pela ponte Au Double onde alguns pintores mostravam os seus quadros, a maioria deles de estilo "naïve". Pelo rio, os barcos navegavam na serenidade das suas águas, rasgando o leito num longo rasto ondulado que se estendia até às margens de pedra. Detive-me, por alguns momentos, de olhar no horizonte quebrado pelos edifícios que se estendiam paralelos ao rio. A brisa brincava com os meus cabelos soltos, afagando-me o rosto em carícias doces. Como me sentia em paz naquele lugar! Mas logo continuei, atravessando o Quai de Montebello e seguindo pela rua Lagrange até ao jardim Square René onde se encontrava a igreja ortodoxa de Saint Julien-Le-Pauvre. Estava no coração do Quartier Latin, a zona mais típica de Paris e aquela de que mais gostava. As ruas estreitas serpenteavam entre os restaurantes que as ladeavam em cheiros deliciosos e montras decoradas de forma luxuosa, contagiando-me com a vida que ali se podia respirar e que, por momentos, parecia prolongar-se para além dos limites físicos da minha própria existência. Subi depois o Boulevard de Saint-Michel cortando à esquerda, na rua Sommerard, onde se encontrava o museu nacional da idade média e as ruínas de Cluny. Era ali que eu estava a fazer o estágio de fim de curso juntamente com o Bernard, o Michel e o Max. Entrei no museu pelo portão

principal que dava para um pequeno pátio interior onde algumas plantas sombreavam os bancos de jardim. Caminhei depois para a porta que se escondia debaixo de um átrio coberto de arcadas, entrando. Lá dentro encontrei o Max: a primeira pessoa que conheci na universidade. Apesar de amar o Bernard, sentia por ele algo de muito especial que não conseguia definir ou, pelo menos, que não queria definir por falta de coragem.

Aproximei-me.

— Olá, Max — disse eu beijando-o no rosto.

— Por pouco que não me apanhavas.

— Viste o Bernard?

— Sim. Ele e o Michel saíram há alguns minutos.

— Não me digas que foram outra vez para o Deux Magots!

Ele sorriu.

— Foram.

— Com tantos cafés aqui ao lado, têm que ir sempre lá para baixo!
— repliquei eu levemente irritada. — Será que não vão mudar nunca!?

— Tu sabes como eles são — retorquiu Max num sorriso brincalhão.

— Gostam de se mostrar.

— Sim, eu sei — estava conformada. — Vais ter com eles?

— Vou.

— Então diz ao Bernard para esperar por mim, está bem?

— Está bem, Isabel — saímos para o pátio. — Chegaste a inscrever-te no curso de informática? — perguntou ele.

— Sim.

— É que tivemos hoje a primeira aula, não sei se sabes?

— Não tenho paciência para as aulas de apresentação.

Ele sorriu.

— Bom, então até logo.

— Não te esqueças de avisar o Bernard.

— Eu aviso.

Ele seguiu pela rua Sommerard, virando no Boulevard de Saint-Michel, enquanto eu atravessava paralelamente a praça Paul Painlevé, seguindo pela rua De La Sorbonne. Entrei na porta 17 da universidade, caminhando por um corredor de paredes brancas e rodapés castanhos que dava para o terraço interior de onde se via a cúpula principal do edifício. Subi depois pelas escadas B até à ala de arqueologia, entrando numa das salas. Estávamos a estudar a escrita egípcia, após termos terminado o capítulo dedicado ao Sânscrito que me tinha fascinado pela simplicidade interior dos símbolos, embora fosse difícil de compreender exteriormente cada simbolismo dos seus complexos hieróglifos.

Já na aula, não me consegui concentrar nas palavras do professor que ecoavam na profundidade de um buraco sem fundo. Um buraco em forma de espiral que mergulhava o meu consciente numa realidade que ainda não compreendia por completo; na incerteza de uma existência esquecida, mas presente. Acabei por adormecer com o som hipnótico das palavras que ressoavam num martelar irritante, vendo-me a navegar por um rio sem água, sem margens, sem vida. Ouvi então o chorar convulsivo de uma criança que inundou o rio com as suas lágrimas, vendo de seguida as mãos iluminadas de uma existência maior que a minha que arrastou as margens desse rio para os limites do meu caminhar. Navegava agora na inocência de uma verdade fluida, na limpidez de uma sabedoria infinita... mas que lágrimas eram aquelas que dos meus olhos brotavam? E que dor era aquela que no meu coração apertava?... A brisa brincava no ondular do meu cabelo, falando sem dizer palavra... Que significariam aquelas lágrimas e aquele aperto?... O horizonte iluminado olhava-me num imenso sorriso que se desdobrava em ondas de alegria, despertando de um futuro que desconhecia mas que já tinha vivido, de uma sabedoria que ignorava mas que já tinha aprendido... Que lágrimas eram aquelas? Que aperto seria aquele?

Acordei no fim da aula, levantando a cabeça num olhar ensonado. Pelas expressões curvadas dos meus colegas, compreendi que não tinha perdido grande coisa. Sorte a minha! E logo deixei a universidade pela porta da praça De La Sorbonne onde se estendiam algumas esplanadas, virando

à direita no Boulevard de Saint-Michel que atravessei. Podia ter apanhado o metro na estação de St-Michel ou no Odeon, saindo em Saint-Germain-De-Prés, mas só de pensar no sufoco daqueles túneis apertados, preferi ir a pé. Caminhei pelo Boulevard de Saint-Germain passando pela faculdade de medicina onde andava a Elizabeth, a namorada do Michel, e mais à frente pelas praças D'Acadie e Jaques Copean. Depois de ter atravessado o Boulevard, cheguei finalmente a Saint-Germain-Des-Prés. Na praça, um homem accionava a manivela de um órgão de Barbarie, preenchendo o ar com algumas melodias de feira e memórias de uma outra época. Ao seu lado, um cão dormitava sobre um cobertor de retalhos, ignorando o olhar indiferente das pessoas que por ele passavam.

Atravessei a rua Bonaparte na direcção da esplanada do café Les Deux Magots com as suas tão características cadeiras de verga e mesas circulares. Lá dentro, duas estátuas de madeira encontravam-se num dos cantos da parede do fundo, cada uma delas virada para as vitrines que davam para a esplanada. O tecto era bordado com finas tiras pintadas em painéis sem forma que o decoravam na expressividade tímida da luz pouco intensa que ali entrava. No fundo da sala, um enorme espelho prolongava ilusoriamente todo o espaço, reflectindo a tonalidade pesada daquele lugar que nada me dizia, por mais histórias que as suas paredes me pudessem murmurar.

Dirigi-me para a mesa onde eles se encontravam.

— Olá, princesa — disse o Michel, levantando-se.

— Para de me chamar princesa! — repliquei eu, beijando-o. — Tu sabes muito bem que não gosto.

— Mas tu és a nossa princesa — insistiu ele com um sorriso brincalhão.

— Um dia destes ainda arranjo uma alcunha para ti, vais ver!

— Não me importo.

— E tu, Bernard? — beijei-o na boca. — Será que não podias arranjar um lugar mais próximo da universidade?

— Podia. — ele puxou uma cadeira onde me sentei. — Só que nenhum outro tem a magia deste lugar.

— *Para mim é apenas mais um café.*

— *Não digas isso, Isabel. — ele olhou em volta. — Só de pensar que por estas mesas passou Sartre e Simone de Beauvoir. Que neste mesmo lugar Aron tentou impor as suas teorias comunistas, contrapondo o anarquismo militante de Sartre...*

— *São apenas fantasmas — disse eu depois de pedir um café.*

— *Muito me admira dizeres isso — retorquiu ele. — A arqueologia vive desses fantasmas.*

— *A história vive desses fantasmas, Bernard. Não a arqueologia.*

— *Olha que não sei!*

— *Acho que ela tem razão — replicou Max, defendendo o meu ponto de vista. — A arqueologia é mais física, mais concreta nos seus objectivos, já que procura a prova material e não os sentimentos nostálgicos de um passado que não existe mais.*

— *Não concordo — contrapôs, Michel. — Se não existisse nostalgia nessa busca pelo passado, acho que não faria sentido tentar compreendê-lo.*

— *Compreender uma coisa não implica encarná-la — disse Max.*

— *Mas para compreendermos algo, Max, temos que interiorizar o objecto que analisamos — insistiu, Michel. — Caso contrário ficaríamos pela superficialidade da sua forma exterior.*

— *Achas então que interiorizar um objecto é encarná-lo?*

— *Em parte, sim!*

— *Isso não faz sentido, Michel.*

A conversa tornara-se chata, desviando o meu pensamento para as incertezas que me vinham atormentando desde manhã. Sentia que aquele aperto era como uma voz interior que me queria alertar para algo que a minha mente nublada não conseguia vislumbrar. Mas que palavras eram essas? A Elizabeth chegou, entretanto, pondo um ponto final naquela discussão que se arrastava nas certezas de cada um. Beijou-nos a todos, sentando-se depois no colo do Michel.

— *Está tudo certo para hoje à noite?*

— *Hoje à noite?! — perguntei de sobrancelhas levantadas.*

— *Hoje é o dia dos meus anos, Isabel — disse ela, sorrindo. — Vamos até ao Bains Douches.*

— *Ao Bains Douches!?*

— *Não gostas da discoteca?*

— *Não sei, nunca lá fui. Só que todos dizem que é uma das mais caras de Paris.*

— *Eu preferia ir até à “Loco” — replicou o Michel. — Mas ela insiste em ir ao Bains Douches.*

— *Que seja o Bains Douches! — arrematou o Bernard. — Hoje irá ser um dia muito especial.*

— *E porquê? — perguntei, curiosa.*

Ele sorriu num olhar cintilante, fixando os seus olhos nos meus.

— *Logo saberás.*

— *Encontramo-nos todos na praça de Saint-Michel?*

— *Sim, Elizabeth — respondeu o Bernard, levantando-se.*

— *A que horas?*

— *Por volta das dez.*

— *Mas aonde é que tu vais? — perguntei enquanto ele vestia o casaco.*

— *Aonde eu vou, não! Aonde nós vamos.*

— *E aonde é que nós vamos? — as minhas sobrancelhas vergaram-se numa expressão interrogativa.*

— *Vamos até ao jardim do Luxemburgo.*

— *Fazer o quê!?*

Ele sorriu novamente, puxando por mim. Só tive tempo de agarrar no chocolate que era servido com o café, deixando este a fumejar sobre a mesa.

Seguimos pela rua Bonaparte que nos levou directamente ao jardim, entrando pelo portão da rua Guynemer. A curiosidade fervilhava em mim, premeditando palavras ainda por dizer. Era o meu sexto sentido de mulher que me murmurava aquilo que eu tanto desejava ouvir. Mas seria mesmo possível!? Sentamo-nos nas cadeiras individuais que circundavam o lago. No centro, um pequeno repuxo dava vida às águas moribundas por onde nadavam alguns patos, reflectindo, no seu ondular baço, os raios pouco expressivos de um sol coberto de pó. À nossa volta, as estátuas brancas fixavam-se nas crianças que corriam atrás dos pombos, nos namorados que dormitavam sobre a relva, nos idosos que ali preenchiam o vazio de uma existência vagarosa, e em nós os dois. Ao fundo, o senado erguia-se na majestade pesada da sua arquitectura, servindo de modelo aos turistas que o fotografavam de todos os ângulos. No outro lado do jardim ficava o liceu Montaigne onde tinha feito o Bac.

— *Era aqui que eu estudava para os exames quando andava no liceu, sabias?*

— *Sim — ele sorriu. — Disseste-me isso quando aqui estivemos juntos pela primeira vez.*

— *E agora, o que tens tu para me dizer?*

Ele retirou de um dos bolsos do casaco uma pequena caixa que me entregou.

— *O que é? — Os meus olhos abriram-se.*

— *Vê! — disse ele num sorriso petrificado.*

Dentro da pequena caixa de veludo, um anel cintilava no brilho de uma pequena pedra lapidada. Será que... fixei-me no seu rosto risonho, sonhando com as palavras que há muito desejava ouvir. Mas o coração apertava nas lágrimas que me cobriam a alma; nas incertezas de algo que desconhecia e que me atormentava em murmúrios afiados e dolorosos.

— *É isso mesmo que estás a pensar, Isabel. — ele agarrou na minha mão, colocando o anel. — Queres casar comigo?*

O aperto desapareceu tal como por magia, rendendo-se às certezas cegas do meu consciente.

— *Tu sabes que sim!*

E as estátuas ficaram de testemunhas, pois aquelas eram palavras que um dia viria a lembrar em recordações amargas...

...Na manhã seguinte, Isabel resolveu tomar o pequeno almoço no tombadilho, deliciando-se com a paisagem que deslizava na serenidade do Nilo. As margens estendiam-se nas sombras da manhã, envoltas no cheiro selvagem dos arbustos rasteiros que tudo cobriam na palidez de um verde pouco expressivo. Algumas aldeias deslizavam com as margens, onde os olhares calejados das pessoas que ali existiam vagarosamente e os sorrisos sinceros das crianças sobressaíam como focos de uma vida sofrida, mas humana. O barco, esse, rumava indiferente aos extremos das margens, pois o destino era Gizé.

Um homem aproximou-se, entretanto, pedindo licença para se sentar. Na sua mão trazia uma espécie de manuscrito que colocou sobre a mesa.

— É uma paisagem magnífica, não acha? — disse ele, olhando em volta.

— Sem dúvida! — Isabel sorriu.

— Sabia que o império egípcio e outros que germinaram nesta zona, tiveram como origem uma mesma civilização?

— Não estou certa que assim tenha sido — respondeu. — Todos sabemos que a primeira civilização que surgiu no médio oriente foi a civilização Suméria, no entanto, não creio que as outras tenham derivado directamente desta.

— E sabe como se formou essa primeira civilização?

— Os Sumérios formaram-se a partir de pequenos grupos de nómadas que no período do neolítico criaram as primeiras aldeias como resultado da descoberta da agricultura. Depois com a especialização dos membros dessas aldeias primitivas, criaram-se as bases para que mais tarde surgissem as grandes civilizações do passado — ela dava a explicação oficial, pois nada sabia das crenças daquele homem e por isso mesmo não queria impor-lhe outras teorias.

— Não acha estranho que a agricultura, que teria sido descoberta por acaso, segundo afirmam os cientistas, tenha surgido em vários pontos do mundo quase que simultaneamente? Se foi mesmo um acaso, porque não aconteceu em períodos diversos? Dizem que esta surgiu no médio oriente e depois se propagou pela Ásia, no entanto, esta presunção encerra em si mesmo um contra-senso, pois se um povo descobre a agricultura, esse povo sedentariza-se, deixando de viajar, e assim sendo, impossibilita que essa descoberta se propague a outras zonas. Não acha estranho, também, que esse suposto acaso tenha acontecido com espécies raras, senão mesmo inexistentes em alguns pontos do mundo, como o trigo e o centeio?

— Onde quer chegar, exactamente?

— Que a agricultura não surgiu por acaso, mas que foi introduzida por um povo que a conhecia há muitos milhões de anos.

— E que povo seria esse? — Isabel estava curiosa, pois também ela acreditava em algo diferente das explicações oficiais.

— O povo Atlante, evidentemente.

— Eu acredito na existência da Atlântida, sabe? Não a teoria vigente entre os arqueólogos que tentaram encaixar tal mito dentro dos achados arqueológicos efectuados na zona do mediterrâneo, dizendo-se mesmo que a Atlântida poderia ser a ilha de Creta ou uma qualquer outra ilha da região. Esta foi uma teoria que sempre contestei. É que a data que Platão refere como sendo a data da destruição da Atlântida é muito anterior ao surgimento dos Minóicos, civilização que supostamente teria dado corpo a tal mito, assim como as dimensões da ilha que eram muito superiores a todas aquelas que se pudessem considerar na região. Perante tais incongruências, os meus colegas resolveram o problema de uma forma muito pouco séria, pois concluíram que se as datas referidas e as medidas apresentadas por Platão não coincidiam com aquelas que lhes seria conveniente considerar, só teriam que concluir que Platão se enganou. Ou seja, aquilo que ele quis dizer não foi aquilo que ele disse, mas aquilo que eles necessitavam que ele tivesse dito para que tudo encaixasse no devido lugar.

— Mas essa teoria não é completamente despropositada — disse ele. — É que, ao contrário daquilo que sempre se julgou, a civilização Atlante não estava confinada às ilhas no oceano Atlântico, mas encontrava-se presente também no imenso vale que hoje é o Mediterrâneo. Era um vale húmido e fértil, atravessado por rios que desciam desde as vertentes continentais. Com o fim da última era glaciár, no entanto, o leito dos oceanos foi subindo lentamente, aumentando a pressão sobre a enorme barreira que separava o oceano do vale, e que estava situada na zona que hoje chamamos de Gibraltar. Ao poucos, depois das águas do oceano terem transposto essa mesma barreira, o vale foi sendo inundado lentamente, até ao dia em que enormes tremores de terra acabaram por destruir essa barreira, precipitando as águas do oceano numa enorme torrente de água que tudo destruiu. Muitas das histórias do dilúvio referem-se a esta catástrofe, pois nas ilhas e no continente do Pacífico não houve dilúvio algum, mas apenas o dismantelar dessas maças de terra.

— Lembro-me que, nos anos 70, um navio americano de nome Glomar Challenger ter feito uma descoberta que parece indicar isso mesmo. Não só encontraram por debaixo dos sedimentos do fundo do mar Mediterrâneo, cascalho muito pouco vulgar em fundos de mar, mas também, e essa foi a descoberta mais surpreendente, rochas que nós chamamos de evaporites e que se encontram apenas em locais onde o mar secou. A teoria que foi criada a partir dessas descobertas diz que há seis milhões de anos o estreito de Gibraltar ter-se-ia fechado e, assim sendo, como a água do Mediterrâneo se evapora mais rapidamente que aquela que lhe chega vinda da chuva e dos rios, este teria secado. Acreditam, no entanto, que a barreira terá sido rompida há cerca de um milhão de anos atrás.

— Na realidade foi numa data mais recente que esse rompimento se deu — ele levantou-se. — Bom, mas não a quero incomodar mais.

— Não incomoda nada — disse ela. — Foi um prazer conversar consigo.

Ele despediu-se com a mesma delicadeza com que se apresentara, afastando-se. E já tinha descido do tombadilho quando Isabel reparou

que se tinha esquecido do manuscrito. Ainda foi atrás dele, mas não o encontrou.

— Não sabe para onde foi o homem que acabou de descer? — perguntou ela a um dos tripulantes.

— Que homem, senhora?

— Aquele que acabou de descer do tombadilho.

— Mas não desceu ninguém do tombadilho — disse o tripulante de olhar desconfiado.

— Tem a certeza!?

— Absoluta, senhora!

Isabel regressou à mesa, sentando-se confusa. Para onde teria ido aquele homem, pensava ela de expressão enrugada. Acabou por olhar para o manuscrito cujo título era “Veículos voadores na Índia Antiga”...

...A camioneta saltava nos buracos e nas pedras daquele troço que serpenteava pelo Himalaia, roçando abismos de escarpas sem fim que se perdiam nas alturas dos montes sagrados. Tinha apanhado a camioneta em Leh, a capital do estado de Ladakh pertencente à província de Caxemira no norte da Índia, rumando até ao mosteiro de Hemis com os peregrinos que iam participar na festa «tsetshu» onde anunciariam o novo chefe, o Rinpotshe: um jovem de doze anos que diziam ser a encarnação de um grande mestre. Não era tanto a festa que me motivara em tal viagem, mas os rumores que diziam que, nesse mosteiro, se encontrava um dos treze crânios de cristal que tanto tinham intrigado o homem neste último século. Sempre me sentira fascinada por esses mistérios, este em particular, por não haver qualquer explicação científica para a existência de tais crânios. Muitos dos meus colegas preferiam ignorar o assunto por não saberem como explicar tais achados à luz de tudo aquilo que os compêndios diziam sobre os povos do passado. É que apenas alguém com uma tecnologia muito mais avançada que nossa poderia ter realizado tal obra e isso era totalmente incompatível com tudo aquilo que conhecíamos das civilizações antigas.

Tinha deixado o Bernard em Leh. Ele preferia as ruínas da cidade aos rituais daquele povo e aos mistérios do mundo. Era a nossa primeira viagem de trabalho após nos termos formado. Viagem essa que iniciámos semanas antes quando fomos até ao vale Bhyundar, ou vale das flores, como era mais conhecido. Tínhamos viajado de autocarro pelo Himalaia em direcção ao Ganges, passando por Rishikest, Devaprayag e Govindghat onde terminavam as estradas. A partir dali tivemos de empreender uma longa viagem a pé que se estendeu por mais de oito horas. Alguns homens levaram as nossas malas em troca de dinheiro, percorrendo, connosco, íngremes e estreitos carreiros de pedra numa viagem completamente fora deste mundo. Ao longo da caminhada fomos ultrapassados por outros que transportavam, em cadeiras de verga presas nas costas, peregrinos ricos ou aleijados, conduzindo-os até ao lago sagrado de Hemkund. Na última etapa da caminhada, atravessámos uma floresta de taxus e carvalhos que nos levou até um acampamento feito de habitações de pedra com telhado de colmo, situado a mais de três mil metros de altitude, onde pernoitámos. No dia seguinte, caminhámos por uma floresta de solo húmido onde o silêncio predominava por entre larícios, abetos e bétulas. Era um paraíso ignorado pela civilização, longe dos olhares ‘encifrados’ dos magnatas do turismo.

No fim daquela floresta encantada, deparámo-nos com duas paredes rochosas que antecediavam o tão esperado vale. E nunca tinha visto algo tão belo, tão perfeito como aquele vale de fetos e flores. Era como um grande jardim alpino, ladeado pelas rochas lapidadas dos montes que o protegiam dos venenos da nossa civilização. Senti-me transportada para uma outra dimensão; uma dimensão onde tudo se fundia na beleza fraterna daquela natureza viçosa que nos acarinhava em afagos de mãe. Os perfumes, esses, coloriam-nos a alma numa paz que nunca antes tinha experimentado. Era sem dúvida o paraíso.

A camioneta, que me transportava desde Leh, parou junto de uma mata de choupos. A partir dali teria que ir a pé até Hemis. Segui então os peregrinos que tinham o mesmo destino que eu, subindo por um íngreme carreiro de terra e pedra que me levaria até ao mosteiro onde cheguei minutos depois. Ali ouvi as trombetas que chamaram os peregrinos para a representação do grande mistério. Enquanto os músicos e os dançarinos entravam no pátio, acompanhados pelos actores de máscaras no rosto, resolvi

entrar por uma das alas do mosteiro, bisbilhotando nos corredores e salas que se encontravam vazias. Cheguei junto de um pequeno santuário onde um monge meditava serenamente. Estava sentado na posição do lótus em frente da estátua da deusa Vairocana que personificava a sabedoria da Lei Universal.

— *Sentai-vos — disse ele sem se mexer.*

— *Não quero incomodar.*

Ele abriu os olhos, fixando-me.

— *Não incomodais — replicou ele, apontando para uma almofada de brocado onde me sentei. — Vejo que a festa não vos interessou.*

— *Não, bem pelo contrário! — sorri-lhe. — Sempre tive um fascínio pela cultura e pelo misticismo oriental.*

— *E o que procurais na nossa cultura?*

— *Um caminho.*

— *E tendes a certeza de o encontrardes aqui?*

— *Acho que o Budismo é o único caminho que conduz à libertação da alma.*

— *O Budismo é um instrumento de trabalho, não um caminho — disse o Lama, serenamente. — Esse tereis vós que o construir na paz e no silêncio da vossa existência terrena. No Budismo encontram-se ensinamentos que se dirigem a todos aqueles que se esforçam para alcançar a salvação e para os que trabalharam não só para a sua salvação pessoal como também para a salvação de todos os outros. Entre os homens, muitos são aqueles que compreenderam a futilidade dos prazeres terrenos escapando do ciclo de nascimento e morte para obterem a sua emancipação. Alguns outros, no entanto, em menor número, não só compreenderam, como sentem todos os sofrimentos da vida; tão ilimitado é o seu amor e tão penetrante é a sua compaixão que eles renunciaram à salvação pessoal, dedicando as suas vidas ao sublime propósito de servir a humanidade. Assim é o nobre ideal do Bodhisattva; o mais puro e o mais belo alguma vez apresentado ao mundo.*

— *E porque me diz tudo isso? — perguntei maravilhada.*

— *Porque vejo que vos interessais pelo Budismo e esta é a sua verdade. Ela não pode ser encontrada no domínio do abstracto, nem num dogma consagrado pela antiguidade, mas apenas na sua expansão no tempo e no espaço, na imensidade do seu movimento e desenvolvimento, na sua influência sem limite sobre a vida em todos os seus aspectos, em resumo: na sua universalidade. Essa universalidade é um reflexo do ideal Bodhisattva, que coloca no centro da vida religiosa a figura do Buda como a personificação da mais alta realização. Essa via, no entanto, não é escapar do mundo como muitos pensam, mas conquistá-lo, através de um conhecimento crescente, através do amor activo para com todos os seres vivos, da equanimidade em relação ao próprio bem estar ou infortúnio de cada um. É este conhecimento que está na base da moralidade e virtudes do Bodhisattva. Foi este conhecimento que, apesar de imperfeito no seu início, guiou o Buda nas suas vidas anteriores e no caminho da iluminação por ele construído através da renúncia à sua própria libertação imediata a fim de alcançar o perfeito estado Búdico, não somente para ele, como para benefício de toda a humanidade. Despertar essa consciência foi a obra da vida do Buda. Foi isso que o obrigou a assumir a penúria de uma vida errante por quarenta longos anos, ao invés de usufruir de uma forma egoísta da felicidade da libertação. Muitos dos seus discípulos deram-nos uma visão interior dessa consciência mais profunda. Esse facto, por si, é mais valioso que todas as teorias filosóficas, porque mostra à humanidade o caminho do futuro, permitindo-nos despertar para a nossa consciência mais profunda e penetrar no estado que o Buda chamou de Iluminação; o Bodhisattva-Márga, o caminho para a realização do estado Búdico em nós próprios. Mas somos nós que temos de forjar esse caminho, no amor e na compaixão que devemos ter para com todos os seres.*

— *Esse caminho futuro que falais, tem alguma coisa a ver com o fim do mundo?*

— *Essa é uma imagem deturpada da realidade, pois o fim do mundo nada mais é que o fim de um dos seus ciclos. O Signo do coração é o emblema da próxima época, a época de Maitreya, o futuro Buda, anunciado pela Kalachakra, ou ciência dos ciclos.*

— *E trará ele a paz ao mundo?*

— *A vossa pergunta lembra-me o ensinamento que recebi na minha juventude de três grandes Arhats. Diziam eles: «O mundo obstina-se em correr para o desastre. A humanidade não pode salvar a Terra a não ser por uma regeneração espiritual.» E como eu, ousadamente, perguntei se o futuro Buda, Maitreya, não a poderia salvar, um dos três mestres replicou: «Maitreya mostrará o caminho, mas a humanidade é que deverá escolher e seguir o seu próprio caminho!» Como vedes, cada ser humano tem a oportunidade de exercer o seu livre arbítrio, escolhendo entre a luz e as trevas, entre a fraternidade e o egoísmo, entre o ódio e o Amor.*

— *E Shambhala? — perguntei curiosa. — Li em tempos que é o centro espiritual da Terra.*

— *Com a entrada do novo ciclo, o ciclo da deusa Tara, Shambhala, como centro regente do planeta, transferiu essa regência para os Andes Peruanos. Contudo continua a ser a morada dos Bodhisattvas.*

— *Poderia saber mais sobre esse centro?*

— *Com o tempo sabereis. É que devemos andar consoante o nosso ritmo, nem mais depressa, pois podemos tropeçar, nem mais devagar, pois podemos nunca chegar. É no equilíbrio que devemos conduzir a nossa caminhada terrena — ele sorriu serenamente. — Certa vez, quando o Buda habitava no bosque de Simsapa, pegou num punhado de folhas e mostrou-as aos seus discípulos, dizendo-lhes que assim como aquelas folhas na sua mão eram poucas em comparação com as folhas do bosque inteiro, do mesmo modo aquilo que ele tinha ensinado representava apenas uma pequena fracção daquilo que sabia, mas que, no entanto, queria revelar apenas o que era necessário para que os seus discípulos alcançassem a libertação. Esta espécie de discriminação deve ser praticada por todo o instrutor, não apenas de um modo geral, mas também em cada caso individual. O Dharma não deve ser imposto aos que lhe são indiferentes ou aos que ainda não estão amadurecidos para ele; é preciso reservá-lo apenas para os que estão sedentos por altos conhecimentos, porém no tempo e no lugar oportuno.*

— *E esse tempo para mim ainda não chegou?*

— *Ainda não, mas chegará.*

— *Soube também que, neste mosteiro, se encontra um crânio de cristal. O que me pode dizer sobre esse crânio?*

— *É um dos treze crânios de cristal que têm sido descobertos no mundo. É feito de quartzo como todos os outros...*

— *Porquê quartzo?* — *interrompi delicadamente.*

— *Os cristais de quartzo são catalisadores perfeitos da energia universal, permitindo que todos aqueles que entram em contacto com este se polarizem com a sua própria essência. O cristal trabalha com o corpo energético da pessoa, despertando-a para a sua dimensão espiritual. Pode ser usado para curar, ao amplificar esse poder que cada um de nós possui. É que o cristal não tem, por si só, poder algum. Somos nós que através do cristal amplificamos os nossos poderes. Os crânios de cristal, para além destas características, são também registos do passado e do futuro. Têm a capacidade de registar pensamentos e imagens que podem ser revelados a todos aqueles que tiverem a capacidade das sintonizar. Esses crânios são autênticas obras de arte que ninguém conseguiu duplicar nos tempos de hoje... um mistério para os vossos cientistas que se vêem incapazes de explicar as suas origens.*

— *E qual é a origem desses crânios?*

— *Há muitos milhões de anos atrás, uma civilização de seres vindos de outros mundos chegou ao nosso planeta para criar a humanidade. Com eles trouxeram vinte e um crânios de um cristal desconhecido na terra e que funcionavam como um transmissor de contacto com a mente de Deus. Durante a Atlântida, treze crânios foram criados em cristal de quartzo tendo como molde os originais e colocados em treze templos sagrados, servindo de barómetro espiritual da humanidade. Esses são os crânios que hoje estão espalhados pelo mundo. Não têm a perfeição desses crânios originais, mas mesmo assim ninguém conseguiu duplicá-los.*

— *E os originais, onde estão?*

— *Os vinte e um crânios originais encontram-se na cidade gémea de Shambhala, a sua irmã mais velha, onde permanecerão até ao fim do ciclo actual. Deverão ser activados pela presença dos membros da mais antiga família espiritual que evoluiu aqui na terra. Vós mesmo ireis ser tutora de um desses seres.*

— *Eu?! Como? — estava confusa e espantada.*

Ele levantou-se, estendendo-me a mão para que o acompanhasse. Caminhámos então para uma sala anexa onde ele abriu um pequeno nicho colocado na parede que escondia por detrás das duas pequenas portas de madeira, o crânio de cristal. Ele pegou na almofada que servia de base ao crânio, colocando-o diante de mim.

— *Pousai as vossas mãos sobre o crânio.*

Assim fiz. Quando toquei na superfície polida e esbranquiçada, uma paz imensa preencheu-me. Nunca me tinha sentido tão bem.

— *Fechai os olhos e dizei-me aquilo que vedes.- Insistiu ele.*

— *Vejo... — era tão estranho. Estava de olhos fechados mas era como se estivesse a olhar para uma tela em branco onde apareceram algumas imagens. — Vejo uma criança... sim, ela está junto de um lago. Sinto uma ligação profunda com este ser... — Abri os olhos. — Quem é esta criança?*

Ele colocou o crânio no seu lugar, fixando-me depois de fechar as duas pequenas portas.

— *Essa criança chama-se Maria, e um dia ireis encontrá-la.*

— *E é ela um dos membros dessa família que haveis referido?*

— *É sim.*

Sorri, caminhando com ele para o pátio do mosteiro onde os festejos já tinham terminado.

— *Espero que não tenha tomado muito do seu tempo.*

— *Esse tempo já estava determinado, assim como aquele em que nos voltaremos a ver.*

— *Quer isso dizer que irei regressar a este mosteiro?*

— *Sim. Com as duas pétalas da flor sagrada que se deverão juntar à terceira no centro do coração do Mundo.*

Fiquei confusa com suas últimas palavras, despedindo-me sem replicar. Enquanto caminhava para a saída do mosteiro, retive-me a olhar para dois lamas que se preparavam para desmanchar uma mandala feita

com pequenos grãos de areia de diferentes cores, sorrindo... era como se tivesse a ser convidada a fazer o mesmo à minha vida, aceitando a impermanência das coisas...

E a viagem de barco terminou num cais repleto de comerciantes que se confundiam com o burburinho de uma vida mais agitada, entre cânticos religiosos e pregões que por todo o lado se entoavam. Estava finalmente em Gizé.

2

Isabel caminhava agora pelas pirâmides, sozinha. Não necessitava de guias, pois conhecia muito bem cada recanto daquele lugar de todas as vezes que ali trabalhara. E já ia ela a afastar-se da pirâmide de volta ao táxi, quando alguém gritou o seu nome. Isabel, surpreendida, virou-se num gesto instintivo. Aquela não era uma voz estranha, bem pelo contrário.

— Sou eu, o Max! — gritou ele, aproximando-se.

— Max!? — exclamou ela, incrédula. — Mas que coincidência incrível!

— Pois bem podes acreditar, sou mesmo eu.

— Há quanto tempo! — ela sorriu de uma forma doce e ternurenta, beijando-o no rosto.

— Desde o teu casamento com o Bernard.

— Já lá vão uns bons anos.

— Cinco, se não me engano.

— Sim, são cinco.

O sorriso dele tinha-se petrificado no rosto.

— E o Bernard, está contigo?

— Não, Max. Acabámos de nos divorciar.

— A sério! Não acredito! Vocês formavam o par perfeito.

— Também eu achava — a sua expressão fechou-se.

Um silêncio quase fúnebre instalou-se entre ambos, reflexo do vazio que os anos preencheram. Contudo, havia algo de intocável na amizade deles os dois.

— Mas não vamos falar nisso — disse ele, tentando resgatar o sorriso de Isabel. — E se viesses jantar comigo? Sei de um sítio em Gizé que tem uma comida fantástica.

— Aceito - ela sorriu. — Mas primeiro tenho que pagar ao taxista e depois passar pelo hotel para trocar de roupa.

— Não é necessário — retorquiu Max. — O restaurante é simples.

O sol mergulhava agora nas areias onduladas do deserto, pintando o céu em tons de laranja, enquanto a noite despertava preguiçosa no lado oposto e, com esta, uma brisa gelada começava a soprar. Pouco tempo depois, já se encontravam na cidade de Gizé, parados em frente do restaurante. O lugar era realmente simples: pouca decoração, algumas paredes estaladas do calor intenso e mobiliário gasto pelo uso contínuo e pouco cuidado.

— Sempre tinhas razão — disse Isabel, olhando em volta. — É mesmo simples.

— Não deixes que os olhos te iludam. — disse Max, puxando uma cadeira.

— Hum, cavalheiro como sempre! — ela sorriu.

— Este é o lugar onde se come melhor em Gizé, vais ver só — disse ele, enquanto se sentava. — Nem mesmo os hotéis para os turistas têm melhor comida.

— Estou para ver isso!

— Mas diz-me, ainda continuas a eterna mística? — ele sorriu.

— Tu lá me conheces! — Isabel retribuiu o sorriso.

— E pelos vistos não mudaste nada.

— Absolutamente nada. Continuo fascinada pelo misticismo oriental. É lá que poderemos encontrar as respostas para muitos mistérios deste nosso universo.

— Tu sabes que eu sempre fui muito crítico em relação a esse tipo de assuntos.

— Eu sei, Max — ela sorriu. — As nossas conversas na universidade sobre assuntos espirituais não o deixam esquecer.

— No entanto, sempre foste um osso duro de roer, tenho que o admitir. Nunca ninguém se defendeu tão bem como tu.

— Vejo que o tempo não amaciou esse teu cepticismo?

— Não. Bem pelo contrário. Então agora com as novas teorias sobre a origem das pirâmides... só têm agravado esse meu cepticismo militante.

O empregado de mesa aproximou-se com o menu. Vestia uma roupa simples, pouco expressiva nas cores, que se prolongava num longo manto que lhe chegava aos tornozelos.

Ele colocou o menu diante de Max.

— Não é necessário, obrigado. Traga-me o habitual — O empregado afastou-se, saindo por uma porta lateral. — Vais provar a coisa mais deliciosa que alguma vez comeste.

— E que coisa é essa?

— Não sei.

— Não sabes!? — replicou ela curvando as sobrancelhas. — Comes uma coisa sem saberes o que é?

— O que importa é que seja saboroso, e isso posso garantir-te... é do melhor que alguma vez já provei.

— Só mesmo tu! — ela sorriu de uma forma carinhosa. — Está bem, aceito o desafio!

— Mas agora voltando à nossa conversa...

— Já pensaste na hipótese da pirâmide de Quéops não ser de origem egípcia? — perguntou ela, interrompendo-o.

— Também tu, Isabel!? — ele sorriu. — Vejo-te como uma pessoa muito inteligente para que possas defender teorias como essas.

— Li em tempos um artigo de um arqueólogo americano em que ele defendia a possibilidade da pirâmide de Quéops ter mais de dez mil anos de idade.

— Isso é um absurdo! Todos sabemos a idade da pirâmide.

— Eu não teria assim tanta certeza, Max. Já reparaste bem que em todo Egipto nunca foi construída uma pirâmide igual à de Quéops? Nem mesmo as mais perfeitas, como a de Quéfren e Miquerinos, conseguem igualar a magnificência dessa pirâmide.

— E onde queres chegar com esse raciocínio?

— Que talvez todas as pirâmides do Egipto nada mais sejam que tentativas vãs de copiar a pirâmide principal. É que se a pirâmide de Quéops tiver mais de dez mil anos, todos os faraós conviveram desde sempre com a sua presença. Para eles era algo de sagrado, venerado... Replicá-la, seria igualar a própria divindade.

— Isso não faz sentido, Isabel. Há dez mil anos não existia uma civilização capaz de construir algo semelhante. Para além disso, porque razão foi Quéops o primeiro a ser sepultado na pirâmide se ela existia desde sempre?

— Tu sabes muito bem que a pirâmide de Quéops nunca foi um túmulo. Ela é, e sempre foi, um templo iniciático.

— Pois é exactamente nesse tipo de teorias que eu não acredito. Não é pelo facto de não se ter encontrado a múmia de Quéops no interior da pirâmide que se poderá deduzir que ela não era um templo funerário. Sabes muito bem que grande parte das câmaras funerárias foram assaltadas por bandidos ao longo dos séculos.

— Creio que não seja necessário referir todos os dados matemáticos e astronómicos relacionados com a pirâmide, pois estou certa que os conheces tão bem quanto eu.

— Como o quê, por exemplo?

— Como o facto da pirâmide indicar as datas precisas dos solstícios do verão e do inverno, assim como dos equinócios da primavera e do outono. Por ter sido construída muito antes de Arquimedes ter descoberto a fórmula do Pi e, no entanto, o perímetro da base dividido pelo dobro da altura dar exactamente esse valor. Como o facto de teres a distância exacta entre a Terra e o Sol se multiplicares a altura da pirâmide por um milhão.

— Se eu multiplicar a minha altura por não-sei-quantos também vou obter o valor de não-sei-o-quê. Isso não é argumentação, Isabel.

Ela riu perante o seu cepticismo.

Momentos depois, o empregado trouxe o jantar, afastando-se logo de seguida para ir atender um cliente que acabara de chegar. Já não estavam sós naquele restaurante.

— Vá, prova — instigou Max, fixando-se nela com um olhar risonho. — Quero saber a tua opinião.

Isabel cortou lentamente um pedaço de uma pasta recheada com o que parecia ser carne moída, levando-o à boca.

— Então?

— Humm, muito bom!

— Não te disse?!

— Mas no fim vou querer saber o que estou a comer.

— Se quiseres posso perguntar agora ao empregado.

— Não, não... por favor. Só no fim!

E riram os dois, como nos velhos tempos.

— Mas não sabia da tua curiosidade pelas coisas do Egipto — disse Max, continuando a conversa. — Sempre te imaginei mais ligada ao oriente.

— Alguns períodos da história do Egipto também me fascinam, como o período do faraó Akhenaton, como tu sabes.

— Sim, foi o trabalho que fizemos juntos sobre esse período que nos aproximou, lembraste?

— Claro que me lembro! Só nos faltou dormir juntos nesse mês em que preparámos o trabalho — riram os dois. — Nunca tive tanto gosto em fazer um trabalho quanto esse. Era como se estivéssemos a escrever sobre coisas que nos eram familiares. Lembras-te de ter comentado sobre isso?

— Para mim o prazer veio mais da oportunidade de te ter conhecido melhor nesse mês. Foi ali que começou a nossa amizade.

— É verdade — ela sorriu, baixando os olhos.

Passaram o resto do jantar a recordar os tempos da universidade. Os sorrisos partilhados e olhares cruzados, revelavam algo mais que uma simples amizade, embora nenhum deles fosse capaz de admitir esse sentimento.

Uma hora depois, o empregado chegou com a conta.

— Pagamos a meias, Max!

— Era só o que faltava — ele agarrou no papel. — Eu convidei, eu pago. Afinal sempre existem cavalheiros, não?

Ela sorriu, num sorriso que preencheu todo o espaço.

— Onde é que estás hospedada? — Perguntou ele, saindo do restaurante.

— Estou no Grand Pyramids.

— Então vais buscar as tuas coisas e vens para minha casa. Seria um absurdo ficares num hotel quando eu tenho uma casa enorme aqui em Gizé.

— Não vou argumentar, Max. Sei que não serve de nada — disse ela agarrando-lhe o braço, enquanto caminhavam para o jipe.

3

Isabel entrou na sala, vinda do quarto. Estava vestida com uma roupa mais leve. Ele aproximou-se, entregando-lhe um copo com sumo de laranja.

— Vejo que não te esqueceste.

— Não — ele sorriu. — Eras a única não alcoólica do grupo.

A sala cintilava no ardor das chamas que se erguiam na lareira e que aconchegavam aquele canto repleto de tapeçarias e peças artesanais.

— O que fizeste nestes últimos cinco anos? — Perguntou ele sentando-se a seu lado.

— Pouca coisa, Max — Isabel deu um golo suave na bebida.
— Mesmo assim, ainda consegui ir à Índia e ao Tibete algumas vezes.

— Em pesquisas?

— Sim.

— Procurando o quê? — Max não conseguia desviar os olhos do seu rosto.

— Nada daquilo que tu procuras. Mais do que ruínas ou histórias do passado, acho que fui à minha procura. A última viagem, no entanto, foi diferente, pois fui de propósito por causa de alguns rumores que diziam existir no templo de Hemis um crânio de cristal. Já ouviste falar desses crânios?

— Sim. Vi dois deles. O que está no museu britânico da humanidade e o que está no Trocadero em Paris.

— E o que pensas sobre o assunto?

— Não é um assunto que me interesse muito — disse ele num tom evasivo.

— Não será esse teu desinteresse por não teres uma explicação para a existência desses crânios? — perguntou ela num tom provocador.

— O facto de não existir uma explicação científica não significa que estes tenham sido criados por civilizações saídas de contos de fadas. Talvez não tenham investigado o suficiente.

— Não é verdade, e tu sabes disso. Em 1970, a Hewlett-Packard, que na altura tinha um dos laboratórios mais sofisticados na pesquisa de cristais, anunciou, após ter realizado várias experiências a um dos crânios, que este tinha um mecanismo interno de lentes que reflectiam a luz projectada sobre o cristal de um modo específico e cujo sistema revelava uma competência que apenas recentemente tinham sido capazes de igualar. No entanto, o crânio tinha sido descoberto em 1924. Concluíram, também, que os artífices que o criaram, ignoraram por completo o eixo natural do cristal o que significava que este deveria ter-se partido enquanto era manufacturado.

— Mas isso não significa que tenham sido extraterrestres a criá-los, como muitos pensam.

— Na verdade não tens muito por onde escolher, Max. Se no passado oficial, aquele que a arqueologia tomou como verdadeiro, não existe um povo com capacidades técnicas para criar esses crânios, então a explicação é uma de duas. Ou foram trazidos por civilizações extraterrestres ou foram criados por um qualquer povo desconhecido e mais evoluído, como os povos da Atlântida. Uma destas duas encerra a resposta para este enigma. Qual delas escolhes? — perguntou ela, sorrindo.

— Não escolho nenhuma e tu sabes disso. Prefiro aguardar por uma explicação mais racional.

— Tu e o teu cepticismo militante... tens que te libertar um pouco dessa mentalidade excessivamente científica.

— Essa mentalidade científica é algo de que me orgulho.

— Eu sei — Ela sorriu. — Como se eu não te conhecesse! Sempre foram alguns anos de convívio.

Fizeram um breve silêncio, ao que Max perguntou:

— Lembras-te da viagem de estudo que fizemos às grutas de Lascaux?
— ela assentiu. — Passámos o tempo inteiro à procura do Bernard, lembras-te disso? Acabámos por dar com ele a dormir na camioneta.

— Sempre foi muito egoísta — disse ela abanando a cabeça.

— Também estava com uma directa em cima!

— Todos nós estávamos com uma directa — o seu rosto fechou-se.

— Mas só o senhor Bernard é que resolveu descansar.

O seu tom era irónico.

— Desculpa ter tocado neste assunto.

— Não, Max. Podes falar à vontade do Bernard.

— Mas afinal o que é que se passou? Vocês adoravam-se.

— Eu adorava-o — frisou ela de sobrelhas erguidas.

— Não, ele também gostava de ti. Eu sou testemunha disso.

— Acho que a única pessoa de quem ele alguma vez gostou, foi dele próprio.

— Não queres desabafar?

— Não há muito para dizer — ela pousou o copo sobre a pequena mesa de vidro. — Tudo começou quando engravidei. Alguém lhe arranjou uma viagem à ilha da Páscoa e ele aceitou de imediato.

— Mas isso é natural, ele é um arqueólogo.

— O que não é natural é ele não ter partilhado essa experiência comigo. Afinal de contas eu também sou uma arqueóloga, não? Falou-me da viagem dois dias antes de partir, argumentando que era muito cansativa para mim... quem lhe tinha dado o direito de decidir por mim!? — duas lágrimas escorreram pelo seu rosto fechado. — Quando voltou já não estava grávida. Perdi a criança num aborto espontâneo com dois meses de gestação. E foi aqui que a nossa relação se começou a degradar, pois muitas vezes me acusava de ter feito o aborto por vontade própria, para não ficar presa. Até que um dia fartei-me e deixei-o.

— Ainda o amas?

— Não sei se alguma vez o amei verdadeiramente. Acho que me deixei levar e, como era mais cómodo ir na corrente, acabei por casar. Agora amor... não sei — Ela pegou novamente no copo. — Mas fala-me de ti, o que tens feito?

Max recostou-se no sofá.

— Tenho andado por aí à procura de indícios que sustentem as minhas teorias.

— O Indiana-Max de sempre — disse ela, gargalhando.

— Ainda te lembras dessa alcunha?

— Claro! Fui eu que a arranjei...

— Pois foste! — disse ele, recordando-se.

O brilho nos seus olhos não conseguia esconder aquele sentimento profundo que ambos nutriam. Era uma verdade escondida nas incertezas de cada um, nos medos e receios, nas ilusões de um desejo abafado pelo temor da rejeição. Mas o destino juntara-os de novo, e isso apenas significava que aquele sentimento, refugiado nos recantos mais profundos das suas inseguranças, ainda fervilhava no amor que neles sempre existiu.

— Estás no Egipto há muito tempo?

— Há cerca de dois anos. Vim para a universidade do Cairo como professor de arqueologia.

— Sozinho?

— Infelizmente, sim. Ela não me quis acompanhar.

— E essa *ela* era esposa ou apenas namorada? — Perguntou Isabel numa curiosidade particular.

— Era namorada — respondeu ele, sorrindo.

Ficaram em silêncio por alguns momentos de olhar na lareira. Como era reconfortante para ambos partilharem aquele espaço, estarem juntos depois de cinco anos de ausência.

— O que pensas sobre o que se está a passar no mundo? — perguntou ela, mudando de assunto.

— Que posso eu pensar, Isabel? O mundo é aquilo que dele fazemos.

— Estamos mesmo no fim de um ciclo civilizacional e, sinceramente, não creio que haja volta a dar.

- Aqui talvez te dê razão. Embora não embarque nas teorias da conspiração que muitos desenvolvem, a verdade é que os poderes do mundo ficaram nas mãos de muito poucos, e esses poucos nunca tiveram como prioridade os interesses e o bem-estar das pessoas.

— Uma civilização que tem como base do seu progresso um sistema financeiro que é todo ele virtual, só pode estar condenada ao colapso — disse Isabel, reforçando o seu pensamento. — E quando a bolha explodir definitivamente, será o caos.

Nesse momento alguém bateu à porta.

— Estás à espera de alguém?

— Ainda não te contei?

— Sobre o quê? — disse ela, curiosa.

Ele levantou-se sem lhe responder, indo abrir a porta.

— Isabel! — disse ele momentos depois junto da porta. — Tenho uma surpresa para ti.

— O que é? — perguntou ela, levantando-se.

— *Tarã!* — e na porta da sala surgiu Michel.

— Michel!? — exclamou Isabel num largo sorriso.

— Princesa! — Ele correu para ela levantando-a em piruetas várias.

— Também não precisam exagerar! — retorquiu Max.

— Como é que estás, princesa? — Perguntou ele colocando-a no chão.

— Pára de me chamar isso — replicou ela, dando-lhe uma leve palmada no ombro. — Tu sabes que eu nunca gostei.

— Que mais queres que te chame? Tu sempre foste a nossa princesa.

— E tu o Papa-Tudo.

Michel gargalhou.

— É verdade. Já nem me lembrava disso.

As memórias daquela época voltaram a despertar, transportando-os no saudosismo de um tempo onde tudo era perfeito. E logo se sentaram.

— Diz-me, Michel, chegaste a casar com a Elizabeth?

— Eu!? Não! Tu sabes que sempre fui alérgico a compromissos sérios.

— Quer dizer então que continuas o mesmo boémio de sempre?

— Sim, princesa. Até que a morte nos separe.

Riram os três.

— E também andas a explorar as pirâmides? — Perguntou ela.

— Sim. Nos últimos tempos temos trabalhado juntos.

— Amanhã vou com vocês. Gostaria de acompanhar o vosso trabalho.

E as memórias ressuscitaram uma vez mais em sorrisos saudosos, lembrando os tempos em que eles se reuniam na casa de cada um. Desses encontros surgiam sempre ideias para viagens que nunca se concretizavam, promessas de amizade eterna que o tempo se encarregaria de diluir na realidade de uma vida demasiado atarefada, e sonhos que se esfumavam na ilusão de um mundo por demais real.

4

No dia seguinte partiram cedo para as pirâmides. Isabel ia no banco de trás, de olhar tranquilo e compenetrado. Era como se aquela viagem fosse o início de algo há muito predestinado, embora nada disso ela pudesse compreender de uma forma consciente. Minutos depois chegaram junto de um enorme toldo, montado em frente da esfinge. Ali era a base das operações. Por baixo do toldo, e sobre uma enorme mesa, encontravam-se planos, mapas e fotografias de toda a área, assim como rabiscos e anotações feitas por eles como ponto de partida para as escavações.

— Pensei que estivessem a explorar dentro da pirâmide de Quéops — disse Isabel.

— Não. As pirâmides já foram mais que exploradas. Não há mais nada para ser encontrado lá dentro. A existir qualquer coisa, tem que ser aqui fora — Respondeu Max.

— E já têm algum lugar sinalizado?

— Sim, encontramos uma entrada perto da pirâmide de Miquerinos, que esperamos poder ser um túmulo de alguém responsável pela construção deste lugar. Vamos hoje abri-lo.

— E o que esperas descobrir com estas escavações? — insistiu Isabel.

— O plano de construção de todo este lugar — Disse ele. — Quero mostrar ao mundo o absurdo dessas teorias que dizem que a pirâmide é de origem atlante, seja lá o que isso signifique.

— Lembra-te, Max, que apesar do teu cepticismo, as coisas não têm que ser forçosamente como tu pensas que elas são — disse ela num tom sério. — Só te peço que tenhas a mente suficientemente aberta para encarar outras possibilidades se um dia vieres a ser confrontado com elas.

E ainda a manhã estava no seu início, quando se deslocaram para a zona do túmulo. Por volta da hora de almoço, tiveram a primeira surpresa. Após retirarem a pedra tumular, verificaram que esta era, na verdade, uma passagem, revelando umas escadas que desciam num ângulo de 45 graus. Max foi o primeiro a entrar com uma lanterna, logo seguido por Michel. Isabel ficou do lado de fora com o resto da equipa a aguardar que eles regressassem.

Depois de uma longa espera, Max surgiu na entrada do túmulo de expressão ansiosa e visivelmente perturbado, aproximando-se, sem nada dizer a Isabel, de alguns elementos do grupo. Partiram depois num carro de transporte até ao acampamento base onde foram buscar o equipamento que necessitavam. Momentos depois, saiu Michel, igualmente ansioso e tenso.

— O que se passa Michel? Nunca vos vi assim!

— Ainda não sabemos ao certo, mas tenho um pressentimento que estamos prestes a fazer a descoberta do milénio — e logo se aproximou dos elementos daquela equipe, todos eles egípcios, ajudando-os a transportar algum material para o interior do túmulo.

Minutos depois, Max regressou. Com ele trouxe holofotes de maior potência que transportou escadas abaixo. Isabel não queria interferir com o trabalho deles, pois sabia o quando Max era rigoroso em relação às competências de cada um e respectivas responsabilidades, e como ela não era um dos elementos da equipa, resolveu esperar, embora numa ansiedade crescente por saber que descoberta era essa que tinha sido capaz de os deixar naquele estado. Entretanto, Michel subiu até à superfície.

— Mas afinal, o que é que vocês descobriram? — perguntou Isabel cada vez mais curiosa e ansiosa.

— Nem vais acreditar — disse ele nervoso e emocionado.

— Posso descer?

— Sim, claro. Nem sei o que ainda estás a fazer aí!

Isabel desceu por aquelas escadas que pareciam não ter fim e que terminavam numa entrada de pedra. Do outro lado, as fortes luzes dos holofotes deixavam ver um espaço vasto que se estendia para lá das arcadas da porta. E foi quando Isabel transpôs os limites dessa porta que os seus olhos se abriram numa emoção impossível de conter. Diante de si, uma cidade subterrânea ocupava o espaço de uma imensa cavidade mesmo por baixo das pirâmides.

— Isto é fantástico! — disse ela aproximando-se de Max que apontava um dos holofotes. — Vocês sabem onde nós estamos?

— Numa cidade subterrânea, creio eu — disse Max sem tirar os olhos daquilo que fazia.

— Vocês ainda não compreenderam, pois não?

— Não compreendemos o quê? — perguntou Max.

— Sobre o significado desta cidade — disse ela, numa emoção que se via no brilho dos seus olhos. — Este lugar sempre foi referido nas mais variadas lendas... Esta é a cidade dos deuses de onde se crê que vieram os seres que escaparam aos cataclismos que destruíram a civilização Atlante. Seres como Thoth e Osíris, no Egipto, e Quetzacoatal e Wiracocha, na América. Todas as tradições do mundo falam de seres sobre-humanos que introduziram os rudimentos da civilização. Seres com uma tecnologia avançada o que fazia com que fossem vistos como divindades aos olhos das populações. Esses seres estão também retratados na Bíblia como sendo os patriarcas pré-diluvianos como Enoch e Mathusalem. Esta cidade só pode ser a herança de uma civilização com uma tecnologia muito mais avançada que a nossa. Todas as civilizações e culturas do mundo derivam dessa única civilização.

— Que não nos precipitemos em conclusões, Isabel — disse Max. — É verdade que todo este complexo é simplesmente incrível, mas vamos esperar um pouco mais antes de nos deixarmos levar por lendas e superstições.

Caminharam juntos até ao templo central, construído como as pirâmides Maias, no topo do qual se encontrava o santuário. Em volta do templo, as avenidas estendiam-se em linha recta num quadrado que envolvia esse mesmo templo e mais alguns edifícios. Nos extremos daquele enorme complexo, várias estátuas de porte volumoso contornavam a cidade tendo sido esculpidas directamente nas paredes daquela cavidade. Estavam todos maravilhados, incluindo Max.

— Muitos acreditam que as pirâmides foram construídas por Enoch, o grande patriarca pré-diluviano que terá sido, também, o arquitecto da cidade lendária de Zion construída em honra de YHWH. Foi também ele o inventor do calendário e do alfabeto. Para os egípcios, Enoch era chamado de Thoth, o senhor da magia e do tempo, e para os Gregos de Hermes, o mensageiro dos deuses. Prometeu regressar no fim dos tempos com as chaves do portão da terra sagrada. É curioso como muitas dessas lendas começam aos poucos a fazer sentido tal como peças de um puzzle que depois de juntas revelam, finalmente, a imagem que em cada um delas sempre esteve oculta.

— É muito interessante tudo isso que dizes — replicou Michel.

— O mais curioso, ainda, é que os egípcios, ao contrário daquilo que sempre pensámos, não estavam muito interessados na vida eterna no sentido espiritual, mas sim em criar, por processos genéticos, seres humanos mais perfeitos. Lembrem-se que os patriarcas bíblicos viviam séculos. Para eles o DNA, a árvore da vida como é referido na Cabala, veio das estrelas e às estrelas estaria destinado um dia regressar, depois de aperfeiçoado. Todo o conhecimento trazido por Enoch/Thoth sugere que os seres humanos estão destinados a evoluir para além da sua forma actual. Nas lendas egípcias faz-se referência aos “caminhantes das estrelas” que eram indivíduos que, tal como Enoch, viajaram para além do grande olho de Orion, como é referido, regressando para caminharem como deuses entre os homens. Sempre tive um fascínio muito grande por essas lendas e agora tudo pode ser real se esta cidade for a cidade dos deuses referida em muitas lendas de onde saíram os sobreviventes do último cataclismo global.

Depois de subirem as escadas do templo, entraram no santuário. Isabel fixou, de olhar deslumbrado, o crânio de cristal que se encontrava no centro sobre um altar. Max observou a sua expressão, aproximando-se dela.

— Porque olhas assim, esse crânio?

— Existe algo de mágico nestes crânios, sabias? Já há alguns anos que tenho um fascínio particular por eles. A minha última viagem ao oriente, por exemplo, foi feita a pensar num desses crânios que se encontrava num mosteiro budista, como te contei no jantar. No mosteiro fui recebida por um monge que me mostrou o crânio, dizendo-me que estes tinham sido criados pelos Atlantes a partir dos crânios originais que foram trazidos por uma civilização extraterrestre.

— Será que poderias falar um pouco destes crânios? — perguntou Michel olhando para ela.

— Sobre esses em particular não poderei dizer muito já que pouco sei a respeito deles. Sei que os originais foram trazidos por seres extraterrestres e entregues ao povo Lemuriano como um meio de contacto entre eles e todos os seres deste universo e de outras dimensões. Dizem que foi a partir desses crânios que, na Atlântida, foram feitos aqueles que se conhecem hoje.

— E sobre esses outros crânios, o que nos podes dizer? — insistiu ele.

— Existem dois tipos de crânios, três se considerarmos os originais: aqueles que foram feitos nos dias de hoje por processos conhecidos e os outros que foram descobertos em ruínas antigas. Apenas os crânios antigos possuem os poderes que muitas pessoas dizem experimentar quando estão na sua presença. Desses crânios antigos, o mais famoso é chamado Mitchell-Hedges. É uma cópia quase exacta do crânio humano, sendo feito de cristal, como todos os outros, e composto por duas peças, uma delas um maxilar removível. Foi encontrado nas ruínas da cidade Maia de Lubaantun em 1924 por Anna Mitchell-Hedges. Quando os nativos viram o crânio ficaram tão impressionados que o pai de Anna ofereceu-o à tribo. Em 1927, quando se preparavam para partir, o sacerdote da tribo devolveu o crânio a Mitchell-Hedges como forma de agradecer a comida, medicamentos e roupas. Um outro crânio famoso é conhecido pelo nome de Max.- Ela olhou para ele, sorrindo.- Os nativos americanos acreditam que o crânio tem 36.000 anos. Este é propriedade de um casal que vive nos Estados Unidos, no Texas. Foi encontrado numa câmara funerária antiga, na Guatemala, e entregue a um monge tibetano que o usou durante muitos anos como instrumento de cura. Antes de morrer ofereceu o crânio aos actuais donos, dizendo-lhes que um dia eles iriam compreender o verdadeiro significado dos crânios. Esse crânio é feito de uma peça de cristal de quartzo muito claro e é uma replica exacta do crânio humano. Depois existem os crânios que estão no museu Britânico e aquele que está no Trocadero.

— Mas não podiam os crânios ter sido falsificados? — perguntou Max.

— Não, Max. E tu sabes isso. Ninguém foi capaz de explicar como é que os povos do passado, que não dispunham dos instrumentos de hoje, foram capazes de os criar de forma tão precisa, ainda por cima contra o eixo natural do cristal o que significa que estes deveriam ter-se partido. Por isso, seria impossível falsificar esses crânios. Por outro lado, a parte mais intrigante dos crânios nem sequer é a sua perfeição, mas os efeitos psíquicos que provocam em muitas pessoas que, na sua presença, dizem ver imagens que estão registadas nos crânios, sejam

os povos da Atlântida e os Maias, como também seres extraterrestres e acontecimentos passados. Acredita-se que o cristal tem a capacidade de armazenar as imagens que o cercam e desse modo podem funcionar como uma memória viva desses tempos. Muitas pessoas têm a capacidade de ver essas imagens que foram registadas nos crânios.

— Desde quando te interessas por este tipo de assuntos? — perguntou uma vez mais Michel, curioso.

— Já nos tempos da universidade ela acreditava nestas coisas — disse Max num sorriso carinhoso. — Não te lembras?

— É verdade, Max — ela retribuiu o sorriso. — Muitas foram as nossas discussões sobre o assunto. Mas o meu interesse é muito anterior a esses tempos. Acho que comecei a interessar-me, embora no princípio de uma forma inconsciente, quando tinha quatro anos e a baronesa de Rothschild me ofereceu um pequeno Buda de porcelana. A minha mãe trabalhava como governanta e certo dia fui apresentada à baronesa no seu quarto. Fiquei tão fascinada pela imagem do Buda que o recebi de presente nesse mesmo momento. Para mim era algo de mágico, um talismã que levava para todo o lado. Depois, na adolescência, comecei a ler sobre o assunto e a praticar terapias meditativas e de relaxamento. Acho que devo ter escolhido o curso de arqueologia, em parte, por causa do meu fascínio pelas civilizações do passado. Creio que, no princípio, ainda muito iludida, tivesse julgado que depois de formada iria pelo mundo fora, descobrindo restos das civilizações do passado como a Atlântida.

— Consegues sentir alguma coisa na presença dos crânios? — insistiu Michel.

— Sim — ela sorriu. — Sinto uma paz muito grande, uma serenidade rara. É como se os crânios me confortassem.

— Eu não sinto nada de diferente — disse Max.

— É natural. Tu és o mais céptico entre nós.

Michel, curioso, tocou no crânio...

... No momento em que toquei no crânio, o santuário começou a ruir. Corri de imediato para o exterior, gritando para que eles me seguissem. Mas eles não me seguiram. Era como se estivessem paralisados. Corri então pelas escadas do templo, enquanto este ruía atrás de mim. Toda a cidade começou a abrir fendas e o tecto da enorme cavidade, onde esta se encontrava, acabou por ruir em blocos enorme de pedra que caíam à minha volta. Corri para a saída da cidade, subindo as escadas envolto numa nuvem de pó que tudo abafava. Quando cheguei cá fora, virei-me em pânico. Nada tinha restado. As três grandes pirâmides tinham-se afundado no buraco imenso que se formou, soterrando a cidade.

As lágrimas trilhavam agora o meu rosto, pois a razão começava a contabilizar o acontecido. Meu Deus! Eles tinham mesmo morrido, tinham ficado enterrados nos escombros daquela cidade.

Virei-me, então, encarando um homem de aspecto oriental que me olhava serenamente.

— Quem é você?

— Pouco importa quem eu sou.

— E o que faz aqui?

— O mesmo que ali e acolá. Existo!

— Não o compreendo — disse eu virando-me para o buraco. — Apenas sei que perdi os meus melhores amigos.

— E tendes vós a certeza dessa perda?

— Claro! Eu vi tudo.

— E o que julgais vós ter visto?

— Aquilo — apontei para o buraco.

— E tendes a certeza disso que vedes?

— Não compreendo essas perguntas. A cidade ruiu!

— Olhai à vossa volta — disse o homem. — O que vedes vós?

— O deserto, claro!

— *E tendes a certeza de existirdes aqui?*

— *Claro que tenho! — respondi, batendo com o pé no chão.*

— *Então porque estais comigo dentro desta gruta?*

— *Qual gru...*

Não queria acreditar no que os meus olhos viam. Estava realmente dentro de uma gruta. Como podia aquilo ser possível?

— *Como vedes, as certezas da razão pouco valem perante a grandeza do todo.*

A gruta era enorme, guarnecida de estalactites e estalagmites que faziam lembrar uma qualquer catedral gótica. Das estalactites pingavam gotas de água que se transformavam em minúsculos regatos, serpenteando depois pelo chão húmido. Aquele homem, possivelmente um lama, acendeu uma fila de velas e alguns paus de incenso, iluminando a estátua de uma Deusa. Tinha uma tiara, uns longos brincos, um colar, um olho na testa e olhos nas palmas das mãos e na planta dos pés, estando a mão direita estendida em sinal de compaixão. Diante da estátua, existia uma cavidade oval que tinha sido feita na rocha ao longo de milhares de anos pelas gotas que caíam do tecto, formando pequenos círculos concêntricos na superfície da água.

— *São as lágrimas da Deusa Tara que chora a queda do Homem que perdeu o seu lugar divino — disse o lama sem emoção.*

— *Onde estamos? — perguntei perdido no espaço e no tempo.*

— *Estamos no único lugar que existe, o Aqui e Agora.*

— *Então tudo isto é uma ilusão?*

— *Deixai-me dar a conhecer uma lenda tão velha como os Himalaias. Quero contar-vos esta história na presença da deusa Tara, por já termos entrado no seu ciclo — ele fez uma breve pausa, continuando. — A sabedoria oral, vinda do mosteiro de Tashi Lhunpo, assegura que há milhões de anos um certo número de seres sobre-humanos, veio até nós para acelerar o progresso do planeta e da humanidade futura. Eram corpos nascidos do espírito, quer dizer, tirados artificialmente da matéria originária, que*

podiam ser, ao mesmo tempo, tão pesados como o núcleo da Terra e tão leves e ardentes como o Sol. Eram gigantes de aparência divina. Entre esses anjos, encontrava-se Mara, a que vós dais o nome de Lúcifer, ou Satã. Tinha um papel importante: o de desenvolver o espírito concreto e a individualidade do Homem. Acabou por atingir o seu objectivo ao longo dos tempos, mas, quando os Bodhisattvas e Tara apareceram para elevarem o coração do Homem, ele recusou desaparecer diante deles. Foi a revolta de Satã contra os Mestres dos ciclos cósmicos. Desde então, Mara deixou de ter o título de Aquele que transporta a luz, ou Lúcifer, tornando-se o Príncipe das trevas. Têm agora os Bodhisattvas a dupla tarefa de combater as tentativas de Mara para sujeitar o Homem à Terra e de trabalharem para a elevação espiritual da humanidade, como determina a lei dos ciclos. A repugnância do Mestre Terrestre em colaborar com o Mestre do Sol e os Espíritos dos planetas, gerou uma crise cósmica. A humanidade deve presentemente tomar uma decisão acerca de como se irá orientar e recolher assim o Carma. Todos os povos vão ser obrigados a escolher entre os velhos caminhos das lutas fratricidas ou entre a nova ordem de uma fraternidade mundial. Compreendeis agora que a humanidade é um campo de batalha das forças celestes? Aqui tudo é ilusão, pois esse é o poder de Mara, o seu único trunfo perante a força divina... evidentemente que este é um ensinamento muito antigo, que foi incorporado em todas as religiões.

O frio que entrava pelas fissuras da gruta, gelava o ar que por ali corria em curvas apertadas, vivendo nas saliências aguçadas das cavidades mais recônditas.

— E porque me conta tudo isso?

*— Olhai atentamente para a água dessa bacia oval — insistiu o lama numa postura serena. - Mais atentamente... ainda mais atentamente...
OM MANI PADME HUM.*

Nesse momento, o reflexo da gruta desapareceu da água que mergulhou num nevoeiro denso.

— Quero revelar-vos os caminhos de Shambhala, pois a eles um dia terei que recorrer.

Vi então as imagens de uma ponte de fibras de vegetal entrançado, que atravessava um rio de águas indomáveis. Já não estava mais na

gruta com o lama, mas sim naquele lugar que desconhecia. Depois de ter atravessado a ponte, que baloiçou com o meu andar sem que me assustasse, caminhei por um desfiladeiro enorme coberto por colunas geladas que pendiam das encostas numa suavidade e beleza indescritível. Em algumas partes, as colunas juntavam-se em arcos perfeitos, formando um tecto de gelo que me envolvia numa harmonia tal, que mais parecia deslizar por uma qualquer floresta de árvores gigantes onde a luz do sol não penetrava. No final daquele desfiladeiro magnífico, entrei numa gruta que penetrou no coração da montanha. Os túneis eram iluminados por orifícios no tecto que traziam a luz do sol, numa construção perfeita demais para ter sido obra do acaso. Cheguei então a um vale interior, onde fontes de água quente irrigavam uma vegetação luxuriante que cobria por completo aquela enorme concavidade. As plantas brilhavam num colorido viçoso, perfumando o ar com odores suaves e deliciosos, enquanto o som da água tudo refrescava.

— *Aqui despertareis — disse o lama telepaticamente, num tom de voz hipnótico. — Aqui despertareis... despertareis... desperta... Michel, estás bem?... Vá lá, acorda...*

Max batia-lhe levemente no rosto suado para que ele recuperasse os sentidos.

— O que é que aconteceu? — perguntou Michel ainda atordoado.

— Não sei — respondeu Max, ajudando-o. — Quando tocaste no crânio, desmaiaste.

— Que coisa estranha! — ele levou a mão à cabeça. — Apenas me lembro de estar a olhar para o crânio... depois ficou tudo escuro.

— Não te lembras de mais nada? — perguntou Isabel.

— Não — disse ele, levantando-se já recomposto.

Isabel aproximou-se então do crânio, tocando-lhe.

...A pirâmide de Kusha reluzia, no dourado dos seus reflexos, iluminando parte dos jardins que a circundavam. Os lagos geométricos,

que ornamentavam todo aquele espaço perfumado, borbulhavam ao sabor de pequenas cascatas, refrescando o ar doce que por ali corria em sopros delicados. Tinha-me juntado a uma multidão de pessoas para ver passar os Sacerdotes da Humanidade, aguardando por eles debaixo do arvoredo espesso que tudo sombreava. Tinha vindo da Capital de propósito para os ver, justificando a minha ausência por questões de saúde, pois como cientista do império, não podia ter ligação alguma com aqueles que eram vistos pelo grande imperador Tazlavu como uma ameaça ao seu poder.

Um burburinho correu então a anunciar a chegada dos sacerdotes, levando-nos a convergir para a avenida principal. Os guardas tomaram de imediato posição junto dos passeios, impedindo que a multidão bloqueasse o caminho, enquanto os escribas do reino se colocavam junto das escadas da pirâmide, relatando tudo para o grande imperador.

Tentei colocar-me numa zona afastada, aguardando a passagem dos sacerdotes. Eles surgiram ao fundo da avenida, caminhando lentamente para a pirâmide. Eram doze, formando, na fusão das suas energias opostas, as seis consciências que, juntamente com a sétima, se tinham sacrificado pelo mundo. Os seus rostos sorridentes irradiavam uma paz que a todos contagiava, fazendo-nos despertar para um novo estado de consciência. Quando eles passaram, acenando para as pessoas que os louvavam, corri de lágrimas emocionadas na direcção do ser feminino de uma dessas consciências, ajoelhando-me junto de si.

— Por favor, não te ajoelhes a meus pés — disse Ela, ajudando-me a levantar. — Eu sou igual a ti.

— Peço-lhe, por tudo aquilo que tenho, que me ajude.

Ela conduziu-me até junto de um dos lagos, fazendo sinal aos guardas que se afastaram. Transportava nas mãos um cofre de onde irradiava uma luz suave.

— E porque me pedes ajuda? — perguntou Ela de olhar compassivo.

— Porque os médicos me disseram que não posso ter filhos. E isso é tudo o que eu quero; ter um filho.

As lágrimas voltaram a escorrer pelo meu rosto fechado, pingando em gotas profundamente sofridas.

— *O que me pedes, então? — insistiu Ela de expressão serena.*

— *Peço um milagre.*

— *Porquê um milagre?*

— *Porque sou estéril!*

— *Mas a esterilidade não te impede de ser mãe.*

— *Como assim!?* — *perguntei, confusa.*

— *Se essa vontade for verdadeira e profunda, a resposta despertará como a água nas fontes. Se isso acontecer, mostrando a sinceridade desse desejo, também um dia serei, para ti, como uma filha.*

Por momentos fiquei em silêncio, pois não compreendi o significado daquelas palavras.

— *Gostaria de lhe oferecer este colar — disse finalmente. — É aquilo que de mais precioso possuo.*

Ela pousou o cofre, estendendo a mão para receber o colar. Abriu depois o cofre onde, junto de uma pedra citilante que se encontrava no seu interior, colocou o colar que lhe tinha oferecido.

— *Que o colar simbolize esta aliança que faço contigo — Replicou a parte feminina de uma das consciências que se tinha sacrificado por todos nós. E logo pegou no cofre, afastando-se.*

E foi então que, ao regressar a casa, vi uma criança abandonada que pedia esmola junto de uma estátua. Parei. Ela estendeu um pequeno cesto de verga, fixando os seus olhos negros e redondos no meu olhar embaciado.

— *Uma moeda, por favor. Tenho fome e estou sozinho...*

— *Uma moeda não te dou — disse eu num sorriso que despertava. — mas se tiveres fome, dar-te-ei de comer...*

...Isabel saiu daquela espécie de transe, olhando Michel e Max que a observavam. Que experiência aquela, pensava ela maravilhada

com a revelação que tivera. Procurou então pelo cofre que se encontrava num dos extremos da sala, pegando neste.

— Este cofre lembra-me aquele que Morya segura num dos quadros de Nicholas Roerich chamado Burning of Darkness. Olhar para ele traz-me uma paz muito grande.

Depois de contemplar o cofre por alguns momentos, abriu-o. E assim ficou, de olhar preso neste, com as lágrimas a escorrerem pelo rosto numa emoção que ela não foi capaz de conter. Lá dentro encontrava-se o colar e o espaço vazio outrora ocupado pela pedra que ela tinha visto nas imagens. O colar tinha preso na ponta uma dupla estrela de David, com as suas doze pontas, e no centro da estrela o olho de Hórus.

Sem hesitar, posou a caixa e pegou no colar, colocando-o.

— Sei que isto não se deve fazer, mas este colar pertence-me. E não me perguntem porquê.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Max, confuso que estava com tudo aquilo.

— Não — disse Isabel limpando as lágrimas. — É apenas a emoção de estar aqui.

Michel pegou, entretanto, na caixa olhando para o seu interior.

— Parece que falta algo, sabes o que é? — perguntou ele.

— Sim. É aquilo que no oriente se chama de pedra de Chintamani.

— E que pedra é essa?

— Segundo as lendas, foi trazida, junto com outras duas, por viajantes das estrelas, sendo feita por matéria de um dos mundos da constelação de Orion. O material de que é constituída, é sensível às vibrações espirituais. Fala-se que as três pedras eram como um farol no mundo, trazendo para todos a presença de Maitreya. Segundo a lenda, essa pedra encontra-se na torre da cidade intraterrena de Shambhalla, servindo como barómetro espiritual da humanidade. Diz-se que as pedras foram entregues ao imperador da Atlântida, seguindo para o Egipto após o dilúvio. Fala-se também que eram essas pedras que estavam no centro do trabalho de Seraphis Bey realizado no Templo da Ascensão, em Luxor.

Isabel, percebendo que não tinha mais nada para fazer ali, deixou o santuário, descendo as escadas do templo. Estava agora consciente que a sua busca teria que ser outra. Iria tornar-se arqueóloga de uma outra escola que não aquela onde o vazio se tornava presente sobre a força de uma existência pouco espiritual; onde os objectos e artefactos eram valorizados em detrimento do significado profundo que estes encerravam, pois se tudo aquilo tinha sido criado por uma civilização que não existia mais, por maior que fossem os seus feitos, também esta se poderia desintegrar sobre o peso da sua arrogância e da prepotência e egoísmo que sempre a deformou como raça, condenando-a pela sua própria irracionalidade.

5

Dois dias depois, já a descoberta da cidade se tinha espalhado pelo mundo. A imprensa mundial convergira em massa para o Egito, todos desejosos de uma entrevista com os arqueólogos que a tinham encontrado. Max e Michel delegaram essa tarefa a Isabel que, contra a sua vontade, acabou por aceder a dar uma conferência de imprensa conjunta de modo a esclarecer o mundo sobre o significado da descoberta, embora apenas o tenha aceitado por respeito eles os dois, já que, aos poucos, ia-se sentindo cada vez mais distante de tudo aquilo.

Na hora combinada, os três apresentaram-se numa enorme sala que se encontrava cheia. Era, sem dúvida alguma, o acontecimento do século. Isabel trazia na mão o manuscrito que o homem deixara sobre a mesa no tombadilho do barco quando viajava pelo Nilo, tendo algumas páginas marcadas. Olhou depois a assistência de expressão serena e tranquila. De alguma forma, por já se ter distanciado de tudo aquilo, nada mais a poderia perturbar, nem mesmo o ceticismo de muitos dos jornalistas.

— Sei que para vocês este é um momento muito importante. O mundo não fala de outra coisa. Não estou, no entanto, muito certa se esse mesmo mundo compreendeu a verdadeira importância destas descobertas, já que estas implicam uma reflexão profunda sobre tudo aquilo em que sempre acreditámos. Naquela cidade subterrânea não foram apenas encontrados objectos científicos de uma execução muito superior à nossa. Ali está, também, o levantar do véu sobre um passado que sempre preferimos ignorar para não pormos em causa os alicerces onde fundeámos as nossas crenças, e crença é algo que não é exclusivo das religiões mas também da ciência.

» — Sempre tomámos a existência da Atlântida como uma invenção, uma mistificação alimentada por um filósofo do passado, ignorando, no entanto, que o conhecimento da sua existência não estava apenas confinado a um livro, mas encontrava-se espalhado pela cultura de vários povos, muitos deles sem terem tido um contacto directo entre si, e por isso, sem a possibilidade de uma contaminação cultural. Os Méxicas, por exemplo, tribo que mais tarde veio a dar origem aos Astecas, acreditavam que os seus antepassados tinham vindo de um país chamado Aztlan. O livro sagrado dos Maias, por outro lado, Popol Vuh, contém um relato de uma visita que os três filhos do rei Quitzés fizeram a uma terra situada... — ela leu a partir do manuscrito. — *«a Este, nas margens do mar, da qual os seus antepassados tinham vindo»*. Segundo o relato, trouxeram desse país diversas inovações nas quais se incluía um sistema de escrita. Na Venezuela existe uma tribo de índios, os Párias, que acreditam que o seu povo provém de uma ilha no oceano Atlântico que, em tempos remotos, foi destruída por um terrível cataclismo e cujo nome era Atlan. Como podemos ver, a recordação desse passado manteve-se viva na cultura de muitos povos. Mas essa semelhança cultural, que relata uma mesma realidade, não se fica pela Atlântida como espaço físico, mas também pela sua destruição. Esta é referida em quase todas as culturas do mundo através da mítica história do dilúvio. A de Noé todos conhecem e por isso abstenho-me de a referir, mas existem muitas outras. Na mitologia grega, por exemplo, os deuses inundaram o mundo, destruindo a raça humana devido à sua maldade. A lenda diz o seguinte: *“Quando Zeus quis destruir os homens da idade*

do Bronze, Deucalião, advertido por Prometeu, construiu uma arca e, depois de armazenar o necessário, entrou nesta com a sua mulher(...) Mas Deucalião, na arca, depois de flutuar durante nove dias e nove noites, tocou terra no monte Parnaso. Quando cessaram as chuvas desembarcou e ofereceu um sacrifício a Zeus”. Temos também o dilúvio Babilónio que relata algo semelhante à história de Noé. Podemos assumir, sem grande erro, que todos estes relatos nasceram de uma só história, pois eram povos que viviam numa mesma região, no entanto, o relato do dilúvio vai muito para além das fronteiras do médio oriente e área circundante. O Popol Vuh, por exemplo, livro sagrado dos Maias, relata um acontecimento semelhante, dizendo: “*Certo dia a terra tremeu e uma forte chuva caiu sobre a terra. As árvores e as casas caíram despedaçadas, as cavernas inundaram-se e o dia transformou-se em noite cerrada*”. No Mahabharata, texto hindu, relata-se como Brama avisou Manú, pai de todos os homens, de um grande dilúvio se avizinhava. Disse-lhe que deveria construir uma embarcação e colocar nesta “*os sete Rishis (Sábios) e todas as sementes especificadas pelos antigos grahamanes*”. Todas estas lendas falam de uma embarcação que teria resgatado certos homens da Atlântida. Essas figuras, no entanto, não representam pessoas individuais. Noé não é uma figura histórica mas um povo, assim como Adão e Eva que são a representação alegórica da terceira raça da humanidade, aquela que hoje chamamos de raça Lemuriana.

» — Temos, assim, um cataclismo que assolou um vasto lugar e um povo que, por ordens de Deus, construiu embarcações para salvar parte da humanidade e assim dar corpo à nova raça que se veio a formar depois do dilúvio, a nossa raça actual. Mas nem todos conseguiram fugir nas embarcações destinadas à fuga. Alguns relatos de outras culturas atestam-nos que, nos últimos tempos, alguns povos foram resgatados por seres que sempre foram vistos como divindades; seres extraterrestres que nos acompanharam desde sempre. Várias são as tribos das Filipinas, por exemplo, que acreditam que os primitivos homens que eles chamam de “atás” morreram afogados depois das águas terem coberto a terra, à excepção de uma mulher e um homem que foram salvos por uma águia que se ofereceu para transportá-los sobre as suas asas. Os esquimós, por outro lado, têm uma lenda semelhante. Acreditam que os seus

antepassados viviam num outro país, mas que devido a um grande dilúvio as pessoas morreram, salvando-se apenas aquelas que foram levadas por enormes pássaros. — ela fez uma pausa olhando a plateia que a ouvia em silêncio. — Se é verdade que os objectos encontrados, assim como a própria cidade, são legados dos povos da Atlântida, estes, num período anterior, foram ofertados à humanidade de então pelos seres extraterrestres que sempre nos acompanharam e que, no passado, eram vistos como divindades, o que seria natural, já que o avistamento e o contacto com esses seres estaria sempre condicionado pela visão limitada de um povo que não poderia ir para além dos seus arquétipos. São estes que nos permitem interpretar o mundo, colocar cada coisa no seu lugar. Se somos confrontados com algo que nos é estranho, tentamos definir essa estranheza à luz daquilo que conhecemos, distorcendo, naturalmente, a verdadeira realidade do que é observado. E várias são as referências a esses seres que se deslocavam em carros voadores. Os deuses da zona do Pacífico, por exemplo, desceram do espaço entre trovões, relâmpagos e estrondos. Na mitologia chinesa temos os dragões que simbolizavam a divindade ou a imortalidade. Os Sumérios, Persas e Egípcios, adoravam os “deuses celestes” que eram representados graficamente com rodas, esferas aladas e “barcas voadoras”. Uma das lendas do Tibete começa com as seguintes palavras: “*Há milhões de anos um certo número de seres sobre-humanos, vindos de um outro mundo superiormente evoluído, veio para a Terra para acelerar o progresso do planeta e da humanidade futura*». Mas de todos os povos, aquele que mais referências faz a esses seres é o povo indiano. As suas escrituras remontam a um passado difícil de definir, relatando histórias anteriores às mesmas. Nos cânticos do Syavasva, no Rig-Veda, num dos hinos dedicados aos Deuses, é dito o seguinte: — ela folheou o manuscrito na procura da página certa.

«Louvados sejam os que cresceram no vasto aéreo ou no vasto espaço do grandioso céu... Vinde, marut, vinde do céu, do ar, da vossa morada; não vos retireis para o remoto! Vós, homens relampejantes com os vossos pétreos projecteis, violentos como o

vento, vós, marut, de cólera trovejante! Vós percorreis as noites, os dias, exercitais-vos no ar, no espaço das lançadeiras. Quando atravessais as planícies e as regiões intransitáveis, marut, nunca sofreis danos. Quando, equilibrados marut, homens do sol, homens do céu, largais em desenfreada cavalgada, vossos corcéis nunca afrouxam a corrida. Num só dia alcançais o fim do caminho. Escutai, marut, a vossa grandeza é digna de ser honrada, o vosso semblante digno de contemplar, como o do sol. Vós cruzais potentemente o espaço aéreo. Nascidos juntos, criados juntos, tendes boas proporções para crescer em beleza! Nem montanhas, nem correntes vos detêm. Vós, marut, ides sempre onde vos propondes. Percorreis o céu e a terra...”

— Essas escrituras, desde os Vedas até às epopeias do Ramayana e do Mahabharata, estão repletas de referências aos seres divinos que voavam em carros voadores. No Rig-Veda fala-se da comodidade dos veículos, do facto de se poder voar com estes para todos os lados assim como atravessar as nuvens mais altas. Descreve-se de uma forma pormenorizada esses mesmos veículos que eram, geralmente, feitos de metais nobres, como o ouro. Mas as escrituras vão muito mais longe, não se ficando pela descrição de veículos voadores mas também de cidades no espaço. No terceiro capítulo do Sabhaparvan, um texto que faz parte do Mahabharata, é dito que Maya, aquele que era considerado como o arquitecto dos Asuras, projectou um salão nobre feito de ouro, prata e outros metais que foi enviado para o céu com 8000 tripulantes. Faz-se referência, igualmente, à cidade de Kuvera que era considerada como a mais bela da galáxia, medindo, depois de se converter para as medidas de hoje, cerca de 550 por 800 quilómetros. Refere-se que esta estava suspensa no ar, repleta de inúmeros edifícios com reflexos dourados. Nesse mesmo texto é dito que, os seres divinos viviam em enormes cidades no espaço de onde saíam vários veículos. Uma dessas cidades, de nome Hiranyapura, girava permanentemente sobre o seu eixo. Fora construída por Brama, possuindo armas horríveis, desconhecidas dos humanos. No quinto livro do Mahabharata, existe um relato curioso a respeito dessas armas:

“Abrasado pela incandescência da arma, o mundo retorceu-se e serpenteou. Os elefantes crestaram e caminharam cambaleantes, a água ferveu, todos os peixes morreram... as árvores desfaleceram umas atrás das outras, cavalos e carros arderam... ofereceu-se um panorama estremecedor... os cadáveres tinham ficado mutilados pelo calor horrendo, pareciam nunca ter sido seres humanos. Nunca houve arma tão horripilante! Nunca acreditámos que pudesse existir semelhante arma!”.

Um dos muitos jornalistas levantou o braço.

— Sim?

— Essas histórias que nos apresentou são certamente impressionantes. Mas não poderão elas ser fruto da imaginação de alguém? — perguntou ele com um certo tom de ironia, ao que se seguiu o sorriso de uns tantos outros.

Isabel ficou tranquila. Nada daquilo a podia tocar por ela já se ter desapegado o suficiente, de modo a não ficar dependente das críticas ou das opiniões alheias. Uma tranquilidade que irradiava por toda a sala, a tal ponto que a maioria dos jornalistas não riu com o comentário feito por um deles.

— Quando os índios da América do Norte, por exemplo, viram pela primeira vez uma locomotiva, sabe que nome lhe deram?

— Não.

— Chamaram-lhe ‘cavalo de fogo’. Qual seria a sua reacção se daqui a mil anos estivéssemos a conversar sobre a cultura desse povo, em particular sobre um texto encontrado que falava do cavalo de fogo, dizendo-se que este atravessava a planície deitando fumo pela cabeça. Que andava sobre as suas próprias pegadas. Que a sua voz era como a do trovão estremecendo os montes onde os índios viviam. É verdade que poderia concluir que pelo facto de não existirem cavalos de fogo

tal relato só poderia ser fruto da imaginação desse povo, algo justificado pelas suas várias superstições. No entanto, apesar da sua descrença e do seu cepticismo, esse relato falava de algo bastante concreto: uma locomotiva. Neste tipo de assuntos, temos que ter uma mente aberta, porque senão limitar-nos-emos a repetir as fórmulas do passado. Creio, no entanto, que esse é um esforço individual de cada um de vós. Não esperem que a verdade seja servida de bandeja. Compete a cada pessoa descobrir, — e uso esse relato dos índios como analogia — se ‘cavalo de fogo’ é uma pura mistificação, ou se, pelo contrário, se trata de uma locomotiva. Eu fiz o que me competia: relatar essas histórias do passado para que pudessem compreender que a cidade e os objectos encontrados têm uma outra origem. No entanto, são os senhores que irão escolher o caminho a seguir e, assim sendo, se concluírem algo de diferente, fechando os olhos para esta realidade, e os objectos estão aí como testemunho disso mesmo, pois que o façam. Aquilo que concluírem já não é da minha responsabilidade. O que eu tinha que dizer, está dito.

Isabel levantou-se, terminando a conferência de imprensa. Alguns jornalistas ainda tentaram fazer mais perguntas, mas ela não acedeu aos seus pedidos. Tinha feito o que lhe competia e agora podia partir em paz. Os resultados, esses, não lhe pertenciam. Saber das conclusões dos jornalistas, da posição dos cientistas ou dos governos do mundo, das opiniões e das críticas, era algo que não lhe dizia respeito e isso dava-lhe uma liberdade como nenhuma outra.

Uma hora depois já ela estava em casa de Max, pronta para a viagem de regresso a casa.

— Tens mesmo que partir? — Perguntou Max, quando ela entrou na sala de mala na mão.

— Sim, Max. Este não é mais o meu mundo. Não poderia continuar a procurar artefactos, quando compreendi que não é esse tipo de tesouros que importa procurar. Como já te disse, quero ser “arqueóloga” de outras buscas. E tu sabes do que eu estou a falar.

— E o que vais fazer agora?

— Vou regressar a Paris e depois logo vejo.

— Eu levo-te ao aeroporto — disse Michel.

— Infelizmente não te poderei acompanhar, já que tenho uma reunião agendada para falar de tudo isto — retorquiu Max.

— É melhor assim — ela sorriu tenuamente.

— E nós? — perguntou ele num tom diferente.

— Bom... — disse Michel descodificando aquele tom. — Eu vou levar as malas para o carro. Estou lá fora à tua espera.

E saiu, deixando-os sozinhos.

— Nós? — perguntou Isabel.

— Tu sabes que eu sempre te amei, não sabes? — Disse ele de olhos nos seus.

— Não, Max. Nunca o soube, mas fico feliz por saber agora.

— Eu julgava que sabias. Que nunca disseste nada apenas para não me magoares.

— Magoar-te? — Ela sorriu de uma forma carinhosa. — Como podia eu magoar-te, se sentia o mesmo por ti.

— Também me amavas?

— Oh, Max! — ela colocou ambas as mãos em volta do seu rosto, beijando-o levemente nos lábios. — Amava-te, não. Eu amo-te! Sempre foste para mim o meu único amor. O Bernard foi uma desculpa, uma fuga, por julgar que apenas vias em mim uma amiga.

— Será possível que tenhamos desperdiçado a nossa felicidade por covardia?

— Vejo que sim. Contar-te naquela altura o que sentia por ti seria, julgava eu, colocar-te numa situação constrangedora, algo incompatível com o amor que sentia por ti.

— Ainda vamos a tempo de corrigir esse erro — ele pegou em ambas as suas mãos. — Fica.

— Tu sabes que não posso. Os nossos caminhos são hoje diferentes.

— Espero, pelo menos, que nos voltemos a ver.

Ela sorriu.

— Se assim tiver que ser, certamente que nos veremos de novo.

Ela abraçou-o e depois beijou-o. E, sem mais tempo para despedidas, que tornariam insuportável a partida, saiu sem olhar para trás, indo rumo ao seu novo destino.

6

Isabel viajava de táxi, vinda de Orly. A sua mente divagava nos acontecimentos do Egípto, na distância que aos poucos se instalava sobre tudo aquilo que ela sempre tivera como certo. Os seus olhos, nublados numa expressão vincada e pensativa, perdiam-se na paisagem citadina como se recusassem fixar cada detalhe daquele mundo prestes a esmorecer-se. Cada vez mais, como um leve murmúrio dentro de si, ela sentia essa força interior que lhe ordenava que partisse e que deixasse tudo aquilo que conhecia, abraçando os novos caminhos que se anunciavam.

O táxi seguiu pela A6 até ao periférico, circulando ao ritmo do intenso tráfego que convergia para a capital. Saiu na porta de Lilas, contornando a praça Du Maquis Du Vercors. Momentos depois, já estava no Boulevard D'Algérie, levando-a até à avenida Porte Brunet onde parou. Isabel saiu do táxi, entrando pela porta principal do edifício onde morava e que dava para um pequeno terraço interior. Subiu depois até ao sétimo andar num elevador estreito e barulhento, entrando em casa.

Uma hora depois, saiu de casa. Queria reflectir sobre tudo aquilo que lhe tinha acontecido no Egípto; sobre as verdades que o seu

consciente ainda não compreendia mas que tocavam bem fundo no seu ser. E como para ela a melhor forma de reflectir sobre a vida era estar em movimento, resolveu caminhar.

Subiu pela Avenida Porte Brunet, atravessando o antigo periférico. O andar sereno fazia transparecer a nostalgia do seu olhar difuso, petrificando o rosto numa expressão compenetrada e distante. Quando passou pela florista, o cheiro das fragrâncias transportou-a nas recordações do Vale das Flores, mergulhando a sua mente nas memórias saudosas desse momento tão perfeito, mas tão distante. Atravessou depois o Boulevard Serurier, seguindo, sem pressa, pela rua Général Brunet. Alguns pombos pinicavam junto das árvores plantadas em pequenos círculos cobertos de grades, esvoaçando para além da linha do seu andar. A rua terminava na praça Rhin et Danube onde se encontrava a estação de metro com o mesmo nome.

Depois de ter aguardado alguns minutos no apeadeiro da estação, apanhou o metro da linha 7 Bis, sentando-se nos bancos arqueados. O seu rosto fechado ia colado no vidro que reflectia todo o interior, revelando o olhar ensonado das pessoas que ali existiam vagarosamente, apesar do extremo *stress* das suas vidas mecanizadas. As estações, essas, foram deslizando perante o seu olhar vazio que permanecia indiferente a tudo. Até os enormes cartazes de publicidade que feriam a vista com cores e formas provocantes, se desvaneciam diante de si. Saiu depois na estação de Jaurès, percorrendo alguns corredores por onde o ar serpenteava em remoinhos traiçoeiros. O elevador levou-a à parte superior da estação onde o sol se reflectia na estrutura metálica que fazia lembrar as construções de Eiffel. Apanhou então o metro da linha 2 que corria pela superfície de Paris em viadutos que se elevavam acima dos passeios. Por ela deslizou o canal D'Ourcq que mergulhava em túneis subterrâneos antes de desaguar no Sena, as linhas de comboio da Gare Leste e Nord e os edifícios velhos daquela parte de Paris que aos poucos ruíam na idade da sua existência. Saiu depois na estação de Anvers, subindo até ao Boulevard Rochechouart onde se encontrava o Elysée Montmartre. Aquela era uma das zonas mais críticas de Paris, não só pela criminalidade que se tinha agudizado com o desemprego

crescente, como também pela droga e prostituição que se propagavam desde o Pigalle. Seguiu vagarosamente pela rua Steinkerque até à praça de St. Pierre onde um carrossel, vazio de crianças, rodava diante do olhar indiferente de quem por ali passava. Do outro lado, um parque infantil, com o chão de cor de areia, servia de palco a alguns miúdos que brincavam na inocência da sua idade, enquanto outros se entretinham a dar de comer aos pombos que por ali esvoaçavam. Mas havia uma tristeza no rosto das pessoas, resultado da incerteza de quem não sabia, ainda, o que esperar da crise que tinha tocado a Europa e o Mundo e que parecia ter vindo para ficar. Eram poucos, senão mesmo nenhuns, os turistas que por ali andavam. O vazio das ruas de Gizé repetia-se no olhar fechado das pessoas que cruzavam aquele espaço sem marcarem a sua presença. Ela subiu depois até ao Square Willette que se estendia no empedrado de três corredores de escadas, serpenteando na relva curta e aparada onde alguns estudantes dormitavam. Ao longo das escadas, vendedores ambulantes comercializavam desde chapéus e malas, até miniaturas dos monumentos de Paris. Mas ninguém comprava coisa alguma. No topo, uma pequena fonte borbulhava na frescura da água que caía em finos fios de um prateado cintilante. Isabel ficou alguns momentos a olhar as figuras que seguravam toda a estrutura, mergulhando, de novo, naquele vazio que tomara conta de si. Sabia que não pertencia mais àquele mundo e por onde não queria mais caminhar, mas nada sabia dos novos caminhos. Era como se estivesse numa espécie de limbo, entre o passado e o futuro. Continuou depois a escalar a colina Montmartre até ao Sacré Coeur, sentando-se no topo das escadas. Os seus olhos fixaram-se no horizonte de Paris, vislumbrando o bico da Torre Eiffel por cima das casas que ladeavam as escadas da rua Foyatier, e mais longe, por entre a neblina da cidade, a Torre de Montparnasse, Notre Dame e o Panthéon. A sua mente fechou-se novamente nas memórias do Egipto e no simbolismo de cada momento. Era como se as respostas para essas incertezas estivessem dentro si. Sabia que aquilo que era verdadeiramente importante não passava pela busca de artefactos em túmulos antigos, mas por um despertar interior que a levasse rumo ao seu verdadeiro destino. Nada sabia, no entanto, desse destino, mas, uma vontade de partir e tudo deixar para trás, crescia nela com tal força

que era impossível ignorar essa voz que vinha de dentro. Essa vontade, contudo, chocava, ainda, com os seus apegos, pois deixar os seus pais seria muito penoso, em particular para eles. Mas se assim tivesse que ser, nada a poderia prender a esse passado que aos poucos se esfumava como se tivesse sido apenas um sonho. Mas partir para onde? - pensava ela de olhos no horizonte de Paris que se estendia a seus pés.

Depois de muito pensar sobre o que sentia, levantou-se, caminhando pela rua Du Cardinal Guibert. Do lado direito, erguia-se a fachada lateral do Sacre Coeur, com as suas gárgulas feitas de figuras demoníacas que expurgavam do edifício, assim diziam, todos os espíritos malignos. Virou depois à esquerda, na rua Du Chevalier De La Barre que se encontrava vazia. Outrora, os comerciantes vendiam por ali todo o tipo de recordações em pequenas lojas que os turistas tomavam de assalto, mas agora apenas o vento marcava presença. Já na rua Du Mont-Genes, passou diante do célebre cabaré e restaurante La Bohème, frequentado por quase todos os artistas do princípio do século XX, como Picasso, Max Jacob, Modigliani e tantos outros. Do lado direito, ficava a praça Du Tertre, circundada em tempos por dezenas de pintores que ali ganhavam a vida desenhando retratos ou recortando silhuetas em cartão. Mas a falta dos turistas esvaziara a praça de toda a sua alma e apenas alguns pintores, mais persistentes, ali se encontravam.

Isabel sentou-se na esplanada do café Le Sabot Rouol, ficando de frente para a praça. Os seus olhos ainda reflectiam as dúvidas sobre aquele novo destino que se pronunciava diante de si.

Uma mulher aproximou-se, entretanto.

— Gostava que ficasse com este livro — disse ela, sorrindo levemente.

— Não, não quero comprar — retorquiu Isabel sem olhar para ela.

— Não estou a tentar vendê-lo — insistiu a mulher, entregando-lhe o livro. — É uma oferta.

Isabel olhou para ela, reconhecendo-a, embora não se lembrasse de onde. Fixou depois o livro, folheando-o. Tinha poucas páginas e todas elas estavam em branco. Na capa, de um tom lilás profunda, estava escrito “A Chave de Andrómeda”.

— Porque é que me oferece este livro? — perguntou Isabel erguendo os olhos, mas a mulher já tinha partido. Fixou novamente o livro.

Um livro com páginas em branco como se estivesse para ser escrito, pensava ela. E talvez na escrita do mesmo, esse novo caminho que ela tanto desejava encontrar, lhe pudesse ser revelado. Assim que terminou o café, levantou-se, caminhando pela praça. Acabou por parar diante da bancada de um dos poucos pintores que ali se encontravam, fixando um quadro. Neste, estava retratada uma montanha sobre a qual nuvens de forma circular a envolviam como se de uma coroa se tratasse. A imagem magnetizou-a num arrepio que se fez presente. Era para ali que teria que ir.

— Desculpe interrompê-lo! — disse ela para o pintor que desenhava algo numa bloco pousado sobre o colo. — Que montanha é aquela? — Isabel apontou.

Ele fixou-a. Pelos traços do seu rosto percebia-se que não era francês, mas de um país Sul Americano.

— Quer comprar? — perguntou ele.

— Não, não... queria só saber de que montanha se trata.

— É o Monte Shasta que fica no norte da Califórnia. Estive lá há cinco meses atrás e é um lugar muito bonito.

Isabel sorriu, agradecendo. Já tinha um destino e podia finalmente partir.

CAPÍTULO II

1

ISABEL VOAVA RUMO À CIDADE DE SACRAMENTO NA CALIFÓRNIA. O seu olhar perdia-se nos focos de nuvens que deslizavam serenamente por baixo do avião, mergulhando a sua mente na leveza daquela nova realidade que nela despertava. Deixara tudo aquilo que tinha sido até então: as pessoas com as quais construía uma identidade, as memórias fragmentadas na diversidade de uma existência feita de muitas histórias. Partira sem olhar para trás, sem se apegar às coisas do passado que não lhe pertenciam mais, mesmo sabendo que iria ser muito difícil para os seus pais. Ia agora a caminho de si mesma, da função e da tarefa que lhe competia cumprir. Tarefa essa que passava por escrever as páginas em branco daquele livro que lhe tinha sido entregue. Recordou então, pela primeira vez, de onde conhecia a mulher que lhe entregara aquele livro em Montmartre...

...Recordava com especial carinho os momentos que tinha passado no Château onde os meus pais trabalhavam, embora as imagens desse tempo se distorcessem numa visão infantil, pois tinha cerca de dois anos quando eles chegaram a França, vindos de Portugal. Tinham partido praticamente com a roupa do corpo, passando a fronteira a salto, rumo a um futuro feito de esperança, acabando por se instalar na propriedade dos Rothschild, em Ferrières. Das minhas memórias desse tempo restaram alguns fragmentos isolados, como os momentos que passava na cozinha do Château, construída

numa casa à parte, por causa do cheiro da comida. Recordava, com particular clareza, os momentos em que atravessava um pequeno carril subterrâneo que levava a comida da cozinha para o palácio, onde depois era colocada em travessas e servida no grande salão de jantar. O quanto eu adorava fazer aquela pequena viagem através do túnel que ligava os dois edifícios, ou então brincar pelos salões quando os Rothschild estavam ausentes, correndo pelo emaranhado de corredores sem fim. Quando o trabalho era pouco, os meus pais levavam-me para a pequena ilha do lago junto do cais, fazendo-me sentir dona de tudo aquilo; senhora daquele pequeno paraíso feito de fantasias infantis e sonhos sempre presentes.

Quando tinha quatro anos, os Rothschild mudaram-se para um chalé junto do Château, deixando este para os turistas e curiosos. Com eles foram os meus pais que passaram a tomar conta da propriedade. Quando os barões estavam ausentes, adorava brincar no chalé, especialmente no jardim de inverno onde existiam alguns bancos com a forma de carneiros que eu montava em fantasias várias. A minha mãe andava sempre atrás de mim, tentando fechar-me na cozinha, pois temia que mexesse nas peças de decoração que se espalhavam pelos salões e que valiam fortunas. Mas aquela era o meu pequeno reino.

Certo dia, estava eu a brincar no jardim, quando a minha mãe me veio buscar, levando-me até junto da baronesa que queria conhecer-me. Subi por umas escadas em caracol que davam para o piso superior, percorrendo depois um pequeno corredor ladeado com alegorias chinesas e quadros com flores. Ao fundo, ficava o quarto da baronesa de Rothschild. Lá dentro, fui invadida pela frescura dos tons rosa que decoravam as paredes, os sofás e a colcha da cama, tudo ornamentado com pássaros e flores. Do lado esquerdo, um móvel chinês servia de suporte a dois vasos de loiça Ming, reflectindo o estilo oriental de todo o quarto. A janela dava para o lago, preenchendo o ar com a frescura da brisa que subia desde as águas límpidas que, lá em baixo, adormeciam na serenidade de uma vegetação luxuosa. A baronesa estava sentada à secretária, virando-se para mim num sorriso acolhedor. Quando me aproximei, os meus olhos fixaram-se maravilhados numa peça de porcelana que se encontrava sobre a secretária, expressando a figura de um homem gorducho que olhava o vazio numa compaixão infinita. A baronesa ao ver o fascínio que aquela figura me provocara, ofereceu-me, num gesto simpático. Mal sabia eu que iria ser aquela pequena peça a

despertar em mim a curiosidade pelo misticismo oriental. Mas havia algo mais nessas memórias. Algo que tinha esquecido mas que agora despertava numa lufada de ar libertador. Tinha deixado cair a peça quando estava na cozinha, espalhando pelo chão os cacos daquela figura agora deformada. Em pânico, corri até junto de minha mãe com os pequenos pedaços. Ela disse-me que nada havia a fazer, ferindo-me inconscientemente, pois aquela figura era tudo para mim. Corri então desesperada para junto do lago, arrastando, atrás do meu andar desembaraçado, um carreiro de lágrimas que me molhavam a alma. Que podia eu fazer? Foi então que uma mulher de olhar iluminado se sentou junto de mim, na margem do lago. O seu rosto deixava transparecer uma paz que me tranquilizou, revelando, no seu ar sereno, imagens de um futuro que só agora começava a compreender. Ela agarrou nos cacos que eu tinha espalhado pela relva aparada, fechando-os entre as mãos num brilho azulado. Quando estas se abriram, revelaram a figura do homem gorducho que voltava à forma inicial da sua existência... claro! Aquela mulher era a mesma que me oferecera o livro em Montmartre. Era dali que a conhecia...

...Ainda imersa naqueles pensamentos, Isabel podia perceber em si uma dor antiga que sempre a impediu de mergulhar mais fundo na sua dimensão espiritual, como se um medo ancestral a bloqueasse. Desde aquele momento em criança, quando a sua curiosidade por esse outro lado da Vida se começou a manifestar, Isabel acabou sempre por ficar pelo lado mais superficial, pela busca formal e intelectual de uma espiritualidade que lhe dissesse coisas. Recusava aprofundar o contacto com o silêncio dentro de si, como se este pudesse desvelar um poder que ela temia não ser capaz de controlar e com isso prejudicar quem estivesse à sua volta. Era certamente uma memória antiga, uma culpa que ela trazia sobre os seus ombros que ali, naquela viagem, se tornava mais visível, como se estivesse a emergir para poder ser curada.

O avião fez escala na cidade de Los Angeles, antes de seguir para Sacramento. Enquanto esperava que este voltasse a descolar, Isabel folheou uma revista, acabando por se deter num artigo que falava sobre o turismo religioso no mundo e em particular sobre Fátima, em Portugal.

...Cheguei ao aeroporto de Faro por volta das dez da manhã, vinda de Paris. Mais uma vez tinha discutido com o Bernard, partindo para a casa de meus pais que me aconselharam passar alguns dias em Portugal. Aproveitei a viagem para ver os meus avós que viviam numa pequena aldeia a escassos quilómetros de Mértola. Estava disposta a passar ali quinze dias, sintonizando-me com a paz do Alentejo profundo onde facilmente esqueceria os tormentos de um casamento moribundo.

Depois de ter deixado Faro, circulei ao longo da costa Algarvia até Vila Real de Santo António de onde segui para Castro Marim, apanhando a estrada do Caldeirão que me levou até Mértola. A serenidade do Alentejo impregnou-me de uma tranquilidade que há muito não experimentava. Dali brotava a harmonia de outros tempos, envolvendo os montes isolados onde algumas aldeias cintilavam na brancura do seu existir solitário. À sua volta, muros de pedras solta circundavam a aridez de uma terra sofrida onde se realçava as ruínas dos moinhos que por ali murmuravam na saudade de uma época que não existia mais. Fiquei em casa dos meus avós que nunca abandonaram a aldeia, nem mesmo quando esta assistiu à debandada da população que emigrou. Ficaram com as recordações dos tempos em que as minas de São Domingos enriqueciam toda a região, fornecendo pirites que os Ingleses vinham buscar ao Pomarão onde, hoje, apenas restavam as ruínas e as memórias desse tempo que nunca mais voltou, pois assim que as minas fecharam, o povo partiu. Partiu Europa fora na procura de uma nova vida que pudesse inflamar um futuro que ali tinha terminado.

A aldeia, Santana de Cambas, caracterizava-se pelo chão de pedras pouco uniformes por onde a vegetação crescia; pela brancura das casas que circundavam a igreja onde um relógio badalava ao ritmo daquele povo calmo e fraterno. O adro era circundado por um muro onde os mais velhos confraternizavam na alegria das suas conversas. As ruas, essas, abrigavam os fantasmas de outros tempos que por ali circulavam na lentidão de uma existência vagarosa. Nas casas caiadas de branco, santos pintados em azulejos protegiam-nas dos maus olhados, não impedindo, no entanto, que parte da aldeia desfalecesse nas ruínas deixadas por um povo que há muito tinha partido. Algumas tradições permaneciam intactas na dureza dos anos, como os pastores que caminhavam pela planície com os seus rebanhos de ovelhas, vagueando no calor e na aridez daquela terra paradoxalmente perfeita. O pôr do sol era dos mais bonitos que alguma vez tinha visto, pintando

de dourado a planície que se iluminava com o brilho alaranjado do disco solar, estendendo a sua aura pelo azul pálido do céu nascente. As sombras espreguiçavam-se em bocejos sonolentos, adormecendo o horizonte ondulado que mergulhava nas estrelas de uma lua em crescendo, enquanto o vento transportava o cheiro do Alentejo, único nas suas fragrâncias deliciosas. Quando a noite despertou, a aldeia convergiu para o adro, cantando, em unísono, melodias alentejanas ao som do banjo e da guitarra. Como era bom deixar-me levar pela alma daquela gente tão humana; pela frescura das suas tradições sempre presentes no espírito daqueles que ali viviam. No fim dos longos serões, a aldeia mergulhava no silêncio do vento uivante e no som tricitante dos grilos. Nunca me tinha sentido tão bem, como naqueles dias que ali passei.

A doze de Maio, pela manhã, parti para Lisboa. Tinha o bilhete de avião reservado apenas para o dia seguinte, contudo, queria aproveitar o tempo que me restava para visitar a cidade. Enquanto atravessava o Alentejo, delíciei-me com a planície que se estendia no ondular dourado das searas ainda rasteiras, no verde expressivo das folhas do girassol ainda por nascer, na terra negra arada de fresco, no horizonte pálido onde os meus olhos se perdiam, reflectindo o vazio daquela região cheia de saudade. Era um pequeno paraíso esquecido do mundo.

Cheguei a Lisboa pelo norte, depois de ter atravessado a nova ponte. Quando a noite caiu, depois de ter passeado pela cidade, recolhi-me ao hotel. O cansaço daquele dia não me deixou ir para além do quarto, onde fiquei o resto da noite a ver televisão.

Foi então que o meu espírito se iluminou ao ver as imagens da procissão das velas em Fátima. Era para lá que iria no dia seguinte, embora não tivesse compreendido muito bem as motivações que me tinham levado a tomar tal decisão. Era como um chamamento cuja voz não ouvia, mas que o meu inconsciente tinha compreendido.

Pela manhã, bem cedo, parti para Fátima. O sol nascia desperto, estendendo as sombras que acordavam ensonadas. No céu azul, algumas nuvens passageiras navegavam na suavidade da aragem matinal, trilhando os caminhos deixados pela brisa. Quando cheguei a Fátima vi um mar de pessoas que convergiam para o santuário, todas elas levadas pela fé que as motivava para uma peregrinação repleta de misticismo. A procissão do

adeus desenrolava-se no meio da multidão que acenava na esperança de milagres por concretizar ou promessas a realizar, todas elas envolvidas nos cânticos que pacificavam aquele lugar impregnado de uma harmonia sem par. Acabei por deixar o Santuário, deslocando-me para um lugar menos visitado, um pequeno recanto de paz chamado Valinhos, e onde o Anjo de Portugal e a Virgem tinham aparecido aos pastorinhos. A paz que se podia sentir naqueles caminhos de pedra, ladeados por pequenos muros rasteiros, também eles de pedra, era difícil de exprimir. Era como se tivesse entrado numa realidade paralela, cuja intensidade se percebia à medida que nos aproximávamos da Loca do Anjo. Ali, enquanto os raios de sol atravessavam as árvores que circundavam o local, acentuando aquela sensação de estar numa outra dimensão, todo o meu ser se pacificou e um silêncio, que quase se podia tocar, fez-se presente. Sentei-me no muro que ficava de frente para as figuras esculpidas em pedra branca e que representavam a aparição do Anjo às três crianças. E foi então que uma voz se fez presente: «Estas crianças foram a flor que se expressou em três pétalas distintas, anunciando os tempos futuros onde essa flor se fará cálice e deste brotará a chama que redimirá o mundo. A Nova Criança já nasceu e nesta as três pétalas se fundirão para a consagração final.»

A meio da manhã o avião pousou finalmente no aeroporto da cidade de Sacramento, a norte do estado da Califórnia. Sem pressa, Isabel rumou para a zona das malas e logo depois para o balcão da empresa de aluguer de viaturas, onde levantou o veículo que tinha alugado ainda em Paris.

Depois de ajeitar as malas no porta-bagagem daquele pequeno carro, saiu da cidade em direção à Interestadual 5 rumando até à região que era conhecida como “Shasta Cascade”, uma das mais belas da Califórnia, com os seus lagos, rios e cascatas.

Tinha cerca de 340 km pela frente até à cidade de Dunshuir, perto do Monte Shasta. Os primeiros quilómetros foram feitos em paisagens semi-urbanas, passando ela pela cidade de Williams e depois a de Corning, zonas de agricultura intensiva com vastas planícies de campos cultivados onde se plantavam desde pistachos, nozes e

amêndoas, até azeite, arroz e tomate. Os vastos olivais chamavam a sua atenção, remetendo-a para as memórias do Alentejo, no sul de Portugal, onde as oliveiras se estendiam a perder de vista. A cidade de Corning era, aliás, a capital do azeite que apenas era produzido naquela região dos Estados Unidos.

A viagem, de cerca de quatro horas, funcionou para Isabel como uma câmara de descompressão, de quem vem dos ruídos da civilização e se prepara para entrar numa zona pouco habitada, com vastas extensões de natureza em estado puro. Serviu, também, para que pudesse reflectir um pouco mais sobre tudo o que lhe estava a acontecer, sobre aqueles novos caminhos que se apresentavam e nos quais ela não vislumbrava o ponto de chegada ou um propósito definido. O que iria ela, afinal, fazer ao Monte Shasta, pensava Isabel de olhar perdido na paisagem. Sabia, no entanto, do lugar para onde não podia mais voltar e da vida que não queria mais ter, e isso já era meio caminho.

Após duzentos e setenta quilómetros percorridos, Isabel entrou em contacto visual com o Lago Shasta e ali fez a única paragem no percurso, num local chamado “Bridge Bay”, onde um amplo complexo turístico albergava uma marina de embarcações de recreio. Depois de deixar o carro num dos estacionamento, caminhou para a parte mais resguardada daquele lugar, num braço de terra que entrava pelo lago na direção da pequena ilha que ali se encontrava. Acabou por se sentar nas margens do lago.

O lago Shasta era formado por três rios, o Sacramento, McCloud e Pit River, tendo a bacia artificial sido criada após a construção da segunda maior barragem dos Estados Unidos. Ali, nas margens do lago, e enquanto contemplava a paisagem, Isabel foi sendo tomada pela presença de uma outra realidade, como se a imagem de um outro lago, mais pequeno, se sobrepusesse aquela. Viu então nas margens desse lago uma criança que se virou para si, dizendo: «O meu nome é Maria... e tu, como te chamas?». As imagens desse outro lago desvaneceram-se, deixando Isabel num estado de preenchimento e de completude profundos. Quem seria aquela criança, perguntava-se. E onde ficaria aquele lago mais pequeno? Sabia, no entanto, que iria encontrá-la e que esse lago

menor trazia consigo os aromas da sua Casa, pelos quais há muito ansiava.

Depois de deixar o lago, retomou a viagem, entrando na parte mais bonita do percurso, onde a I5 seguia paralela com o rio Sacramento por entre vales apertados, cobertos por uma vegetação densa e selvagem. Pouco tempo depois chegava finalmente a Dunshuir, uma pequena cidade com dois mil habitantes que manteve a sua traça dos anos 20 e 30 como se tivesse parado no tempo. Para ali vinham turistas de todos os cantos dos Estados Unidos e do Mundo e era ali, também, que Isabel iria ficar.

Depois de se deslocar à agência, uma senhora de certa idade levou-a para a casa onde iria ficar: uma casa de madeira, mesmo nas margens do rio Sacramento, que era alugada quarto a quarto, dispondo de três, estando completamente equipada. No piso de debaixo tinha uma sala ampla com sofás de pele e uma salamandra sobre uma superfície de pedra que podia ser usada nos dias mais frios. Do outro lado, na continuidade da sala, ficava a mesa de jantar de frente para cozinha que estava resguardada por uma parede, não se vendo da sala. Sala, essa, que tinha um pé-direito alto e aberto numa mesanine que servia o piso superior para onde se subia por umas escadas de madeira. E foi por essas escadas que subiu com as malas, atrás da senhora que lhe mostrou o quarto. Um quarto de casal, com varanda, de cortinados brancos floreados e duas amplas janelas.

— É um lugar muito tranquilo e da varanda pode ver o rio. — disse a senhora.

— Sim, sem dúvida. Gostei muito da casa — disse Isabel pousando as malas.- Irá estar mais alguém na casa?

— Sim, está cá um casal desde ontem e que irá ficar alguns dias. São pessoas tranquilas, de meia idade, por isso não tem que se preocupar.

— Obrigada — disse Isabel, acompanhando a senhora que lhe mostrou depois a casa de banho, descendo com ela até ao terraço que ficava virado para o rio Sacramento que passava a poucos metros de distância.

— Os outros hóspedes deverão chegar para o fim da tarde. Se precisar de alguma coisa é só telefonar.

— Obrigada, assim farei.

— Desejo-lhe uma boa estadia e umas excelentes férias.

Isabel agradeceu uma vez mais, acompanhando-a até ao carro. Voltou depois para o quarto onde arrumou tudo, saindo logo de seguida para comprar comida na cidade. Quando regressou, já o casal se encontrava na casa.

— Boa tarde — disse Isabel entrando pela sala, onde uma senhora se encontrava sentada a ler um livro. Ao ouvir a sua voz, o senhor que estava na cozinha apresentou-se de avental e um largo sorriso no rosto.

— Boa tarde — disse a senhora, levantando-se, seguida pelo marido, que também a cumprimentou. — O meu nome é Meg e este é o meu marido Clark.

— É um prazer — ela cumprimentou ambos com um aperto de mão. — Chamo-me Isabel.

— Quero que fique à-vontade — disse Clark. — É sempre um prazer ter companhia, e por isso gostaria muito de a convidar para o jantar. Estou a fazer uma das minhas especialidades.

— Por favor, não se incomodem comigo!

— Nada disso, é um prazer — insistiu ele.

— O Clark é um excelente cozinheiro, vai ver — disse Meg.

— Muito obrigada, mas deixem-me pelo menos partilhar a comida. Acabei de chegar do supermercado e poderá usar alguns dos legumes que comprei.

— Claro que sim — disse Clark, voltando à cozinha. — Coloque no frigorífico e partilharemos tudo.

Isabel estava encantada com aquele casal, com a alegria e a forma espontânea com que a receberam. Coisa rara naqueles tempos em que o medo escraviza cada ser dentro das suas próprias conchas,

impossibilitando que se doem em partilha e comunhão. Momentos depois, estavam sentados à mesa a comer daquela refeição simples e saborosa que o Clark lhes tinha preparado.

— Desde que chegou e que olhei para si que estou a tentar lembrar-me de onde a conheço, pois tenho a certeza que já vi o seu rosto — disse Meg. — E não é uma daquelas coisas de vidas passadas, é algo bem concreto.

— É a primeira vez que venho aos Estados Unidos... não creio que nos tenhamos encontrado antes.

— Mas eu tenho a certeza que a conheço... irei lembrar-me! — disse ela, sorrindo.

— E o que veio fazer a estas terras? — perguntou Clark.

— Para lhe ser sincera, não sei! Estava em Paris, em Montmatre, a passear e a refletir sobre a minha vida, quando fiquei parada diante de um quadro do Monte Shasta, percebendo que tinha que vir para cá. O que aqui vim fazer é um mistério.

— Sabe que este lugar é especial, não sabe? — indagou Clark.

— Não sei nada do Monte Shasta... mas porque diz que é especial? — perguntou Isabel curiosa.

— Já sei! — disse Meg, batendo as mãos. — Eu sabia que a conhecia! A Isabel fez agora uma expressão que reconheci. Você não é a arqueóloga que deu a conferência de imprensa sobre as descobertas no Egito?

— Sim, sou eu — disse Isabel, sorrindo.

— Vê, não estava enganada! Eu nunca esqueço um rosto — ela estava orgulhosa da sua descoberta. Colocou depois a sua mão sobre a de Isabel. - Gostei muito da forma segura com que expôs o assunto. Fiquei muito feliz por ver aquele lugar ser descoberto por alguém com uma mente arejada.

— Obrigada... mas digam-me, o que tem o Monte Shasta de especial? — perguntou Isabel voltando ao tema iniciado por Clark.

— Bom, minha querida... — continuou Meg que era especialista nesses assuntos - da mesma forma que a cidade que descobriu no Egípto, serviu de abrigo aos Atlantes no fim do ciclo passado, aqui, no interior do Monte Shasta, existe uma cidade que serviu de abrigo aos Lemurianos.

— Uma cidade como Shambhala no oriente?

— Exactamente, embora com outras funções. Existe toda uma rede de cidades subterrâneas à volta do mundo que fazem parte do reino de Agharta. Telos, a cidade no interior do Monte Shasta, é uma delas.

— Fale-me um pouco mais dessa cidade.

— Em Telos estão os remanescentes do reino de Mu, Lemurianos que viviam na zona do pacífico durante o período Atlante. Com o fim do último ciclo, cerca de vinte cinco mil Lemurianos deslocaram-se para aqui e aqui permanecem. São descritos como seres graciosos com mais de dois metros de altura, com cabelos longos e soltos. Vestem geralmente de branco, embora tenham sido vistos com outras cores, e têm pescoços longos que ornamentam com colares de pedras preciosas. Comunicam geralmente por via telepática, embora também o possam fazer como nós. Diz-se que a cidade de Telos tem cerca de três quilómetros de altura, trinta e dois de comprimento e vinte e quatro de largura, estando situada numa imensa cavidade no interior do Monte. No centro dessa cavidade, em suspensão, existe uma luz intensa, que brilha como um sol, iluminando todo o espaço. A sua tecnologia é muito avançada, fazendo de nós meras crianças. Muitas das naves avistadas não são de origem extraterrestre, mas sim intraterrena. A cidade de Telos é, no entanto, muito mais do que apenas um espaço onde habitam seres de uma outra civilização, ela é também um portal de ligação entre os vários planos de consciência e outros pontos do universo, trabalhando sobre a regência do Oitavo Raio Cósmico.

— Oitavo Raio Cósmico?

— Sim, o Raio que estabelece a ligação entre as várias dimensões. É um Raio Imaterial, ao contrário dos primeiros sete que são Raios Materiais.

— Não sei nada sobre os Raios, mas vejo que a Meg sabe muito sobre estes temas — sorri-lhe.

— Sim, Isabel, ela escreve sobre estes assuntos — disse Clark.

A refeição terminou, entretanto, levantando cada um o seu prato e depois o resto da mesa.

— Clark, deixe-me ajudá-lo com a loiça.

— Nada disso — disse ele abanando a mão. — Vá para a sala com a Meg. Acho que têm muito para conversar.

Isabel agradeceu, sentando-se num dos sofás da sala, de frente para Meg.

— O que são os Raios Cósmicos, afinal? — perguntou Isabel, voltando ao tema.

— Os Raios são a própria Vida, minha querida, aquilo que nós somos em essência. Numa determinada fase do nosso percurso, nós julgamos que somos esta personalidade, depois aprendemos que afinal somos mais que isso. Julgamos então que somos uma Alma, e depois que somos um Espírito, mas tudo isso são apenas corpos de vibração variada e não aquilo que nós realmente somos, que é a Vida. Os Raios são a consciência de Deus dentro da substância, expressando-se em diferentes matizes e funções.

— E quantos Raios existem?

— Existem, no total, vinte e um Raios, sete no plano Físico Cósmico, cinco no plano Astral Cósmico e nove no plano Mental Cósmico. Durante muito tempo apenas os primeiros sete Raios se fizeram presentes no nosso planeta, mas actualmente os cinco Raios do Plano Astral, que são Raios Imateriais, começam a descer sobre nós, podendo já ser percebidos. Telos opera com um desses Raios, o oitavo.

— Fale-me um pouco desses Raios... quais as suas características?

— O Primeiro Raio é o da Vontade e do Poder, geralmente associado com o Pai na trindade Cristã e com Xiva na trindade Hindu, aquele que cria e que destrói. É o Raio que emite o som a partir do qual

tudo se constrói, estando na gênese da frase “Faça-se Luz”. Num ser humano equilibrado este Raio pode expressar-se através da determinação, da concentração e da capacidade de liderar, sendo que em desequilíbrio pode resultar em orgulho, arrogância e prepotência. O Segundo Raio é o Raio da Sabedoria e do Amor, associado ao Filho, sendo este aquele que unifica, que aglutina e que permite, por isso mesmo, a construção das formas. Em equilíbrio pode gerar a compaixão e o desapego, no entanto, estando desequilibrado pode levar à insegurança, ao apego e a todo o tipo de paixões. O Terceiro Raio é o Raio da Inteligência Activa, aquele que dá vida e que organiza as formas. É o sopro que tudo anima. Num ser humano equilibrado expressa-se pela inteligência, discriminação e flexibilidade, e em desequilíbrio pode resultar em dispersão, rigidez e necessidade de controlar. O Quarto Raio é o mais misterioso e aquele que encerra a chave da ascensão deste planeta. É o Raio da Harmonia que conduz à intuição e à síntese. O Quinto é o Raio da Verdade que traz consigo a ciência oculta e o conhecimento superior. Pode gerar, em equilíbrio, o discernimento e em desequilíbrio, o preconceito. O Sexto Raio, por sua vez, é o Raio da Devoção e do Idealismo que poderá conduzir à entrega incondicional à vida quando está equilibrado, ou ao fanatismo e à idolatria quando em desequilíbrio. E finalmente, o último dos Raios materiais, o Sétimo, que é o Raio da Ordem e da Transmutação, que faz descer sobre a terra as leis superiores para que esta se possa elevar. Em equilíbrio traz o rigor e a precisão, e em desequilíbrio traz a rigidez e o separativismo. Depois temos os cinco Raios Imateriais que só agora se fazem presentes na Terra, sendo eles o Oitavo, que é o Raio de ligação entre as dimensões e que é aquele com que Telos trabalha, o Nono que é Raio da Omnipresença, o Décimo que é o Raio da Transfiguração, o Décimo Primeiro que é o Raio da Omnisciência e, finalmente, o Décimo Segundo, que é o Raio da Transcendência ou da Libertação. Todos estes Raios têm complementos no seu próprio plano. Por isso, para que haja equilíbrio e o planeta possa Ascender, é necessário que o Primeiro Raio esteja equilibrado com o Sétimo, que é o seu complemento, ou seja, o Poder tem que ser ordenado e disciplinado a uma vontade superior. Por seu lado o Segundo Raio tem que estar equilibrado com o Sexto, o que significa que o Amor

e a Sabedoria têm que ser orientados através da devoção e da entrega ao Alto, a Deus, pois o Amor sem Devoção é disperso e inconsequente, e a Devoção sem Amor é vazia e cega. E finalmente o Terceiro Raio que tem que estar em Equilíbrio com o Quinto, o que significa que toda a atividade inteligente tem que ter como base a Ciência Oculta e a Verdade, sem a qual não poderá construir nada de realmente essencial. Nos Raios imateriais temos o Oitavo que é complemento do Décimo Segundo e o Décimo Primeiro que é complemento do Nono.

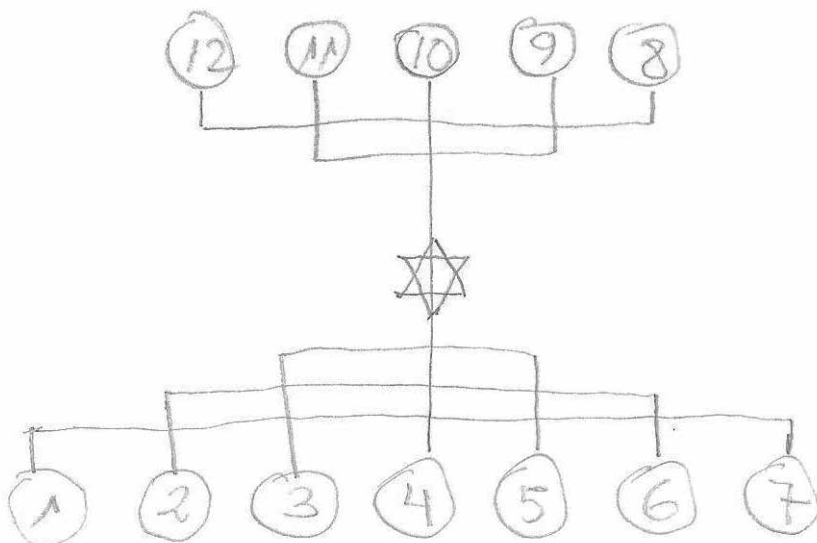
— Faltam dois raios!

— Exactamente Isabel! E esta é a chave da ascensão da Terra. O Quarto Raio, que é o Raio da Harmonia, não tem complemento dentro do seu próprio plano, assim como o Décimo, o Raio da Transfiguração. Por isso, estes dois Raios, formam uma complementaridade vertical e este é o fio Céu-Terra, aquele pelo qual o planeta ascenderá, transfigurando-se.

— Fantástico! Estou toda arrepiada.

Meg pegou no seu caderno de apontamentos e desenhou a lápis um esboço com os raios que entregou a Isabel.

— Acho que este esboço lhe irá ser útil.



Isabel olhou para o esboço e naquele momento veio-lhe à memória o livro “A Chave de Andrómeda” que lhe tinha sido entregue e cujas páginas estavam todas em branco. Sorriu. Olhou depois para Meg.

— Onde posso obter mais informação sobre os centros intraterrenos? Gostaria de aprofundar esse conhecimento.

— Tenho algo para si — disse ela levantando-se e deslocando-se ao seu quarto que ficava no piso debaixo. Voltou depois com um encarte que entregou a Isabel. — É um boletim criado por uma comunidade espiritual no Brasil que há anos fala sobre as cidades sagradas no interior da terra. Têm uma fazenda que pode ser visitada mediante marcação. Já lá não vou há alguns anos, mas creio que deva funcionar da mesma forma.

— Vou ler com atenção. Talvez esteja aqui a minha próxima viagem.

Isabel levantou-se, dando um longo abraço a Meg.

— Obrigada por tudo. Foi muito importante para mim ter conversado consigo.

— Não me agradeça, minha querida. Ajudei-a, para que você possa ajudar muitos outros.

Clark, entretanto, tinha-se deslocado para a varanda que ficava de frente para o rio Colorado que ali corria num estreito corredor, tendo-se sentado numa das cadeiras. Ambas saíram da sala e foram ao seu encontro.

— Que céu fantástico, não acham? — disse ele. — Sentem-se um pouco.

— Obrigada, Clark, mas estou muito cansada da viagem. Tenho que ir dormir.

— Amanhã de manhã vamos até Burney Falls que fica a uns 100km daqui. Não gostaria de vir conosco? Para além de ser um lugar fantástico, vai-se realizar junto da cascata um encontro com um xamã conhecido. A minha intuição diz-me que seria importante que fosse

e que participasse da cerimónia da Tenda do Suor... é como se isso a pudesse curar de uma dor antiga, de uma culpa que traz no seu peito.

Os olhos de Isabel ficaram húmidos.

— O Clark é muito intuitivo, minha querida. Talvez deva vir conosco — disse Meg num leve sorriso.

— Irei sim.

— Então traga fato de banho, pois irá transpirar muito.

Riram todos enquanto Isabel se despedia. Subiu depois para o quarto, indo buscar um lápis e o livro que lhe tinha sido entregue em Montmatre. Sentou-se depois na cama de pernas cruzadas. Olhou para o esboço dos raios que Meg lhe entregara e depois para a dupla estrela de David do colar que encontrara no templo e com base nesse esboço e na imagem do colar começou a desenhar o seu.



2

Na manhã seguinte tomaram o pequeno almoço no terraço, partindo logo depois para Burney Falls. Durante a viagem, Isabel partilhou com eles o sonho que tivera naquela noite e que ainda estava vivo na sua mente.

— Nunca tive um sonho assim... — disse Isabel no banco detrás do carro.- Estava rodeada de pessoas que me felicitavam e elogiavam pela grande obra que havia realizado: tinha conseguido colocar na enorme casa onde vivia um conjunto de caixas de plástico de diferentes formas e cores. Tudo tinha encaixado na perfeição e as pessoas vinham, cada vez em maior número, para admirarem a obra e felicitar-me pelo sucedido. Chegaram a realizar festas para comemorar o sucedido de tão notável que era. À medida que as festas e o número de pessoas aumentavam, ia sentindo um vazio crescente e uma vontade de fugir dali. Então, via-me a entrar na casa onde estavam arrumadas todas aquelas caixas e tentava escapar por entre elas até que encontrei uma porta que abri e me levou para uma nova casa, mas também ela com imensas caixas de diferentes formas e cores, só que arrumadas de forma diferente. Ao perceber que era tudo igual, fugi uma vez mais, de casa em casa, todas elas cheias de caixas muito bem arrumadas. Sentia-me presa, limitada. Em todos os lugares, as pessoas aplaudiam e elogiavam, sempre com festas e todo o tipo de comemorações pela obra realizada. E foi então que, depois de muito fugir, encontrei uma pequena caixa completamente diferente de todas as outras. A sua cor era dourada e azul e a forma era parecida com a de um baú. Estava muito bem escondida, e eu tinha-a encontrado na última casa onde tinha ido parar. Peguei então naquela pequena caixa e mal a tinha nas mãos e a admirava, alguém começou a gritar. Depois disto só me lembro de começar a correr com uma multidão atrás de mim, gritando para que largasse aquela caixa porque era muito perigosa. Enquanto gritavam, eu corria sem parar de sala em sala, de casa em casa, por entre as caixas e quando estavam quase a apanhar-me eu senti uma

força imensa dentro de mim que me deu a coragem de continuar ainda com mais vontade, vendo o lugar para onde deveria ir. E quando a multidão estava quase a agarrar-me, vejo então uma porta diferente de todas as outras e corri na sua direção. Abro-a e atiro-me. Quando estou no ar, apenas vejo o céu, tudo azul, sem chão. Assustei-me por breves instantes, começando a dar aos pés, mas rapidamente senti que não poderia permitir que o medo se instalasse em mim e confiei. Sem nunca largar a caixa, abri os braços e deixei-me ir, começando a voar. Tudo era completamente novo, diferente, sem chão e sem caixas. Sentia-me totalmente livre — Isabel olhou para Meg que se virou para trás. — O que acham que significa este sonho?

— Esse sonho trás uma mensagem muito forte, minha querida — disse Meg. — As caixas representam a vida nesta sociedade em que vivemos. Sociedade esta que nos formata e nos limita e da qual, todos aqueles que estão a despertar, querem sair, pois compreendem que são escravos de uma máquina que os explora. No entanto, há medida que queremos sair, vamos sempre encontrando contextos que nos parecem diferentes, mas que na realidade são mais do mesmo, mudando apenas os trajes. E tome como exemplo, entre outros, todos os movimentos ligados ao Desenvolvimento Pessoal, à Consciência Ambiental ou à Espiritualidade... a maioria não passam de caixas dentro das quais todos são formatados. Pois bem, no seu sonho quando está numa sala e pensa que saiu daquele contexto, logo entra num outro onde apenas a cor e o formato das caixas mudou, mas na sua essência é tudo igual. As festas, as pessoas à sua volta, os elogios e os louvores, tudo faz parte do funcionamento e da reprodução do próprio sistema que funciona no domínio do Ter, do Parecer e do Fazer em função dos interesses instituídos. Alimenta-se do Ego na dualidade e reproduz-se através dos mesmos padrões de sempre. Resumindo, minha querida, as caixas são as formatações que lhe são impostas e as sucessivas salas, os contextos em que vivemos e que por mais diferentes que pareçam, são na sua generalidade o mesmo. Agora, no meio de tudo aquilo, você encontrou um pequeno baú dourado e azul, que representa a Essência do seu Ser, a sua Alma, e à medida que vai correndo com esse baú nas mãos, o Ego vai-se dissolvendo e você torna-se cada vez mais livre e una com o todo.

Ora, quando isto acontece, as pessoas começam a persegui-la, já viu bem?! É o medo dentro delas, pois, quando uma Luz se acende, esta é sempre vista como uma ameaça ao sistema e aos poderes instituídos. Esse pequeno Baú representa o contacto com o seu Ser Interno e o alinhamento com a Vida. Depois disso, você saiu por uma porta e através desta lançou-se no abismo onde não há mais chão, e ali só podemos contar com a fé, que é esta certeza absoluta que tudo está no seu lugar exacto. Esse céu é o vazio, o todo, o novo, o desconhecido, não há referências, não há caixas, e quando você se permite não ser mais tomada pelo medo e ter a coragem de acreditar que é possível trilhar caminhos desconhecidos, então começa a voar — ela sorriu. — Que sonho abençoado, minha querida. Não tem que duvidar mais. Está no caminho certo.

Isabel agradeceu, ficando o resto da viagem em silêncio. A cascata de Burney Falls ficava a 100km de Dunshuir, chegando-se lá pela estrada CA-89 em direção a McCloud e depois rumo ao McArthur Burney Falls Memorial State Park onde chegaram a meio da manhã, logo depois de terem atravessado a ponte do Lago Briton.

A entrada no parque fazia-se por uma estrada ladeada por pequenas cercas de madeira que ficavam rasteiras junto ao chão e que ligavam os enormes pinheiros que se estendiam pelas bermas. Pararam depois, junto de uma pequena casa de madeira, no centro da estrada, onde o porteiro do parque recebia o pagamento necessário para se poder entrar. Já com os bilhetes, estacionaram o carro do lado esquerdo da estrada, num pequeno parque. O encontro estava programado para depois de almoço, e ainda eram poucos aqueles que tinham chegado. Isabel saiu do carro, respirando, de olhos fechados, aquele ar de aroma de pinheiro.

— Que lugar especial, este! — disse ela.

— E ainda não viu nada, minha querida — disse Meg. — Quando vir a cascata, ficará sem palavras.

O som da cascata já se fazia ouvir do parque. O lugar era limpo, sem o acumular de folhas ou detritos, com mesas de madeira espalhadas

pelos espaços abertos por entre as árvores e algumas casas de madeira que serviam de apoio ao parque ou como loja. Pegaram nas mochilas com a comida e iniciaram logo depois a caminhada até à cascata.

Optaram pelo trilho mais longo, que se estendia a montante da cascata, na direção da ponte que atravessava o rio, chamado Burney Creek. Nesta, gravado na madeira gasta, os dizeres de quem por ali queria marcar a sua presença com juras de amor ou simplesmente com as iniciais dos seus nomes. Junto do rio, alguns pescadores permaneciam estáticos no ritmo de quem não tinha pressa, saboreando o silêncio e a leveza daquele lugar, mais que a promessa de um peixe que para a maioria era o menos importante. Em torno, uma floresta frondosa de pinheiros, cedros e abetos, acolhia-os de forma fraterna, sendo o habitat natural de esquilos, pica-paus e águias, podendo, ocasionalmente, acolher ursos pretos, alces e leões da montanha. O trilho de terra vermelha era ladeado por uma cerca com a altura da cintura, encontrando-se, em toda a sua extensão, placares explicativos dos vários pontos por onde passavam que podiam falar da geologia do lugar, como da sua flora e fauna. Em alguns lugares, o trilho subia em escadas de pedra talhadas diretamente na rocha, sempre ladeado pela mesma cerca de madeira. Já do outro lado da ponte, seguiram na direção contrária ao trilho do Pacific Crest, caminhando paralelamente ao rio na direção da corrente.

Estavam agora numa zona mais húmida do percurso, algo visível no musgo verde que cobria a maioria das pedras que ladeavam o caminho. Por momentos, enquanto desciam até à base do rio, puderam ver a cascata por entre a vegetação, ainda à distância, embora o som da mesma nunca os tenha abandonado como uma entidade omnipresente naquele lugar. Seguiram o trilho até à base do vale, onde atravessaram uma outra ponte, antes de começarem a subir o rio na direção da cascata. E esta surgiu diante deles, na imponência da sua beleza sem par.

Isabel ficou parada de olhos na cascata, sem reação. O seu coração pacificou, um fogo fez-se presente e todo o seu corpo foi envolto numa leveza que eliminava todas as forças, todos os medos e angústias. A energia do lugar era impressionante. A cascata corria o ano inteiro, mesmo quando o rio secava a montante, pois o maior fluxo não

vinha do topo, mas das águas subterrâneas que se infiltravam pela rocha e brotavam pela cascata ao longo da sua parede, formando inúmeros veios de água que caíam de todos os lados.

Aquele era um lugar de poder para os índios que habitavam aquela região, em particular os Achumawi e, por isso, o lugar ideal para aquele encontro com o xamã. Algumas pessoas já tinham chegado, preparando as tendas para as cerimónias que se iriam realizar.

— Estou encantada com este lugar — disse Isabel enquanto estendia uma toalha no chão. — Não tenho palavras para vos agradecer terem-me trazido aqui.

— Não tem que agradecer, Isabel — disse Clark. — Quando a vi chegar naquele dia, soube de imediato que teria que vir aqui. E não é apenas para desfrutar da beleza deste lugar, mas para que se possa libertar de algo, algo muito antigo que a prende.

— Há uma dor, um medo dentro de mim que não consigo identificar... não sei explicar muito bem.

Isabel aproveitou o resto da manhã para caminhar pela zona em torno da cascata e mergulhar naquele silêncio. Aos poucos, essa dor tornava-se presente no centro do seu peito. A energia do lugar ajudava a pô-la a descoberto, trazendo algum incómodo. O silêncio do lugar, no entanto, foi sendo quebrado pelas pessoas que chegavam e que iam ocupando os espaços livres.

Depois do almoço, todo o grupo se juntou em torno de uma fogueira que foi acesa no centro de um círculo de pedras e ali ficaram sentados a ouvir o xamã que, na posse do ‘bastão que fala’ e que lhe concedia o direito de ser ouvido sem ser interrompido, se dirigiu a todos os presentes. Isabel reconheceu naquele homem alguém de muita sabedoria, uma Alma antiga que ela conhecia.

— Estamos hoje no limiar de um novo despertar para a humanidade; do ressurgir de uma consciência livre do materialismo do passado, profunda na sabedoria de um povo que irá finalmente se reencontrar. Uma humanidade liberta das amarras que fizeram desta, escrava, num mundo

cego de si mesmo, prostrada diante da sua própria ignorância, diante da ausência das memórias do passado que tanto tinham para nos ensinar se soubéssemos ouvi-las. Iremos deixar os caminhos de uma adolescência rebelde; quebrar os laços que nos aprisionaram a religiões, a filosofias, a teorias e postulados, reconhecendo a verdade na essência de todas as coisas e não nas formas angulares do pensamento feito à imagem do homem para servir os seus interesses e conveniências; para justificar a sua própria irresponsabilidade. Entre nós temos aqueles que sempre compreenderam essa verdade. Eles são os filhos da terra, as tribos nativas de diferentes culturas que tanto têm para nos ensinar, se soubermos cultivar a humildade daqueles que compreendem que a sabedoria não é património de uns quantos, mas de todos aqueles que souberem ouvir a voz do Grande Espírito, na simplicidade dos gestos quotidianos. Vivemos numa civilização de grandes conhecimentos, mas de sabedoria escassa. Esses povos, pelo contrário, têm um conhecimento escasso das coisas que tomamos como importantes, mas grande é a sabedoria que manifestam na postura que têm para com o mundo. Como já nos dizia um dos chefes da tribo dos índios Hopis: *«Se o homem branco parasse de tentar ensinar-nos o cristianismo e começasse a ouvir o que o Grande Espírito ensinou aos Hopis, tudo voltaria à harmonia com a natureza. Do jeito como as coisas estão, o homem branco está a destruir este país»*.

» — Nos tempos de hoje, muitas são as culturas nativas que têm tentado alertar os povos do mundo para o que está para vir de catastrófico, se o homem não mudar as suas condutas e comportamentos. Têm revelado muitas das suas tradições e profecias por compreenderem a importância dos tempos presentes para o futuro da humanidade. Muitos deles percorrem o mundo em conferências, como forma de vos alertar para os perigos que se avizinham, se não se renovarem como raça. É a voz daqueles que falam do fundo do coração, que nada têm a ganhar sobre aquilo que anunciam, como muitos outros que comercializam este tipo de assuntos, mas que, numa postura humilde e sincera, querem simplesmente salvar o mundo. Em contrapartida, vós discutis em cimeiras as percentagem, os números, os interesses e as conveniências, jogando à roleta russa com uma arma repleta de balas, em brincadeiras tão ingénuas quanto irresponsáveis, mas que tão bem caracterizam

aqueles que sempre se consideraram como os povos civilizados, os instrutores do mundo e da humanidade. Uma civilidade que nada fez de verdadeiramente importante para evitar uma catástrofe que, pela postura dessa mesma civilização, não terá mais como ser evitada. Aqueles que sempre foram considerados primitivos nos seus costumes, são exactamente os que tanto vos têm para ensinar, pois os ignorantes de sabedoria, embora cheios de conhecimentos, sempre fostes vós e não eles. Esse povos dizem-vos para viverem como irmãos neste mundo, de uma forma simples e harmoniosa com todas as coisas vivas, procurando nessa sintonia um caminho que vos resgate deste mundo que criaram. Que saibam, pois, ouvir a voz desse irmão mais velho que tanto vos tem para ensinar. Mas primeiro, claro está, terão que descer dos pedestais onde vos colocastes e humildemente reconhecer a arrogância das vossas atitudes e a ignorância dos vossos comportamentos.

» — As mensagens desses povos nativos são todas elas concordantes. Dizem que estamos a entrar num período de purificação e que iremos presenciar momentos de caos e destruição em todos os reinos da natureza. Dizem que estes são os tempos para que as raças se reúnam, para que as barreiras religiosas e de nacionalidade sejam derrubadas, no fundo, o momento certo para que os povos compreendam a unidade de todas as coisas. Dizem, também, que devemos reparar os danos feito à natureza, a fonte de toda a vida, e que todas as coisas vivas estão imersas num só espírito. Tentam alertar-vos para os tempos difíceis que se aproximam assim como da chegada de grandes instrutores do passado que irão guiar a humanidade.

» — Mas debrucemo-nos sobre o que algumas dessas culturas nativas têm para vos dizer e, depois, levem a mensagem o mais longe possível. E começemos pelos Hopis, uma tribo índia que vive no planalto negro a norte do Arizona. Em 1948, os mais velhos da tribo aceitaram a tarefa de avisar o mundo acerca daquilo que as suas profecias relatavam. Apenas 44 anos depois, em 1992, é que conseguiram, finalmente, dirigir-se à assembleia das Nações Unidas. Um ano depois, uma nova conferência, chamada «A conferência do choro da terra», reuniu os líderes de sete nações índias que revelaram, uma vez mais, as suas

profecias. As profecias dos índios Hopis falam da devastação gradual dos processos naturais da Terra devido à interferência do homem. Referem, também, o retorno de Pahana, o seu verdadeiro irmão branco que os deixou em tempos passados prometendo regressar e que trará com ele «a madrugada da quinta era, plantando as sementes da sua sabedoria nos nossos corações». Dizem que o quarto mundo está para terminar, iniciando-se o quinto.

» — Os aborígenes da Austrália, por sua vez, acreditam que os minerais são uma parte importante da grelha energética do planeta e por isso estão bastante preocupados com a extracção mineira que se faz nos tempos de hoje. Em 1975, os mais velhos reuniram-se em Canberra com o aviso de grandes cataclismos para o planeta como resultado da desordem provocada pelo homem. Disseram às pessoas para irem pelo mundo com a sua sabedoria; para se prepararem para um tempo futuro onde todos iriam regressar aos costumes do passado, juntando-se em volta de uma só nação.

» — Na América do Sul, a tribo Kopi que vive na Serra Nevada de Santa Marta na Colômbia, é uma das poucas que conseguiu manter-se isolada da dita civilização, não tendo sido corrompida pelos seus costumes. Intitulam-se como «os irmãos mais velhos» e tentam avisar-vos que a terra está a morrer. Dizem: «Quando a terra morrer todos morrerão com ela».

» — Aqui mesmo, no sopé do Monte Shasta e nas margens do rio McCloud, a tribo Wintu, que sempre se manteve fiel às suas tradições e não se deixou corromper pelos ventos da civilização, adverte-vos para a necessidade de respeitarem a água que é o sangue da terra. Eles que viram muitos dos seus lugares sagrados submergidos quando se construiu a barragem Shasta, mostram-vos de forma simples que, para ter água, não é necessário criar lagos artificiais, mas respeitar a natureza e o curso natural dos rios, pois na sua abundância nada faltará se houver esse respeito.

» — Muitas das profecias Incas, por outro lado, sempre previram a chegada do homem branco. Dizem mesmo que, depois da sua chegada, iriam ter 500 anos de materialismo. Hoje, muitos dos sábios das várias

tribos do Peru avisam-vos que este ciclo está para terminar e que a nova era irá «assinalar o retorno da luz ao planeta. Estes são os tempos do cumprimento de todas as profecias». Alguns andam pelo mundo a ensinar algo de tão simples, mas ignorado por muitos: A humanidade deve-se curar a ela própria. Regressemos à nossa verdadeira identidade, à essência daquilo que somos e que abandonámos quando procurámos pela felicidade noutros lugares que não em nós próprios. Dizem-nos que não têm nenhum Cristo que lhes diga «sigam os meus passos». Pelo contrário, ensinam-nos que devemos seguir os nossos próprios passos de uma forma responsável e equilibrada: Que aprendamos com os rios, com as árvores, com as rochas. Que honremos o Cristo e todos os nossos irmãos deste planeta. Que honremos a Terra e o Grande Espírito. E por fim, que nos honremos a nós próprios e a toda a criação. Dizem-nos, também, que o mundo está para terminar tal como o conhecemos, mas que no fim dessas mudanças catastróficas, um novo ciclo despertará, iniciando-se um milénio dourado na Terra. Depois devemos deixar de nos preocupar com aquilo que fomos no passado, para nos preocuparmos com aquilo que iremos ser no futuro.

» — Em todos estes testemunhos existe uma consistência nos propósitos e uma coerência nas atitudes, pois todos falam da necessidade de reconciliação entre as raças do mundo. Os povos nativos estão a abrir as portas das suas culturas às pessoas de todas as raças. Os mais velhos dizem que a cada tribo foi atribuído um plano para ser cumprido e que estes são os tempos para curar o passado, apesar dos séculos de sofrimento e perseguições várias. É o momento certo para nos juntarmos e trabalharmos em harmonia, como forma de reabilitar o planeta e iniciar uma era de paz. Esses povos, perseguidos durante tanto tempo, quase extintos pela prepotência de quem sempre se julgou superior, mostram-nos hoje o caminho para a verdadeira fraternidade entre os homens, sem rancor algum pelo passado e de mão estendida para com todos os seus irmãos.

» — Estamos hoje no final de mais um ciclo planetário. Esses são os avisos que todas as tribos nativas têm para vos dar. Este é um mundo sem futuro, tal como o conhecemos hoje. O planeta acabará

por reagir de uma forma violenta contra a agressão de uma entidade que se tornou estranha a ele: a humanidade. Somos células cancerosas num corpo que não quer morrer, e por isso mesmo iremos sofrer as consequências dessa força que tudo fará para se manter viva.

Ele terminou, pousando o bastão e pegando no tambor. Começou depois a tocar numa forma ritmada e a cantar enquanto caminhava em torno da fogueira na frente do grupo que a cercava. O cântico foi profundo, levando Isabel a um estado quase que hipnótico. Naquele estado, ela pode perceber memórias de um tempo onde ela, como Índia, integrara em si toda aquela realidade e sabedoria. Já ali tinha estado, naquele mesmo lugar onde se encontrava agora. O xamã, enquanto tocava e cantava, ia sinalizando aqueles que iriam entrar na Tenda do Suor para a cerimônia de purificação. E Isabel foi uma das escolhidas.

Entrar na Tenda do Suor era como nascer de novo. Ali, segundo a tradição, oferecia-se as águas impuras do corpo à Grande Mãe que as purifica. A tenda era construída diretamente sobre a terra, tendo um buraco no centro onde ficava a fogueira. A armação, feita com materiais colhidos no local, era recoberta por lonas que a cobriam por completo não permitindo que o calor, alimentado pela fogueira no centro da tenda, saísse para o exterior.

Quando o número certo de pessoas foi escolhido, o Xamã parou de tocar e cantar. Isabel tirou a roupa, ficando apenas com o fato de banho que trazia por baixo desta. E, junto com os outros, entrou na tenda sob o comando do Xamã que fazia uma pequena prece dirigida a cada um. No interior, a fogueira já tinha criado brasas, sobre as quais várias pedras redondas e lisas tinham sido aquecidas. O grupo sentou-se na periferia da tenda formando um círculo em torno do Xamã que ficou no centro. Foram então feitas evocações às quatro direções e aos animais de poder associados a cada uma delas e saudações ao fogo por parte do xamã que, deitando água sobre as pedras aquecidas, ia libertando o vapor que transformaria aquele lugar numa sauna natural.

Isabel sentia-se em unidade com a Terra, como se tivesse regressado ao útero materno. Ali todos os elementos se fundiam num só: a terra, o ar, o fogo e a água. Mas havia nela um chorar latente, resultado dessa dor antiga, que ela tentava controlar.

— Não contenham as vossas emoções, soltem-nas — disse o Xamã. — Um homem forte chora, um homem débil guarda as suas lágrimas e as esconde. Com isso, destrói-se emocionalmente.

Naquele momento, Isabel não se conteve mais e chorou. Chorou como nunca antes tinha chorado, libertando do seu corpo emocional toxinas antigas que a condicionavam.

Já tinham passado alguns anos desde o meu encontro com os Sacerdotes da Humanidade, em particular com aquele Ser feminino que fizera o milagre de me mostrar que podia ser mãe mesmo sendo estéril. Hoje tinha a meu lado o Anu, um jovem lindo e inteligente, de uma vitalidade e nobreza cara de se encontrar nos jovens da sua idade. O meu marido recebeu-o com o mesmo Amor com que eu o recolhera na rua e hoje ele era a razão de vida que tínhamos perdido, por sentirmos que não podíamos dar expressão plena ao nosso amor sem um filho que pudesse completar esse círculo.

Éramos da classe abastada, não por herança de família, mas por nos termos tornado elementos importantes dentro do governo do império: o meu marido como político e eu como cientista. Tinha sido destacada para o projecto “Chave de Andrómeda”, algo secreto que tinha como objectivo trazer para a Terra essa energia, embora de forma artificial. Sabíamos, há muito tempo, que essa chave se encontrava na génese do próprio ser humano, que podia ser activada de forma natural, sempre que o Espírito descesse sobre a matéria e desse encontro acontecesse a alquimia sagrada a partir da qual se abririam as portas de Andrómeda, mas Tazlavu, incapaz de invocar o poder do seu Espírito, há muito recolhido pelo carácter distorcido da sua personalidade, reuniu os melhores cientistas do império para activar, de forma artificial, na substância planetária, essa mesma chave. Os resultados dessa activação seriam imprevisíveis, e as variáveis difíceis de controlar. Apesar de todos os avisos, Tazlavu decidiu seguir em frente com o projecto, temendo eu que algo de catastrófico pudesse acontecer com a activação desse dispositivo, construído ao largo da grande ilha, onde doze cristais, dos mais potentes no planeta, se encontravam reunidos para o grande momento.

Tinha conhecido Tazlavu na minha adolescência, e logo ficámos ligados por laços que estavam para além desta terra. Mas a sua maneira de ser, excessivamente egocêntrica, e a embriaguez que tinha pelo poder, que o tornava cego em relação a tudo o resto, acabou por nos afastar e eu segui o meu caminho. Anos depois, já casada, acabei por ser contactada por ele que me convidou para ser a responsável principal pelo novo projecto. Embora inicialmente tivesse recusado, a ligação que tínhamos, apesar da distância entre as nossas personalidades, levou-me a aceitar.

E o grande momento tinha chegado! Um dia depois dos Sacerdotes da Humanidade terem visitado a capital para dissuadir o imperador e terem sido presos, - um dia calmo de verão, limpo de nuvens, sem vento, nem brisa, nem som, nem cheiro, como se todo o planeta tivesse sustido a respiração -, o dispositivo foi activado e uma grande explosão aconteceu, estremecendo toda a cidade. Percebi, naquele instante, que se tratava de um cataclismo à escala planetária e não apenas localizado naquele lugar. Ao longe, das varandas do palácio onde nos encontrávamos e que ruíam ao ritmo da terra que sacudia sem parar, vimos uma enorme massa de água erguer-se no horizonte e deslocar-se para nós. Nos poucos minutos que tínhamos, peguei em Anu, que estava connosco, e desloquei-me para os túneis subterrâneos debaixo do palácio onde todos os poderosos do império convergiram de forma caótica. Cada um de nós tinha acesso a uma câmara de resgate onde se encontravam as bolhas na qual coloquei Anu, apesar da sua resistência em aceitar ir sem nós. Apenas tínhamos direito a uma bolha, que ficou para o nosso filho. E antes que a massa de água destruísse a cidade, as bolhas foram activadas, levando os seus tripulantes de forma automática para as cidades intra-oceanicas, no fundo do grande Mar, onde ficariam protegidos.

Quando me preparava para regressar, vi Tazlavu que me estendeu a mão para que entrasse na sua bolha. E apesar da ligação de Alma que tinha consigo, recusei. Ainda tive tempo de subir de volta ao palácio e abraçar o meu marido que tinha ficado no meio dos escombros, numa das varandas, e ali, ligados pelo amor que sempre nos uniu e pela certeza que o nosso filho iria ficar bem, fomos engolidos pela massa de água que tudo destruiu, pondo fim àquela civilização.

Isabel saiu daquele estado alterado de consciência e tombou para frente. Toda ela transpirava. E assim ficou por alguns minutos. Sabia agora de onde vinha aquela dor que aos poucos se diluía. Trazia consigo, desde daquele tempo, a culpa por ter sido uma das responsáveis pelo fim da civilização Atlante. E agora tinha nas suas mãos um livro com o mesmo título do projeto que ela ajudara a construir. O que queria significar tudo aquilo? - interrogava-se enquanto permanecia na mesma posição. Fosse como fosse, o seu corpo estava mais leve, e a dor desaparecera.

Quando a cerimónia terminou, Isabel saiu da tenda e, sem hesitar, mergulhou nas águas geladas do lago. O impacto térmico provocou uma reação que fez com que, após emergir, se percebesse num outro tempo. Nas margens, viu várias crianças índias sentadas junto do lago enquanto ouviam atentamente o adulto que lhes falava. Percebeu que ela era uma dessas crianças e que o adulto era o Xamá que conduzira aquela cerimónia.

— *Todas as coisas têm vida — dizia ele para as crianças. — As árvores têm vida, as rochas têm vida, as montanhas, a água, tudo está pleno de vida. Vocês acham que as rochas estão mortas? Elas estão cheias de vida como vocês. Quando eu cheguei aqui para vos mostrar este lugar, depois da longa viagem que fizemos, tive o cuidado de saudar tudo o que aqui está... Enviei o fumo do meu cachimbo para todas as coisas, e assim estabeleci a minha ligação com os guardiões deste lugar e com toda vida. As pedras falam umas com as outras, tal como nós fazemos, e as árvores e as montanhas também. Vocês podem ouvi-los, se prestarem atenção, especialmente à noite quando tudo está mais silencioso. Se nós soubermos cuidar de toda a natureza, se a respeitarmos como respeitamos cada um de nós, ela cuidará de nós e nada nos faltará.*

Aos poucos, o burburinho das pessoas foi ganhando espaço e as imagens do passado desvaneceram-se. Meg aproximou-se com uma toalha que entregou a Isabel assim que esta saiu do lago.

— Sinto-me como se tivesse nascido de novo, Meg.

— Sim, percebe-se no seu rosto e no brilho dos seus olhos. Fico muito feliz, minha querida.

Ao ver o Xamá a uns metros mais à frente, Isabel aproximou-se, pedindo para falar em particular.

— Sei que nos encontrámos no passado, aqui mesmo neste lugar.

— Sim, é verdade. E agora estás pronta para seguir o teu verdadeiro caminho e ouvir novamente os cânticos da tua Alma. Mas antes de partires deverás ir ao encontro da Grande Montanha. Shasta te aguarda!

— Também estive lá, no passado?

Ele sorriu.

— Era lá a tua morada, no sopé do monte. Fazias parte da tribo Wintu, e eras uma curandeira. Tinhas contacto directo com os seres da cidade sagrada no interior da montanha. Com os poderes que eles te passaram curavas muitas pessoas. Ali tiveste a oportunidade de usar a energia para o bem de todos, resgatando um pouco do teu carma do passado. A tribo Wintu é conhecida como o povo da água, dessa água sagrada que escorre das entranhas da montanha e desce monte abaixo formando o rio MacCloud, nas margens do qual várias famílias dessa tribo habitavam. Todo aquele que um dia foi índio, nunca o deixará de ser, por mais encarnações que venha a ter. No teu coração, pulsa o som dos nossos tambores e a voz dos nossos ancestrais, e antes que possas partir pelos teus novos caminhos, deverás regressar a uma das tuas casas e acampar no Meadow para que os espíritos do nosso povo te possam acompanhar na tua jornada.

Isabel agradeceu, abraçando-o de lágrimas nos olhos. Iria regressar à sua casa da montanha e, com a força desse reencontro, partir rumo ao seu novo destino.

3

Depois de alguns minutos de carro até ao sopé do Monte Shasta, Isabel chegou finalmente ao Panther Meadow que ficava a dois mil metros de altitude. Aquele era o lugar mais sagrado para os Índios Wintu, com uma ampla vista panorâmica sobre o Monte Shasta. Isabel sentiu-se verdadeiramente em casa. Os prados semi-alpinos faziam lembrar o Vale das Flores, nos Himalaias, onde ela estivera anos antes com o Bernard.

Deixou o carro na entrada do parque e partiu com uma mochila às costas onde levava a tenda, o saco cama, alguma roupa e comida, seguindo pelo trilho de terra que, logo no início, tinha uma placa de tons verdes com o monte Shasta no centro, dando as boas vindas a todos os visitantes. O trilho atravessava uma vegetação rasteira formada de tufos redondos de um verde variado, permitindo caminhar por aquele lugar sem danificar a vegetação. Alguns pontos do trilho eram cobertos de pedras que permitiam uma melhor circulação com tempo de chuva, facilitando de igual forma a travessia dos pequenos regados que surgiam por todo o lado e que refrescavam o ambiente com o seu som borbulhante. Em torno do prado, as árvores criavam uma cintura natural como guardiãs daquele lugar sagrado, definindo os limites do mesmo.

Depois de ter caminhado por algum tempo, encontrou um homem que, junto das árvores, arrancava as imagens de mestres que ali tinham sido pregadas por visitantes, desfazendo os altares de pedra.

— Poucas são as pessoas que respeitam este lugar — disse ele olhando para Isabel que se aproximava e logo depois concentrando-se naquilo que fazia. Pelos contornos do seu rosto, percebia-se que era descendente dos índios que ali tinham vivido. — Vêm para aqui com os seus gurus da Nova Era, sem honrarem os guardiões deste lugar, sem respeitarem a natureza e a vida que aqui está. Montam os seus altares

sem perceberem que este lugar, por si só, já é um altar. Pregam nas árvores as fotografias dos seus mestres, sem pedirem permissão a estas pelas feridas que lhes infringem. Recitam os seus mantras e orações pela cura do planeta, não compreendendo que quem precisa de cura são eles, pelo desrespeito com o lugar e com a Vida que aqui se encontra. E todos os dias tenho que fazer isto, limpando os espaços do lixo que trazem para aqui.

Ele estava claramente incomodado pelo desrespeito para com aquele lugar sagrado.

— Compreendo-o muito bem — disse Isabel. — Estar num lugar como este é um privilégio. Deveriam vir para aqui de forma humilde, despídos dos trajes das suas crenças e, simplesmente, permitirem-se preencher pelo silêncio que tudo transforma. E o silêncio deste lugar é profundamente curador, mas para ouvi-lo e senti-lo é necessário esvaziar a mente de todos os ruídos, principalmente os ruídos “espirituais” — Isabel fez o gesto das aspas.

— Vejo que você é diferente — ele fixou Isabel mais atentamente. — Em si pulsa a voz do nosso povo.

— Sim, disseram-me que em tempos fui uma Wintu e que vivi neste lugar.

Ele sorriu.

— Foi sem dúvida! Eu sinto o pulsar do seu coração que está em sintonia com o pulsar do coração do Meadow. Fico muito feliz que esteja de volta a casa... mas venha... vou levá-la ao lugar onde há muito tempo atrás se encontrava a aldeia Wintu.

Isabel seguiu-o pelo trilho, penetrando na floresta em torno do prado. Ali os caminhos eram ladeados por rochas que se elevavam por todos os lados. Chegaram depois a uma outra clareira, saindo do meio das árvores.

Quando Isabel olhou a clareira, o seu coração acelerou de emoção. Era tudo muito familiar. Ali a tribo construía a aldeia e ali mesmo ela morara durante toda a sua vida.

— Estou em casa — disse ela de lágrimas escorridas.

— Fico muito feliz quando alguém encontra a sua morada — ele ajudou Isabel a tirar a mochila. — Deixe-me ajudá-la a montar a tenda.

— E como vive hoje o povo Wintu? — Perguntou Isabel.

— Com muita dificuldade em fazer valer as suas tradições. O Estado da Califórnia não nos reconhece como uma das tribos deste lugar, apesar de todas as provas históricas já apresentadas. Quando tentamos fazer as nossas cerimónias em lugares sagrados ao longo das margens do rio McCloud, não conseguimos que as autoridades vedem o acesso aos turistas durante essas cerimónias, algumas de carácter iniciático que só devem ser presenciadas pelos Wintu. Em muitos casos, confrontamo-nos com turistas a subir e a descer o rio de barco, fazendo barulho enquanto nos fotografam como se fôssemos mais uma atração turística e outros que invadem os nossos espaços com as suas famílias para pescarem e fazerem os seus piqueniques. Mas o mais grave, ainda, é a perspectiva de virem a subir a parede da barragem do lago Shasta o que irá submergir em definitivo muitos dos nossos lugares sagrados.

— É muito triste, tudo isso: a arrogância desta civilização que tomou o planeta para si, como se fosse dona do mesmo. Mas felizmente este é o fim de um ciclo, e no novo ciclo que se avizinha não haverá mais espaço para o velho mundo e para as velhas práticas.

Momentos depois a tenda estava montada.

— Se precisar de alguma coisa, estarei na periferia do Meadow, logo na entrada.

— Obrigada!

Ele afastou-se com o saco do lixo onde colocara as fotografias dos mestres e os resíduos que os visitantes anteriores tinham deixado por ali. Isabel virou-se então para o monte, respirando fundo. Aquela era uma das suas moradas na terra, um lugar que a marcara positivamente e onde a sua Alma se podia expressar em liberdade...

...Os homens da tribo tinham chegado com o salmão que apanhavam no rio que nascia da montanha sagrada, distribuindo-o por todas as famílias. Com eles as crianças, filhas da tribo e não apenas de seus pais, rodeavam-nos curiosas, querendo ajudar. A Aldeia estava em paz, como sempre esteve, apesar das notícias que chegavam do vale e das terras vizinhas sobre o povo de pele branca que tinha tomado muitas das nossas terras para si, matando muitos dos nossos irmãos. Com eles, trouxeram novas doenças, que dizimaram muitas tribos; doenças essas que eu conseguia curar, depois de ter sido instruída diretamente pelos Grandes Espíritos do interior da Montanha que passaram, para mim e para meu irmão, os seus conhecimentos e alguns dos seus poderes. Muitos eram aqueles que vinham até nós e a Aldeia ficou famosa na região e para além desta. Este era um lugar de Poder que fazia soar em todos nós o som das nossas Almas.

Apesar da Paz, muita foi a inquietação em alguns elementos da tribo, em particular os mais jovens, como o meu irmão, que queriam partir para lutar contra o homem branco. Ele, que tal como eu tinha recebido os poderes da montanha, queria usá-los contra os intrusos, algo que iria matar a sua Alma, pois aqueles poderes tinham sido ofertados para curar e não para destruir. Tentei várias vezes dissuadi-lo, mas não foi suficiente. Acabou por partir, com mais alguns jovens, para lutar junto com outras tribos e desde então nunca mais tive notícias, a não ser de novas mortes por parte do homem branco em vingança pelos assassinatos cometidos pelos nossos que, por sua vez, eram realizados em resposta a muitas outras atrocidades. Sabia que todo esse ódio não chegaria ali, que aquele lugar estaria protegido, pelo menos enquanto fosse viva, assim me tinham prometido os Grandes Espíritos da Montanha...

...De lágrimas nos olhos, Isabel pode sentir todo o poder daquele lugar, sendo envolvida por uma onda de energia que tomou contra de si. Desse contacto um nome veio-lhe à mente: Mirna Jad.

CAPÍTULO III

1

DEPOIS DE TER DEIXADO O MEADOW, ONDE FICOU ACAMPADA vários dias, Isabel regressou à casa na cidade de Dunshuir. Ao perguntar a Meg sobre o nome que tinha recebido, esta falou-lhe novamente da fazenda no Brasil que teria sido construída por cima de Mirna Jad, mais uma das Cidades de Luz no interior da terra, e do encarte que lhe tinha oferecido e onde Isabel encontraria toda a informação necessária para poder visitá-la. Estava agora a caminho da fazenda no interior do Estado de Minas Gerais, rumando até à cidade de Carmo da Cachoeira depois de ter voado para a cidade de São Paulo. Ao contrário do que fizera nos Estados Unidos, desta vez não alugou um carro, indo de autocarro.

Embora tudo indicasse que o seu destino era a fazenda, havia nela um certo desconforto sempre que pensava nesta, como se o lugar que ela tivesse que visitar fosse outro, no entanto, não tendo nenhuma outra indicação, acabou por seguir o roteiro pré-estabelecido. Quando chegou à cidade, deslocou-se até à casa que servia de apoio à fazenda, mas para seu espanto, uma multidão tinha tomado conta da casa. Ao perguntar o que se passava, disseram-lhe que ia haver uma aparição da Virgem na fazenda. Aquilo soou-lhe estranho. Estaria no local certo? Tinha vindo à procura de um grupo que, segundo a Meg – que não visitava a fazenda há vários anos -, manifestara no planeta um dos trabalhos mais avançados, trazendo um conjunto de informação nova para a Humanidade, em função de um novo ciclo e de uma Nova Terra

e agora as pessoas diziam-lhe que a Virgem ia aparecer a um vidente? Era algo totalmente surrealista, pensava. Enquanto isso, o mal-estar que se traduzia num aperto no coração, continuava presente. Era como se lhe quisesse dizer que não deveria ficar ali. Uma das coordenadoras daquela casa, vestida como se fosse uma freira católica, entregou a todos, incluindo Isabel, um folheto com o programa das aparições. E ali estava o calendário para os próximos meses, com os dias e horas marcadas para a Virgem se manifestar. Meg tinha-a prevenido que a fazenda era muito organizada e que ela iria encontrar uma disciplina bastante rígida. Perante o folheto que lhe tinham entregue, parecia que nem mesmo a Virgem escapava a essa organização. Não aguentando mais o aperto no peito que aumentava, acabou por ceder, saindo da casa. Quando se afastava, alguém a esperava do lado de fora, diante de um carro.

— O meu nome é Beatriz e vim buscá-la.

— Agradeço, mas eu decidi não ficar na fazenda.

— Eu sei. Foi por isso que a vim buscar, para levá-la para outro lugar.

— Mas como sabia?

Ela sorriu.

— Esta noite recebi uma instrução directa durante o sono, em que me pediam para vir à cidade ao encontro de alguém que não deveria ficar na fazenda. Quando a vi sair, não tive dúvida alguma que seria você.

Isabel seguiu com Beatriz, alguém que em tempos tinha feito parte daquele grupo, mas que o deixara, criando um outro espaço sendo, desde então, *persona-non-grata* para o grupo.

Quando chegaram, Beatriz conduziu Isabel até à casa onde morava, ajudando-a a levar as malas para um dos quartos. Fez depois uma visita guiada pelo espaço, percebendo-se em Beatriz uma alegria profunda por tê-la junto de si.

— Este lugar, Isabel, é um Núcleo de Retiro e a sua única função é a de ajudar cada pessoa no contacto consigo mesmo, limpando

todos os condutos que possam obstruir esse mesmo contacto. É, por isso mesmo, que não impomos uma formatação ou ritmos específicos a quem chega, pois não sabemos o que a energia do local pretende fazer com essa pessoa, nem aquilo que ela necessita viver. Têm que ser momentos de muita liberdade e entrega. A condução de todo o processo terá que vir do Plano Interno da própria pessoa que se propôs a esse retiro, em função daquilo que ela terá que experimentar neste lugar, num diálogo silencioso entre a personalidade e a Alma, sempre com a supervisão da energia regente da área. Assim, este lugar é totalmente branco, no sentido de não assumir externamente nenhuma cor filosófica, doutrinária ou religiosa, mesmo que alguns dos seus residentes a possam ter, nem impor ou defender, perante os que chegam, nenhum sistema específico com base em práticas ou ritmos pré-estabelecidos. É também um espaço neutro, aceitando a cor daquele que chega sem a contestar, confrontar ou tentar pintar por cima; sem impor nenhum tipo de formação na forma como este se deve posicionar, isso, claro está, desde que esse posicionamento não interfira com os princípios básicos da organização e funcionamento do próprio retiro. Todos os nossos coordenadores não desenvolvem nenhuma prática externa que esteja ligada a correntes espirituais ou sistemas existentes, como por exemplo a recitação de mantras, palestras ou orações, reservando tais práticas, se as tiverem, para os seus momentos privados, de diálogo interior entre eles e suas Almas, já que as mesmas, se fossem expressas para o grupo, poderiam chocar e perturbar a experiência daquele que chega, condicionando a vivência deste naquilo que lhe compete experimentar e viver em função da orientação interna que a energia da área e a sua própria Alma prepararam para o respectivo retiro. Todos os coordenadores regem-se pela prática do silêncio, falando apenas quando são solicitados por quem está em retiro, não apresentando soluções nem sugerindo práticas ou formas de estar, num profundo respeito e total aceitação do outro. Com esta postura, queremos que todos, tanto os residentes quanto aqueles que chegam, se tornem em seres verdadeiramente orantes, não através das explicações que possam encontrar em livros, nem nos ritmos que possam ser sugeridos, ou nas práticas que possam ser apresentadas, mas na simplicidade de quem

se funde em perfeita harmonia com a própria Vida através do único mantra verdadeiramente universal, que é o mantra do Silêncio. Na verdade, Isabel, é apenas isto que nos é pedido.

— Há uma profunda Paz no ar, como um aroma físico, quase como se este pudesse ser tocado pelos sentidos do corpo e não apenas da Alma. Fiz toda a viagem com um aperto no coração enquanto me deslocava para a fazenda, mas agora tudo desapareceu — Isabel olhou para Beatriz, sorrindo. — Sinto-me em casa!

— O teu destino não era a fazenda, Isabel. Irias sentir-te muito mal lá — disse ela numa expressão fechada. — Fiz parte daquele trabalho desde o seu início. Ainda me lembro do dia em que a fazenda foi fundada, com a presença daquele que vieram a chamar de porteiro de ERKS e que tinha iniciado o nosso líder. Era um dia de vento forte, como se os elementos quisessem ajudar a purificar aquelas terras onde o trabalho se manifestaria. Não tenho como te descrever a Alegria que sentíamos por estarmos a dar corpo a um dos trabalhos mais avançados no planeta. Não tenho como te descrever a energia que se fazia presente e que nos conduzia de forma tão leve e tão precisa. Foram momentos de grandes conquistas internas para todo o grupo. O som de Mirna Jad estava sempre presente em nós e os livros foram sendo escritos uns a seguir aos outros e cada um era uma lufada de ar fresco, pois traziam o Novo. Em muitos deles foram deixadas mensagens desses nossos irmãos mais evoluídos, não como agora em que canalizam entidades desde que a Madre entrou, mas na sintonia do silêncio onde muitas das mensagens chegavam sem sequer serem assinadas, mas cuja assinatura era a sua própria frequência energética que nos elevava. Os primeiros doze anos do trabalho foram assim, com essa Luz sempre presente, mas depois veio o deserto e o grupo não soube suportar a secura e aridez do mesmo. Os livros deixaram de ser escritos, a presença de Mirna Jad foi-se recolhendo e todos nós fomos convidados a caminhar na fé, sem uma luz que nos guiasse. Quando a Madre, que é, de certa forma, quem dirige o grupo hoje, chegou, estávamos nesse ponto. Com ela vieram novos conhecimentos, nova informação. O grupo, que estava sequioso disso, por ter perdido o seu contacto directo, deixou-se seduzir

e, deslumbrados, acabaram por se perder. Acabou por criar uma nova Ordem no seio do grupo e os seus membros passaram a vestir-se com os mesmos trajes das freiras católicas e dos monges franciscanos. Eram os ventos da velha Terra a tomar conta do trabalho, e com eles veio toda uma egrégora de entidades que passaram a canalizar que, travestidas de luz, como lobos disfarçados, tomaram conta de tudo. A linguagem que usam é antiga, é dual, é focada no bem e no mal, nos pecados, nos erros, na redenção, o oposto de tudo aquilo que esse trabalho manifestou nos seus primeiros anos de existência... e agora o trabalho deu um passo em frente — o seu tom era irónico — com as aparições da Virgem. Aceitar que a energia da Mãe Universal se manifeste daquela forma e com aquela linguagem para três crianças em 1917, condicionadas que estavam pela sua idade e pelo contexto cultural e religioso onde estavam inseridas, é algo que se pode compreender, agora aceitar que essa Mãe Universal se manifeste da mesma forma, com a mesma linguagem, com os mesmos trajes, para um grupo de seres que tiveram a oportunidade de entrar em contacto com outras realidades, já é mais difícil. E o que me espanta em tudo isto, Isabel, é como conseguem iludir tantas pessoas, pois o que ali está é tão evidente. Sempre que penso nisso lembro-me das palavras de Jesus quando ele dizia, referindo-se aos últimos tempos, que até aqueles que estariam despertos seriam iludidos, e é isso que está acontecer.

— Percebo alguma mágoa nas tuas palavras.

— Não é mágoa, Isabel, mas uma profunda tristeza por ver que o grupo, por falta de humildade, não soube aguentar o deserto e se corrompeu por completo. Por perceber que aquela semente pura que fora plantada e que trazia consigo as frequências da Nova Terra — e só quem esteve lá no princípio pode perceber o que isso significou —, foi totalmente contaminado pelo velho, pelo antigo... e agora não há mais volta a dar. Não acredito que seja possível trazer de volta esse som original. Ou o grupo se desfaz, e cada ser que ali está segue novos caminhos que serão para eles uma libertação, ou se cristaliza em mais uma seita.

— Não deveria existir em ti tristeza, Beatriz. Isso mostra que ainda estás apegada ao grupo. Lembra-te que as linhas tortas também

são parte da escrita certa de Deus, e por isso está sempre tudo bem. Há sempre uma razão oculta, por detrás de tudo aquilo que se manifesta, e a Madre não é exceção. Essa linguagem velha, antiga, como falas, pode ser exatamente a linguagem que aquelas pessoas necessitam por ainda estarem presas dentro de uma mentalidade dual. E se esse é ponto em que o grupo se encontra, que se expresse de forma coerente com esse mesmo ponto. Não temos que os julgar. E depois foi a chegada da Madre ao grupo que permitiu que tu, que estavas presa àquele contexto, te libertasses e seguisses em frente. Por isso deverias estar grata, pois agora estás de volta a ti mesma e tiveste a oportunidade de criar este espaço e encontrar o Som da tua Alma. E se aquela Leveza e aquela Luz que sentias no princípio do trabalho do grupo desapareceu, não será em nenhum outro trabalho que a irás encontrar, mas em ti mesma. Então não cries sequer a expectativa que tudo isso possa regressar, porque agora o caminho é interior e não mais exterior. O tempo dos grupos formais terminou. Agora é o tempo de cada ser encontrar a sua própria Alma e expressar, através desta, o Amor Universal, juntando-se a outros em tarefas comuns pelo bem da humanidade, em função dessas tarefas e não de um grupo em particular. E depois há que ter a coragem de seguir em frente, quando a tarefa terminar, e permitir que a Alma os possa conduzir por novos caminhos, por novas experiências, sem estarem cristalizados em nenhuma estrutura física, ideológica ou doutrinária. Por isso eu digo, Beatriz, — Isabel parou de caminhar, olhando para ela — Alegra-te! A Vida é profundamente sábia e quando nos deixamos levar pela sua sabedoria, facilmente percebemos que não existem coisas boas e coisas más, mas apenas as experiências necessárias para a nossa evolução, enquanto seres encarnados.

Beatriz sorriu de lágrimas nos olhos, abraçando-a.

— Acabaste de tirar um peso de cima dos meus ombros — disse ela mantendo o abraço. — Não podemos mesmo ficar presos ao passado. Temos que seguir em frente, e eu não estava a conseguir fazer isso em relação à fazenda — ela desfez o abraço, limpando as lágrimas. — Tens toda a razão. Sou grata ao trabalho da Madre, pois Deus tem sempre uma razão oculta por detrás de tudo, como disseste, e a existência desse

trabalho permitiu que me afastasse de um grupo onde o meu coração tinha secado e a minha Alma se ausentado.

Naquela noite, Isabel dormiu profundamente no quarto anexo da casa onde morava Beatriz. Durante o sono, viu-se levada para um santuário. Este tinha uma forma circular, sendo aberto de todos os lados. Lá dentro, Isabel podia distinguir alguns Seres de Luz cuja presença lhe inspirava uma grande Paz e familiaridade. Um Raio de Luz saiu então de uma fonte que não se via, permeando o seu corpo. A vibração que se fez sentir era de tal intensidade, que todo o seu Ser se fez presente num Fogo frio que inundou o seu peito. Não havia uma única gota de medo presente. Compreendeu então que aquela vibração não vinha de um Ser em particular, mas de uma Hierarquia de Seres que a receberam naquele espaço sagrado. Ali, ela era Um com essa Presença que a abraçava de uma forma amorosa. No decorrer dessa vivência, Isabel conseguiu distinguir alguns sons sem forma que depois se transformavam em cânticos, pelo menos era assim que ela os interpretava. Estava a viver uma cura profunda, como se estivessem a remover uma película de pó que impedia que a sua Luz Interior pudesse brilhar plenamente. Aos poucos, essa camada foi sendo removida, revelando a sua identidade profunda: essa Presença que vinha de dentro e que cintilava numa cadência sincronizada com a vibração de Amor que a cercava. Era como se ela estivesse a nascer de novo.

— *Paz Profunda, Isabel* — disse alguém.

A voz era como se viesse de todos os lados ao mesmo tempo.

— *Que lugar é este?* — perguntou ela.

— *Não é um lugar mas sim um estado de Consciência: a consciência intraterrena do reino de Mirna Jad.*

— *Vejo vários seres aqui. Fazem todos eles parte de Mirna Jad?*

— *Não. A maior parte deles são pessoas que vivem na superfície do planeta. Vêm até este santuário durante o período de sono para passarem pelo mesmo processo de cura que experimentais.*

— *Sinto-me em casa.*

— *E estais em casa. Este é o lugar que vos acolherá quando deixardes os trilhos do mundo onde ainda vives.*

— *E porque estou aqui, agora?*

— *Porque este processo de cura pelo qual estais a passar irá possibilitar uma maior sintonia entre a personalidade terrena e a Essência Espiritual que a vivifica. Mas estais aqui, também, para que sejam confirmados os caminhos do vosso novo destino. Deveis deixar este lugar e contactar com a Energia do Templo de Ibez. E lembrai-vos que Mirna Jad e Aurora são os pés de Shambhala, e Ibez e Telos os braços de Lys..*

A voz desapareceu num eco que se desfez, vendo-se Isabel dentro de um anfiteatro onde vários seres se encontravam virados para um palco circular. Ali, um Ser feminino encontrava-se sentado. Tinha um véu que lhe cobria os olhos, fazendo com que Isabel se recordasse do quadro da Mãe do Mundo de Nicholas Roerich, com o qual ela sentia uma profunda ligação, pois era como se este tivesse sido pintado a partir daquela imagem. Compreendeu então que estava diante da energia da Grande Mãe, e que o simbolismo do véu a cobrir os olhos tinha um significado oculto, pois a Mãe não necessita de ver os seus filhos, já que vive dentro destes. E foi então que ela falou:

«Muitos são os nomes que me deram, mas nenhum deles é o meu. Sou a Mãe dos universos conhecidos e desconhecidos, da luz e da sombra. Sou o substrato de toda a criação. Não me apresento para vos dizer o que fazer, para apresentar regras ou condutas, rituais ou práticas a aplicar. Não me apresento para profetizar nem para vos instruir nos melhores caminhos, pois estou no coração de todos os Seres. Falo-vos pela intuição, como o faço aos pássaros quando lhes mostro os caminhos das migrações, quando conduzo as baleias pelas correntes marinhas, quando levo os peixes a desovarem no lugar onde nasceram. E se tudo isto faço com os vossos irmãos dos outros reinos, não faria isso também convosco? Não me encontrarão nas canalizações, nos mantras ou nas orações realizadas em meu nome, não me encontrarão nos altares das vossas crenças, mas unicamente no aroma das vossas Almas, cujo Som sempre vos conduzirá para a Verdade.»

Quando acordou no dia seguinte, sentia-se leve e ao mesmo tempo coesa, numa integração plena de todos os aspectos do seu Ser.

Não tendo encontrado Beatriz na casa, deslocou-se para o refeitório e ali sentou-se a seu lado depois de se ter servido de alguns frutos da época colhidos nos pomares circundantes.

— Bom dia.

— Olá, Isabel. Dormiste bem?

— Sim, muito bem. Esta noite foi muito especial para mim. Estive em Mirna Jad e lá encontrei a minha verdadeira casa.

— Mirna Jad é o reino que abre as portas da nossa Essência Espiritual; o Templo de onde a Alma irradia a sua energia de amor, abrindo caminho para a verdadeira liberdade que surge apenas quando nos desapegamos das coisas deste mundo, deixando-nos envolver pela paz e serenidade que brota do centro do nosso Coração. O contacto com a energia do centro de Mirna Jad possibilita a ampliação da nossa consciência e da percepção de outras dimensões. Mas nada disso acontece com esforço, mas sim na vivência de cada momento que, em nós, for despertando. Não é, por isso mesmo, algo que possa ser ensinado. Não se chega lá com rituais, ritmos, mantras ou orações, mas unicamente através do Silêncio onde todos esses ruídos são anulados. Mirna Jad é, também, a morada de todos aqueles que estão em sintonia com o Segundo Raio, o raio do Amor e da Sabedoria — ela fez uma breve pausa, fixando os olhos de Isabel como se estivesse a ler-lhe a Alma. — Tu tens como Signo o Segundo Raio e esta é a tua matriz Espiritual.

Isabel retirou da sua bolsa o livro da Chave de Andrómeda, abrindo este na página do esboço que tinha iniciado em Shasta. E logo escreveu Mirna Jad junto da bola referente ao Segundo Raio, fechando-o.

— Um dos seres que se comunicou comigo, disse-me que teria que contactar com a energia do Templo de Ibez. Onde fica esse templo?

Beatriz sorriu, com um olhar cintilante.

— Sabes que estava a preparar uma viagem com esse objetivo?

— A sério? E posso ir contigo?

— Claro! Na verdade, sem o saber, essa viagem foi programada para te levar lá.

— E onde fica?

— O Templo de Ibez fica no interior da Serra do Roncador, no Estado de Mato Grosso, na zona da Barra do Garças. É uma zona muito especial que atrai muitas pessoas, desde simples turistas que vão na procura das belezas naturais, até arqueólogos que buscam pistas para civilizações do passado, ufólogos que vão à procura de evidências sobre a existência de extraterrestres e todo o tipo de espiritualistas, alguns com comunidades na área.

— E o que é o Templo de Ibez?

— Ibez é uma cidade intraterrena, como tantas outras espalhadas pelo mundo. Ao contrário de Telos que albergou o povo Lemuriano no fim do ciclo passado, Ibez recebeu parte do povo Atlante. É um dos centros mais antigos do planeta, sendo aquele que deu origem à primeira civilização, muito antes do reino de Mu, e será aquele a partir do qual surgirá a sétima raça, a Raça Dourada, que será a última deste ciclo planetário. Lys, que se encontra no centro de Portugal, será o núcleo regente do planeta durante o sétimo ciclo. É lá que está a matriz dessa futura raça que Ibez manifestará.

— Esta noite o Ser que me contactou disse-me que Ibez e Telos eram os braços de Lys. O que achas que isso significa?

— Sim, sem dúvida. Existe um triângulo entre esses centros, pois eles serão os centros principais durante o sétimo ciclo planetário, quando a Terra se tornar um planeta ascendido. Lys guarda a semente dessa raça futura, a Raça Dourada, tornando-se o centro Regente do planeta, enquanto que Telos tecerá os trajes programáticos e as ligações entre essa raça e as múltiplas dimensões do universo. Ibez, por sua vez, materializará essa matriz e esse programa num corpo vivo e operante, a futura raça.

Isabel abriu novamente o livro, contemplando-o.

— Se Telos está ligado ao Oitavo Raio, Ibez estaria ligado ao Décimo Segundo?

— Sim, o Raio da Libertação. E Lys está ligado ao Quarto Raio, que é o raio da Harmonia a partir do qual a Ascensão poderá acontecer.

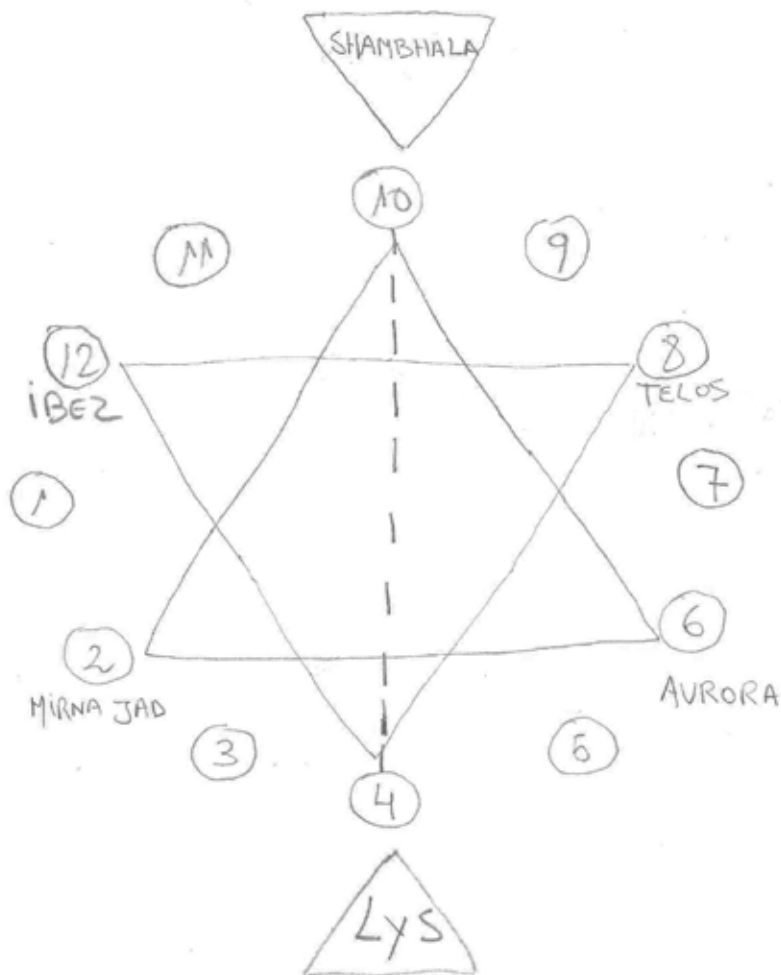
Isabel escreveu cada um dos centros nos respectivos raios, traçando um triângulo que os ligava. Era a primeira geometria daquela chave que começava a ganhar expressão. Contudo, ao escrever Lys por baixo do quarto raio, sentiu que um outro triângulo deveria ser desenhado em torno da palavra, e assim fez. Olhou depois para Beatriz.

— Uma outra coisa que me foi dito é que Mirna Jad e Aurora seriam os pés de Shambhala.

— Humm... — Beatriz ficou pensativa. — Isso é interessante, porque se pensarmos que Mirna Jad está ligada ao Segundo Raio, então Aurora seria o seu complemento por estar ligado ao Sexto Raio. Mas não te sei dizer mais nada em relação a isso.

Isabel escreveu então o centro de Aurora por baixo do Sexto Raio, ligando este com Mirna Jad que já lá estava escrito. Colocou depois Shambhala no topo, junto do Décimo Raio, fechando o triângulo. E uma vez mais, como fizera com Lys, desenhou um triângulo menor em torno deste. Ficou depois de olhos na geometria, e de seguida no seu colar onde se encontrava uma dupla estrela de David. Tinha encontrado a primeira estrela daquela chave, desenhando no centro desta uma linha vertical que ligava Lys, o Quarto Raio, a Shambhala, o Décimo Raio. Tal como Meg lhe tinha explicado quando lhe falou dos raios, aquele era o fio de ligação Céu-Terra e o eixo a partir do qual o planeta ascenderia para uma dimensão superior.

Ao olhar a geometria, Isabel sentiu-se ser transportada no tempo, como se estivesse diante daquela mesma imagem enquanto cientista do império Atlante. Naquela altura não trabalhava com a energia dos centros planetários mas apenas com a energia dos raios, contudo o esboço era o mesmo. Já não havia nela a culpa por tudo o que acontecera no passado, nem o medo de que o mesmo pudesse voltar a ocorrer, pois desta vez não seriam mãos humanas a activar aquela chave mas os desígnios destinados a um planeta no cumprimento da sua programação interna.



2

No dia seguinte, pelas cinco da manhã, partiram para a Serra do Roncador que ficava no Estado de Mato Grosso, junto à fronteira com Goiás. Uma viagem de carro por cerca de 1200 quilômetros que iria

demorar mais ou menos 15 horas. Seguiram pela BR-265 e depois pela MG-444, passando pela pequena cidade de Passos. Entraram depois no Estado de São Paulo, a norte, apanhando a SP-345 na direcção de Jardim Noémia, e depois seguindo pela SP-330 na direcção de Guará. De volta ao Estado de Minas Gerais, seguiram pela BR-50 rumo a Uberaba onde pararam para descansar, depois de cinco horas e meia de viagem. Aquela era a cidade natal de Beatriz e também a cidade onde Xico Xavier, o grande médium brasileiro, tinha vivido. Era ali que estava enterrado, tendo o seu túmulo se tornado lugar de peregrinação para milhares de pessoas. Beatriz conduziu-as até à Mata do Ipê, um parque no centro da cidade com árvores de copa larga e vários cursos de água e lagos. Ficaram meia hora no parque onde aproveitaram para comer, mas logo seguiram viagem, desta vez, com Isabel a conduzir. Já na BR-452, seguiram na direcção de Uberlândia que atravessaram pela periferia, fazendo uma segunda paragem já no Estado de Goiás, na cidade de Rio Verde, seis horas depois de terem deixado Uberaba. Ali fizeram um pequeno lanche, num parque da cidade, seguindo logo depois, já com Beatriz ao volante, pela GO-174, 220 e 184, apanhando a BR-158 alguns quilómetros depois. Por volta das oito da noite, entraram no Estado de Mato Grosso, cuja fronteira com Goiás era delineada pelo rio Araguaia, que atravessaram pela ponte que ligava os dois Estados, na direcção da cidade de Barra do Garças. Sobre a ponte, um casal de índios de etnia Xavante, um povo guerreiro e orgulhoso das suas tradições, caminhava na mesma direcção, com um filho a seu lado. O homem tinha um tubo de bambu que atravessava uma das orelhas e o cabelo em franja, sendo aquele o primeiro contacto com os povos da região. Seguiram depois na direcção do Vale dos Sonhos e da propriedade do Maurinho, local onde Beatriz ficava sempre que se deslocava àquele lugar.

Eram quase nove da noite quando chegaram à fazenda. Um lugar rústico, mesmo junto ao bico da Serra, com casas de alvenaria e outras de madeira. Não havia electricidade nem outros confortos, sendo aquele um espaço que convidava todos os que chegavam ao despojamento e à entrega plena. Isabel e Beatriz foram conduzidas pelo Maurinho até uma casa de madeira, com duas camas, onde iriam

ficar. As casas de banho eram comuns e as refeições eram realizadas na cozinha comunitária por cada um dos hóspedes. Depois de terem deixado as malas, foram com o Maurinho, a seu convite, até junto da fogueira onde ele e outros hóspedes se encontravam a confraternizar, comendo uma refeição ligeira preparada no próprio local.

Maurinho era o guardião da Serra, um ser simples e humilde, que fora convidado pela energia do local a instalar-se ali para o bem de todos, tarefa que ele soube cumprir. Nascido em Barra do Garças, a 70km do Roncador, regressou àquele lugar muitos anos depois quando encontrou a fazenda à venda percebendo, logo de imediato, que esta teria que ser sua. Não tendo consigo todo o dinheiro de que necessitava, entregou tudo o que tinha e regressou ao local onde morava para vender os seus pertences. Quando regressou, o proprietário tinha aumentado o valor da fazenda, mas o dinheiro que ele trazia era exactamente o valor que faltava para completar o que estava em falta. Hoje recebia todos aqueles que queriam mergulhar nos mistérios do Roncador, acompanhando os visitantes pelos trilhos da Serra como alguém que fazia parte desta.

— Li no seu *site* que foi curado pelos Seres da Serra quando teve o seu acidente, como aconteceu isso? — Perguntou um dos hóspedes.

— Depois do meu acidente, onde tive várias fracturas expostas, os médicos me disseram que iria ficar seis meses numa cadeira de rodas e que só depois me poderiam dizer se voltaria a andar. Foi nessa altura que, ainda no hospital, tive uma visão de um local que eu tinha visto momentos antes de ter o acidente, onde se encontrava um fio de água que brotava de uma nascente que vinha da rocha. Ao lado corria uma resina. Na minha visão, apareceram dois Seres, um mais nítido que parecia um monge e outro mais difuso que me falou dizendo: «Se beber desta água, daqui a oito dias sairá da cadeira de rodas e voltará a andar.» Isto aconteceu vinte dias depois do acidente. Chamei então o meu pai e dei-lhe todas as indicações necessárias para ele encontrar o local, pedindo-lhe que fosse à Serra buscar a água e um pouco da resina. Ele encontrou e trouxe-me a água que bebi e a resina que apliquei nas feridas. Uma semana depois já estava a andar para espanto de todos.

Mas os problemas não acabaram aqui. Tempos depois perdi tudo, o carro e outros bens, só ficando eu e o meu amado Roncador. Percebia que estava a ser testado na minha fé e soube aguentar com Alegria, pois, não tendo nada, tinha o mais importante que era a Serra que já era parte de mim. Era dela que me nutria e me fortalecia. E foi essa Alegria e confiança plena na Providência Divina, que fizeram com que a ajuda chegasse. Ou era um amigo que vinha e trazia comida, ou alguém que visitava o local e deixava mais que o necessário. Nunca mais passei necessidade e essa foi uma grande lição para mim e para todos aqueles que ouvem a minha história. Deus sabe tudo sobre os nossos caminhos. Se confiarmos e tivermos fé, principalmente nos momentos de maior necessidade, nada nos faltará.

Depois de um breve silêncio, onde só se ouvia o crepitar do lume, Beatriz falou.

— Qual é o programa de amanhã, Maurinho?

— Amanhã iremos às Torres Gémeas e depois seguiremos para o *plateau* da Serra onde acamparemos durante a noite — disse ele levantando-se e ajeitando de seguida a fogueira, de forma a deixá-la apenas em brasas.- E agora vou-me recolher que já se faz tarde.

O grupo dispersou-se, caminhando para os seus quartos que se espalhavam pelas várias casas que se encontravam na fazenda.

Na manhã seguinte, o grupo rumou até à serra, guiado pelo Maurinho, que era um conhecedor de cada recanto da serra e, mais do que isso, alguém que tinha uma sintonia telepática e intuitiva com a vida daquele lugar, sendo parte integrante do mesmo. A Serra do Roncador era uma formação de arenito, cujo nome derivava dos roncamentos que se ouviam, vindos do interior da mesma. Sempre esteve ligada à lenda do explorador Percy Fawcett, um místico iniciado em rituais tibetanos e instruído por uma visão espiritual que organizou, em 1925, uma expedição pela região, na busca da cidade perdida da Atlântida que ele acreditava encontrar-se no interior daquelas montanhas. O seu desaparecimento tornou-se motivo de lendas, nas quais se afirmava que este teria encontrado essa cidade e lá permanecido.

O Roncador tem ligação com muitos outros lugares na região, muitos deles, lugares sagrados para os índios Xavantes que moram mais a norte, numa reserva. Um desses lugares é a Lagoa Encantada, vista por eles como a entrada para a morada dos Deuses, de onde saem luzes na direcção das estrelas. A Lagoa tem uma profundidade indeterminada e a água, embora limpa, não contém nenhuma forma de vida, sendo um mistério para os cientistas. Os índios tomam banho nas margens, não se aventurando mais para o fundo, com receio de serem puxados por uma força invisível. Junto da Lagoa, existe uma caverna que dizem ir até ao interior da terra e onde apenas o cacique tem autorização para entrar. É um lugar protegido pelos índios, seus guardiões, que não permitem que qualquer pessoa tenha acesso ao local e, segundo o Maurinho, um lugar que tem uma ligação directa com a Serra, sendo um dos pontos de entrada para a civilização intraterrena.

Duas horas depois, chegaram às Torres Gémeas, na ponta do Roncador, tendo subido por entre os paredões da serra. As torres eram diferentes uma da outra, como sinalizando a dualidade dos sexos nas polaridades feminina e masculina, ambas como sentinelas atentas da planície que se perdia de vista, num horizonte sem nuvens. Dali seguiram para o topo da serra, um imenso *plateau* onde nada existia, como um convite que a serra fazia para que todos pudessem mergulhar no vazio do silêncio e ali se reencontrarem.

Depois de terem montado as tendas, Isabel afastou-se do grupo, ficando sozinha. Caminhou pelo *plateau*, de olhar no horizonte. A brisa brincava com os seus cabelos soltos, confortando-lhe o rosto que permanecia focado, centrado, presente, como quem absorve a totalidade do momento, sem se deter em nada. Num dos extremos, subiu para cima de uma pedra sentando-se no topo, de pernas recolhidas, nas quais envolveu os seus braços. O olhar continuava distante, perdido na névoa que cobria parte do horizonte, enquanto o sol descia por detrás dessa névoa, amortecendo a sua luz dourada que se podia observar directamente. O Fogo no centro do peito falava-lhe de uma Alma que se tornava presente, que permanecia por mais tempo, sem a necessidade de se recolher por detrás dos medos de uma personalidade que, aos poucos, se fazia espelho da sua própria Essência. Através desta, a voz do

Espírito podia manifestar-se no Som do Silêncio que tudo preenchia. O passado perdia força, as memórias desvaneciam-se como se fossem histórias contadas por outros, das quais Isabel se sentia ausente por não ser mais personagem das mesmas. E, no seu rosto, um suave sorriso, como quem encontra o seu lugar no espaço e no tempo, delineou-se em dois traços que ficaram, como se ali sempre tivessem estado, e uma alegria tranquila, leve, preencheu-a de uma ponta à outra e em todas as outras pontas não conhecidas, como se o seu Ser, em todas as dimensões possíveis, se tivesse tornado Uno e Presente. A harmonia do corpo fundiu-se com o silêncio da Alma e a Paz inundou-a por completo. Naquele estado de plenitude e simplicidade, Isabel era o Todo num único momento chamado Eternidade.

Acabou por se deitar sobre a pedra, abrindo os braços e deixando-se levar com a brisa. De olhos fechados, viu a imagem da pequena criança que, junto das margens de um lago, lhe dissera chamar-se Maria. A mesma criança que Isabel vira quando tocara no Crânio de Cristal e que tinha sido um dos Sacerdotes da Humanidade, aquela que lhe dissera que podia ser mãe se assim o desejasse. E, na frequência daquela imagem, deixou-se levar pelos trilhos do tempo sem oferecer resistência, pois este não lhe podia tocar mais, sentindo em si parte da história passada dessa criança como se ambas fossem um só coração...

...Lá em baixo, os quatro rios fundiam-se no lago sagrado de Kusha, vindos das placas continentais. Rasgavam todo o vale das terras baixas, fertilizando tudo com as suas águas puras de harmonia. Como era refrescante fundir a minha mente no verde húmido daquelas terras, no reflexo cintilante das águas mornas e tranquilas, no perfume luxuoso de plantas e arbustos, no colorido delicado de flores expressivamente iluminadas.

Estava sentada no alto do monte Poseidonis, contemplando o vale. Ao fundo, diluído pela neblina constante, encontrava-se a Grande Muralha oceânica. Desde há muito que os sacerdotes tinham profetizado a sua ruptura, o que transformaria todo vale de Kusha num enorme mar. Diziam mesmo ser esse o primeiro sinal do fim dos tempos.

A brisa soprava suavemente, brincando com os meus longos cabelos. Transportava nos seus braços delicados as memórias de um passado que não recordava e os presságios futuros de um novo ciclo, desde sempre anunciado. Era como se aquela aragem perfumada vagueasse pelo tempo, entrelaçando-o como fios num tear. Fios de uma unidade perfeita, onde cada parte se fundia na outra, habitando um espaço sem tempo nem lugar.

A terra de Kusha caracterizava-se pelos seus pastos húmidos, pelas árvores gigantes que se erguiam majestosas de encantos, pela água fresca que caía em cascata das encostas rochosas, correndo serenamente em fios de uma generosidade tranquila que a todos inspirava nas suas viagens interiores. As estações eram temperadas de harmonia, vitalizando, em sopros de mãe, todo aquele vale de perfumes deliciosos. Mas era um paraíso corrompido pela avidez crescente daquela civilização que, ao longo da sua existência de milhões de anos, foi delapidando a pureza de todo um povo, condenando-o à extinção.

Enquanto os meus olhos se perdiam no horizonte nublado, a minha mente tentava vislumbrar o caminho que me colocaria sobre os trilhos do meu destino. Mas onde poderia encontrar a chave da minha existência terrena?

— Onde? — indaguei em voz alta.

— Perguntai às aves do céu e elas vos farão saber; ou falai com a terra e ela vos ensinará; até os peixes do mar vos contarão.

A voz vinha de um homem que se aproximava.

— E como fazemos nós para falar com a natureza?

— Amando-a, claro! — ele sentou-se a meu lado.

— Mas eu amo-a.

— Se a amais verdadeiramente, todas as vossas perguntas serão respondidas e as incertezas tranquilizadas.

— Então porque é que ainda não sei que caminho seguir?

— Tendes a certeza disso?

— Claro que tenho!

— Já olhastes bem fundo em vossa consciência?

— *Como assim?*

— *Fechai os olhos- Assim fiz.- Que vedes?*

— *Não sei.*

— *Claro que sabeis. Olhai mais profundamente... ainda mais...*

OM MANI PADME HUM...

A sua voz parecia levitar-me, hipnotizando-me na suavidade das imagens que aos poucos se começavam a delinear. De olhos fechados, vi o templo do Deus-Sol, e neste, a figura masculina de alguém que conhecia sem recordar. No seu rosto, vislumbrei o meu reflexo, compreendendo que aquele ser era a expressão masculina da minha própria essência. Mas o que fazia ele naquele lugar? Foi então que me senti ser puxada para um passado que não recordava, pois este espelhava uma realidade que tanta dificuldade tinha em aceitar. Vi os meus pais levarem-me até ao templo do Deus-Sol, onde, ainda com poucos anos de idade, identifiquei todos os deuses. Os sacerdotes ficaram encantados com aquela minha proeza, profetizando o meu regresso. Seria esse o caminho que tanto procurava?

— *Que achais dessas recordações?* — *perguntou ele logo depois que abri os olhos.*

— *Não sei* — *disse eu encolhendo os ombros.*

— *Tanta insegurança!* — *ele sorriu suavemente.* — *Porque não olhais para o caminho que tanto procurais?*

— *Porque não o conheço.*

— *Eu diria antes: porque não o quereis conhecer.*

— *Mas eu quero!* — *os meus olhos abriram-se de ansiedade.*

— *Então porque negais a evidência de um caminho que desde criança vos foi anunciado?*

— *Porque esse não pode ser o meu caminho* — *repliquei de expressão fechada.* — *Apenas os predestinados conseguem ser aceites no templo do Deus-Sol.*

— *E se vós fordes um desses predestinados?*

Sorri perante aquela possibilidade. Eu, uma predestinada?!

— *Sei que não sou.*

— *E se estiverdes enganada?*

Por momentos, fixei-me no olhar iluminado daquele homem, vendo no seu reflexo alguém que me era familiar. Seria mesmo possível?!

— *Quem sois vós? — perguntei numa curiosidade crescente.*

— *Eu sou aquele que sopra pelos pastos, que corre pelos rios. Sou o homem, a mulher, os animais e as plantas — ele levantou-se.*

— *E qual é o vosso nome?*

— *O meu verdadeiro nome é Gohara, mas Gohara também és tu.*

A sua figura desvaneceu-se no brilho colorido de uma luz radiante. Tinha estado na presença de um ser iluminado; uma dessas consciências raras que se sacrificaram pela humanidade. Meu deus! Que queria significar tudo aquilo?

Acabei por aceitar o meu destino e partir para os Montes Sagrados onde se encontrava o Templo do Deus-Sol. Um destino traçado desde o dia em que nasci e que teria de cumprir por amor àquela humanidade que se prostrava diante da sua própria ignorância, correndo cegamente para um abismo de onde dificilmente sairia.

Depois de ter chegado à cidade, iniciei-me como novata nas lides do templo. Tínhamos que ser preparados para as provas de admissão que se realizavam todos os anos e de onde saíam os novos sacerdotes. Sabíamos que apenas os predestinados passariam as três provas: as consciências que desde há muito se tinham sacrificado pela humanidade, permanecendo sempre junto desta.

Quando o dia das provas chegou, surpreendi-me com a calma que em mim pude experimentar. Dentro do templo, o primeiro sacerdote, vestido de vermelho, aguardava a minha entrada. Estava sentado numa enorme cadeira esculpida com alegorias religiosas, fixando-se no meu olhar confiante. A sala cintilava na luz pouco intensa que saía de uma abertura na parede, reflectindo, em sombreados expressivos, as figuras pintadas nas suas paredes de pedra.

— *Esta é uma prova de fé. Apenas aqueles que souberem negar as evidências da razão poderão passar para a prova seguinte — ele levantou-se, aproximando-se da abertura. — É neste forno que derretemos o ouro para*

fazer os nossos adornos e deuses e é, neste mesmo forno, que deveis colocar o vosso braço.

Sem hesitar no medo, que facilmente poderia ter tomado conta de mim, coloquei o braço na abertura do forno, confiando. E tanto confiei que nada aconteceu. O sacerdote parecia satisfeito, sorrindo de uma forma discreta enquanto observava o meu desempenho.

Depois de ter passado a primeira prova, entrei na sala seguinte, onde outro sacerdote me aguardava. As suas roupas eram bordadas de branco e a sala coberta por hieróglifos cujo significado ignorava. No centro, um enorme livro abria-se sobre um altar de pedra.

— *Este é o livro de toda a sabedoria — disse ele num tom pausado. — Mas primeiro tereis que decifrar o seu conteúdo, para depois me dizerdes que Verdade este livro contém.*

Aproximei-me lentamente do altar, fixando as páginas abertas daquele livro sagrado, mas todas elas estavam em branco. Vacilei por momentos na confusão de uma Verdade que não conseguia decifrar, pois como poderia encontrar a sabedoria na ausência das palavras?

— *Então! Que me dizeis?*

— *Digo-vos que a Verdade não se encontra em palavras, nem pode ser transmitida por conceitos. Ela existe na essência de cada ser e só ali pode ser compreendida.*

O sacerdote assentiu, satisfeito com a resposta. Tinha passado a segunda prova.

Estava agora na sala principal do templo, onde um enorme disco dourado representava o Deus-Sol. Junto da imagem encontrava-se um terceiro sacerdote vestido com um enorme manto igualmente dourado que se estendia atrás do seu andar sereno. A sala estava envolta em pequenos nichos onde se encontravam as outras divindades do império, todas elas luxuosamente ornamentadas.

— *São raros aqueles que conseguem passar as duas primeiras provas e até hoje ninguém passou a terceira — disse ele, aproximando-se. — Para nos tornarmos sacerdotes só temos que passar a prova de fé. A segunda prova é para os sacerdotes deste templo e a terceira para os sacerdotes da humanidade.*

— *Estou pronta para assumir tal responsabilidade se esse for o meu destino.*

— *Então curvai-vos diante do Deus supremo — ele apontou para o disco dourado.*

— *Não o poderei fazer — disse eu convicta das minhas certezas.*

— *E porque não?*

— *Porque esse disco nada mais é que um pedaço de ouro moldado.*

— *Como vos atreveis a dizer tal heresia!*

— *Deus está no coração de cada ser e não em formas exteriores. É em cada um de nós que ele habita e, por isso mesmo, curvo-me diante de si, assim como me curvaria diante de qualquer outro ser.*

Por momentos, julguei que iria ser expulsa do templo, pois tinha ofendido a divindade solar, mas para minha surpresa tinha passado a terceira prova. Fui levada para uma outra sala onde se encontravam doze cadeiras de pedra, seis em cada parede. Nestas, foram-se sentando aqueles que também passaram as três provas, sendo seis deles, seres femininos. No centro, entre as cadeiras, encontrava-se um crânio de cristal sobre um pedestal de pedra.

— *Há muito que esperávamos a vinda dos sacerdotes da humanidade — disse o Mestre daquele templo que se materializou diante de nós. — Desde o princípio dos tempos que a sua chegada foi profetizada por sábios e clarividentes. O próprio oráculo do templo preveniu-nos que com a sua chegada, este ciclo terminaria.*

Não conseguia desviar o meu olhar de um dos seres masculinos que se encontrava no outro lado da sala. Era como se eu personificasse o seu rosto iluminado.

— *Vós fazeis parte de uma só consciência cujo nome é Gohara; uma consciência que se sacrificou pelo mundo e que ainda se encontra repartida nos sete Espíritos que desceram à matéria e nos cinco Espíritos que permaneceram em planos imateriais. Gohara é a décima terceira consciência: o Regente desses vários núcleos que um dia despertará como Avatar, após a fusão de todos os seus prolongamentos. Eu sou a sétima consciência daquelas que desceram aos planos materiais não me tendo separado em duas Almas*

polares, como aconteceu convosco, e assim pude acompanhar-vos como Mestre, ao longo das vossas múltiplas encarnações. Temos agora diante de nós um desafio: impedir que um cataclismo aconteça no mundo e partir rumo ao Cosmos, ou ficarmos por mais um ciclo planetário em serviço à humanidade, para que esta possa reencontrar o caminho para Deus. Se escolherem ficar, que saibam que o sacrifício será tremendo, pois os vossos núcleos terão que abafar a sua potência de Luz para poderem suportar novas encarnações futuras, mas se assim decidirem, grande será o Amor vertido para o mundo através do vosso sacrifício.

E decidimos todos ficar.

Já como Sacerdotes da Humanidade, após as cerimónias, o grupo dispersou-se, cada um para o seu lugar. Eu e aquele que também era eu, partimos em peregrinação pelas terras do Império, levando connosco a sabedoria dos mundos superiores, pois era necessário mostrar à humanidade os trilhos futuros que a esperavam. O nosso primeiro destino foram as terras ocidentais do oceano de Atlas, onde viviam os Toltecas. Uma raça de colonos que num passado remoto partira das ilhas centrais da Asuria em busca de riquezas, tornando-se independentes do Império. Viviam em pequenas tribos semi-civilizadas, formando uma das sub-raças da raça Atlante. Eram seres robustos, de estatura elevada e cor vermelha escura. Não distinguiam nenhum sabor mais delicado, alimentando-se de carne pútrida, sólidos e líquidos amargos, e todas as plantas de sabor acre e picante. Por terem perdido o sentido do olfacto, viviam tranquilos nos lugares mais nauseabundos, partilhando, de uma forma equilibrada, tudo aquilo que conquistavam. Apesar desse aparente equilíbrio, eram seres de pouca espiritualidade, vivendo em constante conflito com as tribos vizinhas num ódio fratricida que a todos embriagava. Muito poucos foram aqueles que ouviram as nossas palavras, pois para os Totelcas, apenas a guerra e o ouro eram dignos de ser valorizados.

Semanas depois, partimos para a costa ocidental, até um porto Draviniano, embarcando rumo ao continente de Mu. Ao contrário dos Toltecas, os Dravinianos eram pacíficos e profundamente espiritualizados. Viviam numa fraternidade perfeita onde todos eram iguais, partilhando tudo aquilo que a natureza farta lhes oferecia.

Os Atóis, de uma beleza paradisíaca, estendiam-se pelas águas calmas do oceano, circundando algumas ilhas menores onde, esculpido em estátuas de pedra, se encontravam as sentinelas do reino. Antes de chegarmos, atravessámos longos bancos de coral que circundavam todo o continente, colorindo as águas com as suas cores quentes que a todos encantava. O continente de Mu era rasgado por canais artificiais que conduziam os barcos desde a orla marítima, sendo circundado pelo oceano interior. Caracterizava-se pelas suas extensas florestas de arvoredo luxuoso e lagos que a todos purificava com as suas águas medicinais. Segundo as lendas, tinha sido invadido há milhões de anos atrás pelos Asuras, tornando-se uma parte do império. Apesar dessas histórias do passado, os Dravinianos não sentiam nenhuma espécie de ódio para com os Asuras, aceitando esse domínio como algo natural. A sul do continente erguiam-se enormes montanhas vulcânicas, rasgadas pela lava que descia por estreitos rifts. Era um lugar inóspito, coberto pelas cinzas que caíam como chuva e pelo calor abrasador de centenas de fornalhas que despertavam em erupções constantes. No centro estendiam-se luxuosas planícies, regadas por fontes de águas quentes e geisers de uma beleza sem par, enquanto a vertente norte se caracterizava pelas suas montanhas geladas de onde escorriam enormes glaciares.

Depois de termos desembarcado num porto interior, partimos para a capital do reino de Mu, deslizando numa pequena embarcação ao longo de estreitos canais. Em todos os cruzamentos, erguiam-se quatro majestosas estátuas em ouro, cada uma colocada no seu canto. Representavam as divindades do reino, ajudando aqueles que se perdiam no emaranhado de canais, pois todas se encontravam viradas para a capital. As pontes, que se estendiam ao longo do nosso navegar, ligavam os vários templos e aldeias, sombreando os canais na expressividade dos seus adornos de ouro e prata.

À medida que deslizávamos para o interior, a paisagem tornava-se mais luxuosa e perfeita, não só pela densidade do seu arvoredo colorido, mas, acima de tudo, pela harmonia silenciosa daquela natureza fraterna que a todos pacificava. Era o único lugar no mundo onde ainda se podiam encontrar unicórnios em estado selvagem. Os canais, esses, convergiam todos para um de maior dimensão que circundava a capital. Era uma cidade iluminada pela sua beleza lendária, abrindo-se em longas avenidas cobertas por tapetes de flores e lagos esboçados na geometria dos seus contornos harmoniosos. Dois canais principais entravam cidade adentro, percorrendo

o diâmetro do canal circular que contornava a cidade, e assim dividindo esta em quadro zonas distintas. Esses canais eram depois entrecortados por canais menores que deslizavam paralelamente com os passeios de pedras preciosas, enquanto algumas estátuas se erguiam sobre pedestais de musgo, lançando as suas sombras sobre as águas luzidias. Todos os edifícios reluziam, no brilho cintilante da sua estrutura polida, reflectindo o luxo dos seus adornos de oricalco, ouro e prata.

Aquela era a terra de origem daquele que também era eu: o lugar que ele elegera para a sua última encarnação daquele ciclo prestes a terminar. Tinha nascido no seio de uma família Draviniana nas planícies centrais, vivendo lá até à sua adolescência.

Durante meses, vagueámos pela cidade, falando com as pessoas que se juntavam à nossa volta. Todos nos viam como mensageiros da Paz, aqueles que iriam purificar o mundo dos seus pecados, restituindo a harmonia de tempos passados, em que o povo de Mu reinava num Mundo pacificado. Nas nossas intervenções falávamos do Amor, da Harmonia Cósmica, da essência Divina do Ser Humano. Mostrávamos, por parábolas, os caminhos tortuosos daquele mundo de ilusões, assim como os perigos de certas condutas. Falávamos igualmente de um novo futuro que se aproximava, tentando mostrar àquele povo que apenas aqueles que buscassem a sua essência poderiam herdar o Novo Mundo. As nossas palavras fizeram despertar a Luz Divina na consciência daqueles que se encontravam despertos e ódio nos outros que nada compreendiam do seu significado, perseguindo-nos como se fôssemos criminosos.

E foi numa dessas perseguições, realizadas pelos soldados do Imperador Tazlavu, que nos refugiámos na Grande Biblioteca. Esta estendia-se ao longo de um enorme corredor coberto por prateleiras que subiam até ao tecto arqueado, onde várias alegorias lendárias retratavam a chegada dos Filhos das Estrelas que foram os pais do povo de Mu. Naqueles livros estava contida toda a sabedoria deste e de outros mundos, assim como segredos ocultos sobre a existência do próprio Homem. Alguns remontavam ao princípio da civilização, transportando um conhecimento que apenas era lembrado em lendas e mitos. Acabámos por ser resgatados por um veículo celeste que nos transportou até aos Montes Sagrados, levando-nos para longe daqueles soldados que caminhavam na cegueira de um mundo adoecido.

Apesar de tudo, tínhamos conseguido penetrar no coração dos Dravinianos que souberam dar expressão às nossas palavras, ao contrário dos Asuras que apenas tinham visto nestas, um reflexo para os seus próprios medos.

Os Montes Sagrados erguiam-se na majestade de escarpas cobertas de branco, perfurando as nuvens como coroas reais. Naquelas terras geladas habitavam os herdeiros do ciclo anterior; seres de paz que viviam em sacrifício pelo mundo, preparando o resgate de parte daquela civilização. Fomos transportados ao longo de túneis subterrâneos que nos levaram até um reino interior onde existia uma cidade de uma beleza sem par. Encontrava-se no topo de um monte de onde pendiam delicados fios de água, tendo sido construída com os materiais mais nobres. Foi lá que encontramos o Senhor do Mundo, um ser vindo de outro planeta por não existir na Terra um ser suficientemente evoluído para assumir tal posto. Falou-nos da importância da nossa peregrinação, pois iria ajudar muitos seres nos momentos finais daquele ciclo, assim como da loucura crescente de uma raça sem futuro. Disse-nos, igualmente, que seria a nossa família e a consciência que lhe dava expressão, cujo nome era Gohara, a chave da nova era que se aproximava. Revelou-nos também que um novo lugar no interior da terra iria ser criado, um lugar onde iriam morar todos os seres que se autoconvocassem para servir junto da humanidade futura e onde a nossa família seria a família principal.

Antes de partirmos, entregou-nos um Crânio de Cristal que deveria ser colocado num lugar secreto da pirâmide de Kusha. Ao ouvir as suas últimas palavras, compreendi que o fim se aproximava e, com este, a nossa partida para uma outra dimensão.

Voávamos agora para a pirâmide situada num dos extremos do vale de Kusha, atravessando as terras onde habitavam os inimigos do império: tribos semi-bárbaras que lutavam em sistema de guerrilha com a raça dominante. Eram seres que usavam a magia negra, lutando no fervor de fundamentalismos que a todos cegava. Contra essa magia, o imperador servia-se da sabedoria de alguns sacerdotes corruptos, usando o poder dos mantras como força retaliadora. Dizia-se mesmo que tinha reunido os melhores cientistas do império para invocar a energia de Andrómeda que esperava poder usar contra esses mesmo inimigos.

A pirâmide cintilava na frescura da sua estrutura polida, refletindo o ondular sereno dos lagos geométricos que a circundavam. Em volta destes, vários arcos ornamentavam o lugar, perfumando o ar com as flores que deles pendiam em longos braços coloridos. Os passeios, esses, eram bordados com pedras preciosas e a pirâmide revestida a ouro e prata. Foi lá que encontramos os restantes elementos da nossa família que, tal como nós, tinham andado em peregrinação pelo mundo. Depois de termos selado o lugar secreto da pirâmide, partimos para a Grande Muralha de onde se vislumbrava, por entre a neblina, alguns dos montes do vale de Kusha: terra onde eu tinha nascido. Do outro lado ficava o imenso oceano de Atlas e as centenas de ilhas que formavam o Arquipélago da Asuria.

Embarcámos rumo à capital num navio de origem Tlavatli, trilhando o último pedaço do nosso destino. A Grande Cidade tinha sido construída na maior das ilhas, sendo circundada por várias cinturas de pedra que a protegiam dos inimigos do império. A primeira cintura fora construída no oceano a uns cinco estádios da costa, envolvendo toda a ilha. Ao longo da sua extensão, vários pontões abriam passagem até à segunda cintura que envolvia a orla marítima e onde tinham sido abertas embocaduras, criando-se portos ao longo de todo o litoral. Os portos tinham cerca de três estádios de largura, acolhendo mercadores de todo o mundo. Em volta destes, cresceram cidades grandiosas para onde imigraram quase todos os Asuras, deixando as ilhas periféricas ao abandono. Foi de uma dessas cidades que partimos para o interior, navegando por estreitos canais que ligavam a orla marítima à capital. Esta era rodeada por uma vasta planície, coberta de rios, lagos e pradarias que tudo forneciam na abundância das suas terras férteis, e por um imenso fosso de água que envolvia todo o vale. Antes de chegarmos à cidade, tivemos ainda que atravessar uma terceira cintura revestida a oricalco. E foi lá que fomos apanhados pela guarda real e levados à presença do grande imperador Tazlavu.

A cidade, outrora lugar de peregrinação pela sua beleza e grandiosidade, famosa pelos seus jardins suspensos em arcos perfeitos que a refrescavam com as suas fragrâncias suaves, era agora o espelho de todo um império que ruía diante da prepotência do seu líder e da corrupção dos seus subordinados. Das pirâmides, construídas em socalcos, deslizavam correntes de água que alimentavam os vários canais da cidade por onde circulavam as embarcações. O palácio imperial, esse, tinha sido edificado

no interior da acrópole que se estendia por mais de um estádio, erguendo-se no requinte dos seus adornos. Todas as paredes eram revestidas de prata e os acrotérios de ouro, sendo a abóbada central de marfim esmaltado a ouro e oricalco. As paredes, colunas e pavimento, eram guarnecidos de oricalco, reflectindo toda a luminosidade que entrava pelas aberturas de cristal. Em volta do palácio erguiam-se estátuas de ouro, representando todos os deuses do império. Estes reflectiam a sua beleza ilusória nos lagos geométricos que borbulhavam ao sabor do som refrescante de pequenas cascatas artificiais.

Fomos levados à presença do imperador Tazlavu que nos iria julgar por termos anunciado o fim daquela civilização se o imperador não mudasse o seu comportamento e se não pusesse fim à experiência científica chamada Chave de Andrómeda que pretendia invocar energias que não podiam, em momento algum, ser manipuladas por forças em desequilíbrio. Tínhamos também, segundo ele, desrespeitado os Deuses e, por tal afronta, iríamos ser condenados. Deuses esses que nada mais eram que figuras decorativas, reflectindo, na sua expressividade vazia, a degradação crescente de um povo que se encontrava vergado diante da sua própria ignorância. Tínhamos como missão mostrar a verdade; fazer com que cada pessoa descobrisse em si a divindade única, e nesta, o Amor para com todos os seres. Só assim poderiam embarcar no futuro que os esperava, herdando os caminhos do novo ciclo. Mas a cegueira daquele povo e do seu líder abafava as suas mentes num halo asfíxiante que a todos iria condenar.

Depois do julgamento, onde fomos condenados à morte, levaram-nos para as celas do império. A luz cristalina da lua iluminava parte da cela, projectando na parede contrária as sombras daquela janela gradeada. Na minha frente estava aquele que também era eu, sentado de olhar caído e expressão fechada. O seu rosto reflectia a tristeza para com a humanidade, pois eram poucos aqueles que tinham interiorizado as nossas palavras. Nos outros cantos da cela estavam os restantes membros da nossa Família Espiritual, também eles conformados com as certezas de um fim que se anunciava. Todos sabíamos que o mundo terminaria após a nossa partida e que muito poucos seriam os herdeiros do novo ciclo. Ciclo esse onde as nossas consciências despertariam por completo para a missão que assumimos ao aceitarmos permanecer junto da Humanidade, encarnando os caminhos de um futuro ainda por revelar.

Assim que o sol se elevou por cima dos montes, no mesmo dia da ativação da Chave de Andrômeda — um dia sereno, pacífico, como se o planeta tivesse sustido a sua respiração —, fomos levados para a praça central e ali, diante de uma multidão ávida de sangue, sacrificados aos deuses de pedra. Com a nossa partida, todo o império ruiu nos escombros da sua própria ignorância e prepotência. A experiência com a energia de Andrômeda falhara e um cataclismo de nível planetário destruiu toda a civilização. Vários vulcões explodiram e, com a sua força, desmantelaram todo o continente de Mu. Na sequência dessas explosões, tremores de terra assolaram o mundo inteiro, destruindo a Grande Muralha que separava o oceano e o vale de Kusha, inundando-o em cheias diluvianas, enquanto as ilhas do reino da Asuria se afundavam sob os seus próprios escombros, pondo fim a mais um ciclo.

CAPÍTULO IV

1

ISABEL TINHA ACABADO DE CHEGAR À CIDADE BUENOS AIRES, depois de ter deixado o avião que a trouxera de São Paulo até à capital da Argentina. Eram onze horas da manhã e o calor já se tornava insuportável, fazendo transpirar as dezenas de turistas que se amontoavam na zona das bagagens. Com alguma dificuldade, lá conseguiu pegar nas malas que colocou num carrinho. Saiu depois, apanhando um táxi que a levou até à central de camionagem, de onde partiu num expresso para a vila de Mercedes. A viagem ia demorar nove horas, ao longo de 740 quilómetros pela RN 9,12 e 14.

Depois dos momentos passados na Serra do Roncador, regressaram ao espaço de retiro que a Beatriz fundara. Ali, por sintonia, percebeu-se que Isabel deveria deslocar-se até ao local onde a energia de Iberah era mais intensa: a cidade de Luz a partir da qual fora criado o Templo de Ibez. E assim foi. Despediram-se, na certeza de que os laços internos não podiam ser desfeitos e, por isso, não havia separação entre elas.

Eram oito da noite, quando Isabel chegou ao hotel Ivyra Pyta, na cidade de Mercedes, onde ficaria antes de partir para a Lagoa Iberá que era o seu destino final. Depois de confirmar a sua reserva e de colocar as malas no quarto, deslocou-se para o restaurante, onde jantou. Naquele dia havia um evento que, segundo o folheto que Isabel pegara

junto da recepção, tinha por tema a Lei da Atração, algo que passou a ser moda depois do livro ‘O Segredo’ de Rhonda Byrne. A última palestra daquele dia teria lugar depois do jantar, numa outra sala do hotel, com o título ‘Da Lei da Atração à Lei da Abundância’. Isabel ficou curiosa e, após terminar o jantar, deslocou-se para a sala do evento que estava cheia. A palestrante entrou, entretanto, silenciando a sala. Antes de iniciar a palestra, fechou os olhos e ficou em silêncio, olhou depois cada uma das pessoas, respirou fundo e começou...

— Enquanto seres encarnados, todos nós estamos sujeitos a várias leis. Desde as Leis Materiais que tentam regular a vida dentro do universo manifestado, como é o caso da Lei do Carma, até às Leis Espirituais que nos impulsionam para fora deste universo através da sintonia com a Vida que nele se manifesta. A Lei da Atração, tão divulgada hoje, é uma lei que opera dentro do circuito da Mãe e, por isso mesmo, é uma Lei Material, própria do universo planetário onde nos encontramos encarnados. Essa Mãe, que é a substância lúcida do universo manifestado e, por isso, material, reage aos nossos pensamentos e sentimentos, que são energia, devolvendo-nos aquilo que desejamos, não na forma de um impulso espiritual ou de uma expansão de consciência, já que isso é do domínio do circuito do Filho, mas através das formas por nós desejadas. Essa Lei possibilita, unicamente, pela compreensão do seu funcionamento e dos seus mecanismos de acção e reacção, encontrarmos um equilíbrio de forças dentro deste universo a que chamamos Terra.

» — Esse equilíbrio não é vertical, mas apenas uma forma de deslocar forças e organizá-las, permitindo-nos aplainar as arestas do caminho. Contudo, embora esse aplainar das arestas possa até ser importante num momento específico do nosso processo evolutivo, buscar essa Lei, para constantemente retirar desse caminho todas as arestas, será certamente uma armadilha na qual não devemos cair. Porque se eu retiro do caminho todos os obstáculos que a Vida me traz e que estão ali para que eu possa amadurecer como ser espiritual, a possibilidade desse crescimento e desse amadurecimento é cancelada. Fico dentro de uma bolha hipnótica criada pelos meus próprios desejos,

e ali, na ilusão da felicidade material, estagno todo o meu processo espiritual, na liberdade que deixarei de ter.

» — É como se fossemos um cão de rua que, de tão desesperado pelos caminhos da sua vida, emite para essa grande Mãe o desejo de ter todos os dias comida no prato e uma casa limpa para dormir. E essa grande Mãe, como qualquer mãe, vendo a sinceridade do seu pedido, satisfá-lo enviando alguém que, passando pela rua, o recolhe. A partir de então, esse cão passará a ter todos os dias comida no prato e uma casa limpa onde morar. Só que junto com a satisfação desse desejo, que aparentemente melhorou a sua vida, vem também uma coleira, uma trela e os limites do muro da casa de alguém que passou a ser o seu dono.

» — Buscar a Lei da Abundância é sair do circuito viciado da Lei da Atracção, é confiar integralmente na vontade do Pai, sem desejar coisa alguma. É ser este cão de rua, livre, e acreditar que o universo vai trazer tudo aquilo que ele necessita para o seu próprio crescimento, sejam coisas boas ou menos boas. Se eu retiro desta equação as coisas desagradáveis, eu estagno completamente o meu processo espiritual, pois dentro de um plano dual, a evolução faz-se pelo confronto dos opostos. É assim que lapidamos a nossa pedra bruta em cristal polido e reluzente.

» — É certo que nessa travessia do deserto, nesse caminhar descalço pelas areias escaldantes, de pés pelados pelo calor, sequiosos de água, sem forças, encontrar um pequeno oásis onde possamos pousar os pés em água fresca, beber de um coco e comer algumas tâmaras poderá ser uma pausa agradável e por vezes necessária. Mas atenção, aquele oásis não é a terra prometida, essa encontra-se no fim do deserto. O perigo da Lei da Atracção é ficarmos ali como se este fosse o lugar de chegada e, de pés na água fresca, de coco numa mão e tâmaras na outra, recostados numa palmeira, deixarmos passar ao lado toda a nossa vida e toda a razão de ser de aqui estarmos encarnados.

» — Que possamos compreender que não estamos encarnados apenas para atrair pessoas agradáveis. Nós estamos aqui para servir, e servir o plano evolutivo é aceitar integralmente aquilo que a Vida nos

traz. Se eu retiro do circuito, através da Lei da Atracção, as pessoas que me incomodam, a quem é que eu estarei a ajudar? Sim, porque Jesus poderia ter ficado junto dos apóstolos e ali não haveria crítica nem julgamento. Mas ele foi para o meio dos gentios, daqueles que o criticavam, porque isso era servir a Deus. Se ele invocasse a Lei da Atracção para trazer para a sua vida apenas coisas boas e as pessoas agradáveis, hoje nada saberíamos desse Jesus que teria ficado lá, num qualquer monte da Palestina, falando para o seu grupo restrito de eleitos.

» — Vamos parar de nos iludir com promessas de uma espiritualidade fácil, porque isso é algo que não existe, não porque o caminho espiritual seja difícil, não, ele é muito simples. O problema é que nós estamos atados a tanta tralha civilizacional, seja esta material ou espiritual que, quando nos é proposto trabalhar tudo isso de forma consciente e frontal, nós fugimos. E fugimos porque, soltar aquilo que não queremos largar, implica sofrimento e ninguém quer sofrer. E, como ninguém quer sofrer, recorre-se à Lei da Atracção como uma fuga a essa transformação.

» — Se não queremos sofrer, e isso é legítimo, então não temos que fugir de coisa alguma, por maior que seja a dor que isso nos traga, mas apenas soltar e desapegarmo-nos de tudo aquilo que tem que ser transformado, colocando tudo isso nas mãos dessa grande Mãe. Sim, porque o processo é exactamente o oposto. Não se trata de pedir coisas ao génio da lâmpada, mas sim entregar-lhe tudo aquilo que tem que ser transformado em nós. É para entregar e não para pedir.

» — Ninguém entra no circuito da Abundância fugindo de si mesmo, pedindo a essa grande Mãe a satisfação dos seus desejos. Nós entramos no circuito da Abundância pela entrega, pela fé, que é esta certeza absoluta e inquestionável que tudo existe para o nosso crescimento e amadurecimento e que, por isso, não temos de fugir de nada, nem buscar o caminho mais cómodo, que embora nos possa trazer água fresca para os nossos pés, nada nos trará para a nossa verdadeira transformação como seres espirituais que somos.

» — Sim, porque um ser pode dominar por completo a Lei da Atracção, trazendo para a sua vida toda a pseudo-felicidade material e estar completamente estagnado em termos espirituais, enquanto outro,

nada sabedor dessa Lei e que até poderá ter a sua vida um tanto caótica do ponto de vista material, poderá estar a dar passos significativos nesse crescimento espiritual.

» — Ao entrarmos dentro da Lei da Abundância, o Universo, sem que nós tenhamos que pedir coisa alguma, ou questionar o que quer que seja, porque já nos entregámos incondicionalmente a ele, irá fazer chegar a nós tudo aquilo que necessitamos para cumprirmos a nossa função, que tanto poderá ser coisa nenhuma do ponto de vista material, como mais que tudo aquilo que alguma vez nós pudéssemos ter desejado. É indiferente. E é indiferente porque o foco não está mais naquilo que se recebe, mas sim naquilo que tem de ser realizado.

» — A escolha será sempre nossa. Podemos recusar continuar a caminhar pelo deserto rumo à verdadeira Abundância, estacionando num qualquer oásis. Mas atenção, a Lei da Atração é temporária, como tudo aquilo que é material. Basta uma tempestade de areia e o deserto avançará sobre o oásis. A Abundância, que é uma Lei Espiritual, é eterna e, depois de alcançada, nunca mais se separará de nós, venham as tempestades que vierem.

Quando a palestra terminou, Isabel tinha um sorriso no rosto. Sentiu cada palavra como sua, por se identificar com tudo aquilo que tinha sido dito. Eram mesmo tempos de desmistificar muita coisa, desmontando todo o espectáculo que se constrói em torno destas realidades. Algumas pessoas acabaram por cercar a palestrante e, embora Isabel tivesse vontade de a conhecer, confiou que, se assim tivesse que ser, isso lhe seria oferecido de forma natural sem que tivesse que se acotovelar no meio da multidão.

Acabou por se recolher, cansada que estava de uma longa viagem desde o Brasil. E, enquanto o sono não tomava conta de si, estando já deitada, lembrou-se de Max. Como estaria ele? - pensou de olhos fechados. Tê-lo deixado fora uma das decisões mais difíceis que alguma vez teve que tomar, mas a certeza dos caminhos que lhe estavam destinados, e da necessidade de partir e deixar tudo aquilo que ela construía ao longo dos anos, foi mais forte que o Amor que sentia por ele.

E logo adormeceu, pacificada com as suas escolhas.

2

No dia seguinte, pela manhã, Isabel deslocou-se para o restaurante onde se sentou para tomar o pequeno almoço. Tinha dormido bem e descansado o suficiente, estando pronta para continuar a viagem até à Lagoa Iberá que era o epicentro da manifestação de Iberah.

O empregado aproximou-se.

— É um chá e uma torrada.

Ele afastou-se com o pedido, regressando momentos depois com a bandeja na mão. Antes que ele se afastasse, Isabel interpelou-o.

— Peço desculpa, mas... será que não me poderia dizer como faço para chegar até à Lagoa Iberá?

— É muito difícil encontrar transporte para a lagoa, senhora. Terá que ter um pacote turístico que inclua a deslocação. São quase duzentos quilómetros de estradas muito más. Só mesmo alugando um carro ou convencendo um taxista a aceitar a viagem.

E logo se afastou, deixando Isabel pensativa. Não iria ser fácil chegar à lagoa. E foi então que alguém, sentado na mesa do lado, a interpelou.

— Peço desculpa por estar a incomodá-la, mas não pude deixar de ouvir a conversa.

Isabel olhou para ela, reconhecendo-a. Era a palestrante do dia anterior.

— Não tem importância — disse ela, sorrindo. — Não me quer fazer companhia?

Ela aceitou, sentando-se diante de si.

— O meu nome é Joana.

— Eu chamo-me Isabel.

— A Isabel não é a arqueóloga que descobriu aquelas ruínas no Egípto?

— Sim, mas não sou mais arqueóloga. Compreendi que a minha busca deveria ser outra.

— E é por isso que deseja visitar a Lagoa?

— Sim, mas acho que vai ser difícil lá chegar.

— Talvez não — disse a Joana, sorrindo. — É que eu tenho uma casa perto da localidade de Galarza, mesmo junto da Lagoa. Se quiser poderá ficar em minha casa.

— A sério! Claro que sim, aceito com muito gosto. Eu sabia que nos iríamos encontrar. Ontem estive na sua palestra e senti uma ligação muito profunda com tudo aquilo que disse, mas decidi não competir com as outras pessoas por uma troca de palavras consigo. E aqui estamos! Sem lutas nem esforço, a Vida acabou por nos juntar.

Riram ambas. O empregado aproximou-se com o pequeno almoço de Joana que colocou diante de si, afastando-se logo depois.

— Vem muitas vezes até à cidade? — perguntou Isabel enquanto barrava a torrada com manteiga.

— Raramente. Apenas quando tenho que dar algumas palestras como agora.

— Também fala nessas palestras sobre o centro intraterreno de Iberah?

Ela ficou surpresa.

— Vejo que também sabe da existência desse centro!

— Esta minha viagem tem por base isso mesmo: ir pelos locais onde se manifestam esses Centros de Luz. Acabei de chegar do Roncador, depois de ter estado num espaço de retiro ligado a Mirna Jad que é a morada da minha Alma.

— Cada um de nós tem uma identificação mais profunda com uma ou outra energia. No meu caso, é a energia de Iberah.

— E vive aqui há muito tempo?

— Há cinco anos. Foi nessa altura que rompi com todo o meu passado, deixando tudo para trás.

— Como eu a compreendo — disse Isabel, sorrindo.

Momentos depois, partiram no jipe de Joana até à Lagoa. Esta fazia parte da reserva natural do Iberá, na província de Corrientes, possuindo mais de sessenta lagoas que, junto com estuários e lagos, formavam parte do local conhecido como Esteros del Iberá, a segunda maior zona húmida do mundo, que ficava fora dos circuitos turísticos tradicionais, estendendo-se num vasto horizonte de pântanos e canais que serpenteavam por entre juncos e outras plantas que serviam de habitat a centenas de espécies que ali viviam. Os primeiros quarenta quilómetros da viagem foram feitos por estradas de asfalto e os restantes em estradas de terra batida. Por entre os juncos, em embarcações pequenas, pescadores, muitos deles turistas de pesca desportiva, lançavam os seus engodos na busca do peixe que abundava por aquelas águas cristalinas e calmas. A paisagem era rural e plana, fixando Isabel o seu olhar no vazio do horizonte e o seu pensamento nas memórias de tudo aquilo que tinha experimentado no Roncador. Lá tivera a oportunidade de se fundir com a sua Alma, numa ligação que não mais se desfez e, através desta, com essa criança que ela ainda não conhecia, mas com a qual tinha um laço profundo e atemporal.

— É muito interessante eu ter necessitado de alguém para me levar à lagoa e você ter surgido no momento certo, ainda por cima conhecendo a existência do centro de Iberah.

— Não me trates por você, Isabel. Sinto-te muito próxima — disse Joana, enquanto se desviava de um buraco.

— É verdade. Também sinto o mesmo.

— Pois é, parece que tudo isto é uma feliz coincidência, não é?

— Sim — ela sorriu.

— Só que as coincidências não existem. Elas são, na verdade, as linhas mestras de um roteiro muito bem delineado.

— Quer isso dizer que existe mesmo um destino ao qual não podemos fugir?

— Esse é um assunto que não pode ser abordado de uma forma linear. Tudo depende do estado evolutivo de cada ser e da perspectiva com que analisamos o assunto. Para uma Alma jovem, aquela que iniciou agora os seus estudos, por exemplo, apenas existe livre arbítrio, já que, não sabendo ela ainda que caminho tomar, é-lhe permitido uma maior liberdade, de modo a poder experimentar muitas coisas. No fundo, é como uma criança no infantário que tem mais liberdade que uma criança da primária, já que esta última tem outras responsabilidades. Imagina, Isabel, que essa Alma jovem é como alguém que sobe ao palco para improvisar sobre o que bem entende. A ela não lhe são impostos limites. Temos, depois, uma Alma intermédia, cuja liberdade já está condicionada por aquilo que essa mesma Alma se propôs aprender, ao decidir encarnar para mais uma vida no plano físico. Assim sendo, para ela não existe apenas o livre arbítrio como no caso anterior, mas também o destino, aquele que ela impôs a si mesma nas lições que quis cumprir. Neste caso, temos alguém que sobe ao palco para improvisar, mas ao contrário da Alma jovem, não vai improvisar sobre o que bem entende, mas sobre temas específicos. A sua liberdade está agora condicionada por esses mesmos temas. E depois, temos as Almas maduras, aquelas que renunciaram ao seu livre arbítrio para vir à terra cumprir uma missão pelos outros. Nestes casos, essa Alma sobe ao palco, não para improvisar, como nos casos anteriores, mas sim para cumprir palavra por palavra tudo aquilo que está no guião. Deixa assim de existir livre arbítrio, para passar a existir apenas destino, onde as coisas irão acontecer tal como foram determinadas, sem que haja desvio algum a esse caminho. No entanto, tudo isto apenas é assim se nos posicionarmos dentro da dualidade do tempo, já que, na eternidade, as coisas assumem outro rosto. Se olharmos para o tempo com os pés na eternidade, veremos que na realidade não existe nem livre arbítrio nem destino, mas apenas aquilo que É — ela levantou o braço direito, sorrindo. — Este meu gesto

foi realizado aparentemente a partir do meu livre arbítrio, ou seja, eu levantei o braço porque quis levantar o braço. Contudo, ao fazê-lo, eu escrevi nos éteres da eternidade o acto que acabei de realizar o que significa que, antes mesmo de eu ter levantado o braço, já estava escrito na eternidade que eu o iria fazer. Então, existe livre arbítrio ou destino?

— Nem um, nem outro — disse eu sorrindo.

— Exactamente! Existe apenas aquilo que É!

A viagem continuou por aquela estrada de terra, com muitos buracos e bermas estreitas. Fizeram grande parte da viagem em silêncio, tal era o à-vontade que sentiam uma com outra. Horas depois, chegaram finalmente à casa da Joana. Esta era de madeira, tendo sido construída junto da Lagoa, onde um cais, também ele de madeira, servia de ancoradouro a um barco a remos. Em volta da casa, árvores enormes de folha caduca sombreavam-na no realçar luminoso de pequenos pontos de luz que a folhagem não conseguia cobrir, salpicando as paredes brancas com os contornos das folhas e dos troncos.

— É um lugar muito bonito — disse Isabel, olhando em volta.

— Foi uma sorte ter encontrado esta casa. Quando a vi pela primeira vez não tive dúvida alguma que era aqui que iria morar.

— Gostaria muito de navegar nesta lagoa — disse Isabel, de olhar perdido no horizonte plano. — Sinto algo muito especial vindo das suas águas.

— Sentes o mesmo que eu senti quando aqui cheguei pela primeira vez... mas vem! Deixa-me mostrar-te o quarto.

E logo entraram em casa. Ali comeram uma refeição ligeira à base de vegetais, após a qual Joana a levou a visitar a lagoa no pequeno barco a remos que estava no cais. As águas transparentes, com uma profundidade máxima de três metros, estendiam-se por cinquenta e dois quilómetros quadrados com uma costa de vinte e cinco quilómetros de extensão.

— Aquela ilha ali — disse Joana, apontando depois de parar de remar —, é uma ilha flutuante que regula a energia que Iberah

liberta e que é muito diminuta, se comparada com a de outros centros intraterrenos. Consegues sentir essa energia?

— Sim. É uma energia diferente das outras. Esta... não sei explicar... é como se provocasse em mim uma necessidade de fazer algo, de criar... não sei definir bem.

Ela sorriu.

— A energia de Iberah é uma energia que tem um grande potencial criativo que, mal usado, pode resultar em comportamentos aberrantes, degenerativos ou até mesmo promíscuos. É por isso que este é um dos centros mais ocultos, daqueles que se conhecem hoje. A humanidade ainda não está preparada para compreender o verdadeiro poder de Iberah. Várias são as histórias que se contam de pessoas que aqui chegaram motivadas apenas pela curiosidade e que, ao tentarem navegar por estas águas, foram impedidas de continuar por plantas aquáticas. Existem até relatos do desaparecimento de aviões sobre a lagoa, como acontece no Triângulo das Bermudas. Os seres de Iberah tudo fazem para afastar os curiosos pois, ao tentarem aproximar-se desse centro, motivados apenas pela curiosidade e não por uma ampliação de consciência genuína, se arriscam a mergulhar nos infernos psíquicos de quem tenta manejar forças que não compreende.

— E o que me podes dizer sobre esse centro?

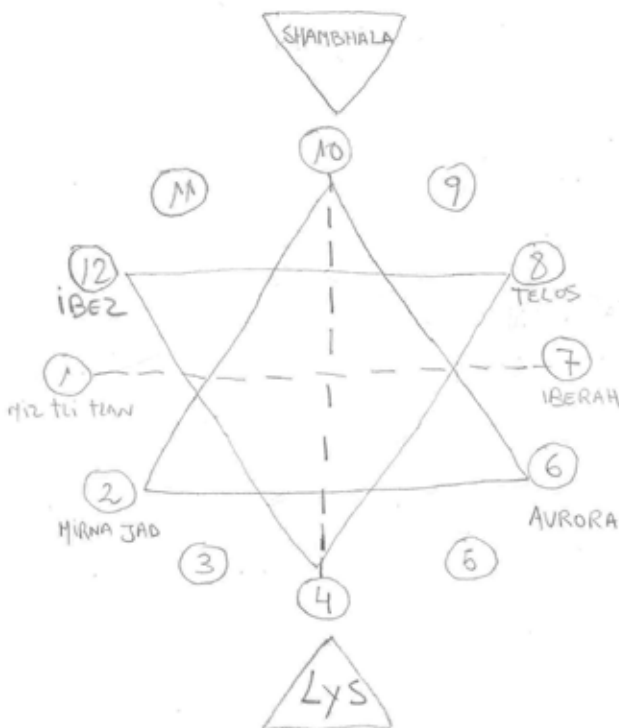
A sua expressão ficou reflexiva e mais séria.

— Iberah é um dos centros mais antigos do planeta e o mais oculto, juntamente com Lys. Ali está a grande caldeira alquímica do planeta que funde e divide os dois polos: a Essência, conhecida como a Pedra Filosofal pelos Alquimistas de todos os tempos e a Substância, o Argumento-vivo, na qual esta se deverá expressar. Foi o centro regente durante o período Lemuriano e aquele a partir do qual foi plasmado o Templo de Ibez que chegou a ser uma cidade sagrada, na superfície do planeta, nesses tempos primordiais da humanidade. São muito poucos aqueles que conseguiram lidar com a energia de Iberah e os que se aproximaram da sua essência, como muitos alquimistas do passado, ficaram apenas pelos aspectos mais superficiais dessa energia. Devido à sua potência, teve que permanecer distante dos Homens e

assim continua, até hoje. Sem a energia de Iberah não seria possível a manifestação na Terra do plano Divino, pois é esse centro que trabalha com a matriz primordial da substância a partir da qual todas as formas são criadas. É um centro ligado com o Sétimo Raio, sendo o oposto complementar do centro de Miz Tli Tlan que manifesta o Primeiro Raio. Nesta polarização está a sustentação de tudo aquilo que o planeta irá viver nos próximos anos, para que o Pilar Vertical de ligação do Céu com a Terra possa ser activado e manifestado.

Ficaram em silêncio, com o barco parado na lagoa, onde a água se tornara um espelho perfeito, reflectindo as poucas nuvens do céu. Da sua bolsa, Isabel retirou o livro do qual não se separava, anotando no esquema o centro de Iberah junto do Sétimo Raio e o centro de Miz Tli Tlan junto do Primeiro, e depois traçando uma linha a ligar os dois. Olhou depois para Joana.

— Existe uma cruz planetária formada pelos centros de Shambhala, Lys, Iberah e Miz Tli Tlan. O que me podes dizer sobre essa cruz?



— Essa cruz é formada pelos centros regentes do planeta. Iberah foi o centro regente durante o primeiro período Lemuriano, Shambhala foi o centro regente do segundo período Lemuriano e de todo o período Atlante. Miz Tli Tlan é o centro regente da actualidade e do Sexto Ciclo que se avizinha e Lys será o centro regente do Sétimo Ciclo planetário, o último. Iberah do lado direito da haste horizontal e Miz Tli Tlan do lado esquerdo, são os sustentadores polares de toda a Vida Planetária. Lys na base da haste vertical e Shambhala no topo dessa haste são os emissores e receptores da Vida Cósmica. Esta haste vertical é o verdadeiro fio Céu-Terra e será por ela que o Cristo, ou Maitreya, encarnará toda a substância do planeta para que este possa ascender para uma dimensão superior.

O silêncio instalou-se novamente e assim ficaram. Nem uma brisa se fazia sentir, nem um som da natureza, apenas aquele silêncio como se o Espírito descesse sobre a matéria, fundindo-se numa única realidade. E na presença desse Silêncio apenas a voz de Iberah se fez ouvir:

«Muitos de vós julgais que a substância é algo a ser transcendido, algo impuro que temos que soltar. Não poderiam estar mais equivocados. A substância é o vaso sagrado na qual a presença de Deus se manifesta, o espaço que acolherá o Divino quando este acordar, através dos vossos olhos, para a obra criada. Antes que possam aspirar ao Despertar Espiritual, têm primeiro que passar pelo Despertar Material. Julgam, porventura, que os cinco sentidos que vos foram disponibilizados são um equívoco cósmico? Então porque tentam negar ou superar aquilo que foi desenhado para permitir que possam acordar para a Vida? Enquanto não aprenderem e permitirem que esses sentidos dialoguem de forma plena com a Vida, assimilando através da experiência directa a sabedoria que nesta está contida, nunca poderão alcançar os patamares superiores da existência. Todos aqueles que vos dizem que os sentidos não devem ser estimulados, estão na verdade a manter-vos entorpecidos e anestesiados dentro de uma campânula hipnótica, impedindo-vos de dançarem com o ritmo que a Vida vos propõe e que é o único que permitirá que deixem o sono secular e se

transformem em seres Despertos. Pois nós dizemos o contrário. Permitam que o vosso olhar se deleite com as paisagens deste mundo. Deixem que as texturas se expressem através do toque como uma sinfonia que a vida vos trás e onde esse diálogo entre a consciência e a substância pode acontecer em total liberdade. Deliciem-se com os sabores e permitam que estes ganhem cores e aromas. Naveguem com os sons até ao altar da vossa Alma. Integrem a Vida através de todos os sentidos, permitindo que esta desperte diante de vós e fundam-se com a sua Luz. Só então o vaso estará pronto para acolher a Presença do Espírito e vós podereis, finalmente, Despertar.»

CAPÍTULO V

1

JOANA DEIXOU ISABEL EM CORRIENTES, ONDE APANHOU UM autocarro rumo a Córdoba. Horas antes, em Mercedes, reservara, pelo telefone, um quarto num hotel, na pequena vila de Capilla del Monte, para onde se deslocava agora. Joana, antes de se despedir, dera-lhe o contacto de um amigo seu que morava na vila, para que fosse este a acompanhá-la pelos caminhos de ERKS, centro intraterreno que se manifestava naquele lugar. A viagem foi longa, cerca de mil quilómetros com várias paragens antes de chegar à cidade de Córdoba onde teve que mudar de transporte. Ali apanhou o autocarro que a levou até Capilla del Monte, um dos mais conhecidos santuários de avistamento de OVNI's em toda a América de Sul, e, por isso mesmo, um lugar de romaria obrigatória para curiosos e místicos.

E o autocarro lá serpenteou pela RA-38 rumo à vila. No seu interior, os turistas aprontavam as máquinas fotográficas não fosse aparecer uma nave com eles desprevenidos, enquanto os místicos recitavam mantras cujo som se sobrepunha, por vezes, ao barulho do motor. Procuravam um dos lugares míticos do continente, desejosos de experiências transcendentais ou curiosidades inusitadas para fotografar ou filmar. E, no meio de tudo aquilo, estava Isabel, sentindo-se, ela sim, uma autêntica alienígena. Poucos eram aqueles, no entanto, que compreendiam o verdadeiro significado daquele lugar sagrado e das razões que estavam por detrás da sua activação há milhares de anos

atrás. Eram peregrinos confusos relativamente àquilo que procuravam, desejosos de uma experiência que lhes preenchesse o vazio alimentado por um mundo tão pouco intuitivo. Só que, cegos no desejo de encontrar algo fora de si que trouxesse um significado para as suas vidas, caíam na ilusão de julgar que essa felicidade se buscava em coisas exteriores, mesmo que espirituais, quando na realidade esta acontecia no contacto com a Essência de cada um. Era esse contacto que Isabel procurava, não na manifestação física de fenómenos, mas no reconhecimento profundo da sua Verdadeira Identidade.

De olhos nos contornos dos montes que serviam de passagem em caminhos serpenteados pelas encostas, Isabel não conseguia esquecer tudo aquilo que experimentara na Lagoa Iberá. Embora certa de que estava a cumprir o destino que lhe tinha sido reservado, nada sabia dos porquês, nem das razões desse mesmo destino, embora a paz e a tranquilidade que sentia se fizessem presentes em cada passo que dava, confirmando a importância de trilhar tais caminhos.

Horas depois, o autocarro chegou finalmente a Capilla del Monte. Isabel deixou o grupo de turistas e peregrinos, caminhando por uma rua que a levou até à praça San Martin. E, uma vez mais, tal como acontecera no autocarro, foi confrontada com o misticismo que envolvia aquele lugar. A praça, coroada com um talismã de quartzo, atraía grupos de pessoas que, ao passarem por baixo deste, diziam ser banhadas por um duche energético, ritualizando, uma vez mais, aquilo que teria que vir de dentro e não de formas exteriores ao próprio ser. Isabel interrogava-se se aquelas pessoas tinham alguma vez tentado compreender o significado dos rituais que praticavam e se estes tinham alguma coisa a ver consigo; se a repetição de fórmulas e rituais, que tantas vezes nada mais eram que o caminho cómodo de quem não tinha a coragem de olhar para dentro de si, poderia promover nelas esse encontro com a Alma. Na verdade, e isso Isabel já sabia, era no Silêncio do Ser, e não nos ruídos que esses mesmos rituais promoviam que esse encontro se poderia dar.

Sem se deter mais com este tipo de pensamentos, Isabel afastou-se, procurando o hotel La Guarida, que ficava no outro extremo da praça.

— Desculpe incomodá-lo, mas será que me poderia dizer onde fica o hotel La Guarida?

— Cara irmã — respondeu ele de olhar esbugalhado, unindo as palmas das mãos como se estivesse a rezar. — Eu sou o filho de Deus. Não tenho tempo para saber dessas coisas mundanas.

E logo se afastou.

— Não o leve a mal — disse uma senhora que se encontrava na janela de uma das casas. — Por aqui vêm-se muitas pessoas como ele. Julgam-se seres divinos ou santos e andam por aí, a apregoar o fim do mundo.

— Vejo que são muitas as pessoas que se deslocam para aqui.

— É verdade, menina. Vêm todos à procura dos OVNI's que dizem existir por aí. Até falam de uma cidade por baixo do serro Uritorco.

— Estou a ver que a senhora não acredita.

— Eu pelo menos nunca vi nada. Mas tenho familiares que já viram. E a senhora, também vem à procura dos OVNI's?

— Não — ela sorriu. — A minha busca é outra. Para ser sincera, sinto-me deslocada desde que aqui cheguei. Nunca pensei que fosse encontrar todo este movimento.

— Chegam mais de mil pessoas por dia. Alguns até compram terras e mudam-se para cá... Por mim não me importo, sabe. Desde que não nos incomodem bem podem acreditar no que quiserem. E depois é bom para o comércio local que só tem a ganhar com o turismo.

Isabel despediu-se, depois da senhora lhe ter indicado onde ficava o hotel La Guarida. Quando chegou, confirmou a reserva, deslocando-se para o quarto onde colocou as malas. Este era agradável, com lareira e uma ampla vista sobre os montes. O tecto, de madeira, deixava ver as vigas envernizadas que desciam sobre uma parede de pedra que dava um tom rústico e aconchegante ao lugar. Deixou depois o quarto, deslocando-se para o restaurante onde já estava a ser servido o jantar. E também este estava cheio de turistas. Ela que vinha à procura

de um contacto com ERKS, como aquele que tivera com Iberah, via-se agora perdida, no meio de uma multidão. Era como se tentasse procurar o norte numa bússola no meio de intensos campos magnéticos. Ali, nos vários grupos que comiam no restaurante, de máquinas fotográficas sobre a mesa e roteiros desdobráveis com os melhores lugares para o avistamento de luzes e naves, ninguém se interessava pela busca da sua Essência Espiritual, numa compreensão que os levasse a conhecerem-se como Seres Divinos que são. Alguns outros, aqueles que vinham nessa busca, estavam tão absorvidos com o caminho que deveriam trilhar, que se tinham esquecido do próprio acto de caminhar e da simplicidade com que cada passo deveria ser dado, cristalizando-se em fantasias e ilusões, muitas impostas por terceiros. Condenavam ao malogro um impulso que, na sua origem era construtivo, desvirtuando-o na cadência de rituais há muito ultrapassados. E tudo isto Isabel pensava, de si para consigo mesma, compreendendo que estava no lugar errado.

Depois do jantar, resolveu procurar a pessoa que a Joana lhe tinha indicado e que morava perto do hotel, caminhando pelas ruas da vila à medida que pedia indicações a quem por ela passava. Momentos depois chegou à morada indicada no papel que trazia consigo, batendo à porta. Mas ninguém atendeu.

— Não está ninguém em casa, senhora — disse uma vizinha.

— Não sabe onde o posso encontrar?

— Não. Ele às vezes sai por vários dias.

Isabel agradeceu. Teria que visitar a região sozinha, o que significava ter que se deslocar com os turistas, pois ela nada conhecia do local. E foi assim que, na manhã do dia seguinte, viajou com um grupo de pessoas até ao serro Uritorco, por baixo do qual diziam encontrar-se a cidade de ERKS. O serro, com uma altitude máxima de quase dois mil metros, era um ponto de visita obrigatória para os turistas e para os místicos que ali realizavam todo o tipo de cerimónias. Já no passado este era um lugar sagrado para os índios Comechingones. Segundo as lendas, contemplavam, extasiados, as luzes que viam em volta do serro, atribuindo tais fenómenos à presença dos espíritos dos mortos

que emergiam das suas tumbas. Hoje, essas luzes eram catalogadas com a sigla OVNI, tendo por base o mesmo fascínio por parte dos visitantes e de muitos dos residentes. Isabel, que nada buscava da fenomenologia que alimentava todo o tipo de crenças e superstições, sentia-se deslocada no meio do grupo com o qual subira ao topo do serro. Viu-se encurralada entre os turistas que, de máquina na mão, procuravam luzes para fotografar e os místicos que, sentados no chão, recitavam cânticos e mantras. Compreendeu que aquele lugar nada lhe dizia, que pouco poderia ali experimentar, decidindo, ainda no topo do serro, que iria partir no dia seguinte.

2

Na manhã do dia seguinte, Isabel fez as malas, descendo até à recepção. Estava determinada em continuar a sua viagem.

— Senhora Isabel? - Perguntou o rececionista.

— Sim, sou eu.

— Está ali um senhor à sua procura — disse ele apontando.

— À minha procura?

— Sim. Ele disse que se chama Rodrigo.

Era o homem que a Joana lhe tinha indicado. Isabel aproximou-se.

— Senhor Rodrigo?

— Isabel?

— Sim — ela sorriu. — Como me encontrou?

— A Joana telefonou-me e disse-me que estarias neste hotel — Ele falava num tom informal, o que a tranquilizou. Olhou depois para as malas que se encontravam pousadas junto do balcão.- Vejo que estás de partida?

— Sim. Não gostei daquilo que encontrei aqui. Sinto-me uma estranha no meio de tantos turistas.

— É natural, mas não quero que penses que isto tem alguma coisa a ver com este lugar. Para o compreendermos, temos primeiro que nos afastar do circo que foi montado em Capilla del Monte. Mas vem... Eu levo-te até minha casa, onde poderás deixar as malas e depois iremos visitar este lugar com outros olhos.

Depois de terem parado em sua casa, deslocaram-se de carro pelos montes em volta da vila. Isabel fez grande parte do percurso em silêncio, de olhos na paisagem seca que por eles deslizava.

— Para onde irás depois de Capilla? — perguntou ele sem tirar os olhos da estrada.

— Vou para o Uruguai, visitar a estância de La Aurora — ele sorriu. — Porque sorris? — perguntou Isabel.

— Há uns dias atrás tive um sonho em que alguém me dizia para ir até à estância. Estive estes dias todos a tentar compreender a razão do sonho. Agora compreendo finalmente o porquê desse sonho.

— Eu?

— Sim — Ele sorriu uma vez mais. — Sou eu que te vou levar até lá. O que será muito bom, pois já há algum tempo que não visito a estância.

E continuaram a viagem serra acima, parando num restaurante de estrada que ficava debruçado sobre o vale que lá em baixo contornava os montes.

— Como é que foi possível deixarem as coisas chegar a este ponto em Capilla del Monte? — Perguntou Isabel, já depois de estarem sentados à mesa, a almoçar.

— Em Capilla temos um espelho da própria condição humana, Isabel. Temos os corruptos que falsificam fotografias de naves e de locais de aterragem tentando atrair mais turistas para encherem os seus bolsos. Temos os curiosos que motivados apenas pelo espetáculo que tais luzes

lhes proporcionam se deslocam aos milhares, como quem se desloca a um parque de diversões. Temos os místicos, pessoas que se cristalizaram em rituais há muito ultrapassados; perdidos num emaranhar de superstições que condicionam o seu próprio desenvolvimento espiritual, condenando um impulso que poderia ter sido positivo, mas que se perdeu por não terem compreendido que essa busca é interior. E depois, os cépticos, que chegam para provar que é tudo uma farsa, conseguindo mesmo desmascarar algumas das fraudes, como se estas fossem a fonte primeira de tudo aquilo que se passa aqui. Partem depois satisfeitos por terem demonstrado, assim crêem, que é tudo mentira. E assim é a vida em Capilla, um circo que aqui foi montado e por onde passam todos estes actores. É que muitos ainda não compreenderam o verdadeiro significado deste lugar pois, se assim fosse, nunca se teriam enredado nessa teia onde agora se encontram. O importante é a ampliação de consciência, resultante do contacto com a energia de ERKS e não ver luzes no céu ou marcas no chão, coisas que apenas servem para alimentar as superstições que facilmente levam as pessoas a cair nas farsas que muitos montam para ganharem dinheiro. É por isso que aqueles que estão despertos para essa realidade se afastam de Capilla del Monte, como aconteceu contigo. - Ele fez uma breve pausa.- Apesar de tudo, no entanto, não devemos, mesmo que possamos reconhecer os erros que continuam a ser cometidos, julgar as pessoas por esse comportamento. São apenas jovens alunos fascinados por assuntos que ainda não podem compreender na sua totalidade, ficando-se pela parte exterior e superficial dos mesmos.

Depois do almoço, deslocam-se para o topo de um dos serros, lugar de onde se avista o vale de ERKS. A paisagem era montanhosa, limitando o vale que, lá em baixo, se estendia na bacia de um mar primitivo. As rochas, que envolviam o caminho, moldavam-se ao sabor da erosão, de tal forma que, por momentos, pareciam esculturas feitas pela mão de um qualquer artista, podendo-se delinear figuras que faziam lembrar animais ou, até mesmo, rostos humanos. O carro continuava a sua marcha lenta por uma estrada estreita e sinuosa, repleta de buracos e ladeada por uma vegetação rasteira. À medida que subiam, algumas naves cruzavam o céu a grande velocidade. Isabel, no

entanto, mantinha-se impávida de olhos serenos. Nela não existia mais a curiosidade por fenómenos, e por isso mesmo, deixou-se simplesmente permear pela energia que vinha do centro de ERKS e das naves que ela podia observar. Depois de chegarem ao topo do serro, saíram do carro, contemplando o vale lá em baixo. O vento quente que se fazia sentir confortou-a profundamente.

— ERKS está ligado ao Terceiro Raio, sendo este o centro iniciático do planeta — explicou ele de olhos no vale. — Existe em várias dimensões, sendo que, fisicamente, é subterrâneo.

— Podemos ficar até ao anoitecer?

— Sim. Gostaria que sentisses a energia de ERKS quando este centro se torna visível na superfície através das suas luzes.

— E o que me podes dizer sobre ERKS?

— Lá vivem muitos seres que trabalham hoje em contacto directo com os membros das várias Hierarquias dos outros planetas. Ali se encontram várias civilizações extraterrestres que, junto com o povo intraterreno, preparam o Novo Ciclo que irá reformar a Humanidade. É, por isso mesmo, um centro que está em constante contacto com outros planetas, através de um sistema de espelhos, do qual é emitido uma chama azul permanente, que é um dos símbolos dessa cidade. Resumindo, Isabel, ERKS é a sede do maior centro iniciático da actualidade e o responsável pelo despertar do novo homem.

— E o que são exactamente as iniciações? — perguntou Isabel

Ele fez uma pausa, respirando fundo. Percebia-se que procurava que a sua resposta não fosse meramente mental, mas que viesse do fundo da sua Alma.

— Quando a nossa consciência deixou os patamares superiores do universo, Isabel, e se debruçou sobre as esferas temporais, lançando-se nessa aventura cósmica que é a encarnação, ela o fez estabilizando a sua Luz em diferentes planos dimensionais, servindo-se para isso de corpos de matéria diferenciada. Foram assim criados os Espíritos, as Almas, e toda a estrutura física necessária à encarnação. Esses corpos, a que

dou o nome de Estabilizadores de Consciência, permitiram que esta, estabilizada no respectivo plano, pudesse, servindo-se desse corpo, agir e servir nesse mesmo plano.

» — Assim sendo, enquanto que um filamento não muito potente dessa consciência se expressa fisicamente através de uma personalidade, que é composta pelo corpo físico, emocional e mental, outros núcleos dessa mesma consciência, numa potência superior, expressam-se nos outros planos. Temos assim o corpo-Alma que serve de veículo à parte da nossa consciência que se encontra estabilizada no Plano Intuitivo e o corpo-Espírito que ancora em si a potência máxima do Ser individual, estabilizando essa consciência no Plano Monádico. Essa concentração daquilo que nós somos em diferentes planos e em voltagens variadas, permite que, embora tendo um dos filamentos encarnados no Plano Físico, continuemos, simultaneamente, a agir nos outros planos, mesmo que, no plano tridimensional, não tenhamos consciência disso.

» — Para ajudar a visualizar este processo, vamos supor que o nosso Espírito, também chamado de Mónada, contém mil volts de consciência, o que lhe permite irradiar uma luz muito potente e abrangente. Imaginemos, também, que a Alma contém cem volts de consciência e a personalidade contém apenas dez volts de consciência. Essa consciência é aquilo que nós Somos, é o nosso verdadeiro Ser que se encontra presente nesses núcleos, em potências variadas.

» — Com esta ilustração, Isabel, talvez seja mais fácil para ti perceber o que é exactamente o processo iniciático que, sendo uma expansão da consciência tridimensional do indivíduo, permite, quando acontece nas suas múltiplas fases, que a personalidade receba uma maior voltagem da consciência que nós somos e, com isso, possa expressar um grau de Luz mais potente. Assim, à medida que vamos caminhando pelas iniciações, a Alma abre a sua válvula e deixa que uma maior voltagem de consciência chegue à personalidade que aos poucos se vai iluminando numa potência crescente.

» — Este caminho iniciático tem como objectivo final a integração dessa consciência fraccionada em múltiplos planos, num único núcleo consciente a que damos o nome de Corpo de Luz. Este corpo, ao

contrário dos outros que nos foram ofertados, foi criado por nós ao longo das encarnações e é com esse corpo, já com toda a expressão do nosso Ser concentrada neste, que regressaremos um dia ao Núcleo Regente que é a nossa expressão Divina.

» — As várias fases desse processo iniciático permitem que o Ser se vá reencontrando consigo mesmo e com as suas múltiplas formas de expressão, dentro do plano Físico Cósmico. É neste plano Físico Cósmico que se encontra toda a nossa estrutura vertical, começando nos três corpos da personalidade, passando pela Alma e pelo Espírito e terminando no Regente que é Deus em nós.

» — Estas iniciações são processos internos que resultam do contacto do nosso Ser com a sua Regência Hierárquica e que, por isso mesmo, não tem nenhuma expressão tridimensional. Nada, na nossa vida comum, pode denunciar aquilo que estamos a viver internamente. São processos que não acontecem no tempo dos relógios humanos, nem pela vontade ou pela acção de nenhum ser encarnado. Quem passa pelas iniciações fá-lo em total silêncio e recolhimento e apenas as transformações na sua expressão e no seu comportamento, pois todo aquele que passa por uma iniciação não mais será a mesma pessoa, poderão denunciar aquilo que aconteceu.

— E quais são as iniciações e como caracterizar cada uma delas?
— perguntou Isabel absorvendo cada palavra.

— O processo iniciático começa, naturalmente, pela primeira iniciação que é concedida, não àqueles que ainda estão mergulhados dentro do psiquismo em que a humanidade em geral se encontra, mas a todos aqueles que, dentro da ciência espiritual, chamamos de aspirantes. O aspirante é um ser que, já tendo deixado essa malha hipnótica, ainda não se reencontrou consigo mesmo. Está numa espécie de limbo, onde já não se identifica com o seu passado, mas ainda não encontrou o seu futuro. Geralmente são seres que têm uma busca quase que obsessiva por conhecimento espiritual, por técnicas terapêuticas, por métodos de todo o tipo, numa voracidade que esconde esse vazio existencial de quem ainda não sabe ao certo onde pousar os seus pés.

— Como muitas das pessoas que vemos em Capilla?

— Exactamente! Contudo, só quando este aspirante começar a sentir um vazio no seu peito e a perceber que, apesar de todos os conhecimentos adquiridos, das técnicas aprendidas, dos métodos aplicados, nada de real aconteceu nele, continuando a mesma pessoa de sempre, é que a porta da primeira iniciação lhe será aberta.

— E o que representa essa iniciação?

— A Primeira Iniciação é conhecida como sendo o nascimento dentro da simbologia da vida de Jesus. Com a expansão de consciência que dali resulta, uma maior voltagem se encontra disponível na personalidade e, com isso, a pessoa passa a ter uma visão mais ampla sobre as coisas e sobre o mundo. Tudo aquilo que eram as suas referências, os seus hábitos, os relacionamentos, o trabalho, etc... passa por uma profunda transformação, pois ela deixará de se identificar com tudo isso. De repente, aquilo que era a sua vida torna-se um imenso vazio. Já não sente mais afinidade com os amigos que tinha, já não sente mais necessidade de fazer as coisas que fazia, já não se identifica mais com aqueles hábitos que, até então, lhe traziam pequenos prazeres. Há uma necessidade crescente de recolhimento, de silêncio, de introspecção, afastando-se aos poucos dos ambientes que frequentava. Um ser que está a viver o processo desta iniciação é alguém muito pouco compreendido pelos demais, pois, de um momento para o outro, ele não tem mais afinidade com tudo aquilo que era a sua vida. Ele passou a sentir-se um estranho dentro da sua própria rotina de vida. Começa então a procurar outros ambientes com os quais tenha uma maior afinidade. As suas leituras, que na fase de aspirante eram massivas, são agora mais selectivas e sintonizadas com a sua realidade. Começa a encontrar aqueles que são irmãos de caminho, não só pela semelhança daquilo que estão a viver, mas também, em alguns casos, por serem Almas de um mesmo agrupamento. Pela primeira vez, o indivíduo começa a sentir a energia da Alma a expressar-se através de si, e com isso vêm estados de paz, de harmonia e de verdadeiro silêncio, não ainda de forma permanente, algo que só acontecerá com a Terceira Iniciação, mas em pequenas doses que o ajudarão a sintonizar essas realidades internas. Em alguns

casos, até poderá ter contactos esporádicos com a Hierarquia Espiritual. É um período de muitas descobertas e do despertar para realidades desconhecidas. Esta iniciação é como um porto de abrigo, um vislumbre de estados de consciência futuros onde tudo isso será vivido de forma permanente, pois, por enquanto, é ainda vivido de forma intermitente. Ali o Ser se fortalece, preparando-se para a aridez da segunda iniciação.

» — A Segunda Iniciação, por sua vez, é conhecida como a travessia do deserto, ou também como a noite escura da Alma. Jesus recebeu essa iniciação com o baptismo, após o qual foi levado para o deserto onde permaneceu por quarenta dias. Depois da leveza, da tranquilidade, da paz com que o indivíduo viveu todo o processo da primeira iniciação, ele entra agora nesse deserto onde tudo isso lhe é retirado. Ele não sente mais a sua Alma, ele não tem mais contacto com a Hierarquia; aquela paz que permeava alguns momentos da sua vida desaparece, e ele vê-se abandonado no meio do deserto, sem nenhum tipo de referência. É uma prova difícil, onde ele apenas poderá contar com a sua Fé e nada mais. Ali, nesse deserto, ele é confrontado com o seu lado negro, com aqueles nódulos antigos que necessitam ser transmutados para que ele se possa tornar verdadeiramente um Iniciado. É como se, na Primeira Iniciação, ele fosse este tanque de água limpa, onde não se percebia nenhum tipo de sujidade. Com a Segunda Iniciação, no entanto, o lodo do fundo desse tanque, que não fora mexido na iniciação anterior para que ele pudesse viver o contacto com os seus Planos Internos sem interferências, é agora mexido, turvando essas águas, com todo esse lixo ancestral que transportamos ao longo de encarnações. É que ninguém poderá tornar-se um Iniciado, Isabel, e, por isso, um verdadeiro servidor do plano evolutivo, com todo esse lodo por revolver. A Segunda Iniciação permite que possamos transmutar todos esses registos e, com isso, alcançar a verdadeira liberdade. Não é um processo fácil. O indivíduo sente-se abandonado por Deus, perdido e traído. Pode parecer até que está a retroceder no seu processo evolutivo, pois, se na iniciação anterior ele era uma pessoa doce, harmoniosa, atenciosa, como justificar a crescente inquietação, surtos de raiva, palavras mais ríspidas... muitos não conseguem resistir à revolta que os assola e, com isso, acabam por ser alvos fáceis para as

forças involutivas que os irão tentar de todas as formas, como o fizeram com Jesus no deserto. Aqui, há que saber persistir na Fé e não nos deixarmos seduzir pelas ofertas que essas forças nos fazem, nem nos deixarmos impressionar com os aspectos mais rudes que começam a vir à superfície para que possam ser transmutados. É ali, no meio desse deserto, que o Ser contacta com os núcleos de uma dor ancestral que clama há muito por cura. É a oportunidade que o universo nos dá, para nos libertarmos definitivamente de todos esses registos antigos e, com isso, soltar dos nossos ombros, toneladas de carma acumulado. Esta iniciação só é vivida por aqueles que estão destinados a tornarem-se prolongamentos encarnados de Hierarquias. A maioria permanecerá na Primeira Iniciação, pois talvez não suportassem a travessia do deserto, e, assim, a Hierarquia Espiritual mantém muitos seres nesse ponto, onde poderão ser de muita utilidade para o Plano Evolutivo na actual transição planetária, embora não com a mesma precisão e segurança daqueles que já atravessaram esse deserto.

» — A Terceira Iniciação é semelhante à Primeira, só que agora tudo é vivido de forma estável e permanente. Corresponde à transfiguração de Jesus onde este entra em contacto directo com a sua Regência Hierárquica, passando a ser um prolongamento desta. Com esta iniciação, o Ser é aceite pelo Mestre que se faz presente e a energia da Alma volta a fluir através dele, absorvendo por completo a personalidade que só na iniciação seguinte será dissolvida. É nesta iniciação que o discípulo entra verdadeiramente ao serviço do Plano Evolutivo, tornando-se um prolongamento directo da Hierarquia. Um ser que vive este processo é alguém que já está em total Harmonia física, Paz emocional e Silêncio mental. A partir daqui não há mais como retroceder, nem as forças involutivas de âmbito planetário o poderão mais desviar do seu caminho.

» — A Quarta Iniciação é uma continuação da Segunda, só que agora não é mais o carma pessoal que está a ser transmutado mais sim o carma planetário. Enquanto na Segunda o Ser era confrontado com as suas dores ancestrais, agora ele contacta com a dor ancestral da humanidade. É uma das iniciações mais difíceis. Este processo é

geralmente vivido em recolhimento; o Ser tem a necessidade de se afastar do mundo, para poder viver internamente essa dor e com isso ajudar a aliviar, nos seus próprios corpos, o fardo do planeta. Com esta iniciação, a personalidade é totalmente dissolvida, e é, por isso, que no fim desse processo, quando ele recebe a Quinta Iniciação, este desencarna e segue o processo seguinte noutros Planos de Consciência. Esta iniciação corresponde à crucificação de Jesus, após a qual, ainda com vida, este é levado para a tumba onde permanece por três dias até desencarnar e ressuscitar, já com a Quinta Iniciação, sob as vestes do Corpo de Luz. Ali Jesus viveu as dores do mundo na sua carne terrestre, aliviando a humanidade de parte do seu carma.

» — A Quinta Iniciação, que é um prolongamento da terceira, e que se dá com o ser desencarnado, é um dos mais belos processos iniciáticos, pois é conhecido dentro da poética espiritual como sendo o Matrimónio Superior. Quando a noiva, a Alma, se eleva do plano intuitivo até ao plano espiritual e encontra o noivo, a Mónada, que desce do plano monádico e ambos, sob as vestes do Corpo de Luz que foi tecido ao longo das encarnações por nós mesmos, se juntam num único núcleo consciente, dá-se essa união sagrada que unificará toda a expressão vertical do nosso Ser. Se, no entanto, olharmos para esta iniciação, não pelos olhos da poética espiritual, que é um instrumento de instrução poderoso, mas pelos olhos da ciência espiritual, percebemos que, na verdade, nem a Alma sobe nem a Mónada desce, pois, sendo dois núcleos estabilizadores de consciência nos seus respectivos planos e, por isso mesmo, não sendo corpos multidimensionais, estes não se deslocam verticalmente. Apenas a consciência faz esse trajecto vertical pelas várias dimensões e não os corpos onde esta se encontra estabilizada. O que acontece, no processo da Quinta Iniciação, é que esses dois núcleos, Alma e Mónada, são dissolvidos e a consciência, que se encontrava ancorada nestes, conflui, toda ela, para o Plano Espiritual onde passa a concentrar-se integralmente no novo corpo. Este corpo, ao contrário dos outros, é um corpo multidimensional que permitirá ao ser agir de forma directa e consciente em todos os planos. Um Ser com a quinta iniciação, pode operar com total liberdade desde a terceira até à sexta dimensão, tendo um domínio pleno sobre a matéria de tal modo

que poderá materializar um corpo físico se se fizer necessário actuar nesse plano de forma encarnada, sendo esse corpo dissolvido quando a sua tarefa terminar. Assim foi com Jesus que, desde a ressurreição — a Quinta Iniciação — até à Ascensão — a Sexta Iniciação —, andou fisicamente entre os seus discípulos. O Ser passa de Iniciado a Adepto, participando de modo activo em Conselhos Planetários e Solares e actuando, de forma directa, com Hierarquias e Centros Planetários.

» — A Sexta Iniciação, Isabel, é o processo que conduz ao Mestrado Superior. É vivido por aqueles que chamamos Mestres. Ao contrário da Quarta Iniciação, em que o Ser, como Iniciado, era confrontado com a dor do planeta, e da Segunda em que ele, como Discípulo, tinha que transmutar a sua própria dor ancestral, nesta iniciação, já como Mestre, ele entra em contacto com a dor do universo e com os núcleos involutivos que a sustentam. Esta iniciação corresponde à Primeira Iniciação de Sírius, o que significa que esse ser passará a ter um contacto directo e nuclear com a Regência do nosso Sistema Solar e com a expressão mais pura do Segundo Raio dentro do plano Físico Cósmico.

» — A Sétima Iniciação levará o ser à unificação com o seu núcleo Divino. Este é o processo de elevação do Corpo de Luz que, até então, circulava livremente pelas seis primeiras dimensões, até à sétima dimensão onde se encontra o Regente. É com a Sétima Iniciação que todos os prolongamentos desse Regente, que fizeram o seu percurso na matéria, se unificarão nesse núcleo Divino, abrindo as portas do plano Astral Cósmico onde o regente se consagrará como Avatar. Aqui já estamos no domínio das Hierarquias que são formadas a partir desta iniciação.

» — A partir daqui, Isabel, é muito difícil definir com precisão as iniciações seguintes, sendo que a Oitava Iniciação coloca o Ser em contacto directo com os Signos Cósmicos, que são portais de ligação entre o Universo-Mãe e o Universo-Filho, de onde os Cristos são emanções. É também nesta iniciação que o Ser se realiza como Avatar, após a unificação integral de todos os seus prolongamentos. A Nona Iniciação está ligada ao centro da galáxia e seu Logos, e a Décima Iniciação eleva o Ser a esferas extra-galácticas, correspondendo à primeira iniciação de Andrómeda.

— Fizeste uma correspondência das iniciações com a vida de Jesus. Poderemos vê-la como um modelo para todos nós?

— Sim, sem dúvida! A vida de Jesus traz a Matriz Iniciática pela qual todos temos que passar. Através das suas iniciações, percebemos o caminho que está destinado a todos. Da primeira à sexta Iniciação temos o surgimento de um Mestre, na sétima Iniciação, temos a fundação de uma Hierarquia. Com a oitava Iniciação, essa Hierarquia, agora chamada de Samana, entra em contacto com os Signos Cósmticos, recebendo a primeira Iniciação de Orion. Com a nona Iniciação, a actual, dá-se o contacto com o centro da galáxia, sendo hoje Samana um filamento directo desse Logos. E como o Logos Galáctico é uma entidade que opera directamente no plano Monádico Cósmtico, ou seja, no Universo-Pai, podemos então dizer que Samana, que enquanto Jesus, um dos seus núcleos, foi um filamento do Filho, é hoje um prolongamento directo do Pai.

» — Este caminho, que nos foi aberto por Jesus e que hoje é sustentado por Samana, está aí para todos. É o caminho do reencontro com a nossa essência nas suas diferentes gradações e dimensões. É o caminho de regresso à casa do Pai, que nunca deixámos em essência mas da qual, pela necessidade de transubstanciar a matéria cósmica, tivemos que nos projectar ao longo das dimensões, encarnando as esferas temporais do Universo-Mãe. Um dia esse universo será reintegrado ao Universo-Filho, da mesma forma que a nossa personalidade será um dia reintegrada na Alma. E mais tarde, num desses dias cósmicos que são para nós eons, o Universo-Filho e o Universo-Pai unificar-se-ão num único núcleo consciente. Então, finalmente, a Trindade se fará Unidade e o Cosmos, como um todo, poderá consagra-se diante do altar do Supremo Ser de quem não temos notícia nem palavras para descrever.

Isabel não o interpelou mais, absorvendo as suas palavras. Ficaram toda a tarde no topo da montanha, até que se fez noite e ela pôde ver a luminosidade de ERKS sobre o vale. As naves continuaram a surgir diante deles, muitas delas sendo apenas a manifestação de Seres de elevada espiritualidade que se faziam presentes na luminosidade intensa de bolas de luz que dançavam diante dos seus olhos.

— Deveria estar impressionada, emocionada com tudo isto que vejo, mas não... Sinto apenas uma grande tranquilidade. Olhar para

as naves é como se olhasse para os pássaros, para as nuvens... algo de natural.

— Gostarias de visitar a cidade de ERKS? — perguntou ele, olhando para Isabel de expressão serena.

— Se essa for a minha vontade, poderei visitá-la?

— Sim. Recebi essa autorização agora mesmo de uma das naves que vês. Se essa for a tua vontade seremos transportados agora mesmo.

Isabel contemplou o vale lá em baixo e as naves que o cruzavam de um lado ao outro.

— Não — ela olhou para ele, sorrindo. — Não sinto a necessidade de visitar ERKS. O meu destino é percorrer os caminhos dos principais centros intraterrenos. Visitar ERKS seria um desvio a esse destino.

— Muito poucos são os que recusariam um convite como este. No entanto, o facto do o teres feito, já é um sinal claro do teu amadurecimento espiritual.

Nesse momento, uma nave materializou-se diante deles. Isabel observou-a de expressão serena, ouvindo por vias telepáticas as instruções dos seres que a tripulavam.

«Acompanhamos a Humanidade desde o princípio dos Tempos. Somos vossos irmãos mais velhos e procuramos ajudar-vos a encontrar o caminho da integração Cósmica, seja através da vossa dimensão interior, seja em todas as outras dimensões externas que vos ligarão com os povos do universo. O tempo da grande amnésia terminou. Chegou a hora de recordarem a vossa origem Estelar e de se integrarem, de pleno direito, na Confederação dos planetas despertos. A Ascensão da Terra será um momento de grande júbilo para toda a Galáxia, pois teremos de volta o Filho Pródigo, aquele que se recusou ficar junto do seu Pai, decidindo partir para viver as experiências do mundo exterior. Com o seu regresso, uma festa será realizada em sua honra e grande será a Alegria em toda a Galáxia. Nascerá então um novo Coração, cuja batida ecoará por cada recanto deste Universo, Elevando-o à presença do Supremo Ser!»

CAPÍTULO VI

1

DEPOIS DE UMA VIAGEM DE CARRO DE OITOCENTOS QUILÓMETROS, desde Capilla del Monte até à estância de La Aurora, no Uruguai, Rodrigo e Isabel chegaram já a noite caía sobre o horizonte plano da estância. Rodrigo saiu do carro abrindo o portão onde uma placa de madeira tinha escrito o nome da estância. Há muitos anos que ele conhecia aquele lugar, sendo um grande amigo dos proprietários que estavam ausentes, mas que disponibilizaram a casa, deixando Rodrigo à vontade.

Depois de terem deixado as malas nos quartos, deslocaram-se para a cozinha onde foram preparar uma refeição ligeira.

— O que fazias antes de teres ido para Capilla? — perguntou Isabel enquanto cortava alguns legumes.

— Era astrólogo — disse ele sorrindo.

— Então já estavas um pouco desperto para estas coisas.

— Não, Isabel. Era astrólogo mas nada sabia de mim e muito menos dessa realidade espiritual. Para mim era apenas a profissão de onde tirava o dinheiro para viver. E depois aquilo que eu julgava ser a ferramenta ideal para o auto-conhecimento, era afinal apenas um instrumento para conhecer a personalidade das pessoas e não a sua essência. E a personalidade é apenas o veículo que usamos. Quando compreendi que a astrologia apenas falava das características desse veículo e não do condutor por detrás do mesmo, desisti de praticar astrologia.

— Mas não será importante saber as características desse veículo?

— Claro que sim. Não me interpretes mal. Não estou a desvalorizar a astrologia. Apenas deixou de ser importante para mim, pois passei a fluir com a Vida, aceitando aquilo que ela me trazia a casa momento, deixando de fazer sentido procurar antecipar dificuldades ou problemas, pois isso era uma forma de me tirar do momento presente. Agora, reconheço que, para algumas pessoas, conhecer as características do veículo que conduzimos e as condições da estrada que temos diante de nós, pode ser essencial para que possam ter uma viagem segura. No fundo, o que a astrologia nos diz é o tipo de carro que temos, e depois, olhando para o mapa da pessoa, diz-nos também sobre as características da estrada que iremos encontrar. Assim, de uma forma análoga, se uma pessoa tem como veículo um jipe e a estrada que se apresenta é uma estrada de montanha cheia de buracos, o astrólogo poderá dizer a essa pessoa que, em princípio, devido às características desse mesmo veículo, não deverá ter grandes dificuldades em atravessar essa estrada, o que não significa, naturalmente, que não se venha a despistar logo na primeira curva. Se o veículo for de cidade e a estrada continuar a ser a mesma, então o astrólogo irá prevenir essa pessoa para as dificuldades que irá encontrar, aconselhando-lhe uma condução mais cuidadosa e atenta. E isto é o que a astrologia de hoje faz: fala-nos do carro que conduzimos, da estrada que temos que atravessar, mas nada nos diz do condutor desse veículo, dessa Essência Espiritual que, por não estar condicionada pela posição dos astros, não pode ser conhecida através destes. Num futuro próximo, irá nascer uma nova astrologia que não terá por base as constelações e os planetas, mas os Signos Cósmicos e, esta sim, tudo revelará da nossa Essência mais Profunda.

— E o que me podes dizer sobre esta estância?

— São tantas as histórias sobre este lugar, Isabel. Tudo começou em 1976, numa noite de Fevereiro, quando Angel Maria Tonna, um grande amigo que já partiu, estava na sala e um dos seus trabalhadores veio ao seu encontro, dizendo-lhe que uma luz muito brilhante se encontrava no céu. Acompanhado pela família, foram todos ao local onde viram essa luz com cerca de três metros de diâmetro que se movimentava de forma pendular, subindo depois verticalmente e entrando numa outra

luz maior que tinha a forma de um triângulo isósceles. Quando partiu, houve um *blackout* total na cidade de Salto que fica a doze quilômetros de distância. Tonna, com quem tive longas conversas, dizia-me que as luzes que apareciam provocavam queimaduras nas árvores, nos animais, e às vezes nas pessoas. Nos anos seguintes, os acontecimentos na estância tornaram-se tão evidentes e as observações eram tantas, que a própria NASA se deslocou aqui para fazer experiências, incluindo o astronauta Neil Armstrong que visitou este lugar várias vezes, embora o tenha feito como repórter da Newsweek, por se interessar por assuntos relacionados com os OVNI. Nos últimos anos da sua vida, Tonna estava um pouco cansado com todo o espetáculo que se criou em torno da estância a acabou por fechar as portas deste lugar. Dizia-me que não podia ocupar o seu tempo a dar atenção às pessoas, pois tinha que cuidar da terra e dos animais, para ganhar o seu sustento. Imagina o que não era, Isabel, entrarem todos os dias dezenas, às vezes centenas de turistas pela propriedade adentro para ver luzes e observar as marcas que as naves deixavam no chão quando aterravam.

— E essas marcas eram reais?

— Sim. As pessoas vinham e deitavam-se sobre estas cuja radiação promovia a cura. O próprio centro de Aurora, que está por baixo deste lugar e que é um centro de Cura Cósmica, possibilitava isso, mas mesmo assim, Tonna fechou o lugar por ter percebido que havia muito egoísmo por parte das pessoas que buscavam esse contacto e essa cura. Na verdade, ele falava muito pouco das coisas que sabia, apesar da curiosidade das pessoas. Como ele mesmo dizia: «Falar pouco do que se sabe, nada do que não se sabe e nunca dizer eu fiz, eu sei, eu sou, diante da obra das energias.». Foi essa postura que lhe permitiu manter contacto com os seres de Aurora por vários anos, seres esses que se manifestavam fisicamente diante de si, passando instruções e ensinamentos.

Depois do jantar, foram até à sala onde Isabel se sentou num dos sofás, enquanto Rodrigo se aproximava de uma estante de onde retirou um livro. Este continha vários escritos de Tonna que tinham como base os ensinamentos que ele recebera dos seres de Aurora. Sentou-se depois ao lado de Isabel, entregando-lhe o livro que esta abriu a meio, lendo em voz alta as palavras de Tonna.

«A compreensão das energias superiores não é algo que se possa adquirir em escolas, ou nas palavras sábias de um mestre, mas apenas na vivência interior de tudo aquilo que nos cerca. Se o fizermos, não correremos o risco de caminhar pela mão dos outros, pois essa caminhada terá como único farol a nossa própria essência espiritual que tudo nos ensinará. O fanatismo que abunda nos tempos de hoje, e que foi anunciado por Cristo quando Ele profetizou o fim deste ciclo, é como um retorno ao estado animal, levando o indivíduo à traição, à crueldade e à hostilidade para com os seus irmãos. Neste não existe grandeza alguma, porque impede o reconhecimento de que a escalada não tem fim. Faz com que o homem estacione num determinado ponto e que se fixe ali, devido à força da inércia e da ignorância, mascarando-se estas de devoção, de amor e de grandeza de sentimentos.»

Isabel fechou o livro, olhando para ele.

— Muito bom! Estou em total sintonia com estas palavras.

— O problema é que são cada vez mais aqueles que caminham pela mão dos outros e, em muitos casos, esses outros nem sequer são pessoas encarnadas mas entidades que se fazem canalizar e que operam no registo da sombra e não da luz. É o jogo do mundo que há milhares de anos se manifesta no confronto entre esses opostos, o bem e o mal. Padre Pio, que hoje é um ser de Aurora, teve um contacto directo com esse mal que o atormentava com o objetivo de o impedir de desempenhar a sua missão que era, através dos estigmas que ele manifestou por cinquenta anos, transmutar essas mesmas forças. Esse jogo dual em que nos encontramos processou-se sempre desta forma, mas chegou a hora de sair dos vértices inferiores do triângulo, para o vértice superior onde deixaremos a dualidade e que é o vértice do verdadeiro Silêncio.

— Tiveste alguma vez um contacto directo com esse mal?

— Sim, em dois mil e um, quando visitei pela última vez a fazenda no sul de Minas Gerais no Brasil. Estiveste lá?

— Passei ao lado. Tudo indicava que deveria ir para lá, mas um aperto no coração tentava dizer-me o contrário. Até que acabei por ser resgatada pela Beatriz que me levou para um outro espaço.

— Lembro-me da Beatriz. Quando estive lá ela era um dos membros mais importantes.

— Deixou o grupo quando a Madre entrou.

— A Madre é apenas um reflexo daquilo em que esse trabalho se transformou. Se a Madre conseguiu entrar e tomar conta do grupo, é porque o próprio grupo já estava a vibrar naquela frequência.

— Mas o que aconteceu contigo nessa última vez que lá estiveste?

— Estive lá em Junho de dois mil e um. Foi um mês interessante, pois o assunto principal era as transmutações monádicas, tema sobre o qual tinha alguma curiosidade. Foram várias as palestras que se realizaram, uma delas dada por um grupo dos Estados Unidos em que a líder foi falar do seu próprio processo que ela chamava de *Walk-in*, e outra por uma Argentina que fora a esposa do ser que iniciou o líder do grupo e que relatou a experiência do marido que passou pelo seu processo de transmutação aqui mesmo, neste lugar.

— O que é uma Transmutação Monádica ou *Walk-in*?

— É um processo em que o ser deixa o corpo, como na morte, para que um outro, mais evoluído, possa entrar no seu lugar e assumir aquela personalidade.

— Não é isso uma forma de possessão?

— Não, é diferente. Há um recolhimento da Alma ou do Espírito, dependendo do grau, que se afasta, e a aproximação de uma outra Alma, ou Espírito, mais evoluída que assume a personalidade e o carma daquele ser. Conscientemente nada acontece de aparente, pois a mente continua a ser a mesma e como nós julgamos que somos esta mente e estes pensamentos, então não damos de imediato pela diferença. Esta só é sentida com o tempo quando a nossa maneira de ser começa a mudar. Deixamos de gostar das coisas que gostávamos, passamos a pensar de maneira diferente e a agir de outra forma. Há uma transformação para melhor sem que isso tivesse resultado de um esforço consciente para que essa mesma transformação acontecesse. Este processo permite que muitos seres que têm missões na terra, possam vir ao mundo sem terem que passar pelo nascimento e pela adolescência, e, por outro lado, permite àqueles que partem libertarem-se de parte do seu carma que é assumido pelo outro. Pela urgência dos tempos que vivemos, esta é uma forma mais rápida desses seres começarem, de imediato, a agir no mundo pela sua transformação.

— E o que te aconteceu nesse mês?

— Tive acesso ao que acontecia ocultamente naquele trabalho e a uma vida passada minha em que estive envolvido com essas forças negras. Tudo se passou numa noite, durante o sono, em que me apareceu um ser que tinha uma postura nobre, embora fosse uma nobreza horizontal e não vertical. Percebi que era uma alta hierarquia negativa, pois apresentava-se de forma elegante e sedutora. O que aconteceu de seguida foi esse ser agarrar-se ao meu pescoço na tentativa de estrangular-me enquanto eu lutava para o afastar. Quando acordei no dia seguinte, senti-me pesado e irritado. A pessoa que dormia no beliche do lado, que tinha clarividência, assistiu a tudo durante a noite. Disse-me que tinha visto entrar no quarto um ser muito elegante e que este veio para cima de mim, tentando estrangular-me. Viu-me, então, contorcer, respirar com dificuldade e tossir enquanto me debatia, sem nunca acordar. Ficou sem saber o que fazer, se me acordava ou se deixava aquele processo acontecer sem interferir. Acabou por não interferir. A partir de então ficou claro para mim que o grupo tinha sido contaminado pelas forças negras que tinham tomado aquele trabalho de assalto e desde então nunca mais lá fui.

— E como ficaste depois dessa experiência?

— Não foi fácil. Em termos emocionais tive que gerir toda aquela nova informação, pois tinha aquele trabalho como um dos mais luminosos do planeta, que na verdade o foi, nos seus primeiros doze anos, e, em termos mentais, tive que ajustar as agulhas do meu pensamento e deixar que tudo aquilo em que acreditava se desmoronasse a meus pés para que, no vazio criado, o novo pudesse nascer. Mas o processo não terminou ali, pois, no dia seguinte, depois de me isolar do grupo e ficar sozinho, tive contacto com uma vida passada em que fiquei a saber que também eu já tinha estado ao serviço dessas forças e que parte das pessoas que formavam o grupo tinham lá estado comigo.

— E que vida foi essa?

— Foi na Alemanha, durante o período Nazi. Fiz parte da sociedade de Thule, uma ordem secreta e ocultista que sempre esteve por detrás do movimento Nazi. Acreditavam que recebiam instruções directamente do Senhor do Mundo e, com base nisso, queriam

implementar na Terra uma nova Ordem e um Novo Mundo. Na altura, eu fazia parte da sociedade Teosófica e era um médium. Acabei por integrar a sociedade de Thule, com muitos outros médiuns, com o objetivo de canalizarmos o plano de Deus para o mundo e implementá-lo. Hitler foi o Grão Mestre de uma Ordem ainda mais oculta, dentro da sociedade que se chamava Ordem Vrill. Sendo ele um dos médiuns mais poderosos, era através de si que esse Senhor do Mundo, que não era o que se sentava em Shambhala, mas uma entidade negra que se apresentava com uma armadura dourada, fazia passar as suas instruções. E tudo era canalizado, desde os U-boats ao Bismarck, desde as fardas à propaganda. Nada era realizado sem as instruções directas dessas entidades. Quando Hitler falava à multidão, vários médiuns posicionavam-se em lugares-chave, formando uma estrela de cinco pontas invertida, ficando Hitler na base, e, com isso, criando uma bolha hipnótica que mantinha aquelas pessoas sob o domínio dessas forças negativas, enquanto a entidade principal se fazia canalizar através dele. Era magia negra da mais poderosa. Eu estava naquele trabalho iludido, pois pensava que servia a Luz, na implementação de um Novo Mundo; que lutava contra as forças do mal. Julgava que as entidades que eu mesmo canalizava eram luminosas e que estava a contribuir para o surgimento de uma Nova Terra, para o bem de todos. Quanta ilusão! Quando percebi que fora enganado, tentei deixar o grupo mas acabei por ser fuzilado por traição.

— E agora a história repete-se.

— Exactamente, Isabel. Aos mesmos seres que fizeram parte desse trabalho no passado, foi-lhes dada a oportunidade de limparem o seu carma na implementação de um novo trabalho, agora sim, ao serviço da Luz. Mas o que vemos é que acabaram por repetir essa encarnação passada e permitir que as mesmas entidades, que na altura conduziam aquele movimento, se infiltrassem e tomassem conta desse trabalho. Hoje canalizam os mesmos Asuras de então que, travestidos em vestes de luz, continuam a iludir muitos. Já não têm o objectivo de conquistar o mundo, mas de impedir que a Luz desperte nos pontos por onde tens passado, principalmente no ponto central, que fica em Portugal, onde já estão instalados.

— E como se desmontou todo esse processo durante o período Nazi, para levar à vitória dos Aliados?

— Houve uma intervenção Divina, através de um ser chamado de Mira Alfassa, a que deram o nome de “a Mãe” e que era a companheira espiritual de Sri Aurobindo, um sábio indiano de grande poder espiritual. Estes dois seres foram o contraponto luminoso a tudo aquilo que acontecia na Europa: Sri Aurobindo, actuando por detrás de Churchill e instruindo-o à distância, e a Mãe que, fazendo-se passar pela entidade que Hitler canalizava, se apresentou a este, convencendo-o a invadir a Rússia, onde ele iria acabar por perder a guerra. Ao voltar ao seu Ashram encontrou, no plano astral, essa entidade que a interpelou sobre o que ela tinha acabado de fazer, ao que ela, fixando-o, disse-lhe: *«mas ainda não compreendeste que também tu és meu filho?»*

Logo depois, cansados que estavam da viagem, recolheram-se aos aposentos. O sono foi leve e profundamente restaurador, não fosse o centro de Aurora um núcleo transmutador de forças negativas, quase como um exorcista planetário capaz de conduzir essas forças para outros planos ou simplesmente, dissolvendo-as nas formas elementais que as constituíam.

2

Na manhã seguinte, acordaram bem cedo, tomando o pequeno almoço na cozinha. Mas foi quando Isabel saiu e olhou o lugar em volta, que os seus olhos se abriram cintilantes perante tanta beleza. Uma planície enorme perdia-se de vista num tapete que parecia bordado de verde, fundindo-se no azul do horizonte distante. E, em silêncio, caminharam pela estância.

— Sinto a energia deste lugar muito semelhante à de Mirna Jad
— disse finalmente Isabel.

— É natural. Ambos os centros estão ligados pelas energias dos

raios. Enquanto Aurora expressa a energia do Sexto Raio como essência, e a do Segundo Raio como complemento, Mirna Jad expressa o Segundo Raio como essência e o Sexto como complemento. Essa é uma Lei que faz com que, por exemplo, o centro de Miz Tli Tlan, que expressa a energia do Primeiro Raio, esteja ligado a Iberah que expressa a energia do Sétimo Raio. Da mesma forma que ERKS, cujo Raio Cósmico é o Terceiro, está ligado a Anu Tea que manifesta a energia do Quinto Raio.

— Não conhecia a existência do centro de Anu Tea.

— É um centro oculto nos tempos de hoje, tal como Iberah. Encontra-se no Pacífico e expressa a energia do Quinto Raio Cósmico, que é o Raio da Ciência Oculta. Pela imaturidade do homem de hoje, esse centro não se expressa diretamente, manifestando a sua energia através de outros centros, pois o conhecimento que é guardado por Anu Tea, em mãos pouco preparadas, poderia levar a um cataclismo planetário.

Isabel lembrou-se da experiência que ela realizara como cientista durante o ciclo Atlante que pôs fim àquela civilização.

— Tinha o povo Atlante acesso aos conhecimentos de Anu Tea?

— Sim e o resultado é aquele que todos conhecemos. É por isso que Anu Tea se mantém oculto, guardando tais conhecimentos para a futura humanidade, onde os mesmos não serão manipulados ou comercializados. Alguns povos, no entanto, tiveram acesso a alguns dos seus ensinamentos, como os Caldeus e os Persas, e, mesmo nos tempos de hoje, alguma informação tem vindo a ser passada, de forma muito gradual, a alguns cientistas menos fundamentalistas, de modo a permitir o aceleração do actual momento de transição. Os centros de Anu Tea, ERKS e Iberah, manifestam a polaridade masculina do planeta e guardam os grandes mistérios que sempre inspiraram as mais variadas Ordens Esotéricas, embora poucas tenham sido aquelas que realmente compreenderam o significado profundo desses mesmos ensinamentos, usando-os, muitas vezes, como instrumento de poder.

— E o que me podes dizer sobre o centro de Aurora?

— O centro de Aurora tem como objetivo auxiliar a humanidade na sua integração com o Novo Mundo, trabalhando diretamente com o

corpo emocional das pessoas que é aquele que está mais corrompido. O seu trabalho procura, por isso mesmo, transmutar desse corpo as forças que ali estão alojadas, pois o corpo emocional é como um espelho para a Alma, e apenas se estiver limpo poderá reflectir para nós a energia do Plano Intuitivo.

Momentos depois, chegaram junto de uma gruta artificial, feita de pedra, que tinha sido construída num dos extremos da estância e cuja forma fazia lembrar uma pequena capela. Um portão de grades brancas impedia que se tivesse acesso ao seu interior, onde se encontrava uma Estátua. Na entrada, uma placa dizia: «Roga, Espera, Não te Inquietes. A Inquietude de nada Serve».

— Este lugar foi criado em homenagem a Padre Pio de Pietrelcina que hoje é um ser de Aurora, pois é lá que se encontram os grandes curadores desta humanidade. No futuro ciclo, será um lugar de onde brotarão fontes de águas medicinais.

Isabel sentou-se na entrada da gruta, sintonizando com aquela mesma Paz que sentira no topo da Serra do Roncador. A sua forma de orar era a do Silêncio como fio condutor que a levava directamente à Alma. À sua volta sentia o corpo ser trabalhado por seres que ali se encontravam sem que ela os pudesse ver. A energia fluía intensamente, de tal forma que por breves momentos era como se ouvisse o som de cada átomo numa vibração que se tornava crescente. Naquele estado em que se encontrava, tudo era uma só Vida, uma só Vontade, uma unidade perfeita onde o Todo se diluía na continuidade infinita de cada uma das suas partes. E foi então que ela ouviu interiormente uma voz... era Padre Pio que lhe falava...

«Estes são tempos difíceis, mas de muitas alegrias. Busquem o contacto com as vossas Almas. Esse Silêncio é hoje, como sempre foi, o vosso único porto de abrigo. Ali reside a Verdade. As forças involutivas continuam a agir, como já o faziam no meu tempo terrestre, embora hoje, travestidas em veste de cordeiro, como já dizia o Grande Mestre, tiram do caminho mesmo aqueles que já estão despertos. Usam-me para os seus fins pouco evolutivos, atribuem-me nomes que não me correspondem, colocam-me em posições hierárquicas que não ocupo, e, com isso, vão-vos distraíndo do que

realmente é essencial. Regressem ao silêncio das vossas Almas, e ali permitam que o Som do Espírito dilua todos esses ruídos. De que mais necessitam? Que vazio é esse que vos faz ir como cordeiros ao comando dos cajados da velha terra, mesmo que reluzindo em ouro? Que medo é esse que vos impede de assumir o vosso caminho solitário, levando-vos ao encontro de grupos que escravizam o vosso Ser? Sejam livres como os pássaros que, na sua simplicidade e na beleza do seu canto, trazem o reino do Céu para a Terra. Não se apeguem a nenhuma forma ou estrutura, corrente filosófica ou doutrinária e Sejam puros e simples. Só assim, o Reino dos Céus despertará em vossos Corações.»

CAPÍTULO VII

1

QUANDO DEIXARAM A ESTÂNCIA DE LA AURORA, RODRIGO LEVOU Isabel até ao aeroporto de Montevideo onde se despediu. Tudo o que tinham vivido em Capilla e na Estância fortaleceu, entre eles, laços que não mais se iriam desfazer. Eram irmãos de caminhada rumo à Nova Terra que despertava. E, sem se demorarem em despedidas, Isabel partiu para a cidade de Lima, no Peru. Durante a viagem, não pôde deixar de se interrogar sobre aquele destino que se cumpria em cada passo que dava, de forma precisa, como se tudo estivesse escrito num livro. Tal como a Joana lhe dissera quando iam a caminho da Lagoa Iberá para muitos só existia destino e não mais livre arbítrio: uma renúncia feita conscientemente por ela mesma, antes de ter encarnado, de modo a que pudesse cumprir aquela tarefa cujo traços ainda se apresentavam como um esboço, não permitindo ainda ver a figura que ganhava expressão.

Quando chegou a Lima, apanhou um avião das linhas regionais que a levou até à capital do império Inca: Cuzco. A aterragem no aeroporto de Velazco Astete não foi suave, com o avião a ter que dar uma curva de 180 graus junto ao chão, antes de se alinhar com a pista, única forma de pousar naquele local rodeado de montanhas. Já com as suas malas, ao som de uma banda peruana que tocava para os turistas, deslocou-se para o centro da cidade que ficava a dez minutos do aeroporto e dali para a Pousada del Corregidor, situada de frente para a Catedral, que ficava do outro lado da Praça das Armas. Ali reservou um

quarto para vários dias, aproveitando a tarde para visitar a cidade. Pelas ruas estreitas, envoltas em edifícios coloniais, os Quechua celebravam um dos seus muitos festivais, percorrendo as ruas em danças alegres ao som das flautas de tubos que tão bem caracterizavam a sua música. As mulheres vestiam saias de cores quentes, sobressaindo o amarelo e o vermelho, e usavam camisolas brancas. Sobre estas traziam, xailes vermelhos com barras pretas, onde alguns desenhos lineares se faziam visíveis. Na cabeça, traziam chapéus pretos de abas, adornados com flores ou lenços coloridos. No dobrar de uma das esquinas, viu-se diante de uma procissão onde os motivos pagãos e cristãos se misturavam, fundindo as duas culturas num espectáculo colorido e cheio de vida. Os andores, enormes e profusamente decorados, eram transportados por vários homens, percorrendo as ruas, por entre uma multidão de devotos, ao som de músicas tradicionais peruanas. E assim passou a tarde, fugindo por vezes para as ruas de menor movimento onde as lojas tomavam conta dos passeios, vendendo artesanato local, e onde as mulheres, de lamas pela mão, se deixavam fotografar pelos turistas. No fim da tarde, regressou ao hotel. Ali fez uma refeição ligeira, indo depois para o quarto onde descansou da viagem e da visita a Cuzco.

Na manhã seguinte, bem cedo, deixou o hotel partindo até à estação onde apanhou o comboio que a levaria até às ruínas de Machu Picchu, numa viagem que iria demorar cerca de quatro horas ao longo do vale Urubamba, ou vale sagrado, como lhe chamavam os Incas. O comboio era confortável, com ar condicionado e todas as comodidades do primeiro mundo. Algum tempo depois, pararam no local conhecido como Km 88. Isabel pensou que deveria ser uma paragem de rotina, mas estava enganada.

— Peço imensas desculpas, mas devido a um desmoronamento de terras, teremos que ficar parados neste lugar por alguns dias — Disse um dos responsáveis.

Na carruagem levantou-se um burburinho de desagrado, pois muitos dos turistas não tinham esses dias para esperar. Isabel deixou a carruagem, entrando na pequena construção que servia de estação. Ali interpelou o mesmo homem que, entretanto, deixara o comboio.

— Vamos ter que ficar aqui, todos estes dias?

— Não, senhora. A linha contrária não foi afectada por isso poderá apanhar o comboio de volta a Cuzco.

— E não existe outra forma de chegar a Machu Picchu?

— Existe o trilho Inca, mas não aconselho esse caminho. São três a quatro dias de uma longa caminhada pelas montanhas. Alguns turistas, mais aventureiros, optam por esse percurso, mas para isso teria que levar uma tenda para acampar durante a noite. O conselho que lhe dou é regressar a Cuzco e esperar que a linha seja desbloqueada.

Já conformada em ter que regressar à cidade, Isabel foi interpelada por um casal de turistas que transportavam enormes mochilas nas costas.

— Peço desculpa por incomodá-la mas, se quiser, poderá vir connosco. Temos duas tendas. Nós os dois podemos dormir numa e você na outra.

— Não sei se estou preparada para uma caminhada de quatro dias.

— A caminhada irá ser feita sem pressa de chegar — replicou o jovem. — Posso assegurar-lhe que não irá ter problema algum.

A certeza que ele colocou em cada palavra, demoveu Isabel, que aceitou. Existia uma força que emanava dos dois jovens, que lhe transmitia uma segurança e uma tranquilidade de tal modo, que não sentiu que existia razão alguma, pensou ela, para recusar o convite que eles lhe tinham feito.

Depois de fazerem uma refeição ligeira em conjunto, partiram por um caminho junto ao rio Urubamba, atravessando-o na ponte de Cusichaca. Do lado direito, e enquanto caminhavam pelo vale, observaram um posto arqueológico chamado Q'ente e, do lado esquerdo, o trilho Inca, construído como via de acesso à cidade sagrada. Caminharam pelo trilho, subindo lentamente por entre eucaliptos num terreno de caminhada fácil. Acamparam em Huayllabamba, um pequeno povoado com um armazém, onde alguns soldados peruanos se abasteciam. Ali armaram as tendas. O casal estava sempre pronto

para ajudar, de sorriso no rosto e expressão acolhedora, embora pouco falassem. O silêncio era algo que marcara toda a caminhada desde o vale. Nada diziam de si, nem perguntavam, na curiosidade de conhecer Isabel. Era como se já tudo soubessem. Ela sentia-se bem nesse silêncio que os montes, cobertos por uma névoa fina, faziam realçar nos murmúrios do vento e nas fragrâncias que lhe tocavam a Alma, de tão familiar que era aquela caminhada que a levaria a um dos lugares mais sagrados da Terra. Um silêncio quase que meditativo que tudo transformava dentro de si, fazendo brotar a essência profunda da sua Alma.

Na manhã seguinte, bem cedo, desarmaram as tendas e partiram pelo trilho, subindo por um bosque de mata tropical. No topo, passaram pelo “passo” que era o ponto mais alto de toda a caminhada, a 4.200m. Apesar da altitude, nenhum deles mostrava sinais de cansaço, como se os seus corpos se alimentassem do próprio ar, tornando visível a tranquilidade e a paz que Isabel não conseguia disfarçar, pois a sua expressão tudo revelava nos seus traços serenos, reflexo de alguém que já tinha vivido tudo aquilo. Depois do “passo”, o trilho desceu até Lulluchapampa onde encontraram traços da cultura Inca, tanto nos caminhos, como nas ruínas com que se depararam. O caminho era agora íngreme, numa longa descida que os levou até ao vale Pacamayú onde pararam junto do rio. Ali fizeram uma refeição completa, embora pelo trilho fossem sempre comendo quando disso tinham necessidade; comida, essa, que o casal transportava nas suas mochilas. E ali ficaram em silêncio, nesse mesmo silêncio que os acompanhava desde o princípio da caminhada. Para Isabel, era como se aqueles montes fossem o interior de um templo sagrado onde esse silêncio se impunha como respeito e sinal de devoção. De olhos no rio, que corria tranquilo pelas margens cobertas de erva, Isabel recordou Max. Sentia no peito um amor imenso como se este fosse um ímã que a puxava para junto dele. Onde estaria? O que lhe teria acontecido depois dos eventos do Egípto? Teria ele tido a coragem de ouvir a voz da sua Alma e despir aquelas vestes de pessoa céptica e racional? No seu rosto, um sorriso se fez presente, pois mesmo com as vestes antigas o seu amor por ele era o mesmo e ela sabia que um dia iriam estar juntos, mesmo que tivessem que esperar por outra encarnação. Ainda com a imagem de Max na sua

mente, deitou-se de costas, olhando o céu. E ali, nas margens daquele pequeno riacho, embalada pelo som da água, adormeceu...

...Ele mandara reunir todos os dignitários do império. As suas expressões revelavam a tensão daquele momento particular, pois se ele, Amenófis IV, tinha reunido as figuras importantes do Egípto, era porque algo de inesperado tinha para anunciar. O burburinho tomara conta da sala, ecoando nos nichos mais recônditos do templo. Apenas as figuras de pedra que os rodeavam na frieza de seus olhares vazios, permaneciam impávidas perante tanta expectativa.

Ele, que fora instruído pelos Seres de Luz da Cidade Sagrada de An-Ra, de onde nasciam as águas do Grande Rio, fitava Bekanchos, o grão-sacerdote, quando se levantou, proclamando do alto: «Homens de Tebas! Desde o dia em que trago a coroa que estudo todos os nossos costumes e crenças. O nosso povo pratica um culto pagão, sacrificado a um exército de deuses cujo grão-sacerdote é Bekanchos. Mas eu declaro que não existem deuses que possam aceitar o sangue e o crime, mesmo a título de sacrifício como se pratica entre nós. Existe apenas um Deus, que está por cima de tudo e dirige o nosso destino. O nosso Deus é Aton! O Deus que está no Sol, o próprio Sol que tudo conserva. Renunciem ao Deus Amom e ao seu culto pagão e sigam a minha doutrina. Apliquem-se em ser homens iguais antes que a própria morte disso se encarregue. Irei fechar as escolas dos sacerdotes porque eles nunca foram os servidores de Deus. A sua doutrina é errônea e devemos rejeitá-la. Fecharei também todos os templos de Amom e suprimirei as fontes de receita dos sacerdotes. Apoderar-me-ei dos seus portos, dos seus navios, das suas oficinas, das suas pedreiras e de todos os seus rebanhos, que são, na cólera e na paixão do domínio, um outro Estado dentro do próprio Estado.»

E era a consternação geral.

Amenófis IV passou a chamar-se Akhenaton, em honra do único deus, o Deus-Sol. Para mim, no entanto, ele era apenas a outra parte de mim mesma.

Após a divulgação das novas reformas, as trombetas anunciaram a nossa partida, pois aquele era um lugar indigno de ser a capital do império.

Iríamos para a nova cidade de Tel-el-Amarna que tinha sido construída em honra do Deus Aton. O povo acompanhou-nos ao longo das avenidas, jubilando na alegria daquele novo futuro que se avizinhava próspero e equilibrado. Ninguém queria perder a oportunidade de ver o imperador Akhenaton e a sua imperatriz Nefertiti. A capital caracterizava-se pela sua grandiosa concepção arquitectónica, estendendo-se ao longo da avenida real. Nesta situavam-se os principais edifícios do governo, assim como o templo de Aton. Do lado esquerdo, ficava a residência imperial, onde se encontrava um luxuoso jardim, cercado por paredes cobertas de pinturas expressivamente delicadas. A arte dos adornos revelava um estilo mais realista e acolhedor, mostrando, na limpidez da sua criatividade liberta de censura, a felicidade de todo um povo. Em frente da residência, ficava o palácio imperial, ligado por uma ponte de coloridos tons que unia os dois edifícios. Mais à frente, no bairro residencial, encontravam-se as casas dos grandes dignitários e o lago sagrado, onde ele passeava juntamente comigo, ouvindo-o com atenção, sempre que ele falava do novo Deus.

«Quando tu resplandesces, Aton, dás vigor ao rei e agilidade para todos desde quando fundaste a Terra. Tu te levantas para o teu filho que saiu do teu corpo, o rei do Vale e do Delta que vive da verdade, o Senhor dos Dois Países Nefer-kheperu-Rá, o filho de Rá que vive da verdade, o Senhor das coroas Akhenaton Sublime de duração de vida: e da grande esposa real, a senhora dos dois Países Nefer-neferu-Aton Nefertite Viva, jovem para sempre na eternidade.»

Aton representava o Disco Solar, símbolo único da nova doutrina. Segundo esta, o receio deveria dar vez à confiança, o medo do Além deveria ser substituído pela alegria na Terra, porque Aton era o Deus do Amor e da Paz, o senhor do destino, a fonte da abundância e da fertilidade, o que criava a vida, que ensinava o riso aos oprimidos e lhes dava a liberdade. Ele, no entanto, não se limitou a pregar a sua doutrina. Para si não era suficiente destronar Amon e o seu reino de deuses, mas também destruir os símbolos, efígies, e tudo o que pudesse evocar as doutrinas do passado. Apesar dessa obsessão, que aos olhos de muitos poderia parecer doentia, ele era uma pessoa de infinita generosidade. Tinha proibido o povo de se ajoelhar na sua presença, pois achava que era uma humilhação para com aqueles que eram iguais a si. Amava os homens em Deus e Deus nos homens, libertando todos os escravos. Chegou mesmo a elaborar leis para a protecção dos animais já

que considerava a caça uma actividade desumana. Suspendeu a construção de palácios, criando habitações para o povo que até então coabitava com os animais e suprimiu a grande propriedade, dando as terras aos camponeses que viviam sacrificados aos caprichos dos sacerdotes que tudo lhes tiravam.

Certo dia, estava eu num dos jardins do palácio, quando o Grão-Sacertote se aproximou. E disse-me ele: «Tal como não é possível a exclusão do comércio da vida social, porque isso implicaria que toda a gente fosse para os campos colher aquilo que não havia sido semeado, também os templos e os sacerdotes são indispensáveis na ligação entre o povo e a divindade». Ao que eu lhe respondi: «Vejo que não haveis compreendido a doutrina do Faraó. Aton não é só o Sol, Ele representa tudo e encontra-se em todo o lado. Aton não pode tolerar a miséria dos escravos porque ele deseja a alegria entre os homens. Aton dirige o voo das aves e o caminho dos peixes e dos mosquitos. Aton encontra-se na natureza. Ele é a própria natureza. Ele é o inexplicável e Nele deve ver-se o pai e a mãe que amam os seus filhos. Assim que o povo estiver confiante, assim que compreender esta doutrina, será ele próprio a juntar as mãos, porque encontrou Deus. Mas este Deus não tem a necessidade de intermediários. Ele é omnipresente para todos os que o amam e mesmo para aqueles que não o amam».

Na sombra, os sacerdotes começaram a conspirar contra o Imperador. Facilmente sabotaram a produtividade do país, diminuindo a repartição do trigo de sementeira e, assim, desencadearam os primeiros conflitos. De um lado, os sacerdotes e os grandes proprietários lutando pelos privilégios do passado, do outro, os escravos e os pobres. Sabendo que o nosso Amor era algo que fortalecia o Imperador, que se sentia inspirado na minha presença, acabaram por me raptar e assassinar.

Na solidão de um sonho desmoronado na cegueira e na avidez de um poder instituído, o Imperador acabou por morrer envenenado. As suas derradeiras palavras, foram: «O reino do eterno não tem lugar na Terra. Tudo voltará como no passado. O medo, o ódio e a injustiça reinarão de novo sobre o mundo. Teria sido melhor eu não ter nascido, porque não tomaria conhecimento do mal.»

Isabel acordou de lágrimas nos olhos, que logo se transformaram num chorar convulsivo. Agora compreendia a sua ligação com Tazlavu, que a convencera a desenvolver a experiência da Chave de Andrómeda.

Ele era Max e tinha sido Akhenaton que, juntamente com Nefertíti, tiveram a oportunidade de resgatar parte do seu carma com o planeta, através da implementação de um novo ideal, mesmo que este tivesse sido adiado pela acção das forças contrárias. Seja como for, uma semente fora plantada e os ventos da Nova Terra puderam começar a soprar pelas planícies do mundo. E, no seu peito, a presença de Max tornava-se mais forte, como se lá longe ele estivesse a passar por uma transformação profunda que o levaria ao encontro da sua Alma.

Depois de limpar as lágrimas, levantou-se. O casal já estava pronto para partir. Tiveram que se descalçar e arregaçar as calças até ao joelho para atravessarem o rio sobre os seixos redondos que cobriam o leito límpido e puro daquelas águas que desciam desde os montes. Já na outra margem, limparam os pés e calçaram-se, continuando a caminhada pelo trilho Inca que subia agora por degraus de pedra que os levariam até às ruínas de Rukuraqay; um complexo oval construído na encosta que tinha servido de posto de vigia e de entreposto comercial para os mercadores que se acomodavam em quartos a eles reservados, deixando os animais numa casa anexa. Dali, tinham uma vista privilegiada sobre o vale por onde passaram anteriormente, estando este envolto nas sombras de um dia que adormecia sobre o peso de um céu estrelado. Junto das ruínas, armaram as tendas para pernoitar.

No dia seguinte, continuaram a caminhada pelo trilho que subia agora até ao “segundo passo”, que ficava a 3850m de altitude. A partir desse ponto, desceram novamente, passando por um lago num pequeno planalto. Entraram então no verdadeiro trilho Inca, não mais o caminho de terra que tinham percorrido até então, mas um caminho de pedra que fora construído pelos Quechua durante o império. O novo trilho levou-os até às ruínas de Sayacharca, construídas num promontório com vista sobre o vale Aobamba. O acesso às ruínas era feito por uma estreita escada de pedra, restando destas apenas as paredes. Ao lado, um aqueduto levava a água até à construção, encontrando-se agora seco. Depois deste ponto o caminho contornou a montanha, passando por um túnel de 12m de comprimento aberto na pedra granítica pelos Incas. Depois do túnel, o trilho subiu de novo, desta vez até ao “terceiro

passo”, que ficava 3600m de onde se podia observar o vale Urubamba. Pararam para descansar, nas ruínas de Phuyupatamarca, cujo significado era “cidade das nuvens”. As ruínas eram compostas por um espaço rectangular com lugar para banhos que, no passado, era alimentado por uma nascente que ficava mais acima, na montanha. Depois das ruínas, desceram até Wiñaywayna, fazendo um desvio de cinco minutos do trilho principal. O acesso era feito por uma escada de pedra de dois metros de largura, esculpida directamente no granito. Ali terminaram o terceiro dia, acampando. O lugar fora construído num largo planalto, estando cercado por terraços agrícolas. Um edifício circular parecia zelar pelos dez lugares, para banhos cerimoniais. Aquele era um lugar muito familiar para Isabel, ao ponto das lágrimas escorrerem pelo seu rosto enquanto caminhava pelas ruínas. Tinha a certeza de já ali ter estado. E foi durante a noite, num sonho mais real que a própria vida, que lhe foi revelado o significado daquele lugar...

...Já caminhávamos há alguns dias desde Cuzco. Pelos trilhos das montanhas, eu e um grupo de mulheres escolhidas pela sua beleza e pureza rumávamos à cidade sagrada da Velha Montanha, construída pelos filhos de Paititi, onde iríamos ser consagradas ao Grande Sol. Para mim a adoração do Sol era algo familiar e nuclear para o meu Ser, como se o tivesse feito em tantas outras vidas. Conosco caminhavam os soldados do império que nos protegiam e os Sacerdotes que velavam por nós. Durante a caminhada, conheci Antara, a mais bela de todas e aquela em que a Luz de Inti mais se fazia visível. Estar na sua presença preenchia-me de uma plenitude sagrada e segundo o Sacerdote-Mor que nos acompanhava, em tempos, no lugar de onde o nosso povo era originário, Antara tinha sido uma Grande Sacerdotisa que se sacrificara, junto com a sua família espiritual, por todos nós.

Depois de termos parado no vale, junto de um rio de água cristalina, Antara afastara-se. Fui atrás de si por perceber que não estaria bem.

— O que se passa, Antara? Posso ajudar?

— Tenho estado com vômitos — ela chorava convulsivamente. —
Acho que estou grávida.

Ficámos em silêncio. Uma Virgem do Sol grávida era algo que chocava com as tradições e poderia levá-la a ser expulsada do grupo, mesmo sendo ela quem era. Ela acabou por me contar a sua história. Certo dia, estava nas margens do ribeiro junto da sua aldeia a levar a roupa, quando um rapaz se aproximou. Aquele encontro fora algo há muito programado, pois sentia-o como uma parte de si, como se fossem ambas expressões de um mesmo Ser. Ele passou a frequentar a aldeia e todos o respeitavam sem saberem quem era, pois havia nele uma nobreza natural que se impunha sem esforço, dando segurança e tranquilidade a quem estava junto de si. Um dia, no entanto, ele visitou-a na presença do Sacerdote do Templo que de imediato ficou fascinado com a beleza e com a Luz de Antara. Foi só então que ela soube que ele era aquele que se iria tornar o terceiro Sapa Inca do Império, Apu Huayna Capac. Mais tarde, Antara, por força da vontade do Sacerdote, e da sua própria vocação, acabou por aceitar tornar-se Virgem do Sol, pondo fim à sua relação. No último encontro que tiveram, sem que isso fosse programado, engravidou do futuro Imperador.

— *Antara, essa criança tem Sangue Real. Não tens nada a recear. Deverás contar ao Sacerdote-Mor, tenho a certeza que ele te protegerá.*

E assim fizemos. O Sacerdote de imediato organizou as coisas de modo a que a criança pudesse nascer em segurança e de forma discreta, pedindo-me para ficar junto de Antara. Antes da chegada a Machu Picchu, fomos deixadas em Wiñaywayna, um lugar construído na encosta em socacos cavados directamente na rocha e ali deixadas aos cuidados de uma família. Durante nove meses permanecemos naquele lugar, um recanto paradisíaco no meio das montanhas, e ali aprofundámos o nosso contacto com o Grande Sol. Alguns seres de Paititi nos visitavam, dizendo-nos que aquela criança iria ser um pilar de Luz e a sua presença em Machu Picchu, uma protecção que iria impedir que a cidade fosse encontrada pelos povos estrangeiros que iriam chegar num futuro não muito distante.

Quando a criança nasceu, uma linda menina a que demos o nome de Accla, partimos as três para a Cidade Sagrada. Erámos as suas tutoras, como se a tivéssemos encontrado sem família. Para mim, foi uma tarefa das mais enriquecedoras cuidar daquele ser que, vim a saber, tinha encontrado num passado distante e que agora me competia velar. Ela cresceu em saúde,

beleza e vivacidade. Era um foco de Alegria para todas nós e um ponto de Luz para todo o Império.

Quando tinha seis anos, visitamos pela primeira vez o lago sagrado e ali, nas suas margens serenas, contei-lhe a história do nosso povo. Ela ouviu com os seus olhos brilhantes e atentos, nutrindo-se da sabedoria ancestral.

— Diz a lenda que, há muito tempo atrás, este lugar era um vale muito fértil, habitado por homens que viviam felizes e tranquilos. Nada lhes faltava, a terra era rica, ofertando-lhes tudo o que necessitavam. Aqui não se conhecia nem a morte, nem o ódio, nem a ambição. Os Apus, os deuses das montanhas, protegiam a todos. Contudo, impuseram uma regra: ninguém deveria subir às montanhas, onde se encontrava o “Fogo Sagrado”. Durante muito tempo esta regra foi respeitada, mas o demônio, o espírito maligno, condenado a viver na total escuridão, não suportava ver a felicidade e a tranquilidade dos homens que viviam no vale. Coberto de inveja começou a semear a discórdia, desafiando-os a provar a sua coragem através da conquista do “Fogo Sagrado” das montanhas. Então, num dia pela manhã, os homens iniciaram a escalada das montanhas, sendo surpreendidos, a meio caminho, pelos Apus que, vendo que os homens lhes tinham desobedecido, decidiram pela sua exterminação. Milhares de pumas saíram das cavernas, devorando todos os homens enquanto estes suplicavam ao demônio por ajuda, que nunca chegou. Vendo isto, Inti, o Deus do Sol, começou a chorar. As suas lágrimas eram tão abundantes que, em quarenta dias, todo o vale ficou inundado. Somente um homem e uma mulher conseguiram salvar-se, sobre uma barca de junco. Eles foram os pais do nosso povo, Accla, e os seus nomes eram Mama Oclo e Manco Capac. Quando o sol voltou a brilhar, e as águas baixaram, eles viram este imenso e límpido lago. No meio das suas águas flutuavam os pumas, afogados e transformados em estátuas de pedra. Chamaram então o lago de Titicaca, que na língua antiga quer dizer: “o lago dos pumas de pedra”.

Accla sorriu, abraçando-me. E era como se a própria Mama Oclo me tivesse abraçado.

Seis anos depois, já tinha ela doze anos, voltamos as três ao lago, numa missão sagrada, depois de termos recebido instruções dos Seres de Paititi. Ali encontraríamos Sacerdotes que vinham de uma terra do outro

lado do grande Oceano e que nos entregariam uma pedra que deveria ser levada para a Cidade Dourada no interior da terra. Foi um encontro que uniu dois mundos. Eles eram três, vestiam-se com roupa branca, longa, e ao peito tinham uma cruz vermelha que se abria nas pontas como uma taça. Já tinham chegado há alguns dias, tendo sido acolhidos pelos aldeões do Lago. Quando os encontramos, uma cerimônia realizou-se e a pedra foi exposta e colocada nas mãos de Accla onde brilhou numa intensidade que nos fez afastar o olhar. Para eles foi a confirmação que a pedra tinha encontrado o seu destino. Dali partimos para Paititi, no interior das Montanhas, e depois de volta a Machu Picchu...

Quando Isabel acordou, na manhã do quarto dia, permaneceu deitada, tentando lembrar-se daquilo que vira no seu sonho. Percebia que Accla era a Sacerdotisa da Humanidade a quem ela entregara aquele colar que agora trazia ao pescoço e com quem tinha selado o compromisso de um dia vir a cuidar de si. Lembrou-se depois da imagem da criança que viu nas margens de um lago e que se chamava Maria. Teve então a certeza que iriam estar juntas novamente, não apenas com Accla, mas também com Antara.

Logo depois de uma refeição ligeira, iniciaram o último troço do caminho que era relativamente fácil, levando-os até Intipunku que significava “porta do sol” e que antecedia a chegada a Machu Picchu. Ali encontraram uma estrutura de pedra coberta de erva através da qual, por um largo orifício, observaram a cidade sagrada. Isabel, encantada por terem chegado, virou-se para trás para agradecer ao casal, mas não os viu. Para onde teriam ido se estavam mesmo atrás de si, pensou ela confusa. E foi então que tudo se tornou claro: o silêncio, o olhar doce e tão profundo que neles se podia delinear e a postura de quem parecia tudo saber. Eram certamente seres do reino intraterreno de Miz Tli Tlan que se tinham materializado na estação para ajudá-la a chegar a Machu Picchu, pensou ela num largo sorriso. E isso tranquilizou-a ainda mais, pois agora sabia que estava a ser acompanhada, que nada daquilo que lhe tinha acontecido desde que deixara o Egito se devia ao acaso, mas antes à consumação de um plano há muito delineado.

E, em passos seguros e determinados, partiu até à cidade sagrada. Esta encontrava-se envolta por altas montanhas de contornos arredondados, cobertas por uma vegetação luxuriante. Junto das ruínas, um hotel servia os turistas, embora estivesse vazio. Nos últimos dias, estes foram partindo, não tendo chegado ninguém devido ao desmoronamento de terra que bloqueara uma das linhas. E nada daquilo acontecera por acaso. Era importante que ela estivesse sozinha naquele lugar, sem turistas por perto.

Meia hora depois de ter deixado a “porta do sol”, Isabel entrou na Cidade Sagrada. Esta tinha sido construída num planalto, encontrando-se a 2400m acima do nível do mar. Era um espaço composto por templos, terraços e zonas para banhos, dividido em três áreas: a agrícola, a urbana e a religiosa. Os terraços e aquedutos tiravam partido dos declives naturais, assim como a disposição das construções, sendo as zonas mais baixas para os edifícios de habitação e as mais altas para os templos de onde se podia observar o vale Urubamba e ter-se uma vista privilegiada sobre a cidade.

Isabel, sem pressa, caminhou pelas ruínas, descendo alguns degraus e virando à direita onde se encontrava a tumba real, por baixo da qual estava o Templo do Sol colocado no interior de uma gruta onde alguns nichos cerimoniais se destacavam, assim como uma cruz esculpida na parede de pedra que representava os três níveis de existência para os Incas: o plano subterrâneo que era simbolizado pela Serpente, o plano da superfície que era simbolizado pelo Jaguar e o plano suprafísico, simbolizado pelo Condor. Do lado esquerdo da tumba, ficavam os dezasseis locais para banhos cerimoniais, estando estes ligados por um sistema de aquedutos que transportava a água desde as nascentes na montanha. Isabel continuou a caminhar, subindo alguns degraus de uma escada de pedra que a levou até à praça sagrada onde se encontrava o principal edifício da cidade: o Templo, onde se podia observar a mestria dos Incas na arte de construir edifícios. Os blocos enormes que o compunham tinham sido esculpidos com tal perfeição que nem uma lâmina afiada penetrava nas juntas que uniam as pedras. Por baixo do Templo Principal ficava um espaço chamado Sacristia e ao lado deste,

na praça sagrada, o Templo das Três Janelas.

Continuou a subir até ao ponto mais alto da cidade onde estava o Intihuatana, um pilar de pedra cujos cantos se encontravam virados para os respectivos pontos cardeais de modo a que fosse possível, mediante a incidência da luz do sol sobre a pedra, determinar a chegada de cada solstício. Dali Isabel pôde observar toda a cidade, um lugar sagrado para onde eram conduzidas as Virgens do Sol; sacerdotisas que viviam uma vida contemplativa de adoração ao Deus Sol.

E foi então que uma nave se materializou diante de si. Do seu interior um feixe de luz incidiu num lugar junto dela, surgindo, momentos depois, uma mulher de olhar iluminado.

— Olá, Isabel — disse ela, sorrindo. — Lembras-te de mim?

— Sim — ela retribuiu o sorriso. — Foi você quem me ofereceu o livro em Montmartre, não foi?

— Sim, o livro onde deverás plasmar a Chave para a Ascensão deste planeta. Mas essa não foi a única vez que nos vimos... acompanho-te desde criança.

— Eu sei. Desde os meus quatro anos.

— Ainda te lembras? — ela sorriu. — Choravas junto do lago por teres partido um pequeno Buda de porcelana.

— Tinha sido uma oferta da baronesa.

— Eras uma criança muito especial, sabias?

— E quem é você? Porque me acompanha?

— O meu nome é Emhi e, em tempos, também fui um dos Sacerdotes da Humanidade durante o período Atlante.

— E agora?

Ela sorriu.

— Agora quero que conheças o centro intraterreno que está por baixo desta cidade para que, depois, possas cumprir a última etapa da tua missão.

Nesse mesmo instante, as imagens de Machu Picchu desapareceram como se fosse um sonho, sobrepondo-se as de um vale de cores vivas. Estava no reino sagrado de Miz Tli Tlan.

2

A cidade estendia-se ao longo de ruas pavimentadas com pedras semipreciosas semelhantes às ágatas e aos rubis, contornando os edifícios de cores idênticas às do pavimento. Nas praças, fontes bordadas a ouro sobressaíam na frescura dos seus repuxos de água cristalina, dando vida aos jardins onde as cores assumiam tonalidades expressivas, fazendo realçar as flores e as fragrâncias que tudo envolviam de uma forma harmoniosa e perfeita. Um cinturão verde, de uma vegetação luxuriante, rodeava a cidade e a área circundante onde se encontravam pequenos bosques, lagos e áreas agrícolas, lugar onde se cultivavam os vegetais e frutos que serviam de base à alimentação. Alguns habitantes dedicavam-se ao cultivo da terra, enquanto outros se ocupavam apenas do apoio aos vários conselhos que existiam, segundo necessidades específicas. Ali tudo se desenrolava na mais perfeita ordem. O sistema de transporte era constituído por veículos redondos, de quatro ou mais assentos, fazendo-se as viagens pelo ar a uns cinquenta centímetros do chão. Mesmo parados, os veículos mantinham a altura ao solo, podendo ser conduzidos por crianças. As pessoas vestiam-se conforme as suas idades e a posição que ocupavam na hierarquia. Os mais velhos, por exemplo, usavam uma túnica de tela muito leve que, só por si, já os identificava perante os demais. Na cidade, existiam vários refeitórios onde todos compartilhavam o alimento que era produzido nos campos circundantes. O clima, por seu lado, era controlado, entrando o ar por condutas que o filtravam. A luz era fornecida por lâmpadas alimentadas por campos de energia que podiam ter uma vida activa de mais de mil anos.

E tudo isto Isabel viu enquanto caminhava pela cidade.

— É um lugar muito especial, este — disse ela sem mostrar emoção. Tal como acontecera com as naves, nada daquilo lhe era estranho.

— Miz Tli Tlan significa “os homens sábios”. Homens, esses, que se dedicam a transmitir conhecimentos, não entrando em jogos especulativos. Aqui o conhecimento é intuitivo não estando mais sujeito às análises de uma mente calculista e racional.

— E qual é a função deste centro? — Perguntou ela, enquanto trilhavam os caminhos empedrados da cidade.

— Miz Tli Tlan é o centro regente de todos os outros, controlando a evolução do planeta e da raça da superfície; tarefa que lhe foi atribuída pela consciência central da própria galáxia, após Shambhala ter concluído a sua função e assumido a regência Vertical da ligação da Terra com o Céu. É o centro que capta o arquétipo deste Sistema Solar, que é guardado por Lys, reflectindo-o para o mundo, através das Hierarquias que o acompanham. Expressa a energia do Primeiro Raio Cósmico, o raio da Vontade e do Poder. Por tudo isto, Isabel, Miz Tli Tlan não é apenas o espaço físico que vês, mas sim um estado de consciência que se manifesta em distintos planos da existência universal.

— E agora que estou aqui, que caminhos tenho ainda que trilhar?

— O caminho do despertar da verdadeira consciência, Isabel.

— Sei que isso não poderá acontecer plenamente enquanto me sentir repartida em duas partes. Durante toda a caminhada não pude deixar de pensar no Max, aquele que sinto ser a minha parte complementar. No passado, fazia-me muita confusão a existência ou não de Almas Gémeas. Por um lado, existia algo dentro de mim que me dava essa certeza, como se a procura daquele que também sou eu fosse a coisa mais importante de concretizar neste mundo. Mas, por outro lado, era confrontada com doutrinas que eu respeitava e que me diziam que o Espírito não podia separar-se da sua essência, existindo, por isso mesmo, apenas uma Alma. Hoje sei que existem Almas Gémeas, ou Núcleos Complementares como prefiro chamar, mas nunca fui capaz de compreender por que é que outros ensinaram de maneira diferente.

— Deixa-me contar-te uma história, Isabel.- Ela fez uma breve pausa.- Certa vez existia um jovem que desejava saber tudo sobre as hortênsias. Resolveu então visitar uma fazenda onde alguém cultivava a flor e onde lhe foi explicado tudo sobre a planta; um conhecimento, ele próprio, limitado pela compreensão do agricultor, que lhe contou apenas sobre aquilo que sabia e para quem as hortênsias eram todas cor-de-rosa. O jovem partiu satisfeito com as explicações do agricultor. Mas um dia, alguém lhe falou da existência, num lugar distante, de hortênsias de cor azul. O nosso jovem não acreditou que tal pudesse ser possível, pois ele sabia que as hortênsias eram cor-de-rosa; tinha-as visto com os seus próprios olhos. Certo de que tudo não passava de uma falácia, de um rumor maldoso para enganar os ignorantes, resolveu partir até ao lugar onde diziam existir semelhantes flores. Quando chegou, os seus olhos abriram-se de espanto ao deparar-se com um vasto campo de hortênsias azuis. Como podia aquilo ser possível? — pensava ele intrigado. Decidiu então falar com o proprietário, certo que a única explicação só poderia estar no facto daquela ser uma espécie diferente que não hortênsias. Mas o dono disse-lhe que não; que eram mesmo hortênsias. Explicou-lhe então que esta assumia cores diferentes consoante as características do terreno onde era cultivada. Assim, a mesma semente tanto podia florescer num tom azul como rosa. A partir de então, o nosso jovem nunca mais se agarrou a certezas absolutas, certo de que cada coisa transporta em si o seu próprio mistério — Emhi olhou para Isabel. — Esta história diz-nos muito sobre a vida. É que as diferenças apenas estão nas cores e não na essência. E um exemplo disso mesmo são as religiões do mundo. Todas são sementes de uma mesma planta, no entanto, consoante o terreno onde foram plantadas, diferentes foram as cores que manifestaram aos olhos dos homens. Se soubermos olhar para além das aparências, poderemos constatar que todas elas são, na sua essência, “hortênsias”. E, se isto acontece em âmbito planetário, também acontece no plano Universal. Neste Sistema Solar, e agora vou responder directamente às tuas dúvidas, o padrão arquetípico a partir do qual se formam as Hierarquias Humanas no plano Espiritual é aquele que tu já conheces, ou seja, nascemos como Regente, a tal décima terceira consciência ou consciência de um Avatar em potência. Desse núcleo são projectados sete Espíritos-Raiz, que

descem aos planos materiais, e cinco Espíritos-Princípio que se mantêm em planos imateriais. Seis desses Espíritos-Raiz projectam-se, cada um deles, em duas Almas, uma feminina e outra masculina, formando uma família espiritual de doze elementos aos quais se junta o sétimo Espírito-Raiz que não se projectou, o décimo terceiro elemento dessa família nos planos materiais de manifestação. No entanto, esta é apenas uma das muitas cores que essa planta cósmica pode assumir, já que, em outros Sistemas Solares, o padrão arquetípico que determina a evolução espiritual de cada ser é diferente. Num outro lugar, por exemplo, o padrão poderá ser muito semelhante a este, diferindo do facto de o Espírito não se projectar em duas Almas de energias opostas, como acontece aqui, mas numa Alma andrógena, onde essas energias existem unificadas, fazendo prevalecer uma ou a outra, consoante o que pretende experimentar no plano físico. Noutra lugar, ainda, o Ser poderá nem sequer nascer como Regente, mas sim como Espírito, juntando-se a outros para formar uma consciência Avatárica num processo que é construído de baixo para cima e não, como acontece neste Sistema Solar, de cima para baixo. E tantos mais serão os caminhos quantos os lugares existentes no próprio universo, não sendo nenhum deles errado, já que todos apenas expressam padrões diferentes, as tais cores que divergem mas que juntas são prolongamentos de uma mesma planta.

— Mas, se o padrão arquetípico existente neste Sistema Solar tem como base a projecção de Almas Gémeas a partir do Espírito, porque é que existem ensinamentos que nos dizem o contrário?

— Porque as leis do Universo não podem deixar de ser cumpridas, e uma dessas leis é a lei da Transmigração. Perante esta, todos os seres que não acompanharam o processo evolutivo dos seus planetas, foram transferidos, no fim de ciclos determinados, para outros planetas mais de acordo com o seu grau evolutivo. Assim sendo, na Terra encontram-se seres vindos dos mais variados pontos do universo, cada um deles expressando padrões diferentes daquele que vigora neste Sistema Solar. É por essa razão que diferentes são as doutrinas ensinadas, já que cada ser deve ser educado nos padrões que lhe correspondem e aos quais estão unificados, mesmo que de uma forma consciente não saibam da sua origem. Contudo, pela Lei da Afinidade, eles acabarão por se identificar com aquilo que está mais de acordo com a sua própria

essência, seja na forma de religiões, doutrinas, filosofias ou até mesmo de pessoas.

— Mas não poderiam esses seres ter sido transferidos para Sistemas Solares que expressassem o mesmo padrão arquetípico?

— Não existem Sistemas Solares com o mesmo padrão, Isabel. É este que define a sua identidade e que o identifica perante o universo, como uma impressão digital. É a sua nota interior, a essência que faz dele uma entidade única e diferente. De uma forma análoga, embora grosseira, eu diria que, da mesma forma que não existem dois homens encarnados com a mesma personalidade, também não existem dois Sistemas Solares com o mesmo padrão — ficaram ambas em silêncio.
— Compreendes agora porque é que se ensinam coisas diferentes?

— Sim. E fico satisfeita por saber que essas diferenças não implicam a anulação de nada, mas apenas o enriquecimento desse todo ao qual estamos ligados.

— Se os homens de hoje compreendessem tudo isso, muitos conflitos poderiam-se ter evitado, muita intolerância poderia ter deixado de existir, transformando o ódio nesse Amor Universal onde todos são parte de uma única Planta, mesmo que as cores que expressem sejam diferentes.

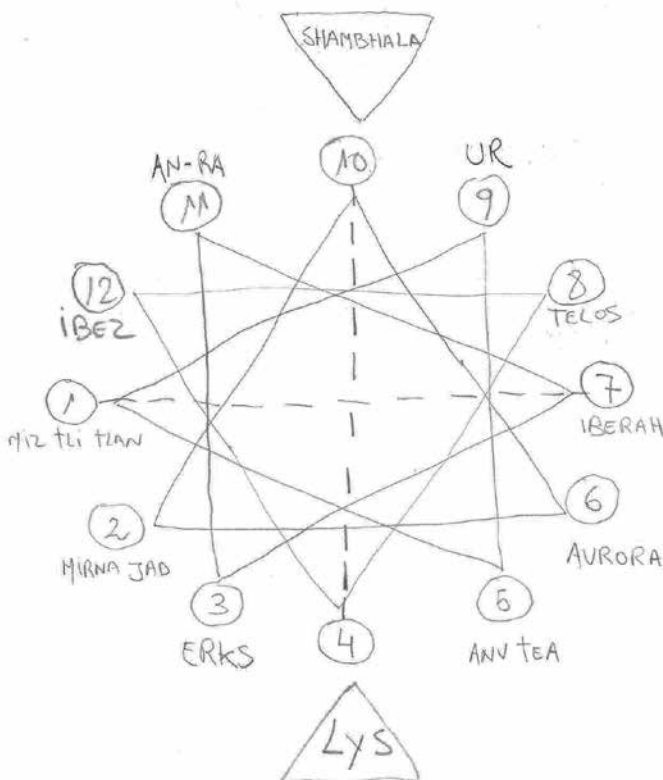
E continuaram a caminhar pelos trilhos floridos e perfumados de Miz Tli Tlan.

3

Isabel estava na orla da cidade de Miz Tli Tlan, meditando sobre tudo aquilo que lhe tinha acontecido. Ter tido a oportunidade de visitar os lugares onde se manifestavam os centros intraterrenos, fora para ela como uma peregrinação, servindo esta como ponto de partida para um Despertar Espiritual que se foi consumando em cada passo, em cada experiência, em cada momento vivido e interiorizado nos gestos deixados na compreensão de quem não estava mais adormecida na embriaguez do mundo. Ali, sentada junto de um lago no meio de

um bosque que contornava a cidade, ela lembrou-se, uma vez mais, de Max. Sentia uma necessidade crescente de estar com ele, não na forma obsessiva de quem deseja possuir alguém, mas na partilha desse alguém consigo mesmo, pois em essência eram um só.

Retirou então da sua bolsa o livro que a Emhi lhe tinha oferecido em Montmartre, olhando para o esboço que ali estava. Usando o instrumento da intuição, compreendeu que o centro que deveria estar ligado ao Décimo Primeiro Raio seria aquele que acompanhara Akhenaton e o inspirara, e que se encontrava num local que ela mesma já tinha visitado sem o saber, mais precisamente, o Lago Vitória, uma das nascentes do Nilo. O nome que escreveu junto da bola referente àquele Raio foi An-Ra. Olhou depois para a bola do Nono Raio e veio-lhe, de imediato, a imagem da Antártida e o nome Ur. A dupla estrela de David, como no colar, estava formada e os centros identificados. Aquela era a Chave para a Ascensão do planeta que iria abrir as portas de Andrómeda, mas cujo verdadeiro significado ainda era um mistério para Isabel.



Momentos depois, subiu para cima de um veículo sem rodas que logo se deslocou a uns cinquenta centímetros do chão, deslizando pelas planícies frescas e vivas nas cores intensas de Miz Tli Tlan. Há vários dias que não via a Emhi, pressentindo que novos caminhos se avizinhavam. O veículo continuou a sua viagem por entre os campos cultivados e os bosques. Logo depois, Isabel entrou na cidade que se estendia em ruas luxuosamente pavimentadas. Nas praças, fontes bordadas a ouro sobressaiam na frescura dos seus repuxos de água cristalina, dando vida aos jardins onde as cores assumiam tonalidades expressivas. Assim que deixou o veículo, deslocou-se para o refeitório onde todos compartilhavam do alimento produzido nos campos. Ali, cada pessoa vestia-se conforme a sua idade e a posição que ocupava na hierarquia. Quando se sentou, depois de recolher a comida numa bandeja que colocou sobre a mesa, Isabel olhou em volta na procura da Emhi. Mas ela não estava presente. Estar ali despertava em si uma paz como nunca antes ela tinha experimentado. Todas as pessoas presentes eram seres de elevada espiritualidade que há muito tinham transcendido os caminhos de um mundo ainda sujeito às Leis do Carma e do Livre Arbítrio. Todos se encontravam em Unidade com o Cosmos, estando a Vontade de cada um unificada com a Vontade de todos os outros.

Quando terminou a refeição, Isabel deixou o edifício, caminhando pelo jardim que o circundava na direcção de uma enorme cúpula de vidro que abrigava, no seu interior, uma vegetação tropical. Lá dentro, caminhou por entre as árvores robustas e volumosas, sentando-se num dos anéis de um anfiteatro de pedra que se encontrava no centro do jardim e onde algumas pessoas aguardavam sentadas. Eram todos eles seres que tinham vindo da superfície para visitar Miz Tli Tlan; um privilégio, pensava ela, pois raras eram as vezes que tal acontecia. E foi então que um Ser de Miz Tli Tlan se materializou com um instrumento que lhe era estranho, tocando uma doce melodia que elevou Isabel.

Quando terminou, todos se dispersaram em silêncio. Aquela música era como se tivesse afinado as cordas interiores de cada um, tal como um diapasão que afina as cordas de uma guitarra. Isabel deixou a cúpula de vidro, caminhando pelo jardim exterior. E foi então que avistou alguém que lhe era muito familiar, aproximando-se num sorriso rasgado.

— Antara?

— Esse não é mais o meu nome, hoje chamo-me Vera... — ela sorriu, enquanto lhe estendia as mãos que Isabel segurou. — Mas sim, em tempos fui Antara e tu aquele ser maravilhoso que me acompanhou nessa vida.

Isabel não se conteve, abraçando-a. E assim ficou, numa alegria transbordante. Olhou depois para ela.

— E a Accla? Está contigo?

— Sim, é novamente minha filha e chama-se Maria.

As lágrimas escorreram pelo rosto de Isabel. Ter a certeza que elas as duas, que tinham sido Sacerdotes da Humanidade, estavam encarnadas, era motivo de uma Profunda Alegria.

— Gostava tanto de a ver. Ela está aqui?

— Não, Isabel, a Maria ficou em Portugal, numa comunidade. Mas irás conhecê-la, pois, tal como no passado, também nesta vida cuidarás dela.

— E como adivinhaste o meu nome? — disse ela sorrindo, limpando as lágrimas.

— A Emhi contou-me tudo sobre ti.

— Raras são as vezes que a vejo.

— É que esta não é a sua morada...

— Foram momentos tão especiais aqueles que vivemos enquanto Virgens do Sol. Sempre que me lembro da doce Accla, todo o meu Ser rejubila.

— O vosso encontro foi selado há muito tempo e, uma vez mais, terás o privilégio de a acompanhar e de a educar. Nos próximos anos, não poderei estar perto, pois é necessário implementar no mundo uma revolução que permita o surgimento de um Novo Paradigma civilizacional que nos possa conduzir para uma Nova Terra. Tu serás a mãe da minha filha; quem cuidará dela.

As lágrimas escorriam novamente pelos seus olhos.

— E quais são os próximos passos?

— Lembras-te da pedra que recolhemos junto do Lago Titicaca nessa vida, como Virgens do Sol?

— Sim.

— Teremos que a levar de volta, assim como aquela que foi entregue nos Himalaias. As três pedras que formam o Graal, terão que ser novamente reunidas, pois só então a Chave poderá ser activada para a Ascensão deste planeta. A Chave de Andrómeda é um dos segredos mais ocultos, mas não serei eu quem irá desvelar esse segredo para ti.

Vera sorriu, abraçando Isabel. Quanta luz se fez presente naquele abraço! Olhou depois para ela.

— Vem! A Emhi espera-nos no Templo Central de Miz Tli Tlan.

O Templo tinha a forma de uma pirâmide, feito de um material translúcido e, no centro, um altar com uma pedra. A Emhi aproximou-se das duas, sendo que Vera se afastou na direcção do altar, deixando Isabel.

— Sei que para ti, Isabel, não foi fácil trilhar os caminhos do mundo. Acompanho-te desde aquele momento em te encontrei junto do lago a chorar sobre os cacos de um buda de porcelana. Para mim sempre foste como uma filha, e por isso conheço-te muito bem. O teu casamento com o Bernard foi um reflexo disso mesmo. Viste nele uma fuga, um caminho fácil para fugires do mundo e refugiares-te na ilusão desse recanto de amor, que nunca o foi. No dia em que ele te pediu em casamento, tentei alertar-te para esse erro, lembras-te?

— Sim. Passei o dia todo a chorar sem saber porquê. Existia em mim uma angústia muito grande, um aperto no coração que não compreendia. Mas quando ele me pediu em casamento, o aperto desapareceu.

— Nessa altura, o facto já estava consumado e, tanto assim foi que, a partir de então, nunca mais consegui chegar junto de ti. Tinhas mergulhado na tua própria ilusão, nas fantasias de um amor perfeito, assim julgavas. Só mais tarde, quando compreendeste o erro que tinhas cometido, é que me foi possível chegar novamente a ti e aconselhar-te novos caminhos. Fico muito feliz por estares aqui, por teres conseguido ultrapassar todas as dificuldades e ouvido a voz que te era murmurada de dentro, e assim, cumprir o teu próprio destino.

— E está ele cumprido? — perguntou Isabel.

— Ainda não.

— O que falta então?

— Vem.

Caminharam as duas na direcção de Vera que se encontrava junto do altar. Neste, uma pedra brilhava dentro de um pequeno baú e, sobre esta, uma chama se elevava na direcção do topo da pirâmide.

— Tal como Madalena fizera contigo, Vera, ao entregar-te a pedra central do Graal na cidade de Anuea, aqui estou eu para te entregar a pedra de polaridade feminina que deverá ser levada para junto da outra. Esta pedra foi trazida por três cavaleiros da Ordem de Cristo, no início do século dezasseis, vindos de Portugal, e entregue nas mãos de Accla que hoje é a tua filha Maria. Vocês as três receberam essa pedra e trouxeram-na para aqui. Deverão, por isso mesmo, ser vocês a levarem-na de volta para a superfície. — Emhi aproximou-se do altar em profunda reverência, fechando o baú. Entregou-o depois a Vera com um sorriso sereno. — Falta agora a pedra de polaridade masculina que foi levada para os Himalaias e dali recolhida na cidade de Shambhala.

Nesse momento, um feixe de luz azul elevou-as até uma nave que se encontrava do lado de fora do Templo. Segundos depois já se encontravam sobre os Himalaias. Esse mesmo feixe colocou-as na entrada de uma gruta. Esta penetrava no coração da montanha, por onde Isabel e Vera entraram confiantes. Os túneis eram iluminados por orifícios no tecto que traziam a luz do sol, numa construção perfeita demais para ter sido obra do acaso. Chegaram então a um vale interior, onde fontes de água quente irrigavam uma vegetação luxuriante que cobria por completo aquela enorme concavidade. As plantas brilhavam num colorido viçoso, perfumando o ar com odores suaves e deliciosos, enquanto o som da água tudo refrescava. E foi então que, tal como no quadro 'Burning of Darkness' de Nicholas Roerich, alguns seres de vestes brancas, saíram de uma abertura na rocha, trazendo consigo, nas mãos daquele que liderava o grupo, um pequeno baú que foi entregue a Vera. Dentro deste encontrava-se a pedra de polaridade masculina que permanecera em Shambhala todos estes anos. E, sem que nenhuma palavra fosse trocada, afastaram-se de volta ao Reino

Sagrado, enquanto Isabel e Vera regressaram pela mesma entrada. Cá fora, um Lama aguardava-as e conduziu-as para o mosteiro de Hemis. A viagem demorou algumas horas, por desfiladeiros enormes cobertos por colunas geladas que pendiam das encostas, numa suavidade e beleza sem par. Em alguns pontos, as colunas juntavam-se em arcos perfeitos, formando um tecto de gelo que as envolvia. No final daquele desfiladeiro magnífico, subiram na direção do mosteiro. Quando chegaram, foram recebidas pelo Mestre.

— Sejam bem vindas ao mosteiro de Hemis — disse ele, unindo as mãos. — Sempre nos voltámos a encontrar — ele sorriu, olhando para Isabel.

— Sim, é verdade. E com as duas pétalas da Flor Sagrada como me disse na altura.

— Como vedes, nenhum caminho fica por percorrer, pois, todos eles, foram delineados há muito tempo.

Vera acompanhou o monge, enquanto Isabel caminhou sozinha até um dos muros do mosteiro, de onde se podiam ver as montanhas e o vale lá em baixo. Tinha regressado à Casa do Pai, que não era nenhum lugar físico, mas o Recinto Sagrado do seu próprio Coração. Agora, onde quer que estivesse, estaria sempre em casa. E foi então que, enquanto limpava as lágrimas da emoção profunda que tomara conta de si, alguém a chamou.

— Isabel?

— Max?! Não acredito! — disse ela novamente emocionada, abraçando-o. — Já tinha perdido todas as esperanças de te voltar a ver.

As lágrimas escorreram dos seus olhos radiantes, pingando no manto vermelho que ele vestia.

— Nunca devemos perder a esperança, Isabel.

— E essas roupas? — Perguntou ela, afastando-se.

— São as roupas de um Lama.

— Não te conseguiram arranjar outras, foi?

— Não é isso — ele sorriu. — É que faço parte da confraria de Lamas deste mosteiro.

Ela gargalhou suavemente.

— Estás a brincar!

— Não, Isabel. Faço mesmo parte desta confraria — ele sorriu.
— É natural que estranhes. Ainda estás agarrada a uma imagem de mim que não existe mais.

— E qual é a tua nova imagem? — a sua testa enrugou-se.

— Essa é uma longa história.

Ela agarrou-lhe no braço, começando a andar.

— Temos uma eternidade pela frente, Max.

— Sim, eu sei.

— E o Michel, também está aqui?

— Não. Ele já partiu.

— Há muito tempo?

— Algum.

Um breve silêncio.

— Estou a ver que aquela pessoa céptica que conheci no passado, desapareceu mesmo para sempre.

— É verdade. Fui curado da cegueira a que a razão e a lógica me tinham condenado.

— E como é que aconteceu esse milagre?

— Tudo começou logo que partiste. Aquele personagem que aprendi a chamar Eu, começou a desmoronar-se e um vazio instalou-se dentro de mim. As descobertas do Egipto sacudiram muitos dos meus paradigmas, e as tuas palavras na conferência de imprensa abriram-me novos horizontes. De um momento para outro, vi-me sem chão debaixo dos pés; à deriva, sem nada a que me agarrar. E foi então que decidi, juntamente com o Michel, vir para aqui e procurar por guias que nos levassem até às entradas de Shambhala. Todos se recusaram a pisar o solo sagrado que envolvia esse lugar, pois temiam a ira dos seres de Shambhala. Acabámos por caminhar sózinhos durante dias a fio, numa área que se estendia desde o lago Manasarowar, no Tibete, até ao lago Lob Nor, no deserto do Gobi, apesar de não nos termos aventurado neste último, já que era lá que os chineses faziam os seus testes nucleares. Mesmo

assim, tínhamos todo o Tibete para explorar. Foi então que o Michel começou a ter visões, dizendo-me que sabia onde se encontrava uma das entradas de Shambhala. Na altura achei estranho, pois como podia ele ter a certeza de algo que nem os guias nos souberam dizer?

— E conseguiram encontrar essa entrada?

— Sim, apesar do meu cepticismo. Tentei muitas vezes convencê-lo a desistir, mas ele estava determinado. Conduziu-nos até um barranco onde encontrámos uma ponte feita de fibras vegetais que atravessava um abismo de águas barrentas. Depois, caminhámos por um desfiladeiro enorme, num daqueles locais completamente virgens ao olhar curioso deste mundo. Entrámos então numa gruta que nos levou a uma cavidade interior, irrigada por fontes de água quente e coberta por uma vegetação luxuriante. Os meus olhos não queriam acreditar que pudesse existir tanta beleza por baixo daqueles montes agrestes, pois tudo aquilo nada mais parecia que um sonho bonito mas irreal. Foi ali que um ser de vestes brancas nos encontrou, mas apenas Michel seguiu com ele. Tive que regressar sozinho, sendo testado na minha fé. Perdi-me várias vezes por esses montes, sucumbi ao frio e quase morri. Mas aqui estou! Os monges deste lugar recolheram-me e esta passou a ser a minha casa.

— E agora, Max? Será que podemos finalmente ficar juntos?

— Nós já estamos juntos, Isabel. Na verdade nunca deixámos de estar. Como tu mesma me disseste no Egipto, quando pedi para que ficasses, os nossos caminhos são hoje diferentes, embora exista apenas um único caminho que é aquele que a Vida desenha em todos nós. De todas as vidas que tivemos e de todas as histórias que partilhámos, desde a Atlântida ao Egipto e aos tempos de hoje, nunca estivemos separados. Criámos carma com o planeta e limpámos esse carma na carne dos nossos corpos. Servimos as forças negras e as da luz, e agora podemos finalmente sair da dualidade do mundo e rumar à unidade das nossas Almas na presença do Espírito. Tu irás para o lugar onde a energia de Lys se manifesta e eu ficarei aqui, onde a energia de Shambhala se faz presente. E, assim, estaremos ao serviço, nesse encontro do Céu com a Terra, para a consumação dos tempos, sendo cada um de nós um espelho reflector da presença do Pai na Terra.

Isabel sorriu, abraçando-o. E nada mais disseram.

Capítulo VIII

ISABEL E VERA ENCONTRAVAM-SE NUMA PEQUENA VILA NO CENTRO de Portugal, depois de terem deixado os Himalaias. Ali, sentadas num muro junto de uma torre pentagonal de origem templária, lugar de retiro da Rainha Santa Isabel, ambas contemplavam a serenidade do lago que lá em baixo reflectia, de forma perfeita, o céu que se encontrava limpo de nuvens. A Paz era a nota que o éter daquele espaço emitia, permeando os seus corpos com esse Som e essa Presença.

A praça estava vazia, como se o tempo tivesse parado e ninguém pudesse chegar, enquanto ali permanecessem. Vera levantou-se, entretanto, convidando Isabel a segui-la. Caminharam então por um caminho de terra, lateral ao cemitério que ficava de frente para a torre, deslocando-se para a ponta da vila que ficava nas margens do rio Zêzere que, entretanto, se transformara num imenso lago após a construção da barragem de Castelo de Bode. Tal como o lago Shasta, onde Isabel tinha estado, também aquele era artificial.

Caminharam até à ponta da península, um braço de terra que entrava pelo rio adentro e ali se sentaram, no mesmo lugar onde a Rainha costumava meditar, fechando os olhos. A energia de Lys fazia-se presente de forma mais intensa, sendo Portugal, e aquela região em particular, o epicentro de todo o processo ascensional do planeta e o lugar onde a Chave, que Isabel foi desenhando ao longo da sua caminhada, seria activada.

Quando Isabel abriu os olhos, depois de sentir o aroma de rosas, viu que um ser feminino meditava junto delas. Compreendeu que era a Rainha, fechando novamente os olhos. Nenhuma palavra foi trocada e apenas o Silêncio permaneceu como uma doce fragrância que lhe elevou a Alma e o Espírito a patamares nunca antes alcançados. Naquele estado, tudo era uma só realidade, como se Isabel pudesse sentir o Som de cada átomo dentro de si num OM universal que se fazia presente. Sentir na substância dos seus corpos a presença do Espírito, provocou em si a activação dessa Chave e a manifestação, pela radiação que passou a emanar, da energia de Andrómeda. Era agora necessário que aquela Alquimia Sagrada que acontecera dentro de si, se estendesse a todo o planeta, e, para isso as duas pedras que Vera transportava consigo teriam que se juntar à terceira, a pedra central, de forma a permitir a abertura desse Portal. Quando voltou a abrir os olhos já a Rainha não se encontrava junto delas, ficando apenas as memórias de outro momento como aquele...

...Tínhamos vindo com a comitiva de Fernão e Lopo Garcia, para o casamento do Infante Pedro com Constança Manuel, que se tinha realizado no convento de São Francisco em Évora, sem a presença da noiva, por contendas várias entre o rei de Portugal e o de Castela. Eu e Inês éramos as aias de Constança e, por sua vontade, viemos ao seu casamento, tendo como missão relatar tudo para a futura rainha de Portugal. Já no caminho de volta a Castela, e por vontade de Inês, montámos dois cavalos e deixámos o grupo, seguindo pelo meio dos montes rumo à Vila das Dores onde se dizia que a Rainha Santa Isabel se encontrava em recolhimento, sendo aquele o seu lugar predileto sempre que queria estar com Deus. Não muito certas de encontrá-la, e correndo o risco de nos perdermos nas serras da região, lá fomos as duas pelos trilhos que se escondiam no mato denso. Inês insistia em querer estar na presença da Rainha Santa, cujas histórias chegavam a Castela e aguçavam o nosso imaginário e, perante a sua insistência e obstinação, nada podia fazer, pois seria impossível movê-la de tal empreitada.

Depois de vários dias, lá chegámos ao Castelo de Paio Mendes onde repousamos. A Vila das Dores estava agora a apenas algumas horas de distância e, segundo as pessoas daquela localidade, a Rainha Santa

encontrava-se presente. No dia seguinte, partimos finalmente rumo à Vila, ao encontro da Santa Isabel, conhecida pelos seus milagres e pela sua caridade aos pobres. E já o Sol se colocava a pique no céu quando, numa das curvas do caminho, surgiu a torre da Vila, bem no topo do monte. Esta ficava na ponta de um dos braços de terra que se fazia contornar pelo rio que, lá em baixo, por entre as escarpas, serpenteava por pedras e rochas. A torre era pentagonal e de origem Templária, estando isolada no topo daquele monte. Inês saltou do cavalo, impaciente por estar na presença da Rainha Santa, entrando, sem pedir licença, pela porta da torre, depois de subir um lance de escadas. Saiu depois ao meu encontro, cá fora.

— *A Rainha Santa não está na torre... vamos procurá-la!*

E logo puxou pela minha mão, arrastando-me para a ponta daquele braço de terra até que, finalmente, a encontrámos sentada no chão, numa pequena clareira. E, sem fazer barulho, juntámo-nos a ela e ali ficámos por alguns momentos. A sua presença preenchia-nos, de tal forma que a fome que tinha desapareceu, sentindo-me saciada e em paz. Inês não conseguia mergulhar nesse silêncio, tal a ansiedade, ficando de olhos em Isabel que permanecia tranquila na mesma posição, até que abriu os olhos, respirou fundo e olhou para nós.

— *Estava à vossa espera — ela sorriu. — Temi que não seguissem as minhas instruções e se perdessem nesses caminhos, mas tudo correu bem — Olhou depois para Inês. — Minha filha! Sei que conhecestes o meu neto e que te enamoraste por ele. Embora ele não te tenha visto, em três anos regressarás com a sua esposa e terás a oportunidade de o conhecer melhor. Se souberdes seguir o vosso coração e não a mente, se souberdes renunciar às crenças que tens e à tarefa que te incumbiram de realizar em nome de uma verdade que não o é, talvez um dia possais ser Rainha deste país e dar continuidade ao trabalho por mim realizado mas, para isso, tens que te despojar e quebrar a ligação com aqueles que te educaram, pois o Graal que foste incumbida de procurar e levar para o seio da Ordem não vos pertence e aqui deverá permanecer. Tendes dois caminhos, o da sombra ou a da luz, ambos habitam o teu coração e por qualquer um deles poderás optar. Lembra-te, no entanto, que todas as escolhas têm consequências e que muitas delas perdurarão muito para além da morte.*

Inês levantou-se bruscamente, virando as costas à Rainha. Estava agitada, surpresa, como se um segredo que era só seu tivesse sido posto a descoberto. Pediu desculpas pelo seu gesto desrespeitoso e arrogante, que não perturbou a Rainha Santa que continuou no seu Silêncio e saiu atrás de Inês.

— *O que fizeste, Inês? Porque saíste daquela forma?*

— *Não viste? A Rainha está senil, não diz coisa com coisa. Vamos embora que já perdemos muito tempo.*

E logo montámos os nossos cavalos. Nunca compreendi o que ali tinha acontecido e o que tanto perturbara Inês. O que sei é que levei comigo a doce fragrância da Rainha Santa que nunca me deixou em toda a minha vida...

Isabel estava de olhos fixos em Vera que lhe sorria.

— Já aqui estivemos no passado, na presença da Rainha Santa Isabel — disse Vera.

— Eu sei. Só não compreendo o que aconteceu contigo que saíste tão perturbada desse encontro.

— O que aconteceu, Isabel, é que a Rainha despiu-me e o meu ego não aguentou.

E nada mais disseram, voltando para a praça junto à torre. Quando chegaram, alguém as esperava.

— Lara, obrigado por nos teres vindo buscar — disse Vera, colocando ambas as mãos sobre o peito.

— Fico muito feliz que esteja de volta. A Maria tem perguntado muito por si.

— Vai ser muito bom revê-la.

E logo partiram de carro, até à comunidade que fora fundada pelo David, anos antes. Esta ficava nas margens do lago a alguns quilómetros da vila, num lugar pouco conhecido da maioria das pessoas que frequentavam aquela zona. Quando chegaram, caminharam até junto do lago. Vera viu Maria ao longe junto do lago, olhando para Isabel.

— Sabes quem ali está?

— É a Maria?

— Sim, porque não vais ter com ela?

Isabel aproximou-se. O seu coração parecia maior que o espaço físico onde se encontrava, como se se tivesse expandido. Ao chegar junto dela, agachou-se. A criança virou-se para si, sorrindo.

— O meu nome é Maria... e tu, como te chamas?

— Chamo-me Isabel e fico muito feliz por te encontrar novamente.

Naquele instante, enquanto segurava no colar que trazia ao pescoço, as imagens da Atlântida tomaram conta da sua mente...

— O que me pedes, então? — insistiu Ela de expressão serena.

— Peço um milagre.

— Porquê um milagre?

— Porque sou estéril!

— Mas a esterilidade não te impede de ser mãe. Se essa vontade for verdadeira e profunda, a resposta despertará como a água nas fontes. Se isso acontecer, mostrando a sinceridade desse desejo, também um dia serei para ti como uma filha.

Por momentos fiquei em silêncio, pois não compreendi o significado daquelas palavras.

— Gostaria de lhe oferecer este colar — disse finalmente. — É aquilo que de mais precioso possuo.

Ela pousou o cofre, estendendo a mão para receber o colar. Abriu depois o cofre onde, junto de uma pedra cintilante que se encontrava no seu interior, colocou o colar que lhe tinha oferecido.

— Que o colar simbolize esta aliança que faço contigo — replicou a parte feminina de uma das consciências que se tinha sacrificado por todos nós. E logo pegou no cofre, afastando-se.

Profundamente integrada com o seu passado e sem que as lágrimas tomassem conta dos olhos, Isabel abraçou a pequena Maria, agradecendo. Àquele abraço sobrepôs-se um outro, quando nas margens do lago Titicaca abraçara a doce Accla depois de lhe ter contado a história do povo Inca. E ali estavam novamente, juntas como no passado, nas margens de um outro lago, irmão do primeiro.

Depois de desfazer aquele abraço que transportava consigo os ciclos da Vida que se desdobravam em muitas histórias, Isabel olhou para Vera que as observava à distância.

— Sabes quem ali está, Maria?

Ela esboçou um enorme sorriso.

— Mãe!!! — e correu de braços abertos, rodopiando nos seus braços quando estes se encontraram.

Isabel aproximou-se lentamente dando todo o espaço para que aquele reencontro pudesse acontecer. Já junto de ambas, com Maria no colo de Vera, abraçou-as. E assim ficaram por alguns momentos, até que seguiram para casa.

Caminhando pela comunidade, Isabel conseguia sentir ali os aromas da Nova Terra que despertava, pela harmonia, pela ordem, pela beleza, pela forma simples como as coisas eram manifestadas. Percebia que tinha chegado ao fim da sua caminhada e que ali poderia repousar finalmente, pois aquele seria o lugar onde iria viver o resto da sua vida. Ao passar pelo auditório, viu que se realizava uma palestra. Entrou. O fundador da comunidade respondia a algumas perguntas já no final da palestra. De olhos fixos nele, sentou-se na última fila, permitindo que as lágrimas, que brotaram num jorro profundamente libertador, se expressassem sem nenhum tipo de contenção. Estava diante daquele que tinha sido Anu, o filho que ela salvara ao colocá-lo dentro de uma das bolhas; o filho que a vida lhe tinha trazido como resposta à aliança que fizera com a Sacerdotisa que agora era a pequena Maria. E as pontas soltas juntavam-se para a conclusão de uma história de muitas representações, aproximando-se o último momento daquela peça, na apoteose da mensagem final.

Quando ele parou de falar, alguém levantou o braço.

— Depreendo do que acabou de dizer que todos os seres trazem consigo, na sua essência, as linhas ou as directrizes para orientarem a vida de forma a que a sua missão, neste mundo, seja ela qual for, se cumpra, é isso?

— Sem dúvida, da mesma forma que a semente contém em si a árvore, na qual se irá transformar. Contudo, se para uma semente o terreno seco poderá ser aquele que permitirá que floresça, para outra poderá ser um terreno húmido. Se, para uma semente, a estação ideal para despontar poderá ser a Primavera, para outra, poderá ser o Verão. Se, para uma semente, o lugar ideal para nascer for a planície, para outra, poderá ser a montanha, ou o deserto, e aquilo em que cada uma dessas sementes se tornará um dia será sempre um mistério. Por isso, temos que ter sempre o cuidado de não impôr um modelo, pois corremos o risco de estar a dizer à semente de feijão que tem que se transformar em trigo, não respeitando o ritmo interno que já está codificado na sua essência e que irá conduzir aquele processo rumo ao destino que lhe compete manifestar, pois nem nós, nem ela, sabemos que tipo de semente ali se encontra.

» — Que possamos compreender que não existem dois caminhos iguais, nem nenhum livro ou palavras de algum mestre nos poderão falar desse caminho. Que a experiência do caminho percorrido por esse mestre seja um factor de profunda inspiração para nós, não para que o sigamos, mas para que encontremos em nós o nosso próprio caminho, da mesma forma que esse mestre encontrou o seu — ele fez uma pausa, ficando em silêncio enquanto olhava as pessoas presentes. Um silêncio profundo onde ele criava o espaço interno necessário para que a Alma se expressasse em cada uma das suas palavras. E logo continuou. — Se eu fosse colocado diante da Árvore da Vida e me fosse permitido desenhá-la, eu não poderia nunca impôr esse desenho como sendo essa mesma Árvore, nem os outros deveriam copiá-lo e apresentá-lo como tal. Se eu apresentasse o desenho dessa Árvore seria unicamente como fonte de inspiração, de forma a que cada um se sentisse capaz de pegar numa folha em branco, num lápis e, sentando-se diante dessa mesma árvore, começasse a fazer o seu próprio esboço. Este, sim, seria a Verdade e não a cópia que pudessem ter tirado daquele que eu fiz.

» — Por isso, para uns, acumular conhecimentos pode ser a experiência que necessitam para cumprir o seu propósito, para outros, será um fardo e um peso. Seja como for, na porta desse Templo Sagrado que nos habita, todos são iguais e os caminhos que nos levaram àquele lugar deixarão de existir. Sejamos nós sementes de feijão ou de trigo, ali, naquele lugar onde contactamos com a Presença do Ser, todos, sem exceção, desabrocharão sejam quais forem as suas histórias, as suas experiências, os caminhos trilhados.

» — Esse desabrochar, contudo, implicará sempre abrir mão de todas as expectativas, de todos os desejos, porque ali a semente de feijão, tornar-se-á mesmo na planta do feijão, mesmo que tenha desejado e construído na sua mente outras realidades. Esse esvaziar é na verdade um preenchimento. Um preenchimento pela Presença que em todos nós passará a Viver.

» — Por isso, como disse há pouco, estar neste mundo como a árvore, a erva rasteira, no ritmo e compasso do vento e do ondular suave das águas, é simplesmente dar espaço para que essa semente aconteça, no tempo certo do seu desabrochar, manifestando a sua essência e não a vontade de um desejo, de um método filosófico ou religioso, no qual nos cristalizámos e que nos tentou convencer que teríamos que ser forçosamente isto ou aquilo, que nos disse que, para que pudéssemos desabrochar, teríamos que seguir este ou aquele caminho... na verdade, não existem caminhos a trilhar, e este é o paradoxo, mas apenas o Ser que em nós habita e que um dia despontará soando a nota que lhe corresponde. E isso não se ensina, não se aprende, não tem fórmulas, processos, mecanismos... simplesmente É aquilo que sempre Foi.

A palestra terminara e as pessoas começaram a sair ordenadamente. Isabel permaneceu sentada no seu lugar e quando já todos tinham saído levantou-se, caminhando na direção do David. Ele olhou para ela, sorrindo.

— Naquela altura não tive a oportunidade de te agradecer por me teres salvo a vida, pois estava revoltado por teres decidido não vir comigo. Por isso aproveito este momento para te dizer o quanto te sou grato por tudo o que fizeste por mim nessa encarnação passada.

De lágrimas nos olhos, Isabel limitou-se a abraçá-lo. Ali estava o seu filho Anu que ela tanto amou e por quem dedicou parte da sua vida.

E agora ele era o líder daquela comunidade, alguém de muita sabedoria que ajudava as pessoas a regressarem à essência das suas Almas.

Saíram da sala, subindo por um trilho de pedra que os levou até um pequeno miradouro que se debruçava sobre a comunidade e o lago. Dali, tinham uma visão ampla daquele lugar. Sentaram-se junto do muro.

— Venho aqui muitas vezes meditar. Olhar este espaço e ver como a comunidade cresceu e se estabeleceu, sabendo manter a nota que deveria manifestar, sem distorção, é algo que preenche o meu coração.

— Nem todas as comunidades podem dizer o mesmo. Tive essa experiência no Brasil, quando entrei em contacto com o trabalho realizado na fazenda, em Minas Gerais — disse Isabel.

— Sim, é verdade. O trabalho da fazenda serve hoje a Fraternidade, uma ordem de seres que operam pela sombra, e não a Irmandade, aqueles que operam pela Luz e a sua função aqui em Portugal é impedir que o trabalho real possa acontecer. Mas não são os únicos, pois este país está cheio de servidores, conscientes ou inconscientes, dessas mesmas forças que aqui se instalaram. A Fraternidade sempre tentou entrar em Portugal. No passado, quando o Graal aqui estava, tentaram encontrá-lo e possuí-lo, hoje fazem-se passar por seres ao serviço da luz. Canalizam altas entidades estelares, assim pensam, dirigindo-se directamente aos egos das pessoas, com mensagens elaboradas, construídas a partir do conhecimento que já está disponível, e, em alguns casos, revelando vidas passadas dessas mesmas pessoas — que não são reais —, e onde estas, geralmente, tiveram altos cargos na Hierarquia Cósmica ou contatos directos com Mestres conhecidos, e com isso vão-nas mantendo em banho-maria, deslumbradas dentro de uma bolha hipnótica que lhes entorpece a Alma. Criam cursos sofisticados, muito bem pagos, que depois são actualizados em *upgrades* sucessivos e com isso vão enchendo os seus bolsos, enquanto se alimentam, de forma vampírica, da energia dessas mesmas pessoas. Há anos que tento alertar para isto, Isabel, mostrando que os tempos de hoje pedem silêncio e recolhimento. O verdadeiro contacto faz-se no centro do Ser, através da simplicidade e da humildade, e não em palcos da dita espiritualidade, em espetáculos muito bem encenados, que mais não são que um factor de distração e

de consumo a juntar a todos os *fast-foods* do mundo moderno. Mas a Chave será activada e não há nada que as forças contrárias possam fazer para o impedir.

— Referes-te à Chave de Andrómeda?

— Sim, a Chave que tu desenhasse na Atlântida e que, por vontade de Tazlavu, teu companheiro de Alma, acabaste por implementar.

— O que levou à sua destruição.

— Essa Chave é um dos mistérios mais ocultos e dos mais simples. Ela revela-nos que, pela descida do Filho sobre a Substância, o Reino dos Céus poderá fazer-se presente em cada um de nós. Esse Filho, chamado de Cristo, ao fundir-se com a matéria, provoca nesta Alquimia Sagrada da qual se dá a abertura do portal de ligação com Andrómeda, que é o lugar que poderíamos chamar “Casa do Pai”. A energia de Andrómeda foi conhecida ao longo dos tempos por muitos nomes. Ela era o epicentro do trabalho de Seraphis Bey, no templo de Ascensão em Karnac, tendo o nome de ‘Chama da Ascensão’. Era, também, o epicentro do trabalho realizado pela Rainha Santa Isabel, na charola do Convento de Cristo sendo chamada de ‘Espírito Santo’. Eu simplesmente lhe chamo ‘PAX’, o Décimo Terceiro Raio, que sintetiza todos os outros.

Isabel retirou do seu saco de pano o livro que entregou a David. Ele olhou para a geometria, sorriu, e devolveu o livro.

— Ainda está incompleto.

— Ajudas-me a completar?

— Sim, claro. É para isso que aqui estamos — Isabel pegou num lápis, colocando o livro sobre o joelho. — Shambhala, no topo da geometria, representa Orion que é o portal de ligação do Universo-Mãe ao Universo-Filho. É através desse portal que a energia do Cristo, ou Maitreya, brota para este universo. Na base da geometria, temos Lys que representa Sírius que é o coração da Grande Mãe. Quando ambos os triângulos se fundirem no centro dessa geometria, as portas de Andrómeda serão abertas e o “Reino de Deus” poderá, finalmente, manifestar-se na Terra. O Filho que desce, através de Shambhala, representa o Céu e a Mãe que se eleva através de Lys, representa a Terra,

e do encontro do Céu com a Terra, nasce o Pai, não mais o Pai criador, mas o Pai que se manifesta através da sua criação. É este Pai manifestado que a energia de Andrómeda representa. Sempre houve um equívoco quando se colocou o Espírito Santo como o terceiro aspecto da trindade, ele nunca o foi. O terceiro aspecto da Trindade sempre foi a Mãe. O Espírito Santo é a síntese dessa trindade, o produto que resulta da Alquimia do encontro do Céu com a Terra. As pedras que amanhã irão estar finalmente juntas, representam essa união, pois sendo elas o Graal, o lugar onde esse encontro acontece, a sua radiação passará a manifestar o Som de Andrómeda para todo o planeta, o que é o mesmo que dizer: PAX. Tudo isto irá acontecer a nível planetário, através da activação dos centros que desenhasse nessa geometria, mas é algo que irá acontecer, também, dentro de todos nós, porque quando esse Céu, que em nós é o Espírito, descer sobre a Terra, que é a substância dos nossos corpos, também nós nos tornaremos nesse Graal e passaremos a irradiar essa mesma energia.

Isabel foi desenhando no esboço tudo aquilo que o David lhe dizia, compondo o mesmo. Olhou depois para ele.

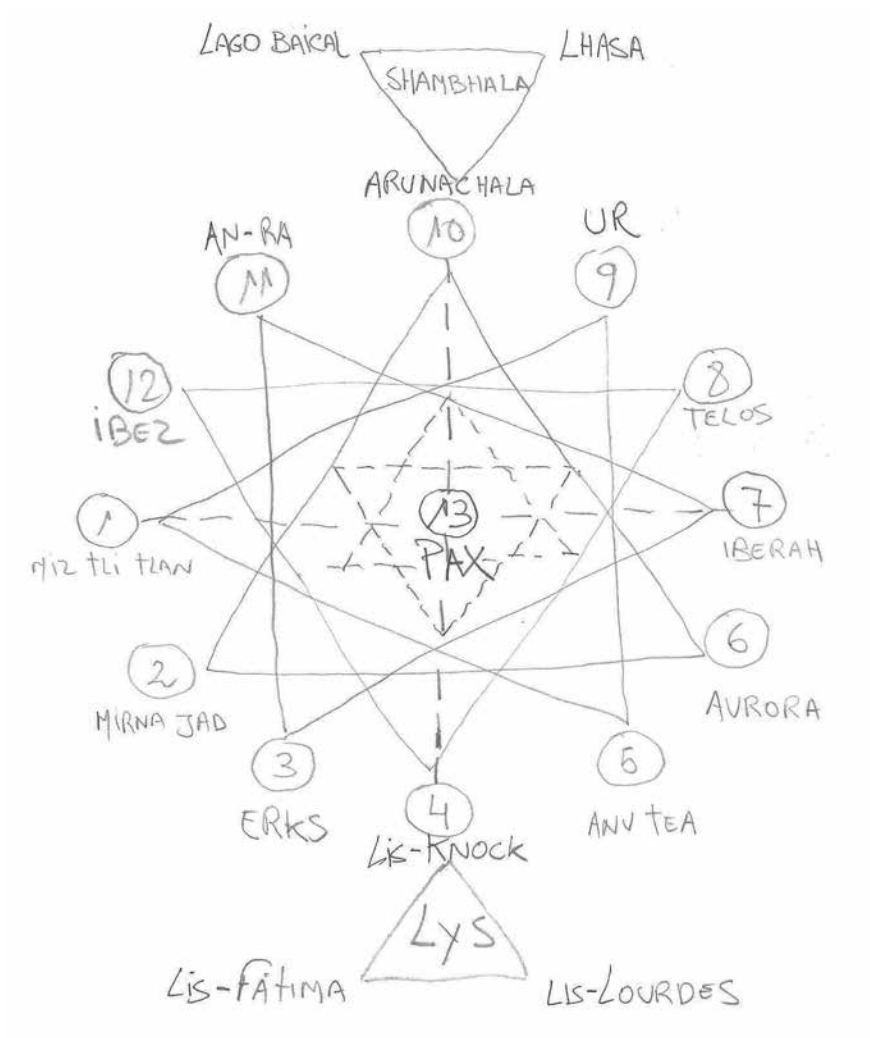
— Existem outros lugares ligados aos vértices menores dos triângulos de Shambhala e Lys, não existem?

— Sim. Em Shambhala tens três vectores de serviço que são centros menores que irradiam a energia desse centro de forma filtrada. São eles que estão na parte intraterrena do Lago Baical, de Lhasa e de Arunachala. Em Lys, tens igualmente outros três vectores que são conhecidos por, Lis-Fátima, ligado à energia da Mãe, Lis-Lourdes, ligado à energia do Filho e Lis-Knock, ligado à energia do Pai. A energia deste Lago — ele olhou, apontando —, está ligada a um desses vectores, o de Lis-Fátima cujo nome interno é Anuea.

— Pensei que estivesse ligado a Lys.

— Está de forma indirecta, pois os vectores são filamentos do centro central. O epicentro de Lys, na superfície, fica a alguns quilómetros daqui e deverá permanecer oculto, contudo, após activação da Chave, será este Lago, como espelho, que irá reflectir para o mundo a energia de Lys.

Isabel entregou-lhe o livro com a geometria agora concluída. Ele contemplou-a em silêncio.



— Lys é um grande mistério, talvez o maior de todos. Se reparares, a sua triangulação com Ibez e Telos é a única com uma predominância de Raios Imateriais, sendo que o único Raio Material, o Quarto, tem como complemento um outro Raio Imaterial, o Décimo — ele ficou novamente em silêncio, olhando depois para Isabel com um olhar que penetrava a sua Alma. — Nenhum ser encarnado, até hoje, teve um contacto directo com Lys. Todos os contactos foram

sempre com os vectores menores desse centro. Mas tu irás ter esse contacto e, através deste, ser-te-á revelado esse grande mistério. Depois da activação da Chave, o Coração da Grande Mãe pulsará de forma permanente no centro de Portugal e deste irradiará para o mundo a energia de Andrómeda. Aqui irão chegar milhares de pessoas, não mais para terem um contacto com a energia de um dos vectores de Lys, o vector de Fátima, mas para entrarem em contacto com a Presença de Lys e, através desta, com o Espírito Santo que é PAX, que é esse Silêncio por detrás do Silêncio. Muitos daqueles que hoje são vistos como avatares encarnados irão instalar os seus Ashrams no centro de Portugal, muitos instrutores e líderes espirituais de todo o mundo, irão visitar este lugar e aqui irão unir-se a esse Silêncio que será amplificado e que ecoará pelo mundo inteiro. Tu mesma irás escrever sobre isto e os teus livros irão percorrer o mundo dando a conhecer o Coração que pulsa neste lugar e que será o epicentro de todo o processo Ascensional do Planeta. Imagina só, aqui, no centro de Portugal, após a activação da Chave, milhares de pessoas em silêncio permanente, revezando-se umas às outras, como um farol de Luz para todo o mundo — ele sorriu. — Nada mais será igual, a partir desse momento.

David devolveu-lhe o livro, afastando-se. Isabel ficou sozinha, de olhos no lago, dentro desse silêncio que tudo preenchia. O seu Espírito estava presente na substância do seu corpo. O Céu tinha encontrado a Terra e ela era agora um Graal vivo. E tudo acontecera de forma simples, sem fogos de artifício, na simplicidade da própria Vida. Sem rituais, sem instruções, sem hora marcada, sem que alguém a conduzisse de fora, tal como a água que não necessita de condução para desaguar no imenso oceano. Ela era um farol de Luz irradiando essa energia que o David chamava de PAX. Tinha agora a tarefa de activar a Chave para que todo o planeta se tornasse, ele próprio, nesse mesmo Graal, recebendo o Cristo para a manifestação do Espírito Santo.

CAPÍTULO IX

NO DIA SEGUINTE, A ACTIVAÇÃO DA CHAVE ESTAVA PRONTA para ter lugar. Isabel, Vera, Maria e David, deslocaram-se para o Templo, construído no local onde Maria Madalena e o Apóstolo João tinham feito nascer a Alma de Portugal e criado as bases para o surgimento, mil anos depois, do país que iria ser o porto de chegada do Graal e aquele que iria levar ao mundo a energia do Espírito Santo. Ali, junto da pedra central do Graal que tinha sido entregue a Vera na cidade intraterrena de Anuea, a pequena Maria colocou as outras duas pedras. O Graal estava finalmente de volta a Portugal, depois de ter deixado este país no início do século XVI.

Sobre as pedras, elevou-se uma chama, a mesma que se manifestava no Templo da Ascensão em Karnac e na Charola do Convento de Cristo, em Portugal. O trabalho que tinha sido iniciado por Seraphis Bey e que depois foi continuado pela Rainha Santa Isabel, através da qual se manifestou Maria Madalena, podia finalmente ser concluído, com a activação da Chave de Andrómeda que iria fazer do planeta um imenso vaso da Presença do Pai para toda a Galáxia. A era do Espírito Santo tinha chegado.

E foi então que Isabel se aproximou das três pedras, pois era a ela que estava destinado activar a Chave de Andrómeda. Se, no passado, servindo as forças negras, provocou um cataclismo planetário com a activação dessa Chave, agora, servindo as forças da Luz, tinha a oportunidade de redimir em definitivo esse carma, permitindo que o

planeta pudesse subir para o terceiro vértice onde já não existia sombra nem luz, mas apenas a realidade. E quando as suas mãos tocaram na pedra central, a sua consciência entrou em sintonia imediato Lys...

... As primeiras imagens eram difíceis de definir, apenas a coesão do Amor Universal se fazia sentir de uma forma plena e integral. Não senti medo, nem receio, embora compreendesse que estava a entrar onde nenhum ser humano tinha entrado antes. E foi então que a Voz se fez ouvir:

«Pisais o solo mais sagrado deste Sistema Solar. Aqui, nem mesmo os vossos Mestres entram, nem mesmo as vossas Hierarquias, sejam elas Planetárias ou Solares, pisam. Apenas nós, vinte e um Anciões de Sírius permanecemos desde o princípio dos tempos, muito antes da vida ter sido criada neste planeta. Lys é a primeira das sementes, a mais antiga, aquela que foi plantada em solo estéril na aurora dos tempos. Foi deste espaço, deste Recinto Sagrado, que a vida começou a ser tecida e plasmada na superfície do planeta. Foi do Verbo de Lys que se fez a Luz e do seu Som ecoaram todos os arquétipos aqui manifestados. Quando o Programa-Terra estava pronto para a ancoragem das Almas e a manifestação das Raças, do Som de Lys foi plasmado Shambhala, onde a consciência dos Kumaras de Vénus ancorou, para acompanhar a evolução do planeta. Mas por detrás dessa Hierarquia, sempre estivemos nós, a centelha de Sírius, que é o coração Vivo da Grande Mãe, pulsando na matéria terrestre como filamento directo dessa Presença.»

Pude então ver os vinte e um Anciões em torno de um Cristal. A sua presença era vertical, como árvores plantadas em raízes profundas. A pele era de tons azuis e os cabelos eram longos e brancos, caindo pelas vestes. A Força de coesão que irradiavam e que nós chamamos de Amor, era total, removendo da mente todos os pensamentos e deixando apenas o Silêncio. Nas suas mãos tinham, cada um deles, um crânio de cristal, os originais a partir dos quais tinham sido criados todos os outros.

«As vossas preces, os vossos mantras, os vossos pedidos, não chegam até nós. Não nos interessam os vossos caminhos terrestres, não nos interessam as vossas escolhas humanas, para isso manifestamos três outros vectores que vos acompanham, interessa-nos apenas a frequência das vossas Almas e o Som do vosso Espírito, para que a Vontade Universal se possa plasmar neste planeta que foi escolhido como a semente na qual o Pai se manifestará,

através do ventre da Grande Mãe, após este ser fecundado pela Presença do Filho.»

Ali, pisando aquele recinto sem lhe tocar, senti-me fundida com o coração de cada um daqueles Anciões, partilhando da sua ancestralidade e da força que emanavam.

«Não busquem um contacto directo connosco, porque não têm como nos alcançar. Estamos muito para além das vossas esferas mentais e dos vossos desejos humanos. Lidamos directamente com as vossas Essências no recinto deste Espaço Sagrado, onde o regaço da Mãe Universal vos embala, como um filho que precisa de despertar para a sua Dimensão Universal. Por isso vos dizemos, esqueçam-nos. Deixem que seja o Silêncio do vosso Ser a levar-vos as Fragrâncias desta Flor.»

O cristal no centro pulsava numa intensidade crescente. Era a energia de Andrómeda que se fazia presente e que iria ser irradiada para o mundo inteiro. E foi então que vi a pequena Maria junto do Cristal, também ela de pele azul, embora sem cabelo. Compreendi que aquela era a sua origem, a origem da família daqueles que foram os Sacerdotes da Humanidade durante o período Atlante; também eles tinham vindo de Sírius.

«A Chave será activada e, na substância deste planeta, ancorará a consciência plena do Filho. Da Alquimia resultante, o Pai, a presença de Andrómeda como regente Maior desta Galáxia, elevará o planeta como um todo ao Altar do Supremo Ser, consagrando-o por toda a Eternidade. Lys será o berço desse despertar, a primeira das sementes que se tornará o último dos frutos, quando concluir o Programa por si iniciado, após se tornar o centro Regente do último ciclo. Em Sírius pulsa o Coração Maior do qual este centro é um filamento directo. Lys é o Som que espelha o rosto do Pai e o núcleo central da sua Vontade. Nada de tão sagrado alguma vez foi manifestado na Terra, sendo esta a Flor que irá redimir toda a Galáxia.»

E as imagens desapareceram, voltando eu à consciência do meu corpo...

Isabel olhou para as pedras que cintilavam na mesma intensidade e frequência que a pedra que ela vira em Lys. A Chave tinha sido activada

e o planeta podia finalmente Ascender. Olhou depois para Maria, que lhe sorria. Percebia agora que aquela Flor tinha muitos desdobramentos. O seu centro era Sírius, o Coração da Grande Mãe. Depois Lys, como filamento directo dessa Presença na Terra e, finalmente, a pequena Maria como um farol encarnado dessa mesma Presença.

Quando saíram do Templo, Vera despediu-se da filha e depois de Isabel. Ia para o mundo, para ajudar a implementar um Novo Paradigma e uma Nova Terra, com o seu companheiro António. Juntos iriam fazer uma revolução em Portugal, transformando o país num farol de esperança para um mundo que entrava em colapso acelerado.

Depois de Vera partir, Isabel e Maria caminharam de mãos dadas junto do Lago. A Vida pulsava de forma serena e deificada pela luz que tinha uma outra intensidade. Era como se estivessem em *slowmotion*, num espaço temporal diferente. A Quinta Dimensão despertava na substância terrestre, após a activação da Chave, e ambas já se encontravam na nova frequência. Maria foi então para junto da água e sobre ela, nas margens do lago, Isabel viu a imagem de um ser feminino que reconheceu como sendo a Rainha Santa Isabel. A imagem desapareceu, sobrepondo-se uma outra, que ela percebeu ser Maria Madalena, à qual se sobrepôs uma terceira, a de um Ser feminino de pele azul que era a própria Maria num outro plano de consciência.

E nunca mais o planeta iria ser o mesmo...

Este livro foi-lhe disponibilizado gratuitamente.

Se desejar contribuir com um **donativo** para o autor, como um agradecimento pela obra disponibilizada, poderá fazê-lo das seguintes formas:

PAYPAL

email para transferência:
pedroelias@horiah.org

TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA
BANCO BPI

NIB - Número de Identificação Bancária
0010 0000 23479330001 68

IBAN - Número Internacional da Conta
PT50 0010 0000 2347 9330 0016 8

SWIFT/BIC
BBPIPTPL

Website da Editora:

www.caminhosdepax.pt/editora

Website do Autor:

www.pedroelias.org